

**Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação
Mestrado em Ciências da Comunicação
Linha de Pesquisa Mídias e Processos Audiovisuais**

**Audiovisual alternativo: a experiência da TV dos
Trabalhadores (TVT)**

Eduardo Silveira de Menezes

**Dissertação de Mestrado
Orientador: Prof. Dr. Valério Cruz Brittos**

**São Leopoldo-RS
2011**

**Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação
Mestrado em Ciências da Comunicação
Linha de Pesquisa Mídias e Processos Audiovisuais**

**Audiovisual alternativo: a experiência da TV dos
Trabalhadores (TVT)**

Eduardo Silveira de Menezes

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de mestre em Ciências
da Comunicação, pelo Programa de Pós-
Graduação em Comunicação da Universidade
do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientador: Prof. Dr. Valério Cruz Brittos

**São Leopoldo-RS
2011**

M543a Menezes, Eduardo Silveira de.
Audiovisual alternativo : a experiência da TV dos
Trabalhadores (TVT) / Eduardo Silveira de Menezes. – 2011.
176 f. ; il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da
Comunicação; 2011.

"Orientador: Prof. Dr. Valério Cruz Brittos."

1. Comunicação sindical. 2. Economia política da
comunicação. 3. Comunicação – Aspectos sociais. I. Título.

CDU 659.3


EDUARDO SILVEIRA DE MENEZES

**"AUDIOVISUAL ALTERNATIVO: A EXPERIÊNCIA DA TV DOS
TRABALHADORES (TVT)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ciências da Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Aprovada em 01 de dezembro de 2011

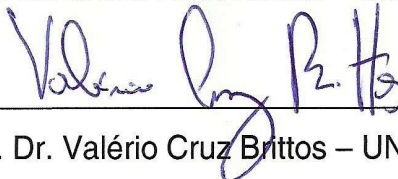
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Francisco Utray Delgado – UC3M - España



Prof. Dr. Bruno Lima Rocha – UNISINOS



Prof. Dr. Valério Cruz Brittos – UNISINOS

Dedico este estudo ao meu pai (em memória), de quem herdei o interesse pela política e a intolerância contra toda e qualquer forma de injustiça social.

Agradecimentos

Em primeiro lugar deixo um agradecimento muito especial à Juliana Recart, amiga dos tempos de movimento estudantil na Universidade Católica de Pelotas (UCPel), cujo apoio e incentivo foram fundamentais para o ingresso no curso de mestrado em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

Agradeço, também, aos companheiros da RádioCom (emissora comunitária de Pelotas), espaço de aprendizado pessoal e profissional, onde fiz verdadeiros amigos e pude compreender a importância e o significado da militância política.

Aos colegas do Grupo Cepos, em especial ao meu orientador, professor Valério Cruz Brittos, por ter dado todo o suporte necessário ao desenvolvimento de uma pesquisa séria e com rigor acadêmico.

Aos companheiros Bruno Lima Rocha (Unisinos) e Rodrigo Jacobus (UFRGS), cujas conversas informais ajudaram a pensar criticamente o objeto de estudo.

Às minhas irmãs, pois, mesmo distantes, em nenhum momento deixaram faltar uma palavra amiga ou um incentivo para completar este percurso acadêmico.

À minha mãe, que não mediu esforços para me ajudar, inclusive com suporte financeiro, sempre que este se fez necessário.

Por último, deixo para agradecer a minha noiva Camila Irigónhé Ramos. Cada momento vivido ao seu lado transformou o cansaço em alegria, a frustração em sabedoria e as dificuldades em obstáculos possíveis de suplantar.

Procuro o homem do povo
o proletário
o camponês
o assalariado

....

Procuro o homem do povo
para ultrapassar a frieza
do vocabulário político,
e ver na “massa oprimida”
nas “contradições sociais”
na “luta de classes”
nas “análises de realidade”
o homem do povo.

....

Renuncio à Revolução
calculada
milimétrica e friamente
no racionalismo tecnicista
dos “cientistas”
da transformação social.

...

Porque necessito paixão em
minha luta, entusiasmo em
minha voz, amor ao meu povo
e fé na sua vitória”.

(Luiz Eurico Tejera Lisboa –
18/04/68)

Resumo

Tomando como referência a Economia Política da Comunicação e utilizando-se do materialismo histórico-dialético como instrumento de reflexão teórico-prático, a presente pesquisa analisa de que forma a comunicação alternativa pode contribuir para a construção de espaços democráticos, com atuação de atores sociais contra-hegemônicos. Nessa direção, procura-se, com este estudo, não apenas acompanhar, mas, acima de tudo, questionar o papel da atuação sindical no campo da comunicação. Não no sentido de contrapô-la, mas retomando a sua trajetória e, desta forma, aproximando-a das experiências audiovisuais contemporâneas. Deste modo, antes de abordar propriamente o espaço de disputa do alternativo, em meio à operacionalização da mídia sindical, é traçado o panorama histórico da televisão brasileira, atualizando o processo de apropriação dos recursos de áudio e vídeo pelos operários metalúrgicos do ABC. Ao observar as especificidades do padrão tecno-estético alternativo percebe-se que, embora ainda de forma muito incipiente, a contra-hegemonia manifesta-se no bojo produtivo da TV dos Trabalhadores (TVT), sobretudo se comparada ao restante das configurações estético-produtivas provenientes desta emissora. Os processos midiáticos decorrentes de tal prática operacional estão inseridos no contexto das mídias digitais, cuja alteração nas relações de produção afeta diretamente o conjunto das relações sociais e, conseqüentemente, o resultado final dos conteúdos. Evidencia-se, portanto, a dificuldade de ruptura com o modelo hegemônico, mesmo em um canal de televisão mantido por uma organização sindical com passado marcante no período de redemocratização do Brasil.

Palavras-chave: comunicação sindical; padrão tecno-estético alternativo; contra-hegemonia; economia política da comunicação.

Abstract

Taking as a reference to Political Economy of the Communication and using the historical materialism-dialectic as an instrument of reflection theoretical-practical, this research analyzes how the alternative communication can contribute to building democratic spaces with performance of actors counter-hegemonic. In this direction, we try to, with this study, not only follow but, above all, questioning the role of union activity in the field of communication. Not in the sense to oppose it, but resuming its trajectory and, thus bringing it closer to the audiovisual contemporary experience. In this way, before to approach exactly the area of dispute of the alternative communication, , is traced the historical background of brazilian television, updating the process of ownership of the resources of audio and video by the workers of the metallurgical ABC. Looking at the specifics of the alternative techno-aesthetic standard we can perceive that, even incipiently, the counter-hegemony manifests in the TV programming Workers (TVT). Especially, compared with the rest of the aesthetic and productive settings this television channel. The media processes resulting from the practice operating the television channel of the metallurgical is placed in the context of digital media, where changes in production relations directly affect the set of social relations and, consequently, outcome of the content. It is evident, therefore, the difficulty in breaking with the hegemonic model, even in a television channel maintained for one labor union with remarkable past during the re-democratization of Brazil.

Keywords: trade-union communication; alternative techno-aesthetic standard; counter-hegemony; Political Economy of Communication.

Lista de figuras

Figura 1 – Governança na TVT	128
------------------------------------	-----

Lista de tabelas

Tabela 1. Cronograma	22
Tabela 2. Programação TVT de segunda a sexta (I)	129
Tabela 3. Programação TVT de segunda a sexta (II)	130
Tabela 4. Programação TVT (sábado e domingo).....	131
Tabela 5. Cobertura TVT pelos canais comunitários (I)	138
Tabela 6. Cobertura TVT pelos canais comunitários (II).....	139
Tabela 7. Cobertura TVT pela NGT em São Paulo (I).....	139
Tabela 8. Cobertura TVT pela NGT em São Paulo (II)	140
Tabela 9. Cobertura TVT pela NGT em São Paulo (III)	141
Tabela 10. Cobertura da TVT pela NGT no Rio de Janeiro	142
Tabela 11. Cobertura da TVT pela NGT em Minas Gerais e Espírito Santo (I) .	142
Tabela 12. Cobertura da TVT pela NGT em Minas Gerais e Espírito Santo (II)	143
Tabela 13. Cobertura da TVT pela NGT em Minas Gerais e Espírito Santo (III)	144
Tabela 14. Cobertura da TVT pela NGT no Nordeste	145
Tabela 15. Cobertura da TVT pela NGT no Sul do país (I)	145
Tabela 16. Cobertura da TVT pela NGT no Sul do país (II).....	146
Tabela 17. Cobertura da TVT pela NGT no Sul do país (III)	147

Sumário

Introdução.....	11
Capítulo 1	
Comunicação alternativa: Estado, sociedade e contra-hegemonia.....	24
1.1. Economia Política da Comunicação: diversidade estético-produtiva	24
1.2. Estado e sociedade: estratégias e políticas de comunicação	36
1.3. Sociedade civil: o sindicato como aparelho privado de hegemonia	45
1.4. Rediscutindo conceitos: popular, comunitário e alternativo	49
1.5. Cidadania como instrumento de luta.....	53
1.6. O sindicalismo no Brasil	59
Capítulo 2	
Televisão no Brasil: mercado capitalista e sociedade globalizada	66
2.1. A TV brasileira e a consolidação da Indústria Cultural.....	66
2.2. Barreiras à entrada perpetuam oligopólio	76
2.3. Desafios estruturais oriundos da Fase da Multiplicidade da Oferta.....	78
2.4. Hegemonia alternativa: da representatividade à ação direta	81
2.5. Brechas da convergência: TV digital e dialeticidade das redes.	86
2.6. A classe trabalhadora do ABC	91
Capítulo 3	
TV dos Trabalhadores: história, trajetória e consolidação	99
3.1. Aproximando-se do objeto de estudo	99
3.2. As organizações sindicais e a criação da TVT	102
3.3. A ótica trabalhista para a estruturação da realização audiovisual	110
3.4. A comunicação sindical e a participação da comunidade	117
3.5. Produção, programação e circulação.....	122
3.6. A práxis da comunicação sindical por intermédio da TVT.....	148
Considerações conclusivas.....	161
Referências.....	164

Introdução

Há mais de meio século, com a chegada dos primeiros televisores no Brasil, a sociedade passou a interagir de forma diferenciada com os meios de comunicação. Pode-se dizer, sem exagero, que os conteúdos audiovisuais foram engendrando junto à sociedade o sentimento de imprescindibilidade. Uma pesquisa divulgada recentemente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelou que cerca de 75,2 milhões de pessoas têm o hábito de assistir televisão mais de três horas por dia, o que corresponde a 49,2% da população considerada em idade ativa.¹ O apelo ao consumismo e a falta de conteúdo crítico na maioria das produções audiovisuais, principalmente nos canais abertos, criam o ambiente propício para que a relação entre as emissoras de TV e seus públicos seja marcada por constantes assimetrias.

Além de ter uma imensa preferência por parte do público, a mídia televisiva lidera o mercado publicitário com aproximadamente 63,9% de participação, contra 13,5% dos jornais, que vem em segundo lugar.² Se comparada a outros meios, a disparidade é ainda maior. Internet, rádio e revista somam, juntos, apenas 14,2% do bolo publicitário.³ Essa relação desigual caracteriza o papel hegemônico exercido pelas líderes do setor,⁴ que expandem suas programações através de emissoras associadas por todo o país.

Para situar essa disputa em um campo de estudo que permite diversos tipos de abordagens sobre o fazer midiático, é preciso compreender a mudança social e a transformação histórica das esferas política e econômica. Nesse espaço conceitual, a Economia Política da Comunicação (EPC) apresenta as premissas necessárias para ajudar na análise das relações que se estabelecem na sociedade contemporânea,

¹ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra** <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1580&id_pagina=1>. Acesso em: 2 abr. 2010.

² PROJETO INTER-MEIOS. **Demonstrativo mensal dos dados do faturamento bruto, por meio:** referente ao percentual de Participação em Janeiro de 2010. Disponível em: <http://www.projetointermeios.com.br/relatorios/rel_investimento_3_0.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2010.

³ PROJETO INTER-MEIOS, op. cit.

⁴ “Tal como concebida por Gramsci, a constituição de uma hegemonia é um processo historicamente longo, que ocupa os diversos espaços da superestrutura ideológico-cultural. As formas históricas da hegemonia nem sempre são as mesmas e variam conforme a natureza das forças sociais que a exercem”. MORAES, Dênis de. Hegemonia cultural, comunicação e poder: notas sobre a contribuição gramsciana. In: BRITTOS, Valério (Org). **Economia Política da Comunicação: estratégias e desafios no capitalismo global**. São Leopoldo: Unisinos, 2008. p. 17-28. p. 18.

sobretudo em âmbito comunicacional. Conforme observa Mosco, “em sentido restrito, economia política é o estudo das relações sociais, em especial das relações de poder, que constituem a produção, distribuição e consumo de recursos, incluindo os recursos da comunicação”.⁵

Deve-se atentar para a reconfiguração do capitalismo, a partir da década de 1970, pois este acontecimento acabou modificando não só as formas de acumulação do capital, mas, também, as definições acerca do que pode ser classificado hoje como produtor, distribuidor e consumidor de conteúdos. No Brasil, a popularização do vídeo, durante os anos 80, evidencia a apropriação das técnicas de produção da imagem por parte de atores sociais antes relegados ao mero papel de telespectadores.

A politização e, em alguns casos, a profissionalização das experiências de vídeo amadoras configuram a expressão audiovisual do que se convencionou chamar de comunicação alternativa. Antes disso, a predominância do meio impresso como espaço de manifestação da comunicação alternativa, fez erigir a base sociopolítica das construções simbólicas consideradas contra-hegemônicas.⁶

Segundo Kucinski, “durante os quinze anos de ditadura militar no Brasil, entre 1964 e 1980, nasceram e morreram cerca de 150 periódicos que tinham como traço comum a oposição intransigente ao regime militar”.⁷ A essas publicações foi dado o nome de imprensa alternativa, sendo esta qualificação comumente adaptada para qualquer iniciativa midiática destinada à produção cultural supostamente independente, como, por exemplo, canais de televisão e emissoras de rádio que operam em âmbito educativo ou comunitário e, mais recentemente, *sites* de movimentos sociais mantidos em portais da *web*.⁸ Desta forma, percebe-se que o

⁵ MOSCO, Vincent. Economia política da comunicação: uma perspectiva laboral. **Comunicação e sociedade 1** –. Cadernos do Nordeste, Braga, v. 12, ns. 1-2, p. 97-120, 1999. p. 98.

⁶ De acordo com Lima, o exercício de uma hegemonia “implica na permanente possibilidade de que classes ou frações de classe protagonizem disputas internas (intra-hegemônicas) e/ou externas (contra-hegemônicas) pela direção e pelo consenso”. LIMA, Venício. Os mídia e o cenário de representação da política. **Lua Nova**, São Paulo, n. 38, p. 239-271. dez. 1996. p. 249. Este mesmo autor aponta, ainda, que “o advento dos meios de comunicação eletrônicos, sobretudo a televisão, transforma os *mídia* no aparelho privado de hegemonia mais eficaz na articulação hegemônica (e contra-hegemônica), vale dizer, na capacidade de construir/definir os limites do hegemônico (da realidade) dentro dos quais a disputa política ocorre. LIMA, Venício, op. cit., p. 250. Em conformidade com esta perspectiva, entende-se a contra-hegemonia como uma hegemonia alternativa, nascida da guerra de posições, proposta pela análise gramsciana.

⁷ KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. p. 13.

⁸ Os *sites* do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e da Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (Abraço) servem para ilustrar as inúmeras iniciativas oriundas dos movimentos populares que ocupam a rede mundial de computadores a fim de dialogar com a

alternativo ajusta-se e manifesta-se em conformidade com o período histórico, sem, no entanto, deixar de explicitar características fundamentais que o diferem da comunicação dominante. Sua genética questionadora, intolerante às injustiças sociais e insubmissa ao poder, designa o ponto basilar do radical alternativo.

Com a chegada do vídeo aos grupos e movimentos populares, os quais, até então, utilizavam mais freqüentemente jornais e revistas como instrumento de oposição às forças hegemônicas, ocorre uma rápida adaptação dos projetos de comunicação popular.⁹ As experiências mais significativas do audiovisual alternativo originaram-se e organizaram-se em torno da Associação Brasileira de Vídeo no Movimento Popular,¹⁰ hoje chamada de Associação Brasileira de Vídeo Popular (ABVP).

Entre elas destaca-se a TV dos Trabalhadores (TVT), então produtora de vídeos do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, que é filiado à Central Única dos Trabalhadores (CUT), maior central sindical do Brasil. A efetivação deste projeto se dá a partir do apoio financeiro do Fundo de Greve,¹¹ o qual está instituído juridicamente como Associação Beneficente e Cultural dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema.

Segundo Paranhos, “desde 1971 as lideranças sindicais de São Bernardo já revelavam uma preocupação com as atividades de educação sindical”.¹² De acordo com a autora, “o lançamento da primeira edição do jornal *Tribuna Metalúrgica* (TM) naquele ano demonstrava um investimento no campo da comunicação”.¹³ Para os parâmetros da época, a iniciativa dos metalúrgicos do ABC, ao construírem uma produtora de vídeos, anos mais tarde, indicava um investimento ainda maior. Prova

sociedade sobre suas bandeiras de luta e formas de atuação, apresentando-se como alternativa à mídia comercial.

⁹ SANTORO, Luiz Fernando. **A imagem nas mãos: o vídeo popular no Brasil**. São Paulo: Summus, 1989. p. 61.

¹⁰ SANTORO, Luiz Fernando, op. cit.

¹¹ Conforme destaca o *site* ABC de luta: “a criação do Fundo de Greve surgiu durante as discussões no 2º Congresso dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema realizado em dois finais de semana, nos dias 6, 7 e 8 e nos dias 14 e 15, no Guarujá, SP, em 1978. Este congresso teve apenas um tema: Estrutura Sindical Brasileira. Para que esse Fundo sobrevivesse e tivesse as condições materiais mínimas de atuação, a categoria passou a contribuir financeiramente, direto nas portas das fábricas, na realização de shows, festas e vendas de objetos publicitários, como broches, bonés e camisetas. Hoje, o Fundo de Greve, constitui-se num dos maiores patrimônios da categoria dos metalúrgicos do ABC”. ABC DE LUTA. **Criação do Fundo de Greve em São Bernardo do Campo**. Disponível em: <http://www.abcdeluta.org.br/materia.asp?id_CON=221>. Acesso em: 27 ago. 2011.

¹² PARANHOS, Kátia. Outras palavras: educação sindical em São Bernardo nos anos 70/90. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 137-153, 1998. p. 9

¹³ PARANHOS, Kátia, op. cit., p. 9.

disso é que os mesmos fundos de reserva e sustentação financeira provenientes da greve de 1980, os quais deram origem à primeira grande mobilização da classe trabalhadora pós-ditadura militar,¹⁴ também foram utilizados para impulsionar a criação da TVT.

Há mais de duas décadas pleiteando uma emissora de TV junto aos governos de turno, somente em 2005, através da Fundação Sociedade Comunicação, Cultura e Trabalho (SCCT),¹⁵ que congrega diversas categorias de sindicatos cutistas, o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC obteve a concessão de um canal com sede na cidade de Mogi das Cruzes, município que faz parte da região metropolitana de São Paulo. A TVT opera através da Ultra High Frequency (UHF), na faixa destinada ao canal educativo 46, com transmissão apenas para aquela cidade paulista.

Esta experiência, ainda embrionária sob o ponto de vista da atuação enquanto canal televisivo, coloca uma série de desafios para os articuladores do projeto e inquieta o meio científico sobre as potencialidades de ruptura com a lógica da mídia convencional. Não obstante, o histórico da antiga produtora, que tem entre seus cofundadores o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva – antigo dirigente e metalúrgico do ABC –, defronta-se com o momento experienciado pela comunicação nos dias de hoje.

Com a reestruturação da atividade produtiva e as mudanças que ocorreram no mundo do trabalho, há mais três décadas, a atuação do movimento sindical sofreu mudanças significativas, repercutindo no perfil adotado pelo ex-líder dos metalúrgicos após chegar ao Palácio do Planalto. A proximidade dos articuladores do

¹⁴ No dia 1º de abril de 1980 teve início a greve dos 41 dias. Diferente da greve da Scania, de 1978, e da primeira greve geral, de 1979, nesta oportunidade organizou-se o Fundo de Greve. Além das denúncias sobre a manipulação dos índices inflacionários para o reajuste salarial, o governo militar foi incisivamente compelido pelos manifestantes, tendo como resposta a ocupação do Largo da Matriz da Boa Viagem e os vôos rasantes de helicópteros do Exército sobre as cabeças dos trabalhadores no Estádio de Vila Euclides. DIÁRIO DO GRANDE ABC. **1º de abril 30 anos**. São Bernardo, 1 abr. 2010. Disponível em: <<http://www.dgabc.com.br/News/5802646/1-de-abril-30-anos.aspx>>. Acesso em: 17 out. 2011.

¹⁵ No final da década de 1980, após o fracasso na tentativa de obter a outorga por intermédio da Associação, os metalúrgicos foram orientados por técnicos do Ministério das Comunicações para que criassem uma Fundação. Assim, em 1991, surge esta entidade, cujo atual presidente, Valter Sanches, é também diretor de comunicação do Sindicato. Trata-se de uma organização sem fins lucrativos, destinada à produção e divulgação de programas que privilegiem conteúdos educativo, cultural, informativo e recreativo. A Fundação é dirigida por um conselho composto de 40 membros, todos eleitos em assembléia, sendo submetidos a um novo plebiscito a cada três anos. Além do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, diversas categorias de sindicatos filiados à CUT, como Bancários de São Paulo e do ABC, Petroleiros, Professores e Jornalistas de São Paulo, fazem parte do conselho diretivo desta que é a concessionária da TVT. TV DOS TRABALHADORES. **Fundação Sociedade Comunicação, Cultura e Trabalho**. Disponível em: <http://www.tvt.org.br/conteudo.php?id_con=33>. Acesso em: 6 ago. 2011.

projeto de comunicação do Sindicato com as lideranças dos dois últimos governos, ambos de responsabilidade do Partido dos Trabalhadores (PT), coloca o objeto de estudo em uma situação delicada. Nesse sentido, durante a realização da pesquisa – quando se analisa o produto e as práticas midiáticas originadas por intermédio do canal dos trabalhadores – procura-se não ceder a apelos utópicos e, tampouco, a investidas preconceituosas ou predeterminadas, pois não se trata de valorar esse processo ou apenas descrevê-lo, mas sim revelar toda essência e contradição que lhe é peculiar.

Encontra-se, neste ponto, um desafio permanente de não se deixar levar por emoções pessoais, devido à trajetória de vida do pesquisador, cuja formação acadêmica e profissional se deu em meio à militância na radiodifusão comunitária. É necessário saber detectar quando determinados interesses se encontram, com quais objetivos e apontando em quais direções. É, de fato, nas manifestações que emergem das organizações sociais e de movimentos contrários ao atual contexto midiático – corporativo, oligopolizado e conservador –, que se acredita ser possível vislumbrar algum movimento progressista, capaz de diferenciar-se no cenário brasileiro de televisão.

As contribuições da filosofia marxista são fundamentais para esta abordagem, pois possibilitam aliar os processos culturais, políticos e econômicos, enquadrando as práticas midiáticas da TVT no pensamento crítico da Economia Política. Esta interdisciplina, por seu turno, ratifica a necessidade dos atores sociais colocarem o interesse coletivo à frente da lógica publicitária quando pretendem propor um formato alternativo para a realização audiovisual. É pertinente observar, por conseguinte, como tais manifestações culturais estão sendo operacionalizadas por intermédio de uma organização social dita classista.¹⁶

Assim, evidencia-se que a problemática da presente pesquisa está concentrada nas seguintes questões:

- a) Qual a disposição política do movimento sindical em investir na viabilidade de uma emissora de televisão educativa?
- b) Qual a participação da comunidade de Mogi das Cruzes nas produções

¹⁶ Conforme aponta Marx, “somente o proletariado é uma classe realmente revolucionária. As outras classes vão degenerando e tendem a desaparecer com o desenvolvimento da grande indústria, ao passo que o proletário é seu produto característico”. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. Porto Alegre: L&PM, 2001. p. 41.

audiovisuais da emissora? Existe participação de outras comunidades?

c) Como é arquitetada a produção audiovisual da emissora?

d) De posse de uma emissora de televisão o movimento sindical é capaz de romper com a lógica da comunicação dominante?

e) Quais as dificuldades encontradas pelos canais de comunicação alternativos na busca por uma concessão?

Tais questionamentos devem responder ao objetivo geral deste estudo: analisar como funciona o processo de realização audiovisual sob a perspectiva das organizações sindicais. Para compreender este fenômeno toma-se a TVT como objeto de análise empírica, tendo em vista que esta é a primeira emissora de televisão brasileira, ligada a um sindicato de grande expressão nacional, outorgada para veicular sua programação própria em sinal aberto. Ao expor as contradições desse processo, caracteriza-se as especificidades da comunicação audiovisual alternativa e destaca-se os espaços de manifestação da contra-hegemonia midiática em um canal de comunicação mantido pela classe trabalhadora.

Seguindo por este caminho, em relação aos objetivos específicos, pretende-se:

a) investigar o processo histórico que levou as lideranças sindicais a investirem em um projeto de comunicação que envolve a manutenção político-econômica de um canal de televisão educativo;

b) verificar o envolvimento da TVT tanto com a comunidade de Mogi das Cruzes e região do grande ABC, quanto com lideranças comunitárias, operários de chão de fábrica e movimentos sociais;

c) descrever como se dá a produção do audiovisual alternativo, sob a perspectiva dos sindicalistas envolvidos neste processo;

d) conceituar e classificar a produção audiovisual da TVT, tomando como ponto de partida o binômio: comunicação dominante *versus* comunicação alternativa;

e) pesquisar a regulamentação dos canais de comunicação alternativos e o processo de viabilização de outorga para os mesmos.

Tendo a EPC como ponto de partida deste estudo, pode-se analisar de que forma a estrutura econômica sustenta a superestrutura política e jurídica, entrando em correlação com o modo de formar a consciência dos envolvidos na iniciativa de

colocar a TVT no ar. Tarefa que requer a compreensão dos processos de controle estabelecidos na contemporaneidade, nos mais variados âmbitos da vida social. Para Mosco, “a economia política caracteriza-se, igualmente, por um interesse em estudar o todo social ou a totalidade das relações sociais que formam os campos econômico, político, social e cultural”.¹⁷

O objeto empírico da presente pesquisa ampara-se nas abordagens teóricas das escolas de análise político-econômica, sobretudo as que evidenciam o poder de classe, a questão da identidade e, portanto, a forma como historicamente se constitui a resistência dos movimentos subalternos frente às práticas governamentais neo-conservadoras; promotoras da liberalização, comercialização e privatização das indústrias de comunicação. Esse paradoxo nem sempre fica evidente na conformação de produções simbólicas, mas o método adotado para a análise do objeto de estudo permite lançar luz sobre as questões suscitadas.

Deste modo, utiliza-se as contribuições do materialismo histórico-dialético como ferramenta de reflexão teórico-prática (tese, antítese e síntese),¹⁸ pois a TVT se organiza enquanto experiência de caráter classista e, para além da análise do consumo ou da identidade, considera-se importante avaliar como se manifestam as estruturas de poder no seio do próprio movimento sindical. Nesse sentido, entende-se que as práticas dos envolvidos no processo de construção e manutenção desse canal e, por conseqüência, os programas da emissora, estão enquadrados no que se define como o material de pesquisa. Já os movimentos responsáveis pela transformação da antiga produtora de vídeos em uma emissora de TV educativa, bem como a trajetória das organizações sociais envolvidas nesse projeto, ao longo dos anos, situam essa experiência no âmbito histórico.¹⁹

¹⁷ MOSCO, Vincent, op. cit., p. 99.

¹⁸ Em conformidade com Thompson, entende-se que “certas categorias e conceitos críticos empregados pelo materialismo histórico só podem ser compreendidos como *categorias históricas*, isto é, categorias ou conceitos próprios para a investigação de processo, ao escrutínio dos fatos que no momento mesmo da interrogação, modificam sua forma (ou conservam sua forma e modificam seus “significados”), ou se dissolvem em outros fatos; conceitos adequados ao tratamento das evidências não passíveis de representação conceitual estática, mas apenas como manifestação ou como contradição”. THOMPSON, Edward. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 56.

¹⁹ Ressalta-se a concepção materialista do objeto empírico, pois a análise é originada a partir da operacionalização da TVT e não de uma abstração qualquer sobre como isso funciona ou deveria funcionar. Para Marx e Engels, “a produção de idéias, de representações e da consciência está, no princípio, diretamente vinculada à atividade material e ao intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real”. Sendo assim, “ao contrário do que se sucede na filosofia alemã, que desce do céu para terra, aqui se ascende da terra ao céu”. MARX, Karl; ENGELS, Friederich. **Ideologia**

Conforme explicitam Marx e Engels, ao partir de uma visão materialista da história, entende-se que o mundo material determina o mundo das idéias e não o contrário:

não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, nem do que são nas palavras, no pensamento, imaginação e representação dos outros para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se, sim, dos homens em sua atividade real, e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo vital.²⁰

Diante disso, a tese, concebida por este estudo, representa a afirmação sobre o entendimento histórico dos metalúrgicos do ABC quanto à prática da comunicação sindical. São os constructos políticos, ideológicos e culturais que expressam a compreensão dos sindicalistas sobre o projeto de comunicação onde se insere a emissora. Esta criação mental, utilizada para a construção teórica em questão, pode ser encontrada tanto no estudo de doutorado defendido por Regina Festa, em 1991,²¹ intitulado: “TV dos Trabalhadores: a leveza do alternativo”, como nos Cadernos de Formação I da CUT,²² elaborados pelo programa de formação de dirigentes e militantes de São Paulo, no biênio 2001/2002, e apresentados sob o título: “Sindicalismo CUT 20 anos”,²³ ou, ainda, em materiais fílmicos, que traçam o perfil do movimento sindical da época.²⁴

Alemã. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2008. p. 51.

²⁰ MARX, Karl; ENGELS, Friederich, op. cit., p. 51, 52.

²¹ Conforme salienta a própria autora da pesquisa, o objetivo central de seu trabalho acadêmico foi “descrever e interpretar a relação dos meios de comunicação, *mass media*, e dos sistemas de comunicação, com os trabalhadores (e eles com a apropriação do conhecimento sobre vídeo e televisão)”. Ela ressalta, ainda, que, de um lado, tratava-se de fazer a “descrição histórica da TVT, da relação entre ela e a sociedade, com o sindicato e a central sindical e o partido político, com os intelectuais” e, de outro, dedicar-se a “interpretação sistemática do processo e das contradições que foi gerando, das concepções sobre comunicação, das formas de participação, instrumentalização, uso, organização, controle e exercício de poder”. FESTA, Regina. **TV dos Trabalhadores: a leveza do alternativo**. 1991. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. p. 13,14.

²² Desde a década de 1980 já havia uma preocupação, por parte da CUT, em discutir as possibilidades de maior participação dos trabalhadores nos meios de comunicação. Na Plataforma dos Trabalhadores para a Constituição, de 1987, “a CUT postulava que os partidos políticos e as organizações sindicais e profissionais têm o direito a tempos de utilização no rádio e televisão, segundo critérios definidos por lei”. FESTA, Regina, op. cit., p. 122.

²³ Neste documento, entre as principais resoluções da entidade consta a “democratização dos meios de comunicação, problema que ganhou evidência com o papel desempenhado principalmente pela Rede Globo nas eleições presidenciais”. Referência feita à disputa de 1989, quando Luiz Inácio Lula da Silva enfrentou Fernando Collor de Melo e supostamente acabou sendo prejudicado pela manipulação do debate eleitoral, realizada no Jornal Nacional (JN) daquele mesmo ano. **CADERNOS DE FORMAÇÃO I. Programa de formação de dirigentes e militantes da CUT São Paulo - 2001-2002**. CUT-SP, 2002.

²⁴ Nessa empreitada, são considerados como materiais de apoio para a construção da referida tese, ou ainda, dos constructos anteriormente citados, os filmes: *ABC da Greve* e *Eles não usam black-tie*, de Léon Hirszman; *Peões*, de Eduardo Coutinho, e *Lula - o Filho do Brasil*, de Fábio Barreto. Pondera-

Durante o percurso metodológico utiliza-se a antítese, proveniente do estudo de caso,²⁵ para negar a referida afirmação. A conduta do movimento sindical, expressa, sobretudo na identidade de classe dos metalúrgicos do ABC e, conseqüentemente, no paradigma adotado à época em que a TVT era apenas uma produtora de vídeos, se insere em um movimento de contradição que é resultado da análise dos dados obtidos por meio das entrevistas realizadas com os atuais responsáveis pela operacionalização do canal dos trabalhadores.

É importante evidenciar que, “no processo de negação da afirmação também a negação deve ser negada. Da negação da negação é que surge a síntese”.²⁶ Observa-se, deste modo, o esforço empreendido ao revelar o que aqui estão sendo chamadas de tese, antítese e síntese. Esta última, por fim, consiste na “superação dialética do conflito em prol da construção de uma nova realidade”.²⁷ Em outras palavras, é a análise propriamente dita, pois avalia-se, de forma crítica, o atual momento das práticas de produção e distribuição de conteúdos da TV dos Trabalhadores, não se dedicando apenas em fazer uma simples comparação entre dois momentos históricos distintos.

Nesse sentido, além da confrontação entre o material conceitual (teórico e fílmico) e os dados obtidos por meio das idas à campo, se estabelece uma negação conceitual (crítica) em relação ao modo pelo qual a emissora opera na contemporaneidade. Para tanto, utiliza-se o entendimento sobre o que constitui, de fato, a comunicação alternativa no plano da luta pela democratização dos meios de comunicação no Brasil, evidenciado a partir dos estudos da Economia Política da Comunicação.

Considera-se, principalmente, como a emissora posiciona-se frente ao desafio de conceber um projeto de comunicação que precisa manter-se independente tanto do

se, portanto, a importância de aprofundar o conhecimento sobre a identidade de classe dos metalúrgicos do ABC. Compreender, de fato, qual o entendimento deste grupo social em relação à formação de classe e sua concepção de quem é o trabalhador que dá nome a então produtora de vídeos.

²⁵ Entende-se o estudo de caso como uma categoria de pesquisa capaz de permitir uma análise ampla e detalhada do objeto empírico. Conforme aponta Gil, “durante muito tempo o estudo de caso foi encarado como procedimento pouco rigoroso, que servia apenas para estudos de natureza exploratória. Hoje, porém, é encarado como delineamento mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, onde os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente percebidos”. GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 37.

²⁶ MARX, Karl; ENGELS, Friederich, op. cit., p. 21.

²⁷ Ibid, op. cit., p. 21.

Estado, quanto do mercado, e aproximar-se cada vez mais dos atores sociais excluídos pela mídia hegemônica. Não obstante, é preciso adequar a pesquisa às exigências do objeto de estudo e utilizar o percurso metodológico de acordo com as necessidades da análise, sem impor o método ao objeto, para não correr o risco de colocá-lo em uma camisa de força metodológica.

Na visão de Gil, uma das grandes dificuldades com que se deparam os pesquisadores é, justamente, a separação entre o fenômeno em si e o contexto que o cerca; entre os propósitos da utilização do estudo de caso constam:

explorar situações de vida real, cujos limites não estão claramente definidos; preservar o caráter unitário do objeto estudado; descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; formular hipóteses ou desenvolver teorias e explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos.²⁸

Considerando a complexidade deste fenômeno, sobretudo em se tratando de uma análise relativa à categoria classe social, busca-se compreender a história legítima da formação sociopolítica dos metalúrgicos do ABC. Diante disso, evidencia-se a necessidade de reconstituir, explicar e compreender o objeto, que não é nada mais do que a própria história real. Conforme descreve Thompson:

Aquelas proposições do materialismo histórico que influem sobre a relação entre ser social e consciência social, sobre as relações de produção e suas determinações, sobre modos de exploração, luta de classes, ideologia, ou sobre formações capitalistas sociais e econômicas, são (num pólo de seu “diálogo”) derivadas da observação do suceder histórico *no tempo*. Não se trata da observação de fatos isolados em série, mas de *conjuntos* de fatos com suas regularidades próprias; da repetição de certos tipos de acontecimento; da congruência de certos tipos de comportamento em diferentes contextos – em suma, das evidências de formações sociais sistemáticas e de uma lógica comum do processo.²⁹

Para Thompson, “na medida em que uma noção é endossada pelas evidências, temos então todo o direito de dizer que ela *existe* ‘lá fora’, *na* história real”.³⁰ Este mesmo autor ressalta: “na medida em que uma tese (o conceito, ou hipótese) é posta em relação com suas antíteses (determinação objetiva não-teórica) e disso resulta uma síntese (conhecimento histórico), temos o que poderíamos chamar de dialética do conhecimento histórico”.³¹

Dito de outra forma, o presente estudo realiza um diálogo crítico entre o material teórico e prático, sendo que este último, embora possa estar ideologicamente

²⁸ GIL, Antônio Carlos, op. cit., p. 38.

²⁹ THOMPSON, Edward, op. cit., p. 58.

³⁰ Ibid., p. 54.

³¹ Ibid.

formado na subjetividade do pesquisador, é constantemente confrontado. Assim, as evidências recentes ou, até mesmo, inconvenientes, oriundas do estudo de caso, são utilizadas em oposição ao material já avalizado. Não por uma simples escolha do pesquisador, mas pela obviedade desta confrontação histórica, tendo em vista a conjuntura política atual.

É evidente a diferença de contexto que envolve a construção histórica dos personagens do ABC, na década de 1980, período de gestação da TVT, e hoje, momento no qual a principal liderança dos metalúrgicos assumiu destaque incontestável no cenário político nacional e, até mesmo, internacional.³² Deste modo, amparado na práxis social descrita, busca-se analisar as particularidades do projeto de comunicação do Sindicato, ressaltando como se aplicam as orientações políticas, ideológicas e culturais na prática operacional da emissora, cuja produção simbólica é transmitida para milhares de pessoas todos os dias.

O movimento metodológico exposto certamente permite alcançar o objetivo principal desta pesquisa, sem prescindir da especificidade das outras questões a serem resolvidas. Ressalta-se que as estratégias metodológicas utilizadas estão considerando a distância geográfica entre o objeto de estudo e o pesquisador, assegurando a necessária perspicácia na obtenção dos dados. Por isso, salienta-se que, tanto a comunicação via telefone, quanto a etnografia virtual são empregadas sempre que se julga necessário.³³

Destaca-se, ainda, que as atividades desenvolvidas durante a realização do estudo foram problematizadas no transcorrer do ano de 2010 e, principalmente, no primeiro semestre de 2011, procurando atualizar as mudanças estruturais que ocorreram neste período. Esta dinâmica foi distribuída em um cronograma, conforme demonstrado a seguir (tabela 1).

³² Lula recebeu o título honoris causa da Universidade de Coimbra, em Portugal, e, recentemente, também foi congratulado com o Prêmio Libertad Cortes de Cádiz, na Espanha. Este último ressalta a sua liderança em todo o continente e evidencia o trabalho desenvolvido no combate à pobreza e exclusão social. LULA e ex-presidente de Gana recebem prêmio por combate à fome e à miséria. **Estado de São Paulo**. São Paulo, 7 out. 2011. Política. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/radar-politico/2011/10/07/lula-e-ex-presidente-de-gana-recebem-premio-por-combate-a-fome-e-a-miseria/>>. Acesso em: 7 out. 2011.

³³ Estes métodos procuram adaptar as práticas de pesquisa às entrevistas mediadas por computador. Segundo Ardevól, “constituem estudos qualitativos realizados a partir de técnicas de observação participante, entrevistas em rede ou questionamentos por correio eletrônico que exploram diferentes aspectos da vida social”. ARDEVÓL, Elisenda et al. Etnografía virtualizada: la observación participante y la entrevista semiestructurada en línea. **Athenea Digital**, Barcelona, n. 3, p. 72-92, 2003. p. 73.

Tabela 1. Cronograma

Atividades	Semestre 2010/2011			
	1ºsem	2ºsem	1ºsem	2ºsem
Revisão de literatura				
Redefinições				
Reelaboração do projeto de pesquisa				
Disciplinas				
Elaboração do memorial de qualificação				
Qualificação				
Estágio docente				
Coleta de dados para a pesquisa				
Análise dos dados				
Redação da dissertação				
Formatação do trabalho final				
Apresentação e defesa da dissertação				

Fonte: autor.

Este trabalho está estruturado em uma seqüência de três capítulos, contanto ainda com introdução, considerações conclusivas e referências. No primeiro capítulo, denominado “Comunicação alternativa: Estado, sociedade e contra-hegemonia”, procura-se introduzir a EPC, destacando sua importância enquanto referencial teórico e metodológico deste estudo. Por esta perspectiva é possível pensar como a sociedade civil se constrói historicamente e, sobretudo, como este termo é empregado de forma variada, dependendo do contexto histórico e marco conceitual em que está inserido.³⁴

A ênfase dada ao termo está amparada na acepção marxista e, mais especificamente, na noção gramsciana de aparelhos privados de hegemonia.³⁵ Sendo necessário, também, neste primeiro momento, trazer um panorama sobre a história do sindicalismo no Brasil. Considera-se não menos importante clarear alguns conceitos que são utilizados de forma exaustiva durante o transcorrer do trabalho, tais como: comunicação popular, alternativa e comunitária.

No capítulo seguinte, “Televisão no Brasil: mercado capitalista e sociedade

³⁴ Em conformidade com Brittos e Nazário, entende-se “ser fundamental para o aporte teórico do conceito uma compreensão delimitada dos dispositivos sociais ativos responsáveis pelas modificações ocorridas nos três ambientes sociais que se inter-relacionam: o Estado, o mercado e a própria sociedade civil”. BRITTOS, Valério; NAZÁRIO, Paola. Sociedade civil, digitalização e movimentos midiáticos estruturantes. In: BRITTOS, Valério (Org). **Economia política da comunicação: estratégias e desafios no capitalismo global**. São Leopoldo: Unisinos, 2008. p. 29-58. p. 31.

³⁵ Conforme aponta Gruppi, “a propósito da função do marxismo, esta é a única concepção que sabe guiar o proletariado no sentido de assumir uma função dirigente e, portanto, de construir não só novas relações políticas estatais, mas também uma nova cultura; no sentido de realizar uma reforma intelectual e moral. Esse é o significado mais profundo da noção gramsciana de hegemonia. A hegemonia é tal enquanto se traduz numa reforma intelectual e moral”. GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Graal, 1978. p. 72.

globalizada”, dá-se atenção especial aos atores sociais diretamente ligados à história da TV brasileira e, de outro lado, à classe trabalhadora. Dessa forma, pretende-se destacar as décadas de 1950 e 1960, lançando luz ao período atual. Há mais de meio século, quando a televisão ainda era um privilégio das classes sociais mais favorecidas, ocorreram transformações na política nacional responsáveis por direcionar a forma com que a televisão comercial protagonizaria sua inserção no cotidiano do povo brasileiro.

Nessa direção, é necessário acompanhar as mudanças estruturais decorrentes do domínio do privado sobre o público e o reposicionamento da sociedade civil no cenário do capitalismo contemporâneo. Além disso, com o intuito de pensar não apenas as mudanças na cadeia de valor da comunicação e a formação dos mercados oligopólicos, mas, também, acirrar a discussão sobre o direito à comunicação, decorrente da abertura de novos canais na televisão a cabo, na década de 1990, recorre-se ao conceito de Fase da Multiplicidade da Oferta (FMO).

No terceiro e último capítulo deste estudo, “TV dos Trabalhadores: história, trajetória e consolidação”, foca-se, detalhadamente, o estágio atual de desenvolvimento da emissora. Para tanto, leva-se em consideração tudo que foi exposto nos dois primeiros capítulos. De forma sistemática é descrita a relação que existe entre os operários do ABC e a televisão no Brasil. Pontua-se essa questão partindo da necessidade histórica da classe trabalhadora em assumir o seu papel na luta de classes. Diante disso, estuda-se a trajetória dos metalúrgicos no âmbito da comunicação sindical e, sobretudo, da própria TVT, até esta constituir-se em emissora educativa.

Trata-se, portanto, de uma abordagem dialética sobre a produção e a distribuição do conteúdo originado pelo canal dos trabalhadores, pois procura-se traduzir a prática da emissora evidenciando as particularidades da comunicação sindical e propondo, a partir de evidências empíricas, uma conceituação própria da EPC em relação às especificidades da comunicação audiovisual alternativa. Deste modo, identifica-se como a produção contra-hegemônica se manifesta por intermédio da TV do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema.

1. Comunicação alternativa: Estado, sociedade e contra-hegemonia

Neste primeiro capítulo procura-se discutir de que forma a comunicação alternativa pode afastar-se da lógica mercadológica e priorizar o interesse coletivo, adquirindo força política, em especial, através da atuação contra-hegemônica. Para isso, parte-se de uma aproximação teórica com a Economia Política da Comunicação (EPC), escolhida como referencial da presente pesquisa. Assim, são arrazoadas as políticas de comunicação em curso no Brasil, avaliando a postura do Estado frente aos desafios impostos pelo contexto da comunicação contemporânea. Além disso, são rediscutidos conceitos importantes e, neste bojo, a classificação de sociedade civil é pensada visando à transformação social.

1.1. Economia Política da Comunicação: diversidade estético-produtiva

Pelo viés da Economia Política é possível perceber a necessidade de estudar canais de comunicação alternativos, os quais, de alguma forma, rompem com o modelo da comunicação dominante e possibilitam a aproximação da sociedade com as técnicas do fazer midiático. Concentrando esforços para empreender uma análise que não se desvincule dos estudos da comunicação e, concomitantemente, insira-se no ambiente de análise político-econômico – o qual está intimamente ligado aos fenômenos comunicacionais – toma-se como referencial teórico desta pesquisa a EPC, pois, através de abordagens neo-marxistas, este campo de estudo tem prestado bastante atenção no impacto provocado pela comunicação no mundo do trabalho.

Traçando o contexto histórico do seu surgimento pode-se dizer que esta interdisciplina começa a se desenvolver em meados dos anos 60 do século XX, questionando a dinâmica responsável por impulsionar o fluxo informacional e cultural no espectro da divisão internacional do trabalho. Contudo, somente a partir de 1975 será feita uma discussão sistemática dos principais conceitos que regem tal teoria, como a atualização da idéia de indústria cultural, termo utilizado insistentemente pelos críticos de Frankfurt ao descreverem a imposição do modelo cultural estadunidense sobre países do Terceiro Mundo.³⁶

Com as mudanças sofridas pelo capitalismo após o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, a comunicação ingressa em uma nova etapa da economia de mercado. De acordo com os Matellart, a própria noção de indústria cultural sofre

³⁶ MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

alterações nesse período, já que começa a se falar nas especificidades das indústrias de comunicação: para os autores, “a passagem do singular ao plural revela o abandono de uma visão demasiado genérica dos sistemas de comunicação”.³⁷

Com a rearticulação das indústrias da cultura, as quais tiveram de se adaptar à reconfiguração do capitalismo, a acumulação do capital e a reprodução ideológica do sistema passaram a difundir-se de forma acelerada. Esse processo é intrínseco aos avanços tecnológicos e, conseqüentemente, ao alargamento da produção de bens culturais. Para melhor compreender esta realidade, Brittos e Miguel assinalam que é preciso adotar uma caracterização teórica capaz de adaptar-se aos modelos econômicos que regem os processos de produção simbólica contemporâneos:

Na circunscrição dos estudos dos aspectos econômicos e políticos da mídia, o termo indústria cultural, no singular, caracteriza todo o processo de produção, circulação e consumo de bens culturais. Mas, como não se trata de um bloco homogêneo, existem várias indústrias culturais, ou melhor, setores, correspondentes a cada uma das mídias, e, no seu interior, diversas organizações.³⁸

O contexto onde se insere esta discussão não permite desvincular as políticas governamentais e a democratização da cultura do universo complexo da internacionalização do trabalho e da mercantilização das produções simbólicas. Nessa empreitada, entende-se que os estudos culturais podem contribuir para observar a interação entre os sujeitos históricos envolvidos nas diferentes fases de conformação dos processos midiáticos, estejam eles na condição de emissores, receptores ou ambos.

No entanto, é preciso identificar, em meio à pluralidade de abordagens presentes nessa disciplina, uma matriz teórica explicitamente crítica e, portanto, compatível com a perspectiva epistemológica da EPC, fundamentada em uma teoria de conhecimento científico realista, inclusiva, construtiva e, sobretudo, crítica. Para tanto, leva-se em consideração o que diz Mosco sobre tal tendência, ou seja, “os estudos culturais (*cultural studies*) desafiam o terreno institucional da economia política e põem em causa a centralidade do trabalho como força histórica fundamental”.³⁹

O autor ressalta que a economia política deve situar-se entre os estudos

³⁷ MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle, op. cit., p. 113.

³⁸ BRITTOS, Valério; MIGUEL, João. Indústria cultural: conceito, especificidades e atualidade no capitalismo contemporâneo. In: BRITTOS, Valério; CABRAL, Adilson (Orgs). **Economia Política da Comunicação: interfaces brasileiras**. p. 37-56. p. 48.

³⁹ MOSCO, Vincent, op. cit., p. 98.

culturais e os estudos políticos, ou seja, dialogar com essas duas tendências sem, no entanto, abrir mão do questionamento em relação ao desequilíbrio dos fluxos de informação e das produções simbólicas, premissas fortes do estudo realizado pela EPC.⁴⁰

Mesmo com ressalvas, considera-se importante as contribuições de teóricos como Martín-Barbero, o qual, a partir do conceito de mediações, ajuda a construir uma noção mais complexa da materialidade social.⁴¹ Esta expressão é resultante da articulação entre as práticas midiáticas e as ações sociais, as quais, antes de manifestarem-se nas produções audiovisuais, por exemplo, perpassam uma série de outros lugares de fala. Assim, o sujeito receptor, que anteriormente poderia ser visto como parte formadora de uma audiência pouco interativa, passa a forjar uma audiência ativa.⁴²

Nessa perspectiva, pode-se dizer que os canais educativos e comunitários são considerados os locais onde, teoricamente, se poderia visualizar com mais nitidez a construção de programações capazes de se opor à lógica produtiva das emissoras comerciais. Isso caso seja levado em consideração que estes espaços podem formular programações relativamente independentes e, assim, fornecer os subsídios para travar uma batalha de consciência com os meios hegemônicos, os quais estão em vantagem na disputa pela audiência crítica.

Ao considerar a existência de um público menos suscetível ao trivial sabe-se que fatores técnicos, estéticos e de conteúdo também interferem na aceitação das massas sobre as produções televisivas e tal fenômeno costuma se concretizar ainda que o conteúdo se sobreponha como diferencial de seletividade. As novas possibilidades de produção, programação, distribuição e consumo desses recursos, quando colocadas à luz da Economia Política, são problematizadas a partir das mudanças que ocorrem na sociedade e do processo de transformação político-econômico aliado a esse movimento.

Nesse sentido, entende-se que a etapa produtiva precisa ser pensada desde o momento anterior à execução das câmeras, captura de imagens, gravação e veiculação dos conteúdos, pois o local de fala dos receptores pode contribuir para

⁴⁰ MOSCO, Vincent, op. cit.

⁴¹ MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

⁴² MARTÍN-BARBERO, Jesús, op. cit.

torná-los co-arquitetos no processo de realização audiovisual, não apenas avaliando conteúdos e sugerindo pautas, mas também participando da prática produtiva. Hoje, tais técnicas já não são mais privilégio de poucos profissionais aptos a manuseá-las, fator este que tem ganhado contornos ainda maiores com a digitalização.

Essas possibilidades se inserem no processo de implantação do sistema capitalista global e, portanto, leva-se em conta que as tecnologias apropriadas pelos operários do ABC – numa fase de ampliação da proposta inicial de criação da TVT – são estabelecidas em meio à proliferação da ideologia do progresso. Hoje, além da produção própria de seis programas, a entidade mantém um *site* na internet – www.tvt.org.br –, o qual reproduz via *web* a programação que é transmitida em sinal aberto para cidade de Mogi das Cruzes.

Ao discutir o uso das tecnologias digitais e o papel da internet em democratizar a comunicação salienta-se, fundamentalmente, que as desigualdades sociais continuam a estruturar o acesso a estes meios. Se comparada à radiodifusão pública, a rede mundial de computadores ainda está muito distante da realidade da maior parte da população. Mas, conforme destaca Murdock, se aplicada de forma conjunta, “a mudança das tecnologias de produção e recepção analógicas para digitais oferece uma oportunidade de integrar a radiodifusão com a internet”,⁴³ o que contribuí para amplificar os espaços de atuação de novos atores sociais, pluralizando e atualizando suas práticas midiáticas.

Deste modo, o processo de apropriação das técnicas de produção e compartilhamento de vídeos, originado a partir da convergência digital, configura-se em um novo desafio para as organizações sindicais. Os trabalhadores tornam-se, cada vez mais, produtores e replicadores de conteúdos. Espaços dentro da própria mídia dominante, ou que são mantidos pelos principais grupos econômicos multinacionais, inserem, de alguma forma, atores não-hegemônicos no universo produtivo.

Além dos canais comerciais já utilizarem vídeos subtraídos da internet para incrementar programas de entretenimento e jornalismo, empresas como o Google, por exemplo, permitem a postagem e o compartilhamento de audiovisuais alternativos por intermédio, respectivamente, do YouTube e do Orkut. Este movimento deve ser pensado a partir da transformação nas condições produtivas, as

⁴³ MURDOCK, Graham. Transformações continentais: capitalismo, comunicação e mudança na Europa. In: SOUSA, Helena (Org.). **Comunicação, Economia e Poder**. Coleção Comunicação. Porto: Porto Editora, 2006. p. 13-28. p. 26.

quais afetaram diretamente o campo de conformação de todo material simbólico.⁴⁴

Mais do que isso, são mudanças que se dão no âmbito da cultura, pois transformam-se os modos de percepção dos fenômenos sociais e, com isso, a própria experiência sensorial e humana, precisa adaptar-se ao atual contexto dos processos midiáticos. Ora, se existem hoje espaços destinados ao protagonismo das camadas subalternas, isso não significa dizer que estes antes não estivessem aí, mas sim que a conduta irredutível de boa parte das lideranças sindicais ao longo dos anos não os permitiu atentar para a importância de adequar-se às mudanças provocadas por este fenômeno.

Para Benevenuto Júnior, falta compreensão, por parte dos sindicalistas, sobre o papel dos comunicadores e dos meios de comunicação alternativos.⁴⁵ Ele traz o exemplo de uma discussão promovida pelo movimento sindical gaúcho na década de 1990.⁴⁶ Este encontro foi organizado pela CUT e reuniu profissionais que atuavam no setor da comunicação destas entidades. O autor revela: “as lideranças sindicais entendiam, grosso modo, que a simples troca de comando das empresas do setor de comunicação seria suficiente para modificar as relações de comunicação da sociedade”.⁴⁷

No entanto, o fato que se coloca como substancial é outro. Conforme observa Martín-Barbero, “nem toda assimilação do hegemônico pelo subalterno é signo de submissão”.⁴⁸ Esta análise ajuda a pensar que a atuação histórica do movimento sindical esteve sempre muito ligada aos pressupostos de “domínio, imposição e manipulação”, por um lado, e de “ação, resistência e impugnação” por outro.⁴⁹ Tal maniqueísmo levou a comunicação sindical a desenvolver experiências muito distantes da realidade cultural, social e, até mesmo, política, da classe trabalhadora, durante toda sua trajetória no campo da mídia.

⁴⁴ Outra rede social que mantém parcerias com o YouTube e o Twitter é o Facebook, propiciando aos usuários cadastrados compartilharem produções simbólicas, sejam elas hegemônicas ou não. Fundada por ex-estudantes de Harvard, esta rede de relacionamentos é tida como uma das mais populares do mundo. Até mesmo no Brasil, onde o Orkut era o preferido dos internautas, o Facebook já possui superioridade de usuários. A polêmica em torno da autoria do projeto, que envolveu o sócio majoritário da marca Mark Zuckerberg e o brasileiro Eduardo Saverin – detentor de 5% das ações – rendeu a produção de um filme chamado *The Social Network*.

⁴⁵ BENEVENUTO JR., Álvaro. **De Canal comunitário a POA TV: estratégias e políticas da comunidade na TV a cabo em Porto Alegre**. 2005. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Unisinos. São Leopoldo.

⁴⁶ BENEVENUTO JR., Álvaro, op. cit., p. 181.

⁴⁷ Ibid., p. 181.

⁴⁸ MARTÍN-BARBERO, Jesús, op. cit., p. 107.

⁴⁹ Ibid., p. 107.

Por isso, ao destacar a importância das experiências que nascem no seio dos próprios sindicatos, verifica-se a necessidade de levar a ação de luta para além das condições econômicas. É onde se inserem, em maior escala, as produções artísticas e culturais provenientes da estrutura sindical,⁵⁰ lugar de disputa, terreno vivo para o cultivo de idéias, movimento onde pode se fazer erigir outra proposta de interação com a sociedade.

No entanto, sabe-se que, na maioria dos casos, os meios de comunicação oriundos das organizações sindicais preocupam-se pouco com questões de ordem técnica e estética, caindo na cilada do discurso pseudo-politizado como contraponto ao que já existe na mídia convencional. Estas experiências são consideradas, não raras as oportunidades, como meras cartilhas panfletárias, deixando de atingir até mesmo a base da categoria.

Claro que desvincular a posição política da informação não seria o caso, mas deixá-la menos evidente ou, dito de outra forma, menos particularizada – utilizando-se de vocabulário coloquial – poderia contribuir na empreitada pela busca de um número mínimo de leitores, ouvintes ou telespectadores. Em todo o caso, a técnica, vista pelo movimento sindical como supérflua, revela-se necessária para agregar valor ao conteúdo.

Domingues apresenta um exemplo que ilustra bem esta questão. Ao se referir às falhas do principal meio de comunicação alternativo no Brasil, durante as décadas de 1940 e 1950, o autor ressalta:

a imprensa do PCB escondia seus erros e mudanças de posição por trás de uma retórica triunfalista. Exagerava as dimensões de sua atuação e projetava situações favoráveis, independente das dificuldades da situação política e das ofensivas da burguesia. Transformava dirigentes em heróis e semideuses, distantes e acima da militância. Tais manobras e expedientes acabavam sendo aceitas pela maioria da militância por sua lealdade ao PCB, mas tendiam a embotar sua capacidade de análise e iniciativa de luta.⁵¹

É sob esta perspectiva que se constroem muitas das experiências de

⁵⁰ Um bom exemplo disso é o CineBancários, promovido pelo Sindicato dos Bancários de Porto Alegre e região, o qual, assim como o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, também é filiado à CUT. A iniciativa foi desenvolvida com o apoio da Fundação Cinema Rio Grande do Sul (Fundacine) em convênio firmado no ano de 2006. Hoje, o CineBancários possui um projetor multimídia com sistema DVD/Blu-ray, projeção de 35mm e som Dolby Digital 5.1. O espaço acomoda 81 poltronas, sendo duas destinadas a cadeirantes. O valor popular dos ingressos e as temáticas abordadas na exibição dos vídeos expressam a valorização da diversidade cultural e ajudam a democratizar a cultura no Sul do país. CINEBANCÁRIOS. **Quem Sou Eu**. Disponível em: <<http://cinebancarios.blogspot.com/>>. Acesso em: 6 ago. 2011.

⁵¹ DOMINGUES, Sérgio. Sindicatos, esquerda e jornalismo: as batalhas da guerra por hegemonia. In: INÁCIO, José Reginaldo (Org). **Sindicalismo no Brasil: os primeiros 100 anos?** Belo Horizonte: Crisálida, 2007. p. 139- 153. p. 147.

comunicação ditas classistas, especialmente no que diz respeito a iniciativas do movimento operário, as quais historicamente são comandadas por partidos e dirigentes sindicais. Mas, como se sabe, a retórica da manipulação midiática está longe de sensibilizar a maior parte da população e fazer com que ela se interesse em conhecer outras propostas midiáticas.

Em outras palavras, disputar consciência não equivale a disputar audiência, visto que isso envolve outros fatores, de ordem não apenas política, mas, sobretudo, econômica; sugerindo também uma mudança de hábitos, que perpassa todo um arcabouço cultural, repercutindo fundamentalmente no modo de operacionalização das empresas ou grupos de comunicação contemporâneos. Segundo Bolaño, tal fenômeno está intimamente ligado ao padrão tecno-estético adotado, ou seja, “uma configuração de técnicas, de formas estéticas, de estratégias, de determinações estruturais, que definem as normas de produção historicamente determinadas de uma empresa ou de um produtor cultural particular”.⁵²

Ao esmiuçar este conceito, Kalikoske destaca a diversidade taxionômica que tal arquétipo científico permite evocar, dividindo-o em: hegemônico, anacrônico, emergente, periférico e alternativo.⁵³ Este último é o que mais interessa ao presente estudo, no entanto, para melhor compreendê-lo exemplifica-se logo de início toda a categorização sugerida. Como se pode pressupor, o padrão tecno-estético hegemônico, “detentor de elevada audiência, e que a utiliza como poder de barganha junto ao mercado publicitário (anunciantes)”,⁵⁴ é claramente identificável na postura da líder do mercado brasileiro de televisão, a Rede Globo. Segundo Brittos, esta emissora “incorporou a denominação padrão de qualidade para designar o que considera ser sua sobreposição produtiva e distributiva na área do audiovisual”.⁵⁵

O tecno-estético emergente corresponde à posição subsequente à líder. É o caso da Rede Record, que, desde 2007, já se consolidou na vice-liderança. A emissora do bispo Edir Macedo ultrapassou o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT),

⁵² BOLAÑO, César. Economia e televisão: uma teoria necessária. In: BOLAÑO César, (Org.). **Economia política das telecomunicações, da informação e da comunicação**. São Paulo: Intercom, 1995. p. 9-37. p. 32.

⁵³ KALIKOSKE, Andres. Padrões tecno-estéticos e hegemonia televisiva no Brasil. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 11., 2010, Novo Hamburgo. **Anais ...** São Paulo: Intercom, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-1313-1.pdf>>. Acesso em: 8 ago. 2011.

⁵⁴ KALIKOSKE, Andres, op. cit., p. 8.

⁵⁵ BRITTOS, Valério. Televisão e barreira: as dimensões estética e regulamentar. In: JAMBEIRO, Othon; BOLAÑO, César; BRITTOS, Valério (Orgs). **Comunicação, informação e cultura: dinâmicas globais e estruturas de poder**. Salvador: Edufba, 2004. p. 15-42. p. 29.

de propriedade do empresário Silvio Santos, o qual, em função de sua carência estratégica nos domínios estético e produtivo, enquadra-se no perfil chamado anacrônico.⁵⁶

Nessa direção, objetivando delimitar melhor a estrutura oligopólica do mercado televisivo, Kalikoske atenta para outro segmento, dando a ele a nomenclatura de periférico.⁵⁷ Esta classificação ajuda a evitar confusões, pois há quem pense em canais de menor audiência, ou até mesmo emissoras emergentes, como espaços de construção do alternativo, o que não corresponde ao conceito empregado neste estudo. As emissoras que utilizam o padrão tecno-estético periférico são, justamente, as de menor visibilidade, como a Rede Bandeirantes e a RedeTV!. Embora estes canais, por vezes, abram espaço à experimentação, a maior parte dos programas veiculados pouco se distancia do modelo de produção dominante.

De acordo com Brittos, “a grande desvantagem da comunicação alternativa, ante a hegemônica, em termos de padrão, é a capacidade muitíssimo inferior de recursos para a realização”.⁵⁸ Ao levar em conta as possibilidades resultantes da digitalização, o autor aponta para algumas particularidades do padrão tecno-estético alternativo, classificando-o como “não hegemônico digital”.⁵⁹ Os elementos necessários para a identificação deste modelo são: produção de conteúdos sociais, baixo custo, desenvolvimento de bens múltiplos, fomento à produção descentralizada, estímulo à interação e criatividade.⁶⁰

Em complemento a este conceito, Kalikoske destaca que o padrão tecno-estético alternativo “muitas vezes é sinônimo de produção caseira ou amadora, como o audiovisual produzido por usuários da internet, a partir de softwares gratuitos com plataformas amigáveis”.⁶¹ Ele ressalta, ainda, que “este segmento é também relacionado aos canais comunitários e de acesso público”,⁶² mas, por se tratar de um espaço de produção muito vasto e diversificado, ressalta-se a necessidade de atentar para outros fatores ao abordar esta questão. Entende-se que é preciso considerar a pluralidade de formatos, conteúdos, atores e segmentos sociais responsáveis pela

⁵⁶ KALIKOSKE, Andres, op. cit.

⁵⁷ KALIKOSKE, Andres, op. cit.

⁵⁸ BRITTOS, Valério. Digitalização e democratização: produção de conteúdo nacional e padrão tecno-estético alternativo. In: Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. **Produção de conteúdo nacional para mídias digitais**. Brasília, 2011. p. 111-127. p. 115.

⁵⁹ BRITTOS, Valério, op. cit.

⁶⁰ BRITTOS, Valério, op. cit.

⁶¹ KALIKOSKE, Andres, op. cit., p. 10.

⁶² Ibid., p. 10.

construção de cada conteúdo dito alternativo.

Mais do que isso, para melhor compreender a prática atual da comunicação alternativa é necessário diferenciar o padrão não-hegemônico do contra-hegemônico. A proliferação de aparelhos com capacidade de registrar imagens – como, por exemplo, celulares com câmeras acopladas – fez os telejornais das emissoras privadas adaptarem-se à realidade participativa proposta pela convergência digital. Assim, cotidianamente, programas de entretenimento e, até mesmo, jornalismo inserem imagens produzidas pelo público (algumas delas registrando fatos noticiosos, mas grande parte tratando de futilidades) no bojo produtivo da mídia hegemônica.

Muitas destas produções são, equivocadamente, identificadas como alternativas. Contudo, apenas reproduzem o estilo naturalmente domesticado das construções simbólicas provenientes da cultura industrializada, sendo concebidas por meio do que, neste estudo, identifica-se como padrão tecno-estético alternativo não-hegemônico. Diferente das produções consideradas contra-hegemônicas, ou ainda, essencialmente alternativas, pois estas se distinguem do não-hegemônico por dois aspectos principais: a) são audiovisuais de cunho reivindicatório e político, na maioria das vezes com a fala dos próprios protagonistas do acontecimento, ou, pelo menos, produzido por eles; b) os produtores de conteúdo são sujeitos historicamente criminalizados pelas empresas de comunicação dominantes e suas pautas de reivindicação não ganham destaque nas emissoras comerciais.

Deste modo, aponta-se pelo menos quatro subdivisões do padrão tecno-estético alternativo. São elas: não-hegemônico, público-estatal, institucional e popular ou contra-hegemônico. Este arcabouço teórico-prático é retomado no último capítulo da presente pesquisa, auxiliando na avaliação das práticas de produção de conteúdos originados a partir da TVT. Por ora, é importante destacar as principais características de cada um dos modelos propostos:

1) Tecno-estético não-hegemônico: é onde se inserem a maior parte das produções audiovisuais construídas por atores não-hegemônicos. Sua principal característica é a cópia das produções hegemônicas e a proliferação de conteúdos com baixo nível de problematização e crítica social em redes sociais e *sites* de compartilhamento de vídeos. Podem até incluir temas de cunho político, mas, em sua maioria, abordam futilidades e, até mesmo, pornografia. Em alguns casos são

incorporados à mídia comercial, devido à proximidade com a linha estético-produtiva adotada por determinadas emissoras.

2) Tecno-estético público-estatal: são produções oriundas de emissoras de TV ou produtoras de vídeo que possuem vínculo com os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, como por exemplo, as TVs Brasil, Câmara, Senado e Justiça. No caso da TVT, existe, em parte, uma vinculação a este modelo, pois os metalúrgicos estabeleceram uma parceria com a Empresa Brasil de Comunicação (EBC) objetivando complementar sua grade de programação. Destaca-se, conseqüentemente, que a proximidade com o governo de turno pode influenciar na postura dos agentes sociais responsáveis pela produção de conteúdos, refletindo, em alguns casos, no formato das produções próprias.

3) Tecno-estético institucional: todas as produções provenientes de entidades ligadas à sociedade civil, como sindicatos, universidades, organizações não governamentais, associações de bairro e canais comunitários, estão inseridas neste contexto. Tais conteúdos dificilmente questionam as instâncias de poder. O limite, como o próprio nome diz, está na institucionalização das práticas de configuração simbólica. Mesmo produções de cunho político, dificilmente evidenciam as contradições sociais para além de uma crítica controlada.

4) Tecno-estético popular ou contra-hegemônico: são produções simbólicas consideradas essencialmente alternativas; construídas por lideranças comunitárias, trabalhadores e movimentos sociais, sem o atravessamento editorial das instituições que possam vir a veiculá-las. Além disso, não possuem vínculo político-partidário e procuram se renovar, na medida de uma sempre nova produção audiovisual militante. Em última análise, são conteúdos livres, que evocam o protagonismo de atores sociais marginalizados pela grande mídia e, assim sendo, tais produtores não se deixam enquadrar pelas normas estipuladas pelos outros padrões citados.

Evidentemente, o próprio conceito de “padrão” não seria o mais adequado para se referir a esse tipo de produção. Saliencia-se, no entanto, que a classificação apresentada tem o intuito de melhor exemplificar as manifestações audiovisuais genericamente classificadas como alternativas. Para tanto, a abordagem crítica da economia política da comunicação é fundamental, pois, ao considerar as especificidades do audiovisual alternativo, demonstra-se os diferentes vieses de análise resultantes da configuração dos processos midiáticos.

Na verdade, existe toda uma abordagem teórica que ajuda a entender melhor esta problematização, já que a Economia Política ressalta as diferenças existentes no âmbito da produção material, inclusive no que tange aos recursos comunicacionais. Estes, por seu turno, são engendrados de acordo com a lógica na qual se estabelece toda a atividade laboral ao longo da história, originada a partir da divisão do trabalho. Conforme revelam Marx e Engels:

desde o momento em que o trabalho começa a ser dividido, cada um dispõe de uma esfera de atividade exclusiva e determinada, que lhe é imposta e da qual não pode sair; o homem é caçador, pescador, pastor ou ‘crítico crítico’, e aí permanecerá caso não queira perder seus meios de sobrevivência.⁶³

A intenção é subjugar e dominar os trabalhadores para que não consigam desenvolver outras potencialidades e não possam desempenhar mais de uma tarefa concomitantemente: “a possibilidade de hoje fazer determinada coisa, amanhã outra, caçar pela manhã, pescar à tarde, criar animais ao anoitecer, criticar depois do jantar”,⁶⁴ ou ainda, assistir às produções hegemônicas, mas, também, registrar a sua própria visão de mundo, por intermédio dos recursos audiovisuais. Pode-se inferir, assim, que todo processo produtivo e, em especial as construções simbólicas, resultam do contexto no qual se permite que elas sejam originadas.

A forma como se desenvolveu e estruturou a divisão do trabalho está historicamente vinculada à filosofia moral, ou seja, “um interesse quer pelos valores que ajudam a formar o comportamento social, quer, normativamente, pelos princípios morais que deveriam guiar os esforços para mudar”.⁶⁵ Enquanto, para Adam Smith, a filosofia moral “significava compreender como o consumismo e a liberdade individual estavam a contribuir para o advento do capitalismo comercial”, de outra feita, para Karl Marx representava “a permanente luta entre o impulso de encontrar valor individual e social no trabalho humano e o impulso de reduzir o trabalho a uma mercadoria comercializável”.⁶⁶

Na visão de Smith, “o trabalho produtivo era o que promovesse a acumulação do capital. O novo capital aumentava o bem estar econômico, porque aumentava a produtividade do trabalho”.⁶⁷ Perspectiva que diverge frontalmente do pensamento

⁶³ MARX, Karl; ENGELS, Friederich, op. cit., p. 59.

⁶⁴ Ibid., p. 59, 60.

⁶⁵ MOSCO, Vicent, op. cit., p. 99, 100.

⁶⁶ Ibid., p. 100.

⁶⁷ HUNT, Emery; SHERMAN, Howard. **História do pensamento econômico: uma perspectiva crítica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. p. 56.

de Marx, já que, este último, “estava interessado em explicar a natureza da relação social entre capitalistas e trabalhadores. Em termos de teoria econômica, isso significava a relação entre salários e lucros”.⁶⁸

De acordo com Marx, o valor de uma mercadoria é determinado pelas circunstâncias sociais e históricas na qual foi produzida, ou seja, o trabalho é visto tanto sob o ponto de vista de um conjunto de atividades como também se estabelece a partir das relações sociais que o engendram. Assim, o valor passa a ser uma qualidade do objeto produzido, a qual espelha as relações estabelecidas no seio da sociedade capitalista. O objeto é produzido como mercadoria, mas, diferente do que ocorria em uma economia pré-capitalista, onde havia a dependência mútua na relação produtor-distribuidor, agora, cada produtor produz individualmente para o mercado.

Na medida em que Marx revela ser o valor da mercadoria determinado pela quantidade de trabalho incorporado a ela, está se referindo à quantidade de trabalho necessário para produzir determinada mercadoria. Porém, é interessante diferenciar trabalho de força de trabalho, pois esta distinção permite chegar à fonte da mais-mais-valia. Segundo Hunt e Howard, “a taxa de mais valia nos diz quantas horas o operário trabalhou para gerar lucros para o capitalista em relação a cada hora que ele trabalhou para gerar o valor equivalente à sua própria subsistência”.⁶⁹

Sobre o assunto, Marx ressalta:

para explicar o caráter geral do lucro não tereis outro remédio senão a partir do teorema de que as mercadorias se vendem, em média, pelos seus verdadeiros valores e que os lucros se obtêm vendendo as mercadorias pelo seu valor, isto é, em proporção à quantidade de trabalho nelas materializado. Se não conseguireis explicar o lucro por esta base, de nenhum outro modo conseguireis explicá-lo. Isto parece um paradoxo e contrário à observação de todos os dias. Parece também paradoxal que a terra gire ao redor do sol e que a água seja formada por dois gases altamente inflamáveis. As verdades científicas serão sempre paradoxais, se julgadas pela experiência de todos os dias, a qual somente capta a aparência enganadora das coisas.⁷⁰

Nota-se, portanto, que a distinção na abordagem dos fenômenos econômicos e políticos a partir das tensões de poder que se estabelecem em meio às relações sociais refletem-se em toda atividade produtiva, inclusive nas produções audiovisuais. Muitos cinegrafistas, por exemplo, produzem material simbólico para as empresas onde prestam serviço, mas não têm autonomia sobre esses conteúdos. A

⁶⁸ HUNT, Emery; SHERMAN, Howard, op. cit., p. 197.

⁶⁹ Ibid, p. 211.

⁷⁰ MARX, Karl. Salário, preço e lucro. In: MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 2-48. p. 79.

força de trabalho empregada é alienada, sendo a riqueza de sua obra tomada pelos proprietários dos meios de produção.

Ao reduzir o trabalho a um dos fatores produtivos, a economia neoclássica, baseada nos pressupostos de Smith, valoriza-o apenas pela capacidade de produção. Por outro lado, as correntes marxistas colocam o trabalho como elemento central da análise, criando os espaços necessários para a discussão sobre o crescimento da divisão internacional do trabalho e suas conseqüências. Toda atividade produtiva, inclusive em âmbito midiático, está em contradição com as forças de produção existentes.

A divisão do trabalho cria o distanciamento entre a produção e o consumo, sendo, estes, direcionados a indivíduos diferentes, nem sempre de forma satisfatória para todos. Segundo Marx, “é justamente nessa contradição entre o interesse particular e o coletivo, que o interesse coletivo toma, na qualidade de Estado, uma forma independente”.⁷¹ É no âmbito do Estado que se estabelecem as disputas de classe, cuja tendência é manifestar-se como forma de resistência de uma classe perante a outra e, assim, apontar as contradições geradas pela acumulação do capital.

1.2. Estado e sociedade: estratégias e políticas de comunicação

Para melhor compreender o papel do Estado diante das carências regulatórias da mídia brasileira é importante fazer um breve apanhado histórico considerando o modelo de desenvolvimento sociopolítico que resultou na hegemonia do pensamento liberal-privatista ao longo dos anos. Com o rompimento das leis responsáveis por regular a expansão capitalista nos anos subseqüentes à Recessão de 1930, nos EUA, as concepções ideológicas de auto-regulação do mercado ganharam força, influenciando países do Terceiro Mundo.

No Brasil, a acomodação do oligopólio midiático está ligada ao processo de desregulamentação do setor e às estratégias político-ideológicas do regime militar, a partir da reformulação do Código Nacional de Telecomunicações, em 1967. Assim, na medida em que o Governo contribuía para o desenvolvimento dos meios de comunicação, inclusive concedendo-lhes apoio técnico e financeiro, continuava a exercer forte controle político sobre eles. Mas foi nos governos pós-ditadura, com a adoção de políticas neoliberais, que o Estado, afastando-se cada vez mais de sua função intervencionista, permitiu a materialização da auto-regulação em todos os

⁷¹ MARX, Karl; ENGELS, Friederich, op. cit., p. 60.

setores da atividade econômica, inclusive no midiático

Historicamente, a passagem do Estado do Bem Estar Social (Welfare State) para o neoliberalismo acabou com o contrato social definido no cenário político da Guerra Fria, dentro dos países capitalistas avançados. As relações de trabalho estáveis e os direitos sociais garantidos no pós-guerra – como o acesso à saúde e à educação, e o aumento dos postos de trabalho – deram lugar a uma doutrina que prega o afastamento do Estado da economia e a total submissão do interesse público às demandas do mercado.

Como resultado desse processo, empresas multinacionais passaram a incorporar veículos de comunicação menores, ocorrendo diversos acordos comerciais. Entre eles: a aquisição da Time Warner pela América Online, da ABC News pela Walt Disney Company e a fusão da Sky com a DirecTV, esta última originando a maior companhia de TV paga digital do Brasil e da América Latina. O distanciamento do Estado de controle da economia possibilitou aos empresários brasileiros utilizarem a comunicação como moeda de troca no jogo das disputas políticas por espaço e poder. Segundo Festa, “somente nos meses de agosto e setembro de 1988, o presidente Sarney concedeu 407 emissoras a empresários e políticos da Constituinte, que apoiaram a extensão de seu mandato de quatro para cinco anos”.⁷²

Pouco tempo depois, no governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC), até 1997 já haviam sido concedidas quase 2000 outorgas de estações retransmissoras de TV para grandes grupos de comunicação e políticos. Vale lembrar que, no final deste mesmo ano, surgiu no Brasil o direito à reeleição para cargos executivos. Mesmo sendo alvo de denúncias de corrupção, FHC manteve-se no poder por mais quatro anos e, paralelo a isso, privilegiou 268 parlamentares com a obtenção de outorgas, através do decreto 1.720, por portaria direta do Governo.

No entanto, o setor das comunicações não sofreu déficits morais apenas em governos declaradamente neoliberais; com a chegada de Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência pouco se avançou nessa área.⁷³ O Governo Lula descartou uma chance

⁷² FESTA, Regina, op. cit., p. 126.

⁷³ Entre 1995 e 2007 mais de três mil emissoras de rádio e canais de televisão comerciais tiveram suas multas perdoadas. Por outro lado, cerca de R\$ 100 milhões de reais em equipamentos utilizados por rádios comunitárias, de todo o país, foram confiscados e cerca de 20 mil comunicadores populares estão respondendo processos na Justiça Federal. RODRIGUES, Lúcia. Disputa entre teles e emissoras força a regulação. **Caros amigos**, São Paulo, ano XV, n. 52, p. 4-5. abr. 2011.

histórica de rever o marco regulatório. Pior do que isso, em 2005, o ex-dirigente sindical nomeou o ex-repórter da Rede Globo, Hélio Costa (PMDB) para o cargo de ministro das Comunicações. Desta forma, um setor estratégico do governo foi entregue para partidos conservadores, sobretudo para um personagem que sempre defendeu abertamente os interesses das Organizações Globo, maior conglomerado de comunicação do Brasil e da América Latina.

No decorrer dos dois primeiros mandatos do PT, além de Hélio Costa, passaram pelas Comunicações: Miro Teixeira (PDT), Eunício Oliveira (PMDB) e o ex-chefe de Gabinete de Costa, José Artur Filardi Leite.⁷⁴ Cada um destes agentes políticos⁷⁵ possui um histórico que explicita a falta de interesse demonstrada pelo Governo em avançar nas políticas públicas para o setor.⁷⁶ Em última análise, delegou-se um setor estratégico para forças conservadoras de forte atuação durante o regime militar e, ainda, com interesses comerciais muito próximos aos da família Marinho.

Sabe-se que a proximidade dos ex-ministros com a Rede Globo ajudou a engessar as políticas de comunicação no Governo Lula, pois essa relação se deu tanto no âmbito político quanto no econômico. O poder de *lobby* praticado por esta emissora atinge fortemente setores do empresariado ligados ao jornalismo, o agronegócio, o Poder Legislativo e também o Judiciário. Segundo Farhat, essa prática se dá através de grupos de interesse, com atuação permanente junto ao Congresso e ao governo:

Grupos de interesse – tal como grupos de pressão – podem ter estrutura própria, denominação conhecida, representação formal, e funcionar em endereço certo, mas podem ser informais, ou permanecer em estado

⁷⁴ Filardi também herdou do ex-ministro Hélio Costa as cotas da rádio Sucesso FM, na cidade de Barbacena, Minas Gerais, as quais estiveram sob posse do então senador até 2005, período em que ainda exercia mandato legislativo. Posteriormente, a Rádio Sucesso foi registrada em nome da esposa de Filardi, Patrícia Leite. Levando-se em conta que os dois são casados em comunhão de bens, conclui-se que, ainda no período em que assumiu o Ministério, Filardi continuava tendo influência sobre o veículo.

⁷⁵ Segundo Beaklini, de quem se toma emprestado este conceito, “agentes são associações de pessoas que incidem no nível político (agentes políticos) e político-social (agentes sociais) para atingir a seus objetivos e vontades políticas além dos interesses materiais”. Para o autor, “uma idéia mais ampla pode classificar como agente, em diversos níveis: social, político, militar, econômico, jurídico, religioso, cultural, entre outros”. BEAKLINI, Bruno Lima Rocha. **A Interdependência Estrutural das Três Esferas: uma análise libertária da Organização Política para o processo de radicalização democrática.** Tese (Doutorado em Ciências Política). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre. p. 281.

⁷⁶ Ver MENEZES, Eduardo Silveira de. O lobby da Rede Globo pela auto-regulação: influência política e estratégias de marketização durante o Governo Lula. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - Intercom. 33. 2010, Caxias do Sul, **Anais...** Caxias do Sul: UCS, 2010. 1 CD.

latente – se e enquanto útil, necessário ou conveniente. Grupos de interesse podem manter-se discretamente nos bastidores da vida social ou, conforme as circunstâncias, assumir postura ativa, a fim de pressionar quem resolve. Nesses casos tais entidades deixam de ser grupos de interesses para transformar-se em grupos de pressão.⁷⁷

A composição do governo de turno demonstra o avanço da influência do PMDB em postos chaves da gestão petista. Em 2010, o partido do presidente do Senado, José Sarney, não apenas emplacou Michel Temer na vice-presidência como também assumiu as seguintes pastas: Agricultura, Minas e Energias, Previdência Social, Turismo e Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. O afastamento de Wagner Rossi e Pedro Novais, após denúncias de corrupção, e Nelson Jobim, devido a sua insatisfação com o prestígio que estava tendo no Governo, prejudicaram mais a imagem da presidenta Dilma do que a legenda aliada. Desde o início da composição ministerial, ela já havia demonstrado interesse em colocar no cargo o atual ministro da Defesa, Celso Amorim (PT), no entanto, Jobim manteve-se à frente da pasta porque esta área é considerada muito delicada pela cúpula petista.

Recentemente, com a saída de Orlando Silva (PCdoB) do ministério do Esporte, subiu para seis o número de ministros a deixar o Governo, fazendo com que o espectro da corrupção continue em evidência.⁷⁸ Silva está sendo acusado de ter desviado recursos do programa Segundo Tempo.⁷⁹ A denúncia partiu de uma reportagem publicada na revista *Veja*, a partir do relato do policial militar e ex-militante do PCdoB, João Dias Ferreira.⁸⁰ Esta é derrota mais marcante do conturbado primeiro ano de mandato da presidenta Dilma, considerando-se que, em 2014, o Brasil irá sediar a Copa do Mundo e a figura de Silva era a mais visada pela mídia ao desferir críticas sobre as falhas na organização do evento. O deputado federal Aldo Rebelo (PCdoB), relator do polêmico projeto de lei sobre a reforma do

⁷⁷ FARHAT, Saïd. **Lobby: o que é. Como se faz. Ética e transparência na representação junto a governos.** São Paulo: ABERJE, 2007. p. 148.

⁷⁸ Além de Silva, outros cinco ministros já deixaram o Governo Dilma por suspeitas de corrupção. O primeiro deles foi o petista Antonio Palocci (Casa Civil), seguido dos peemedebistas Pedro Novais (Turismo) e Wagner Rossi (Agricultura) e de Alfredo Nascimento (Transportes), do Partido da República (PR). Conforme já explicitado, Nelson Jobim foi o único a sair do Governo sem estar sofrendo algum tipo de acusação.

⁷⁹ Trata-se de um programa estratégico do Governo Federal visando democratizar o acesso à prática esportiva. Seu principal objetivo é promover o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens, priorizando a inclusão de pessoas que vivem em áreas de vulnerabilidade social. **SEGUNDO tempo. Ministério do Esporte.** Disponível em: <<http://portal.esporte.gov.br/snee/segundotempo/>>. Acesso em: 28 out. 2011.

⁸⁰ MILITANTE do PCdoB acusa Orlando Silva de montar esquema de corrupção. **Veja.** São Paulo, 15 out. 2011. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/militante-do-pcdob-acusa-orlando-silva-de-montar-esquema-de-corrupcao>>. Acesso em: 28 out. 2011.

Código Florestal, foi escolhido para assumir a vaga deixada pelo companheiro de partido.⁸¹

Um mês antes desta última baixa, em setembro de 2011, o 4º Congresso Nacional do PT ficou marcado por discursos inflamados contra a manipulação dos meios de comunicação. Alguns membros do partido criticaram a aliança do Governo com setores conservadores, chegando ao ponto de propor o afastamento do PMDB nas eleições municipais de 2012. O vice-presidente Michel Temer e o presidente do Senado, José Sarney, foram os mais recriminados. As declarações causaram incômodos por parte de alguns peemedebistas, mas Temer deixou claro que estas manifestações, consideradas “mais radicais”,⁸² acabam sendo superadas pela forte relação firmada pelos dois partidos ao longo dos últimos anos.⁸³

Além das críticas aos companheiros de governo, a criação de um novo marco regulatório para a mídia eletrônica também esteve em discussão. Em uma das passagens do texto-base para a Resolução Política, construído ao final do encontro, ressalta-se: “é urgente abrir o debate no Congresso Nacional sobre o marco regulador da comunicação social”,⁸⁴ mas, ao que tudo indica o ministro das comunicações, Paulo Bernardo (PT), não está em sintonia com as propostas apresentadas pela executiva nacional do seu partido.

As reivindicações não são novas e já poderiam estar sendo implementadas caso houvesse interesse em retomar as proposições aprovadas ainda durante a realização da 1ª Conferência Nacional de Comunicação (Confecom), em dezembro de 2009. Quase dois anos depois, após dialogar com integrantes do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC), da CUT, da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e do coletivo Intervezes, Bernardo procurou tergiversar sobre as proposições anteriormente encaminhadas ao então ministro chefe da Secretaria de

⁸¹ Em 2001 Rebelo esteve à frente da CPI aberta na Câmara dos deputados para investigar as ligações entre a CBF e a Nike, mas ela acabou sendo arquivada neste mesmo ano. NOVO ministro do Esporte reforça a independência na relação com a Fifa. **Globo.com**. Brasília, 28 out. 2011. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2011/10/novo-ministro-do-esporte-reforca-independencia-na-relacao-com-fifa.html>>. Acesso em: 28 out. 2011.

⁸² CRÍTICAS de petistas incomodam PMDB. **Estado de São Paulo**, São Paulo, 6 set. 2011. Política. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,criticas-de-petistas-incomodam-pmdb-769326,0.htm>>. Acesso em: 30 set. 2011.

⁸³ Cabe ressaltar, que, no dia do congresso petista, o vice-presidente da República participou de um concerto em homenagem aos 80 anos do deputado Paulo Maluf, em São Paulo. CRÍTICAS de petistas incomodam PMDB, op. cit.

⁸⁴ RESOLUÇÕES do 4º congresso. **Partido dos Trabalhadores**. Brasília, 4 set. 2011. Disponível em: <http://www.pt.org.br/index.php?/downloads/categoria/resolucoes_do_4_congresso>. Acesso em: 28 out. 2011. p. 15.

Comunicação Social da Presidência da República (Secom/PR), Franklin Martins.

Em consonância com essas deliberações, as quais recentemente foram reforçadas no congresso petista, os movimentos sociais ofereceram ao ministro 20 pontos de reivindicação emergenciais,⁸⁵ que já haviam sido pautados em 2009. Os pontos destacados foram colocados à disposição da sociedade civil por meio da Plataforma para um novo Marco Regulatório das Comunicações no Brasil – www.comunicacaodemocratica.org.br –, cuja proposta deve resultar na realização de uma nova consulta pública até o final de 2011. Essa investida, para supostamente receber a contribuição da sociedade na formulação do novo marco regulatório, revela o descaso do Governo com a Confecom, quando foram aprovadas mais de 600 propostas, incluindo a redefinição do marco regulatório.⁸⁶

Mesmo que esse processo não represente nenhuma ameaça para os principais conglomerados de comunicação que atuam no país, há pelo menos dois anos tem sido reforçado nos principais meios de comunicação o discurso em defesa de uma suposta “liberdade de expressão”. Os empresários da grande mídia têm procurado deixar claro para Bernardo, e este tem acatado, a discordância de criar um marco regulatório destinado ao controle social da mídia. Concordância esta que entra em contradição com as deliberações aprovadas até mesmo no congresso petista, o qual destaca, em outra passagem do texto onde constam as resoluções do Partido, que, “o jornalismo marrom de certos veículos, que às vezes chega a práticas ilegais, deve ser responsabilizado toda vez que falsear os fatos ou distorcer as informações para

⁸⁵ São eles: 1) criação de um conselho nacional de comunicação; 2) participação social na mídia; 3) separação de infraestrutura e conteúdo; 4) garantia de redes abertas e neutras; 5) universalização da banda larga; 6) apoio à tecnologia nacional; 7) regulamentação dos sistemas e fortalecimento do sistema público de comunicação, para garantir a complementaridade dos sistemas público, privado e estatal; 8) fortalecimento das rádios e TVs comunitárias; 9) democracia, transparência e pluralidade nas outorgas; 10) limite à concentração nas comunicações; 11) proibição de outorgas para políticos; 12) garantia da produção e veiculação de conteúdo nacional e regional e estímulo à programação independente; 13) promoção da diversidade étnico-racial, de gênero, de orientação sexual, de classes sociais e de crença, com garantias de espaço para a manifestação desta diversidade na comunicação social; 14) criação de mecanismos de responsabilização das mídias por violações de direitos humanos; 15) aprimoramento de mecanismos de proteção às crianças e aos adolescentes; 16) estabelecimento de normas e códigos que objetivem a diversidade de pontos de vista e o tratamento equilibrado do conteúdo jornalístico; 17) regulamentação da publicidade; 18) definição de critérios legais e de mecanismos de transparência para a publicidade oficial; 19) leitura e prática críticas para a mídia; 20) acessibilidade comunicacional na programação audiovisual. PLATAFORMA para um novo Marco Regulatório das Comunicações no Brasil. **Comunicação democrática**. Disponível em: <<http://www.comunicacaodemocratica.org.br/>>. Acesso em: 28 out. 2011.

⁸⁶ CONFECOM aprova quase 700 propostas. **Ministério das Comunicações**. Brasília, 18 dez. 2009. Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/noticias-do-site/21148-confecom-aprova-quase-700-propostas>>. Acesso em: 28 out. 2011.

caluniar, injuriar ou difamar”.⁸⁷

Na verdade, se comparado aos ministros das Comunicações que passaram pelo Governo Lula, a escolha do petista Paulo Bernardo para assumir o cargo, na atual gestão, poderia sugerir alguma mudança em relação ao período anterior, mas, na prática, isso não se concretizou. Ao tomar posse, com o foco no Plano Nacional de Banda Larga (PNBL), a presidenta Dilma Rousseff dava pistas de que iria direcionar as discussões sobre a democratização da comunicação para um campo de disputa técnico-inclusivo, o qual se limita a levar o acesso de novas tecnologias a pessoas com menor poder aquisitivo.

Estando o programa completamente desconfigurado de sua versão original, percebe-se, claramente, o incentivo à iniciativa privada, desta vez representada na figura das empresas de telecomunicações. A adesão ao PNBL por parte das operadoras Oi – na qual a Portugal Telecom possui 22,4% de participação – e Telefônica, que lidera o ranking de reclamações do Programa de Orientação e Proteção ao Consumidor (Procon), sobretudo em relação à banda larga, evidencia o modus operandi da atual administração federal, no qual procura-se beneficiar os agentes financeiros, mesmo em detrimento da qualidade do serviço prestado.

Para se ter uma idéia, em 2009, o chamado speedy sofreu tantos protestos que a empresa espanhola foi obrigada a deixar de prover o acesso à internet, após advertência da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel). O valor estipulado para a mensalidade do PNBL, fixado em R\$ 35,00 reais por uma velocidade de 1 Mbps, faz do “cidadão” mero consumidor. Com isso, a “inclusão” – tão propalada pelo Governo Lula – até pode entrar em curso, mas, a emancipação digital, está cada vez mais longe de se concretizar.

A proposta de universalização da banda larga foi apresentada durante a Confecom, contudo, a longa espera pela convocação da conferência e a adaptação das políticas de comunicação aos interesses da grande mídia – antes mesmo da aplicabilidade do PNBL – já demonstravam o tímido compromisso desempenhado pelo governo petista em responder aos anseios do conjunto da sociedade brasileira. Trata-se de uma dificuldade em romper com o papel submisso desempenhado pelo ente estatal ao longo dos anos, esquecendo, ou negligenciando, funções primordiais, como o dever de fiscalizar e controlar a atividade econômica.

⁸⁷ RESOLUÇÕES do 4º congresso, op. cit., p. 16

Entende-se que a postura do Estado deveria ser de autonomia em relação à influência dos mais diversos atores políticos, mas o constante atrelamento aos interesses do capital financeiro deixa o governo refém da iniciativa privada. Nesse sentido, acredita-se que a comunicação precisaria se reivindicar como um bem público. A reconstrução da esfera pública,⁸⁸ proposta por Habermas, leva em conta este pressuposto, ao qual se acrescenta a importância de criar um espaço cultural capaz de permitir às pessoas descobrirem coisas sobre si mesmas e sobre o mundo que as rodeia, sem submeterem-se à lógica do capital.

No entanto, é preciso levar em consideração o contexto histórico e político no qual se desenvolveu a concepção *habermasiana* de esfera pública. A mídia de então se concentrava basicamente na escrita, obtendo legitimidade através do uso eloqüente da palavra por meio de textos, absorva em grupos de filósofos e políticos. A mudança proposta por Habermas remete à base do Estado, ou seja, abandona-se o absolutismo e mergulha-se no capitalismo, o que não significa nenhum tipo de avanço estrutural, no sentido da inserção das massas na tomada de decisões; há, isso sim, uma relativização do poder real, na época centralizado na figura do rei.

De todo modo, se a idéia exposta pelo autor for direcionada à relação entre os meios de comunicação, o Estado e a sociedade civil brasileira, percebe-se a possibilidade de elevar a discussão para o campo do marco regulatório, mesmo considerando os limites impostos pela sociedade capitalista. Este espaço permite ao interesse público rivalizar com a economia de mercado, visto que a Lei n° 4.117, a qual atualmente regulamenta a comunicação no Brasil, afirma ser de competência da União, “explorar diretamente ou mediante concessão o serviço de radiodifusão sonora (regional ou nacional) e o de televisão”.⁸⁹

Dito isso, é interessante observar a afirmação de Simões e Mattos, sobre o setor midiático brasileiro e o espaço destinado às ações regulamentares, as quais deveriam impor regras para esta esfera de interesse público:

⁸⁸ Ao trabalhar este conceito, Habermas afirma que “a esfera pública pode ser entendida inicialmente como a esfera das pessoas privadas reunidas em um público; elas reivindicam esta esfera pública regulamentada pela autoridade, mas diretamente contra a própria autoridade, a fim de discutir com ela as leis gerais da troca na esfera fundamentalmente privada, mas publicamente relevante, as leis do intercâmbio, de mercadorias e do trabalho social”. HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural na esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1984. p. 42.

⁸⁹ BRASIL. Decreto-Lei n° 236, de 28 de fevereiro de 1967. Complementa e modifica a Lei número 4.117 de 27 de agosto de 1962. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 28. fev. 1969. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/Decreto-Lei/Del0236.htm>>. Acesso em: 8 ago. 2010.

A tarefa de lutar pela livre circulação de informações, através da democratização dos meios de comunicação de massa, depende da atuação política efetiva dos segmentos sociais e de sua capacidade de interferir na determinação dos marcos regulatórios que vão nortear os sistemas comunicacionais brasileiros dos próximos anos, tarefa árdua, na medida em que os negócios da mídia se internacionalizam e se tornam objeto de segmentos empresariais e de instituições financeiras internacionais que têm revelado crescente interesse em interferir nos marcos regulatórios da indústria de comunicações com interesses ligados ao grande capital privado e à difusão de sua marcante ideologia.⁹⁰

Percebe-se, portanto, que o Estado deve situar-se contra a mercantilização da esfera pública. Recorre-se a este conceito no sentido de problematizar o momento atual, onde a mídia se estabelece em um campo de atuação separado daquele onde se inserem as decisões políticas. Hoje os processos midiáticos tornaram-se mais complexos e um novo marco regulatório para o setor deveria ser tratado como prioridade pelo governo de turno, a fim de estabelecer as medidas necessárias para evitar o abuso de poder e a ingerência do mercado sobre os bens públicos.

Nessa medida, é desalentador constatar que o Governo Dilma segue pelo mesmo caminho de seu antecessor, demonstrando falta de coragem política para pautar temas como a aplicação do Conselho Nacional de Comunicação⁹¹ e o combate à concentração, que possibilita a configuração da propriedade cruzada.⁹² Segundo o Projeto Donos da Mídia, ainda hoje, 271 parlamentares são sócios ou diretores de

⁹⁰ SIMÕES, Cassiano Ferreira; MATTOS, Fernando. Elementos histórico-regulatórios da televisão brasileira. In: BRITTOS, Valério; BOLAÑO, César (Orgs.). **Rede Globo: 40 anos de hegemonia e poder**. 2. ed. São Paulo: Paulus. 2005. p. 35-55. p. 53.

⁹¹ Em dezembro de 1991 foi instituído no Brasil o Conselho de Comunicação Social, como órgão auxiliar do Congresso Nacional, na forma do artigo 224 da Constituição Federal. Esse órgão tem como atribuição a realização de estudos, pareceres, recomendações e outras solicitações que lhe forem encaminhadas pelo Congresso Nacional. Entre as deliberações do Conselho encontram-se a outorga e renovação de concessão, permissão e autorização de serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens. BRASIL. **Presidência da República**. Lei nº 8.389, de 30 de dezembro de 1991. Institui o Conselho de Comunicação Social, na forma do art. 224 da Constituição Federal e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8389.htm>. Acesso em: 7 mar. 2010.

⁹² Com isso, um mesmo grupo de mídia consegue controlar diferentes meios de comunicação. Para exemplificar tal prática pode-se tomar como referência a atuação do grupo Rede Brasil Sul (RBS) no estado de Santa Catarina. No início de 2009, o Ministério Público Federal (MPF) moveu uma ação civil contra a aquisição do jornal *A Notícia*, pela RBS alegando que o número de veículos controlados por este grupo de comunicação excedia o que está previsto em lei. A família Sirotsky é a sócia majoritária do grupo, cujo controle dos meios de comunicação, em Santa Catarina, contabiliza seis canais de televisão, quatro jornais e três emissoras de rádio. Para burlar a legislação, os grupos de mídia hegemônicos registram seus afiliados em nome de diferentes pessoas da mesma família, impossibilitando a verificação de que está sendo ultrapassado o limite estabelecido por lei. Segundo a Procuradoria-Geral da República, tal procedimento é realizado com a conivência do Ministério das Comunicações. Ver reportagem: MPF entra com ação contra oligopólio do Grupo RBS em SC. **Universo Online (UOL)**, São Paulo, 11 jan. 2009. Disponível em: <<http://ultimainstancia.uol.com.br/noticia/60977.shtml>>. Acesso em: 8 ago. 2010.

324 veículos de comunicação no Brasil.⁹³ A metodologia empregada na realização do estudo consiste em cruzar os dados da Anatel com a lista de prefeitos, governadores, deputados e senadores brasileiros para detectar quais são os proprietários de veículo de comunicação que exercem cargos públicos, estando com o mandato em vigor.

Apenas com a efetiva mobilização da sociedade civil pode-se modificar este quadro. Pautas como a participação social no controle da mídia, a universalização da banda larga e a complementaridade do sistema público de comunicação – assegurando a equidade entre os sistemas público, privado e estatal –, só serão concretizadas caso a pressão exercida pelos movimentos que lutam pela democratização da comunicação ultrapasse o limite da representatividade. Sem o exercício da ação direta, o governo fica livre para evadir sobre estas questões.

1.3. Sociedade civil: o sindicato como aparelho privado de hegemonia

Conforme enfatiza Portelli, “a sociedade civil é um conjunto complexo: seu campo é muito extenso, e sua vocação para dirigir todo o bloco histórico implica uma adaptação de seu conteúdo, segundo as categorias sociais que atinge”.⁹⁴ Assim sendo, ela pode ser pensada sob três aspectos: como ideologia da classe dirigente, como concepção de mundo e como direção ideológica da sociedade.⁹⁵ Em conformidade com esta perspectiva, de matriz gramsciana, o presente estudo considera que apenas o conjunto de organizações sociais ditas privadas pode formular alternativas, sobretudo em âmbito midiático, para se contrapor às classes dominantes. São, em suma, aparelhos privados de hegemonia, entre os quais se encontram os sindicatos.⁹⁶

Contudo, o conceito de sociedade civil abrange, pelo menos, outras três vertentes teóricas que merecem destaque: a neotocquevilliana, a neoliberal e a habermasiana. Ainda no século XIX, Alexis de Tocqueville empenhou-se em pensar a relação estabelecida entre a democracia da época e a sociedade civil dos Estados Unidos, pois havia uma propensão dos norte-americanos à associação cívica, “propensão esta que seria, para Tocqueville, o fator fundamental para o funcionamento da democracia estadunidense”.⁹⁷

⁹³ DONOS DA MÍDIA. **Projeto Donos da Mídia**. Disponível em: <<http://donosdamidia.com.br/levantamento/politicos>> Acesso em: 1 out. 2011.

⁹⁴ PORTELLI, Hugues. **Gramsci e o bloco histórico**. São Paulo: Paz e Terra, 1987. p. 22.

⁹⁵ PORTELLI, Hugues, op. cit.

⁹⁶ De acordo com Domingues, “eles podem tanto desempenhar papéis cruciais para a construção de alternativas revolucionárias, como podem ser liderados por burocracias para apoiar a ordem conservadora. DOMINGUES, Sérgio, op. cit., p. 141.

⁹⁷ RAMOS, Leonardo César Souza. **A sociedade civil em tempos de globalização: uma perspectiva**

Nessa direção, Ramos destaca:

para os neotocquevillianos, a força e a estabilidade das democracias liberais depende, necessariamente, de uma esfera de participação associacional ativa e pujante. Neste sentido, tais autores concebem a sociedade civil como um local habitado por organizações de associação livre, da qual o cidadão possa participar de acordo com seus interesses privados, vinculando-se com outros por intermédio da ajuda mútua. A sociedade civil é vista de uma forma “espontaneísta”, na qual grupos e associações voluntárias afluam. Além disso, ela também é vista de uma maneira deveras positiva na medida em que é composta por associações voluntárias e livres que contribuem para a estabilidade da democracia liberal.⁹⁸

É importante dizer que, em sua acepção histórica, o conceito de sociedade civil tinha o mesmo significado de Estado, ou seja, era utilizado para fazer oposição ao estado de natureza. Na contemporaneidade, com a apropriação neoliberal sobre o termo, ela muda sua direção e passa a ser vista em oposição ao Estado.⁹⁹ De acordo com Dagnino, essa re-significação do conceito, no Brasil, está ligada a eleição de Fernando Collor de Melo, em 1989: neste período, “há a emergência de um Estado mínimo que se isenta progressivamente de seu papel de garantidor de direitos, através do encolhimento de suas responsabilidades sociais e sua transferência para a sociedade civil”.¹⁰⁰

Em contrariedade a esta formulação teórica e diferente do que propõe a tradição marxista ortodoxa, a teoria da ação comunicativa de Habermas retira a ênfase que esta última dá ao trabalho – como força motora da evolução social – e a coloca na linguagem. Para Iarozinski, “Habermas trata das condições onde os sujeitos a partir de uma situação ideal de fala, buscam resolver seus impasses utilizando-se do discurso argumentativo, onde livre de coerções permite-se chegar a um entendimento e de suscitar o consenso”.¹⁰¹ Em última análise, trata-se de uma proposição ideal sobre a ação comunicativa, visando o entendimento mútuo.

Essa contribuição é importante para se pensar a dinâmica com a qual o conceito em questão extrapola todo o manancial teórico e metodológico subjacente, adaptando-se a espaços específicos de interpretação contemporâneos. No entanto, a

neogramsciana. 2005. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Instituto de Relações Internacionais, Rio do Janeiro. p. 83.

⁹⁸ RAMOS, Leonardo César Souza, op. cit., p. 85.

⁹⁹ Ibid.

¹⁰⁰ DAGNINO, Evelina. Confluência perversa, deslocamentos de sentido, crise discursiva. In: Alejandro Grimson (Org.). **La cultura em las crisis latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2004. p. 195-216.

¹⁰¹ IAROZINSKI, Maristela Heidemann. **Contribuições da teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas para a educação tecnológica**. Dissertação (Mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, Curitiba, p. 14.

sociedade civil, da forma como está sendo aqui trabalhada, reivindica sua aplicabilidade enquanto uma das esferas principais do Estado, tencionando diferenciar-se da sociedade política, ou seja, dos aparatos com os quais a classe dominante impõe ao conjunto social de forma coercitiva o monopólio legal da repressão e violência.

O conceito empregado por Gramsci em sua análise da sociedade civil é semelhante à idéia de sociedade trabalhada por Marx, na *Crítica ao Programa de Gotha*.¹⁰² Seguindo o caminho traçado por Marx, Gramsci problematizou os movimentos decorrentes da sociedade civil para além das relações econômicas, passando a interpretá-la como a maior parte da superestrutura. Marx e, posteriormente Gramsci, denunciaram a opressão das classes dominantes através da influência e do poder exercidos sobre as massas, caminhando em sentido oposto ao de Hegel, o qual considerava apenas o trabalho dos homens sobre a natureza e não o trabalho dos homens sobre os homens.

Na visão de Marx e Engels, toda forma de troca simbólica, condicionada pelas forças de produção existentes, e que, por sua vez, as condiciona, pode ser chamada de sociedade civil:

é a verdadeira fonte, o verdadeiro palco da história, e como é absurda a concepção histórica anterior que omitia as relações reais, limitando-se às ações grandiosas dos príncipes e dos Estados. A sociedade civil abrange toda troca material dos indivíduos dentro de uma determinada fase de desenvolvimento das forças produtivas.¹⁰³

O foco da análise marxista recai sobre as relações de produção, considerando a questão econômica como fator decisivo na compreensão do processo dialético que se estabelece entre a sociedade civil e o Estado. Gramsci, contudo, enfatiza o papel da superestrutura no domínio das massas, revelando que a hegemonia burguesa aliada aos campos político, jurídico e ideológico coloca a massa na ignorância e impede o processo de autoconsciência.

Para este último, existem dois níveis superestruturais: o da sociedade civil, que é representada por organismos vulgarmente chamados de privados, e outro identificado como sendo a sociedade política, ou melhor, o Estado em sentido restrito. O primeiro nível corresponde à função da hegemonia, exercida pelo grupo dominante junto à sociedade. Já o segundo, se estabelece através de uma dominação

¹⁰² PORTELLI, Hugues, op. cit.

¹⁰³ MARX, Karl; ENGELS, Friederich, op. cit., p. 63.

direta, ou ainda, pela autoridade praticada por meio do Estado e do governo jurídico.¹⁰⁴

Conforme explica Moraes:

Gramsci supera o conceito de Estado como sociedade política (ou aparelho coercitivo que visa adequar as massas às relações de produção). Ele distingue duas esferas no interior das superestruturas. Uma delas é representada pela sociedade política, conjunto de mecanismos através dos quais a classe dominante detém o monopólio legal da repressão e da violência, e que se identifica com os aparelhos de coerção sob controle dos grupos burocráticos ligados às forças armadas e policiais e à aplicação das leis. A outra é a sociedade civil, que designa o conjunto das instituições responsáveis pela elaboração e/ou difusão de valores simbólicos e de ideologias, compreendendo o sistema escolar, os partidos políticos, as corporações profissionais, os sindicatos, os meios de comunicação, as instituições de caráter científico e cultural.¹⁰⁵

Ao considerar, além da economia, outras dimensões que envolvem as relações de produção predeterminadas pelo sistema capitalista, Gramsci propõe a existência de um Estado Ampliado. A absorção da sociedade política (Estado-coerção) pela sociedade civil, que atua através dos aparelhos privados de hegemonia, engendra a superação deste último na conformação de um Estado-ético. Tal perspectiva revela como o Estado opera em favor da classe dominante, pois a ação política está condicionada à existência de governantes e governados, de uma classe dirigente.¹⁰⁶

Este é, portanto, um espaço de correlação de forças, onde a hegemonia está em constante disputa, pois as relações sociais podem tanto ser mantidas de acordo com os interesses dominantes, quanto serem transformadas em prol do projeto político dos grupos sociais excluídos. Nesse sentido, entende-se que, no Brasil, o conceito de sociedade civil deve ser repensado levando em consideração o movimento histórico-político que deu sentido ao termo.¹⁰⁷ Com a infra-estrutura gerada durante o regime militar privilegiou-se a elite que esteve sempre vinculada ao Exército e ao poder econômico em geral e, desta forma, suprimiu-se a participação social nos meios de comunicação, o que é denunciado como um duro golpe à democracia.

Para Ramos, o movimento social nascido em oposição aos regimes ditatoriais,

¹⁰⁴ PORTELLI, Hugues, op. cit.

¹⁰⁵ MORAES, Dênis de, op. cit., p. 19, 20, grifo próprio.

¹⁰⁶ RÊGO, João. Reflexões sobre A Teoria Ampliada do Estado em Gramsci. **Fundação Joaquim Nabuco**. Artigos. Recife, 5 abr. 1991. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/docs/inpsocpoli/JRego/TextosCPolitica/Artigos/Gramsci/gramsci.htm>>. Acesso em: 27 set. 2011.

¹⁰⁷ RAMOS, Murilo César. Sobre a importância de repensar e renovar a idéia de sociedade civil. In: RAMOS, Murilo César; SANTOS, Suzy dos (Orgs.). **Políticas de comunicação: buscas teóricas e práticas**. São Paulo: Paulus, 2007. p. 18-46.

tanto no Estado Novo, como, em maior escala, durante a ditadura militar, foram determinantes para que as organizações populares dessem tessitura ao que se convencionou chamar de sociedade civil:

um movimento social integrado por sindicatos, em particular, de jornalistas; por associações estudantis e profissionais; por partidos políticos; por lideranças individuais desses diversos setores, em geral identificados por posições de esquerda e centro-esquerda, que iam da social-democracia a correntes socialistas moderadas, além de correntes comunistas, em particular as de corte marxista-leninistas e trotskistas.¹⁰⁸

No caso das organizações sindicais, existe uma possibilidade de disputa interna entre a própria classe trabalhadora, podendo resultar em uma postura crítica sobre a forma de atuação do governo. Esta relação acaba por determinar o modo de ser do movimento sindical e suas conseqüências. Se a pretensão for meramente institucional, burocrática e individualista perde-se a oportunidade de exercitar o contraditório, mas, se por outro lado, a postura for de insubmissão às forças dominantes, a tendência é a incursão do discurso contra-hegemônico no seio destas organizações sociais.

1.4. Rediscutindo conceitos: popular, comunitário e alternativo

Toda discussão envolvendo a acepção de conceitos ainda pouco consensuais como popular, alternativo e comunitário passa, inevitavelmente, pela definição de, pelo menos, outros dois termos: cultura de massa e cultura popular. Na verdade, destas duas formas de trabalhar a produção simbólica pode emergir uma terceira, chamada de cultura operária. Esta, por sua vez, só representa uma experiência de existência concreta quando se manifesta por meio do conhecimento e para a ação efetiva dos sujeitos envolvidos no processo criativo.

Ao fazer referência à cultura operária e questionar se esta não equivale à cultura popular, Bossi observa:

se existe uma cultura operária específica, ainda que por um lapso de tempo, ela nos parece dirigida para o conhecimento e a ação, e não para evasão. Fazem parte dela os órgãos recreativos ou de festas de solidariedade na medida em que exprimem a consciência de classe. Conservando resíduos artesanais, rurais, ou populares indistintamente, ela é sempre engajada quando se corporifica em algum lugar ou tempo. E mais: sendo um fermento na massa, empresta um sabor característico àquela cultura popular em que ela pode ter expansão. Confere um travo diferente (talvez por sua vinculação aos valores de uso) que sentimos nas ações onde a classe operária é uma força atuante. Ela é a única cultura que se realiza na militância, ou se atrofia; e que é sempre engajada, ou não é, quer dizer, não existe.¹⁰⁹

¹⁰⁸ RAMOS, Murilo César, op. cit., p. 20, grifo próprio.

¹⁰⁹ BOSSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 211.

Trata-se de uma expressão popular personificada através da luta de classes e capaz de se manifestar por meio da ação coletiva do operariado consciente, isto é, aqueles trabalhadores capazes de compreender o seu papel de protagonista nos eventos sociais e políticos, mas também nas expressões artísticas e regionais que confluem para ação cultural militante.

A comemoração do Dia do Trabalhador,¹¹⁰ por exemplo, pode ilustrar um pouco essa situação. Quando as organizações da sociedade civil promovem eventos culturais em espaços de grande aglomeração pública, para marcar a passagem do 1º de maio, pode-se concomitantemente entoar palavras de ordem e contrapor-se à expressão dada pela cultura de massa a esta data. Em sua ênfase clássica, o Dia do Trabalhador, principal comemoração operária, foi ressignificado pela indústria cultural como Dia do Trabalho, tingindo-o de cores ideológicas opostas a sua origem.¹¹¹

Segundo Gomes, “no desenvolvimento histórico da reflexão sobre o termo massa está implícita a atribuição a essa categoria social de certa responsabilidade pelo surgimento de determinadas características do sistema social e cultural global”.¹¹² Nas décadas de 1970 e 1980, discutia-se a independência dos sistemas de comunicação, fato evidenciado principalmente com o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, e também, com o surgimento da Organização das Nações Unidas (ONU). Estava em voga a idéia de manter a paz entre os povos e, para isso, pretendia-se expandir o controle da comunicação a nível internacional, partindo da nova organização mundial da época, ou seja, a união entre os Estados Unidos e a Europa Ocidental e a concorrência com os países europeus que compunham a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

¹¹⁰ Esta data tem origem no século XIX. Na época, a cidade de Chicago era considerada o principal centro industrial dos Estados Unidos e, por conseguinte, reunia um grande número de operários. No dia 1º de maio de 1886, os trabalhadores organizaram uma greve geral de grande expressão, reivindicando melhores condições de trabalho e exigindo a redução da jornada de 13 para 8 horas diárias. Com a repressão por parte do governo, muitos trabalhadores ficaram feridos e alguns foram mortos. Em memória aos mártires de Chicago, em 1889, por iniciativa da Segunda Internacional Socialista, que estava reunida em Paris, decidiu-se marcar o acontecimento instituindo essa data como o Dia Internacional dos Trabalhadores. No Brasil, apenas em setembro de 1924, por um decreto do presidente Artur Bernardes, instituiu-se feriado nacional em referência ao Dia do Trabalhador.

¹¹¹ A expressão máxima deixa de ser a força social e recai sobre ela a força de trabalho, integrando-a à máquina capitalista. É assim que esta data, massificada pela cultura dominante, refere-se ao dia 1º de maio como o Dia do Trabalho, dando destaque à produção das mercadorias como o motivo central da comemoração, e não à força operária, responsável pelo seu sucesso ou fracasso.

¹¹² GOMES, Pedro Gilberto. **Tópicos de teoria da comunicação**. 2. ed. São Leopoldo: Unisinos, 2004. p. 56.

Era, sobretudo, uma disputa forjada a partir de questões que envolviam o livre fluxo de comunicação, sendo a cultura parte instrumental para a conquista de novos espaços geográficos. Em 1984 e 1985, Estados Unidos e Inglaterra, respectivamente, abandonaram a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). A medida foi adotada em tom de repulsa à formulação do Relatório MacBride, no qual se recomendava a institucionalização de políticas públicas capazes de reduzir o domínio midiático exercido pelos norte-americanos sobre os países terceiro-mundistas.¹¹³

Neste interstício, a UNESCO foi descredenciada a opinar sobre qualquer problema referente às políticas de comunicação adotadas em qualquer parte do mundo e o senegalês Amadou-Mahtar M´Bow, secretário-geral da organização, acaba sendo retirado de cena.

De acordo com Brittos e Benevenuto Júnior, nesse ambiente formulou-se a Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação (Nomic):

um protocolo produzido pelos países não-alinhados, que afirmou a impossibilidade de haver independência econômica sem a independência cultural e que o imperialismo podia existir tanto em assuntos de cultura e comunicação, como na economia e na política. O tom desse debate sustentou inúmeras ações de comunicação popular e alternativa que ocorreram na América Latina, durante as décadas de 1970 e 1980, cobrando das investigações articular propostas de uma comunicação horizontal, dialógica, promotora da cultura e da educação, envolvida com os movimentos sociais.¹¹⁴

Nesse período, os movimentos sociais passaram a se apropriar cada vez mais das tecnologias de comunicação e, por consequência, mobilizaram-se para dialogar com públicos específicos, contrapondo-se, de alguma forma, à ordem estabelecida. Com isso, intensificou-se a atuação de movimentos ecológicos, feministas e pacifistas, os quais, de acordo com Downing, “representam um novo estágio qualitativo na cultura política contemporânea, com características profundamente diferentes daquelas dos primeiros movimentos sociais, principalmente do movimento operário”.¹¹⁵

No entanto, a dupla jornada de trabalho feminina e a poluição de ambientes

¹¹³ MARQUES DE MELO, José. MacBride, a NOMIC e a participação latino-americana na concepção de teses sobre a democratização da comunicação. **LOGOS 28** - Globalização e comunicação internacional, n. 15, p. 42-59, 1º sem. 2008.

¹¹⁴ BRITTOS, Valério Cruz; BENEVENUTO JR., Álvaro. Comunicação dominante e alternativa: notas para uma análise a partir da Economia Política. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, n.45, p. 117-134, 2006. p. 128.

¹¹⁵ DOWNING, John. **Mídia Radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Editora Senac, 2002. p. 56, 57.

públicos destinados à socialização do descanso fizeram confluir algumas das pautas de reivindicação dos movimentos sociais. Embora muito se fale que a maioria das entidades sindicais incorporou a lógica da cultura massificada e já não se encontra em condições de aprofundar a discussão sobre as imposições da cultura hegemônica na vida dos trabalhadores, destaca-se o atravessamento entre as formas simbólicas de expressão da vida social, cultural e política.

Evidentemente, elas atingem níveis diversos de enfrentamento ou conformidade, dependendo do contexto em que estão inseridas. Se a cultura de massas “não tem raízes na vivência cotidiana do homem da rua”, conforme destaca Bossi,¹¹⁶ por outro lado, a cultura popular, envolve-se, inevitavelmente, com a cultura de massa. Para Downing, “a cultura popular é a matriz genérica da mídia radical alternativa”,¹¹⁷ no entanto, “ela também se entrelaça com a cultura de massas comercializada e com as culturas de oposição”.¹¹⁸

Deste modo, é preciso identificar se as produções simbólicas que emergem da cultura popular estão, de fato, contrapondo-se às classes dominantes. Na visão de Downing, “devemos falar de culturas populares, no plural”,¹¹⁹ o que demonstra uma diversidade de aplicação prática do conceito. O autor afirma que “estas não são, necessariamente de oposição ou construtivas”, pois, “as culturas de oposição também se entrelaçam às culturas de massa e populares”.¹²⁰

Hoje em dia, a linha tênue que separa o trabalhador do consumidor e o espaço de luta do ambiente consensual defronta-se com um desafio de ordem prática, diagnosticado na inter-relação existente entre cultura de massa, popular e operária, considerando, também, suas reformulações em âmbito digital. Sendo assim, aponta-se, em conformidade com Kucinski, que o significado essencial do radical alternativo remete inevitavelmente “a algo que não está ligado a políticas dominantes”,¹²¹ pois o termo relaciona-se a “uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes” e, por isso, tudo que se pretende alternativo, apresentar-se-ia como única saída para uma situação difícil.¹²²

Mesmo que as manifestações contra-hegemônicas estejam mais propícias a se

¹¹⁶ BOSSI, Ecléa, op. cit., p. 95.

¹¹⁷ DOWNING, John, op. cit. p. 41.

¹¹⁸ DOWNING, John, op. cit. p. 41.

¹¹⁹ Ibid., p. 33.

¹²⁰ DOWNING, John, op. cit. p. 33.

¹²¹ KUCINSKI, Bernardo, op. cit., p. 13

¹²² Ibid., p. 13.

materializarem em mídias educativas ou comunitárias, as quais se configuram em espaços de permanente disputa, a mobilização social para o empoderamento da mídia alternativa, sobretudo no que tange a prática comunitária, “requer muito mais que disponibilizar espaços nos programas, convidar vagamente as entidades para participarem e até mesmo criticá-las pelo baixo nível de envolvimento”.¹²³

Contudo, equivocadamente, costuma-se congregiar todas as experiências comunitárias e educativas ao bojo das produções alternativas, o que nem sempre condiz com a realidade da cultura que está sendo incorporada. A maioria apenas reproduz a lógica dominante, sem oferecer espaços suficientemente capazes para transformar a expressão da cultura popular em discurso contra-hegemônico.

1.5. Cidadania como instrumento de luta

Na contemporaneidade, o ambiente proposto à produção audiovisual é construído por meio da convergência midiática, processo responsável pela digitalização dos conteúdos de áudio e vídeo, os quais circulam por diversas plataformas e têm acirrado o debate sobre o potencial alternativo das ferramentas interativas disponíveis na internet. Alguns celulares, por exemplo, já possuem a capacidade de captar imagens, armazenar conteúdos e serem receptores de programas televisivos. Com isso, televisão, telefonia e internet estão em constante ajuste, inclusive em relação às determinações legais.

Em meio a esse cenário, onde ocorre a Terceira Revolução Industrial, emerge a genealogia da sociedade da informação, a qual, em suma, representa a intensificação do processo de liberalização econômica e a construção de um sistema global comercial. Tal fenômeno ampara-se na associação mecânica entre progresso, bem-estar social e ausência de conflitos, bem como pressupõe o paradigma positivista.¹²⁴ Para Soros, este regime resulta da transformação do capitalismo em sistema global e surge com o desenvolvimento dos mercados financeiros internacionais, “quando o fundamentalismo de mercado tornou-se credo dominante no centro”.¹²⁵ Ele afirma, ainda, que esse processo amplia-se a partir da década de 1980, “quando Margareth Thatcher e Ronald Reagan assumiram o poder com

¹²³ PERUZZO, Cicilia. **Televisão comunitária: dimensão pública e participação cidadã na mídia local**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 124.

¹²⁴ BECERRA, Martín, **Sociedad de la información: proyecto, convergencia, divergencia**. Buenos Aires: Norma, 2003.

¹²⁵ SOROS, George. **A crise do capitalismo global: os perigos da sociedade globalizada**. Rio de Janeiro: Campus, 2001. p. 177.

programas visando eliminar a intervenção do Estado na economia e permitir a atuação de mecanismos de mercado”.¹²⁶

No Brasil, ao final do referido decênio:

a derrota da candidatura apoiada pelo “novo sindicalismo”, nas eleições presidenciais de 1989, significou, em última instância, a derrota do sindicalismo classista, de massas, e de confronto – e, por conseguinte, a derrota política da prática sindical “obreirista” – seja ela de caráter social-democrata ou socialista. É o seu revés que contribuirá para impulsionar, sob a era neo-liberal, uma nova ofensiva do capital na produção. Sob o novo complexo de reestruturação produtiva, num cenário de desemprego de massa e recessão da economia brasileira, imposta pela política neoliberal, tornar-se-iam claros os limites estruturais da prática sindical de confronto.¹²⁷

Se a mudança de paradigma na luta sindical for pensada à luz de uma confluência perversa, pode-se evidenciar os deslizamentos de sentido identificados em conceitos como participação e cidadania, muito utilizados sob o paradigma da convergência digital. Segundo Dagnino, “a utilização dessas referências, que são comuns, mas abrigam significados muito distintos, instala o que se pode chamar de crise discursiva”.¹²⁸

Ao evocar a participação do público e promover espaços de interatividade em ambiente virtual – como ocorre, por exemplo, através do *site* da TVT –, os operários do ABC paulista podem estar apenas recorrendo a instrumentos já apropriados pela concepção neoliberal, sem necessariamente romper com a cultura de massa. Assim, torna-se importante esclarecer o uso indiscriminado do termo cidadania, principalmente ao aplicá-lo às práticas de grupos sociais na internet.

Tal movimento costuma ser executado quando se quer evidenciar uma atuação socialmente justa, diversificada e participativa, com a qual supostamente operam a maioria das experiências midiáticas no mundo digital. Contudo, ressalta-se que a noção de cidadania é empregada tanto pelas iniciativas hegemônicas, quanto pelas não-hegemônicas, sendo necessário relativizar as experiências concretas e fazer uso de referenciais teóricos capazes de superar a concepção liberal, pois esta hegemoniza a utilização indiscriminada do conceito de cidadania.

Para Cortina, “o liberalismo político, por sua vez, declara sua natureza de doutrina política unicamente interessada pelo cidadão, não pelo homem, e entende

¹²⁶ SOROS, George, op. cit., p. 176, 177.

¹²⁷ ALVES, Giovanni. Do “novo sindicalismo” à “concertação social.” ascensão (e crise) do sindicalismo no Brasil (1978-1998). **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 15, p. 111-124, nov. 2000. p. 116, 117.

¹²⁸ DAGNINO, Evelina, op. cit., p. 198.

que deve se comprometer na defesa da concepção da justiça”.¹²⁹ Idéia muito vaga, já que, esconde a verdade, apresenta uma visão meramente política e exclui do campo de análise uma mirada mais ampla, a qual deve levar em conta o cidadão civil e econômico.

Na opinião de Dagnino:

alguns ressuscitam a concepção liberal tradicional de cidadania, outros são inovadores e contemplam elementos novos das configurações sociais e políticas da contemporaneidade. Em primeiro lugar, de novo, eles reduzem o significado coletivo da redefinição de cidadania anteriormente empreendida pelos movimentos sociais a um entendimento estritamente individualista dessa noção. Segundo, se estabelece uma sedutora conexão entre cidadania e mercado. Tornar-se cidadão passa a significar a integração individual ao mercado, como consumidor e como produtor.¹³⁰

Entende-se que é a partir dos usos e apropriações das novas tecnologias, em sentido oposto à matriz neoliberal, que os operários do ABC paulista podem contrapor-se a esse movimento de massificação da idéia de cidadania. Por meio de ações que assegurem, acima de tudo, a identidade da classe trabalhadora, é possível promover mais do que a simples adesão aos princípios da sociedade da informação. Os preceitos básicos da cidadania comunicativa, como liberdade de expressão, direito à informação e interesse público,¹³¹ assinalam para a probabilidade de articulação global das demandas da luta operária, já que, em certa medida, são expressões encontradas na pauta de reivindicações do movimento obreiro como um todo.

Ao passo em que se preocupa em limitar a ação do Estado, assegurando a liberdade dos sujeitos políticos, a cidadania comunicativa está interessada também em coibir a livre regulação do mercado, que opera em detrimento dos interesses classistas.¹³² Esse processo encontra-se imbricado com os referenciais identitários dos grupos sociais e, nesse sentido, pode-se inferir que a ação comunicativa proposta pelos trabalhadores do ABC, sobretudo através da circulação dos conteúdos audiovisuais via *web* e dos canais disponíveis para a participação do público, podem promover um ambiente de reconhecimento mútuo e de colaboração, ou ainda, de co-produção associativa.¹³³

¹²⁹ CORTINA, Adela. **Cidadão do mundo**: para uma teoria da cidadania. São Paulo: Loyola, 2005. p. 23.

¹³⁰ DAGNINO, Evelina, op. cit., p. 209.

¹³¹ MATA, Maria Cristina. Comunicación y ciudadanía. Problemas teórico-políticos de su articulación. **Revista Fronteiras** – estudos midiáticos, São Leopoldo, v. 8, n. 1, p. 5-15. jan./abr. 2006.

¹³² MATA, Maria Cristina, op. cit.

¹³³ Após serem transmitidas ao vivo todas as produções próprias ficam armazenadas no *site* da TVT,

Assegurar para além da interatividade a livre manifestação de pensamento, mesmo que esta venha a se opor ao governo de turno, o qual se identifica com a história da emissora, é promover o exercício da cidadania em meio à complexidade da convergência de mídias e da própria conjuntura política nacional. Ao imbuir-se desse pensamento cívico-classista, entende-se que é possível expandir as bandeiras de luta dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, entrando em sintonia com movimentos de globalização contra-hegemônicos.

Para Santos, estes movimentos surgem de “iniciativas populares de organizações locais, articuladas com redes de solidariedade transnacional”.¹³⁴ Os espaços virtuais disponíveis no *site* da TVT carregam, em si, a capacidade de fomentar o debate político e classista em âmbito global, pois partem de uma iniciativa localizada que possui em sua gênese a potencialidade de abertura destas ferramentas à participação de novos atores sociais, sujeitos estes excluídos pela globalização hegemônica.

Nesse sentido, é preciso deixar claro que a comunicação cidadã pode estar inserida nos espaços de domínio da comunicação alternativa, mas não representa, por si só, a mesma coisa que esta última. Já a comunicação oriunda dos movimentos sociais é entendida aqui como um local de manifestação da cultura popular, a qual, em dada medida, apresenta-se também através da cultura operária e, por consequência, é a expressão comunicativa do grupo social ou comunidade que visa representar. Contudo, esta comunidade pode ser pensada tanto na perspectiva local (por meio da ação de sindicatos e associações de moradores), quanto global (na articulação de projetos de globalização contra-hegemônicos através da criação de redes).

Pode-se dizer que a comunicação alternativa abrange estas expressões, sem, no entanto, apresentar-se de forma genérica e, portanto, a comunicação cidadã só

sendo facilmente acessadas na aba “Repórter Cidadão”. Assim, permite-se que os internautas deixem comentários sobre cada um dos programas, classificando-os com sinais de positivo ou negativo. A interatividade pode ocorrer também durante as programações ao vivo, bastando, para isso, clicar no link “participe ao vivo”, momento no qual o usuário é redirecionado para uma tela que permite o envio de mensagens. Mas os espaços que mais chamam a atenção, sob o ponto de vista do potencial que possuem para a ampliação da luta operária, são os links destinados às redes sociais e ao envio de audiovisuais. Para fazer uso deste último, basta possuir uma *web cam* acoplada no computador e informar respectivamente: nome, *e-mail* e título, com uma breve descrição de conteúdo. Na seqüência, deve-se destinar a produção audiovisual à TVT, escolhendo entre as opções: “gravar com *WebCam*” ou “*Upload* de vídeo”.

¹³⁴ SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 195.

estará contida nesta definição caso se enquadre na perspectiva da cidadania comunicativa. Assim sendo, evidencia-se que a comunicação alternativa é entendida como toda expressão midiática da cultura popular e operária, em nível local e global, produzida, ou não, por organizações sindicais, capaz de distanciar-se tanto do Estado quanto do mercado, não apenas para viabilizar-se economicamente, mas também para conceber, produzir e distribuir os bens simbólicos originados em caráter independente e coletivo.

Mesmo que a Constituição trate o acesso e a produção de bens culturais como direitos básicos do cidadão, a forma como se estrutura o mercado de mídia no Brasil faz com que a informação torne-se um mero produto à venda nas prateleiras da indústria da cultura. Fígaro explica que é deste lugar que as empresas de mídia produzem suas falas, ou melhor, seus produtos midiáticos:

Quando se colocam estes problemas para serem tratados a partir da atividade dos diferentes sujeitos envolvidos, elucidam-se os valores e as escolhas que deram origem aos resultados (os produtos culturais, distribuição, circulação). Aparecem quais pólos de valores são hegemônicos e se colocam as possibilidades de se escolher reorientá-los. Esse diálogo é difícil, conflituoso e traz para as organizações e aos movimentos sociais o desafio e a responsabilidade do questionamento para propostas e a participação efetiva dos diferentes envolvidos na atividade ou relacionados a ela.¹³⁵

Nesse sentido, leva-se em conta aspectos como: viabilidade de recursos para manutenção de um canal alternativo, produção de conteúdos próprios, capacidade e qualidade técnica, acesso e participação dos movimentos sociais na montagem dos conteúdos e capacitação de lideranças locais, as quais, não devem, necessariamente, estar ligadas à base da organização. Para tornar-se apto a desempenhar um projeto de comunicação popular e, ao mesmo tempo, alternativo, – cujas bases sociais apontem para a constituição de espaços democráticos de produção audiovisual contra-hegemônica – necessita-se levar em consideração de onde provem os auxílios pecuniários para tornar possível esta empreitada.

Conforme relata Peruzzo:

as emissoras educativas, diante da escassez de recursos provenientes das verbas dos governos estaduais, vêm se valendo de mecanismos legais para consumir a inserção de *breaks* comerciais. A situação ficou mais clara em 2005 através do decreto 5.396, de 21 de março, publicado no Diário Oficial da União do dia 13 de março de 2005, que regulamenta o artigo 19 da Lei 9.637/98 e autoriza as organizações sociais que exercem atividades de rádio e televisão educativa a receber recursos e veicular publicidade

¹³⁵ FÍGARO, Roseli. Atividade de Comunicação e Trabalho. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**, v. 6 n. 1, p. 107-145, mar./jun. 2008. p. 137.

institucional de entidades de direito público ou privado a título de apoio cultural à organização social, seus programas, eventos ou projetos e a patrocínios de programas, eventos e projetos.¹³⁶

No caso das TVs abertas, as quais recebem uma concessão pública para operar em faixas específicas de transmissão, a manutenção geralmente se constrói através da iniciativa privada, em forma de anúncios publicitários e espaços de inserção durante a programação diária das emissoras. Os preços variam de acordo com o horário e a audiência do canal; assim, a abrangência torna-se uma peça chave na engrenagem da máquina que gera recursos para a emissora. Em relação à TVT, o formato de apoio cultural é o único permitido, já que se trata de um canal educativo. Sendo assim, ao menos por enquanto, os recursos necessários para manter a emissora no ar vêm diretamente da Fundação Sociedade Comunicação, Cultura e Trabalho, atual subsidiária do canal 46-UHF de Mogi.¹³⁷

Na avaliação de Leal Filho:

o ideal, ainda do ponto de vista do financiamento, é que as emissoras não-comerciais sejam mantidas com recursos de diversas fontes, simultaneamente. Tal procedimento serviria como uma defesa dos problemas que podem advir quando se tem apenas um financiador. Em determinados momentos, ele pode se valer da situação para impor os seus interesses aos do público telespectador. Cabe ao Estado, no entanto, a participação constante e significativa no financiamento para dar viabilidade e permanência ao projeto e para cumprir sua responsabilidade com a difusão da informação e da cultura.¹³⁸

Enquanto partícipe no financiamento, ao mesmo tempo em que o Estado cumpre sua vocação histórica e seu papel institucional, não se limita a ser a única fonte de recursos para o subsídio desses canais. No entanto, é preciso ficar bem claro o seu papel neste processo. Pensando especificamente na TVT, a proximidade dos mantenedores do canal com o governo de turno pode levar à derrocada do projeto alternativo contra-hegemônico, caso não sejam conquistadas outras fontes de financiamento para sua manutenção, além do Estado e do Sindicato.

Embora os canais educativos e comunitários sejam considerados mídias

¹³⁶ PERUZZO, Círcia, op. cit., p. 62,63.

¹³⁷ Conforme aponta o *site* da entidade, o investimento inicial na compra de equipamentos foi de R\$ 1 milhão e o custo mensal da programação é estimado em R\$ 400 mil. O Sindicato fez um aporte financeiro de R\$ 15 milhões com recursos próprios (aprovado em assembleia em 2007) na conta da Fundação, para poder se habilitar legalmente à concessão. Atualmente, o Sindicato está buscando apoios culturais e novos parceiros para a manutenção do projeto. TV DOS TRABALHADORES. **Quem somos.** Disponível em: <http://www.tvt.org.br/portal/conteudo_site.php?id_con=1>. Acesso em: 20 mar. 2011.

¹³⁸ LEAL FILHO, Laurindo Lalo. A televisão pública brasileira, um vazio histórico. In: HAUSSEN, Doris Fagundes; BRITTOS, Valério (Orgs.). **Economia Política, Comunicação e Cultura:** aportes teóricos e temas emergentes na agenda política brasileira. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 57-72. p. 69,70.

cidadãs, na maioria dos casos costumam atuar sob a égide das parcerias público-privadas, sobretudo quanto à operacionalização e o financiamento destas emissoras. Logo, a ambigüidade inerente a conceito de cidadania só deixa de existir quando se exalta o protagonismo para além da participação, mas para que, de fato, ocorra esta tomada de posição por parte do Sindicato, é preciso atualizar-se as práticas midiáticas originadas pelo movimento sindical, sem deixá-las reféns da tutela estatal.

1.6. O sindicalismo no Brasil

Para falar em sindicalismo no Brasil é preciso fazer um retorno significativo no tempo e chegar até o final do século XIX, momento no qual estava ocorrendo a transformação da economia nacional. Naquele período ainda predominava no país o modelo agrário-exportador e o capital industrial gravitava em torno do setor cafeeiro. Com a transformação do trabalho escravo em assalariado e a ampliação do mercado interno, erigiram-se as bases necessárias para que fossem criados os primeiros núcleos de trabalhadores organizados, principalmente nas regiões de São Paulo e Rio de Janeiro.¹³⁹

Contudo, se for comparado ao sindicalismo europeu, o movimento sindical brasileiro nasce com quase 100 anos de atraso. No século XVIII, durante a Revolução Industrial na Inglaterra, um grande contingente de trabalhadores assalariados buscava reunir-se em sociedades de socorro e auxílio mútuos. Segundo Antunes, estas sociedades “visavam auxiliar materialmente os operários nos momentos mais difíceis, como nas greves ou em épocas de dificuldades econômicas”.¹⁴⁰ Dessas organizações originaram-se as chamadas Uniões Operárias e, assim, acompanhando o processo de crescimento industrial, os operários passaram a se organizar por ramos de atividade, chegando aos sindicatos de trabalhadores da forma como se conhece nos dias de hoje.

No Brasil, apenas durante o governo provisório de Deodoro da Fonseca, no início da Primeira República, será possível visualizar os movimentos responsáveis pela organização institucional da luta operária. De acordo com Queiroz, “somente após a abolição da escravidão com o ingresso maciço de mão-de-obra imigrante proveniente da Europa, já na Primeira República, é que surgiu, de fato e de direito, o movimento sindical no Brasil”.¹⁴¹ Mas, antes mesmo da Constituição da Primeira

¹³⁹ ANTUNES, Ricardo. **O que é sindicalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 48.

¹⁴⁰ ANTUNES, Ricardo, op. cit., p. 48.

¹⁴¹ QUEIROZ, Antônio Augusto. Movimento sindical: passado, presente e futuro. In: INÁCIO, José

República, de 1891, reconhecer como lícita a organização e associação de trabalhadores, já havia sido realizada a primeira greve da classe trabalhadora.

Conforme aponta Antunes:

A greve eclodiu pela primeira vez no Brasil em 1858, quando os tipógrafos do Rio de Janeiro rebelaram-se contra as injustiças patronais e reivindicaram aumento salariais. A vitória dos tipógrafos foi apenas o início; as greves começaram a expandir-se para as demais categorias. E junto com as greves surgiram também outras formas de organização da nascente classe operária: em 1892 realizou-se o I Congresso Socialista Brasileiro, cujo objetivo, que acabou não sendo atingido, era a criação de um Partido Socialista.¹⁴²

Atentando para os marcos legais que deram origem ao movimento sindical brasileiro, pode-se destacar os Decretos n° 979, de 1903, e n° 1.637, de 1907. O primeiro destinava-se a regulamentar a atividade rural, já o segundo dispunha sobre os sindicatos urbanos. Esse período, que compreende o final do Império, em 1889, até a Revolução de 1930, com a instauração do Estado Novo, ficou conhecido como anarco-sindicalismo. Nesse bojo ocorre o I Congresso Operário, sob a organização do movimento anarquista. Entre as resoluções aprovadas no encontro estavam a redução da jornada de trabalho para oito horas e a eliminação da influência assistencialista dentro do movimento sindical.

A idéia era organizar os trabalhadores em federações e confederações, propondo a liberdade e a autonomia de cada meio de atuação. No entanto, com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, em 1930, são tomadas várias medidas atrelando as organizações sindicais ao Estado. É neste dado momento que começa a vigorar o Decreto-Lei n° 19.770,¹⁴³ que tinha o objetivo de regular a sindicalização das classes patronais e operárias, controlando a criação e a atuação destas entidades. Sete anos mais tarde Vargas intensifica o domínio do Governo sobre estas organizações, proibindo os trabalhadores de realizarem greves.

As atitudes tomadas durante o Estado Novo visavam enfraquecer os sindicatos, sendo assim, foram adotadas medidas que asseguraram uma série de direitos aos trabalhadores com o claro objetivo de conter a organização política das entidades sindicais. Vargas chegou ao absurdo de propor que o fim da luta de classes viria por meio de atitudes governistas. Nesta mesma época cria-se a Consolidação

Reginaldo (Org). **Sindicalismo no Brasil**: os primeiros 100 anos? Belo Horizonte: Crisálida, 2007. p. 19-44. p. 20.

¹⁴² ANTUNES, Ricardo, op. cit., p. 49.

¹⁴³ BRASIL. **Decreto-Lei n° 19.770, de 19 de março de 1931**. Regula a sindicalização das classes patronais e operárias e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Antigos/D19770.htm>. Acesso em: 25 jul. 2010.

das Leis do Trabalho (CLT), responsável por aglutinar toda legislação trabalhista em um único marco legal e, desta forma, deliberar sobre as divergências entre patrões e empregados.

Somente em 1988, com o novo texto da Constituição Federal, o artigo 37, inciso VI, modifica esta relação de controle por parte do Estado sobre os trabalhadores sindicalizados, pois afirma ser “garantido ao servidor público civil o direito à livre associação sindical”.¹⁴⁴ A articulação do Governo Vargas em torno das organizações sindicais havia transformado estas entidades em órgãos de colaboração do Estado. Enquanto vigoravam as diretrizes da CLT e o Decreto-Lei nº 19.770, nenhuma entidade sindical podia ser criada legalmente sem a autorização do Ministério do Trabalho, da Indústria e do Comércio.

Em 1945, o fim do Estado Novo marca a derrocada de Getúlio Vargas e influencia a postura adotada pelo governo diante do progresso norte-americano a partir do pós-guerra. Superada a crise de 1929, os EUA retomaram o crescimento econômico, com o decréscimo das taxas de desemprego, o aumento do Produto Interno Bruto (PIB) e o acréscimo da produtividade industrial e agrícola. Diante disso, a mesma classe militar responsável por apoiar o golpe de Estado patrocinado por Vargas, em 1930, impedindo a posse de Júlio Prestes, – candidato do então presidente da República, Washington Luís – havia modificado sua base de atuação e procurava agir de acordo com os interesses do governo estadunidense.¹⁴⁵

Os poucos avanços obtidos na área social, durante a Era Vargas, foram suficientes para ameaçar os planos dos Estados Unidos no Brasil, culminando com apoio do Exército à deposição de Getúlio Vargas, na mesma época em que chega ao fim a Segunda Guerra Mundial. No ano seguinte, o novo chefe de Estado, marechal Eurico Gaspar Dutra, do Partido Social Democrata (PSD), assume o poder tendo o incentivo tanto do ex-presidente, Getúlio Vargas, quanto da sua sigla partidária, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Isso modifica o cenário político da época,

¹⁴⁴ BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 25 jul. 2010.

¹⁴⁵ De 1889 até o golpe de 1930, vigorava no Brasil a política do café-com-leite. Este período ficou conhecido como República Velha e foi marcado fortemente pelo revezamento no poder das lideranças agrárias dos estados de São Paulo e Minas Gerais. O impedimento da posse de Julio Prestes, membro do Partido Republicano Paulista (PRP), só foi possível graças ao amplo apoio dado a Vargas pelos exércitos de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul. SOUZA, Marquillandes Borges de. 50 anos sem Getúlio Vargas: o suicídio que marcou a história do Brasil. **Revista Desvendando a História**, São Paulo, n. 1, p. 32-41, ago./set. 2005.

fazendo com que o Partido Comunista Brasileiro (PCB), que já havia enfrentado o fascismo varguista nos anos 30, surgisse como uma opção à classe trabalhadora, fator determinante para a sigla ser posta na ilegalidade, em 1947.

Neste mesmo ano, o PCB aparecia como a terceira legenda mais votada no país. Segundo Dreifuss, “os primeiros sintomas da ‘Guerra Fria’ coincidiam com uma nova demonstração de força do Partido Comunista nas eleições estaduais do Rio de Janeiro de 1947”.¹⁴⁶ Ainda conforme este autor, “o Partido Comunista venceu a União Democrática Nacional (UDN), tornando-se o terceiro partido em termos de voto popular no importante Estado Industrial de São Paulo”.¹⁴⁷ O Partidão, como também era chamado o PCB, apoiava-se em um projeto audacioso para o país, respaldado pelas lutas construídas desde a década de 1920 através da Aliança Nacional Libertadora (ANL). Assim, reivindicava o desenvolvimento democrático por meio da luta antiimperialista e anti-latifúndio.

O PCB foi responsável por inaugurar uma nova fase do movimento sindical no Brasil, tendo início ainda na década de 1920, com o jornal *A Classe Operária*. Esse movimento decaiu um pouco durante a repressão do Estado Novo, mas conseguiu manter o monopólio da propaganda operária nas mãos comunistas até o período militar, o que influenciou decisivamente todas as outras experiências ligadas à comunicação sindical no país, durante as décadas seguintes. Segundo Domingues, “em 1946, o PCB tinha oito jornais diários” e “havia jornais comunistas em quase todas as capitais”.¹⁴⁸ O autor observa, ainda, que poderia se tratar de “uma verdadeira disputa de hegemonia, não fosse um problema: a linha política subordinada aos interesses do Estado Soviético”.¹⁴⁹

Da nova posse de Getúlio Vargas, em 1951, quando esteve presidindo o Brasil pela segunda vez, até o seu suicídio, três anos depois, alguns fatos demonstram os limites da imprensa operária daquele período. Em 1953, apenas a publicação comunista *Notícias de Hoje* cobriu a greve dos 300 mil em São Paulo, publicando a versão dos fatos a partir do enfoque da classe trabalhadora e contrapondo-se aos veículos hegemônicos da mídia burguesa. Para Domingues, com esta postura, “a imprensa partidária mostrou-se viva num momento de luta que subverteu as

¹⁴⁶ DREIFUSS, René Arnand. **1964 a conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 38.

¹⁴⁷ DREIFUSS, René Arnand, op. cit., p. 38.

¹⁴⁸ DOMINGUES, Sérgio, op. cit., p. 145.

¹⁴⁹ Ibid., p. 146.

orientações partidárias”.¹⁵⁰

Isso fica claro no aumento da circulação deste periódico durante a mobilização dos trabalhadores, passando dos habituais três mil exemplares diários aos 25 mil, na época do conflito. Porém, o distanciamento do PCB da militância, e, a falta de condições da mídia sindical em atender às necessidades simbólicas dos trabalhadores, acabou pondo fim a esta experiência tão logo se encerraram as mobilizações por reajuste salarial. Em meio a esse quadro de afastamento entre a militância e os dirigentes do principal partido de esquerda da época, responsável por representar a linha anticapitalista no Brasil, chega-se ao golpe de 1964.¹⁵¹

Até a instauração do regime militar a participação política das organizações sindicais cresce consideravelmente. Isso ocorre muito em função da intervenção da política partidária em meio a entidades classistas. Os líderes do movimento sindical eram, em sua maioria, filiados ao PTB e ao Partido Socialista Brasileiro (PSB), os quais se utilizavam dos sindicatos como instrumentos de campanha eleitoral, embora também conseguissem fazer algum tipo de pressão no governo em busca de direitos trabalhistas e do avanço das políticas públicas. Este período marca a conquista do 13º salário, culminando na grande expansão da atividade econômica durante o Governo de Juscelino Kubitschek, nos anos 50.¹⁵²

Ao descrever esse processo, Antunes ressalta:

A incapacidade e mesmo a impossibilidade histórica de realização hegemônica da burguesia nacional e, ao mesmo tempo, o recrudescimento dos movimentos de massa – como a deflagração de greves, a luta dos trabalhadores rurais e das Ligas Camponesas pela Reforma Agrária, o movimento pelas reformas de base, acrescido da crise do padrão de acumulação, desde fins do Governo Kubitschek –, fizeram com que diversas frações das classes dominantes caminhassem em direção à necessidade de desencadear um golpe de Estado, de feição conservadora, militar e mesmo contra-revolucionária, que pudesse, intensificando a forma de dominação autocrática, reordenar o bloco no poder, destruindo as frágeis bases sociais e políticas que sustentavam o Governo Goulart.¹⁵³

O desaparecimento de militantes de esquerda, em razão da morte, tortura e perseguição de milhares de lideranças políticas, acabou marcando profundamente a atuação sindical e a própria história de luta dos movimentos sociais durante a ditadura militar. Mesmo com toda repressão, as organizações sindicais foram

¹⁵⁰ Ibid., p. 145.

¹⁵¹ Ibid., p. 146.

¹⁵² QUEIROZ, Antônio Augusto, op., cit.

¹⁵³ ANTUNES, Ricardo. **A rebeldia no trabalho**: o confronto operário no ABC paulista: as greves de 1978/80. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988. p. 115.

responsáveis por aglutinar as principais lideranças da época em torno de um projeto visando à redemocratização do país. Este movimento, iniciado dentro dos sindicatos, terminou com a retomada da democracia, em 1985.

Com isso, as entidades classistas conseguiram se fortalecer:

as greves voltaram ao país com forte intensidade, gerando na década de 1980 um novo movimento sindical dos trabalhadores, denominado como novo sindicalismo, de onde despontou Luiz Inácio Lula da Silva. Foi um momento particular das lutas sociais, uma vez que houve um enorme movimento de greves desencadeado pelos mais variados segmentos de trabalhadores, como os operários industriais (com destaque para os metalúrgicos), os assalariados rurais, os funcionários públicos de diversos setores assalariados médios; um vasto movimento que se caracterizou pela existência de greves gerais por categoria (como as dos Bancários em 1995), greves com ocupação de fábricas (como a da *General Motors* em São José dos Campos, em 1985, e a da Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda, em 1989).¹⁵⁴

As mobilizações ocorridas nos anos 80, somadas às caravanas da cidadania, no decênio seguinte, contribuíram significativamente para que um ex-líder sindical tenha chegado à Presidência da República e permanecido nesta condição por dois mandatos consecutivos. Mais do que isso, através de sua popularidade, em 2010, Lula ajudou a eleger sua sucessora, a então candidata petista, hoje presidenta, Dilma Rousseff. Caminha-se para 12 anos de mandato do partido que o ex-metalúrgico ajudou a fundar e, por isso, é necessário que se faça algumas ressalvas à respeito da atual conjuntura política nacional.

Esta reflexão remete ao contexto em que se inserem hoje propostas de mídia como a TVT, alicerçada na organização sindical que serviu como berço político para o ex-presidente da República. Durante o último decênio, o plano de lutas permanentes do Programa de Formação de Dirigentes e militantes da CUT-SP (2001-2002)¹⁵⁵ ressaltava a importância estratégica da comunicação para as pretensões dos dirigentes sindicais. A proposta central era: “dotar a CUT de uma moderna e eficiente comunicação entre sua direção, suas instâncias de base e destas para com os trabalhadores e a sociedade em geral, através da constituição de uma Rede Nacional de Comunicação”.¹⁵⁶

Sendo assim, não se pode deixar de observar como se dá o envolvimento das lideranças sindicais, hoje à frente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do

¹⁵⁴ ANTUNES, Ricardo. Uma breve radiografia das lutas sindicais recentes no *Brasil Recente* e alguns de seus principais desafios. In: INÁCIO, José Reginaldo (Org). **Sindicalismo no Brasil: os primeiros 100 anos?**. Belo Horizonte: Crisálida, 2007. p. 288-306. p. 292.

¹⁵⁵ CADERNOS DE FORMAÇÃO I, op. cit.

¹⁵⁶ CADERNOS DE FORMAÇÃO I, op. cit., p. 128.

Campo e Diadema, com a CUT e, principalmente, com o PT. Este último ganhou visibilidade durante a década de 1980 pela sua postura crítica diante de como se estruturava a comunicação no Brasil, e, após reformular suas práticas discursivas junto à sociedade, tornou-se hegemônico no governo do país.

2. Televisão no Brasil: mercado capitalista e sociedade globalizada

O presente capítulo traça um histórico da televisão brasileira e analisa o papel deste importante meio de comunicação para viabilizar a consolidação da indústria cultural no país. Além disso, procura discutir o avanço das técnicas de informação no âmbito da sociedade capitalista e diagnosticar quais as suas conseqüências. Autores como Adorno e Horkheimer mostram-se fundamentais nessa empreitada, pois lançam um olhar crítico sobre o fazer audiovisual e, nesse sentido, contribuem para uma observação aprofundada dos fenômenos decorrentes do uso da televisão como instrumento de inserção econômica e política.

2.1. A TV brasileira e a consolidação da Indústria Cultural

Já nas primeiras transmissões da TV Tupi de São Paulo era possível perceber a influência das agências de publicidade e o seu papel decisivo na produção do conteúdo veiculado pela emissora. *Circo Bombril*, *Sabatinas Maisena* e *Teatrinho Kibon* foram alguns dos programas que fizeram a alegria da garotada naquela época, enquanto o *Repórter Esso* e o *Telejornal Brahma* tiveram a incumbência de manter os adultos informados. Assim, a prática televisiva dos anos 50 tentava reproduzir no Brasil o *american way of life*.

Nesse período, o mercado brasileiro de televisão estava dominado pelos Diários Associados, cujo proprietário, o empresário Assis Chateaubriand, era um dos homens mais influentes do país, sendo eleito senador em duas oportunidades; a primeira pelo estado da Paraíba, em 1952, e a segunda, em 1955, pelo Maranhão. Típico representante da elite brasileira, o magnata não demora em se tornar um entusiasta do capital financeiro internacional. Chateaubriand pretendia expandir seu império midiático e teve o mérito de perceber o potencial da televisão para alcançar tal objetivo. Toda a aparelhagem técnica utilizada pela Tupi era importada dos Estados Unidos, criando os espaços necessários para uma boa relação comercial entre os dois países também neste setor. Esta ligação acaba refletindo-se no processo de produção dos conteúdos, os quais priorizavam o enfoque publicitário.

Na década anterior ao surgimento da televisão no Brasil, Adorno e Horkheimer cunharam o conceito de indústria cultural. Nessa época, a mercantilização da cultura procurava adaptar as produções audiovisuais às massas e vice-versa. Os meios de comunicação de massa não precisavam se apresentar como

arte, pois, segundo os autores, não passavam de um negócio.¹⁵⁷ Ainda conforme explicam Adorno e Horkheimer, as produções artísticas são utilizadas “como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem” e “as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos”.¹⁵⁸

No final dos anos 60, com a morte de Chateaubriand, torna-se inviável manter os Diários Associados como líder no mercado de comunicação brasileiro, o que culmina com o fechamento da TV Tupi na vintena seguinte. Paralelo à derrocada da primeira emissora de televisão do país e principal empresa do grupo controlado por Chateaubriand, estava emergindo um novo canal de televisão, sendo seu proprietário Roberto Marinho, outro grande incentivador do liberalismo econômico.

Quando estava em jogo o progresso de seus respectivos conglomerados de mídia, pode-se dizer que as estratégias políticas utilizadas por Marinho e Chateaubriand eram parecidas. Contudo, o empresário das Organizações Globo sabia agir com mais astúcia do que seu par, pois não costumava apegar-se a uma espécie de protagonismo político envaidecido, característico das atuações de Chateaubriand ao desafiar as leis.¹⁵⁹

Ao infringir afronta às determinações legais, Marinho atuava sorrateiramente. Como o fez no caso da parceria firmada entre a Rede Globo e a companhia de mídia norte-americana Time-Life,¹⁶⁰ pois, segundo a legislação brasileira da época, era proibida “toda e qualquer participação ou orientação intelectual de grupos

¹⁵⁷ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o esclarecimento como mitificação das massas. In: _____. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. p. 113-156. p. 114.

¹⁵⁸ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max, op. cit., p. 114.

¹⁵⁹ É importante chamar a atenção para a postura de Chateaubriand nos anos que precederam o Estado Novo e, posteriormente, as benesses que obteve pela sua posição estratégica junto ao governo. Na década de 1930, depois de apoiar o movimento político que leva Vargas ao poder, Chateaubriand recebe a devida recompensa. Na ocasião, o Governo Vargas promulga um decreto-lei, permitindo ao magnata das comunicações ficar com a guarda da filha. Sentindo-se poderoso e influente, Chateaubriand afirma que, “se a lei o contrariava, deveria ser mudada para atender seus interesses pessoais”. E-BIOGRAFIAS. **Francisco Chateaubriand**. Disponível em: <http://www.e-biografias.net/biografias/francisco_chateaubriand.php>. Acesso em: 8 out. 2010.

¹⁶⁰ A Rede Globo firmou dois contratos com a companhia de mídia norte-americana Time-Life, na década de 1960, o que é proibido por lei desde 1934, em virtude do Decreto nº 24.776, expedido por Getúlio Vargas três anos antes da instauração do Estado Novo. Pelos acordos, a emissora recebeu cinco milhões de dólares, destinados a equipar seus estúdios e desenvolver melhorias técnicas estruturais. Esse processo aprofundou a relação de dependência financeira e também cultural com as empresas multinacionais, já que eram importadas produções norte-americanas para serem veiculadas no Brasil.

estrangeiros na administração de empresas brasileiras de comunicação”.¹⁶¹ Contudo, durante a passagem das décadas de 1950 e 1960, ocorre uma mudança paradigmática na postura dos donos da mídia.

Se, nos primeiros anos da implantação da TV, Chateaubriand enfrentava a incipiência do mercado de televisão, nas duas décadas seguintes o empresário das Organizações Globo, Roberto Marinho, defrontava-se com a consolidação do mercado de bens culturais. De acordo com Ortiz, “o espírito aventureiro de Chateaubriand caracteriza toda uma época, mas ele é inadequado quando se aplica ao capitalismo avançado”.¹⁶²

Isso se dá em função de que, a partir dos anos 60, os grandes empreendedores do setor cultural caracterizam-se por administrar conglomerados de comunicação profissionalizados, englobando diversos setores empresariais. Entre estes novos investidores encontrava-se Roberto Marinho, da TV Globo, que teve destaque nas décadas seguintes construindo o maior império da comunicação brasileira, de pé até os dias de hoje.

Ao observar os novos traços que configuram os donos da mídia – entre o período em que o capitalismo estava em vias de construção e os anos 70, quando os proprietários dos meios de comunicação passam a dominar outros setores da indústria propriamente dita, não apenas a indústria da cultura – Ortiz destaca:

Contrariamente ao espírito capitalista weberiano, que se fundamentava no indivíduo, traço correspondente ao início do capitalismo, os novos proprietários são homens de organização, e de uma certa forma se perdem na impessoalidade dos “impérios” que construíram. Eles devem contrabalançar sua vontade individual e submetê-la à racionalidade da própria empresa que engendraram. A história das organizações que construíram não coincide mais com a história individual de seu fundador; ela se apóia e se sustenta no esforço de inúmeros profissionais, alguns mais conhecidos, outros anônimos, que reproduzem e recriam a racionalidade da empresa no seu dia-a-dia.¹⁶³

Em 1965, a Globo entra oficialmente no mercado televisivo e, durante as décadas de 1960 e 1970, a emissora prospera, expandindo-se para diversas capitais do país. Essa ocupação do território nacional se dá em meio à falta de controle público dos meios de comunicação, o que propicia uma relação de clientelismo político entre os concessionários de serviços de radiodifusão no Brasil. Até 1987, cabia apenas ao Executivo distribuir as autorizações, mas, com a Constituinte de

¹⁶¹ BRASIL, op. cit.

¹⁶² ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. 5. ed. Brasiliense, 2001. p. 134.

¹⁶³ ORTIZ, Renato, op. cit., p. 135.

1988, o Congresso Nacional também passou a legislar sobre o assunto, contribuindo para a sustentação de um problema antigo, que é o domínio de canais públicos por políticos aliados ao governo de turno.

Essa dinâmica engendra-se por meio da acumulação e concentração do capital, fazendo com que o televisor ganhe popularidade no Brasil apenas partir da década de 1960. Antes disso, como já se explicitou, o consumo dos produtos audiovisuais era restrito a um grupo de poder aquisitivo elevado. Assim, a história da televisão brasileira divide-se em dois momentos distintos: o primeiro subsidiado pelo capital nacional e o segundo pelo investimento estrangeiro.

Quando o videoteipe é introduzido no país, o mundo está passando por uma série de transformações. Na França, o maio de 1968 foi responsável por introjetar um pensamento libertário nas massas, o qual irá se refletir por toda parte. No pós-guerra, o governo francês depara-se com um movimento estudantil combativo, capaz de tudo para desconstruir os costumes da época e, assim, passar a exigir o cumprimento dos direitos civis. Estas mudanças impactam diretamente o fazer televisivo e interferem na cultura dos meios de comunicação.

As revoltas estudantis serviam de contraponto a uma sociedade cada vez mais técnica e industrializada. Como já foi explicitado anteriormente, a ideologia do progresso nasce em meio a um contexto histórico-político onde se desenrolava a Guerra Fria. Findada a Segunda Guerra, a disputa entre Estados Unidos e União Soviética se espalha para todos os espectros possíveis. É assim que a corrida espacial atinge o centro desta disputa, pelo viés da tecnologia. Com a chegada do homem à lua, transmitida para milhões de pessoas do mundo todo, os norte-americanos sobressaem-se aos soviéticos, sendo reconhecidos internacionalmente pelos olhos atentos dos telespectadores.

Percebendo o potencial transformador e a capacidade de aglutinação das massas através da televisão, regimes autoritários também se valeram deste aparelho para promover a sua propaganda política. Esta nova fase é caracterizada pela internacionalização do mercado,¹⁶⁴ ficando marcada pelo aparecimento das primeiras telenovelas. O padrão de programação da TV Globo consolida uma nova forma de fazer e ver televisão. A interferência política da emissora, sob o comando de Roberto Marinho, ocorre em períodos importantes da história do país, demonstrando que a

¹⁶⁴ CAPARELLI, Sérgio. **Televisão e capitalismo no Brasil**. Porto Alegre, L&PM, 1982. p. 30.

TV, aliada aos setores militares, transformara-se numa perigosa ferramenta de manipulação dos setores dominantes.

Segundo Dourado, a hegemonia da Rede Globo de Televisão (RGTV) pode ser revelada a partir da década de 1970, quando a emissora silencia sobre diversas atividades políticas, as quais atentavam contra a liberdade de expressão e os direitos humanos.¹⁶⁵ A emissora havia escolhido seu lado antes mesmo de nascer, com programação voltada para o *merchandising* e o entretenimento, encobria os acontecimentos políticos e arquitetava o consenso do silêncio. Talvez o ponto alto dessa atitude condenável tenha se dado no dia 25 de janeiro de 1984, quando as Organizações Globo tentaram boicotar o movimento pelas Diretas Já, em São Paulo, o qual pedia o fim da ditadura e as eleições diretas para presidente.

Ao narrar este episódio Lima revela:

naquele dia, feriado por ser aniversário da cidade, entre 250.000 e 300.000 pessoas foram à Praça da Sé para participar do comício. Depois de um encontro entre os deputados Ulysses Guimarães, presidente do partido que liderava a campanha, e Roberto Marinho, a RGTV registrou o comício no *Jornal Nacional*, mas de maneira distorcida, apresentando-o como se fosse apenas mais um evento em comemoração ao aniversário da cidade, minimizando o ato político e maximizando a presença de consagrados artistas populares.¹⁶⁶

A hegemonia política e comercial ostentada pela televisão no Brasil, em especial pela RGTV, decorre muito mais “da falta de um ambiente normativo claro e específico do que das ações de um empresário em particular”.¹⁶⁷ Tal poderio está ligado, também, à dificuldade de gestão das emissoras ditas alternativas, pois a proposta de gestão dos canais sem fins lucrativos é colocada à prova a partir da interferência de agentes governamentais ou financeiros. Leal Filho lembra que, historicamente, o país está à margem do processo de construção de iniciativas públicas para o espectro televisivo.¹⁶⁸ O diagnóstico feito até este momento é de subordinação ao capital privado, ou seja, os órgãos públicos atuam para complementar o modelo comercial.

¹⁶⁵ DOURADO, Jacqueline Lima. A telenovela *Duas Caras* e as estratégias da Rede Globo de Televisão na esfera da cidadania. In: BRITTOS, Valério (Org.). **Economia Política da Comunicação: Estratégias e desafios no capitalismo global**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2008. p. 111-130. p. 127.

¹⁶⁶ LIMA, Venício. Globo e Política: “tudo a ver”. In: BRITTOS, Valério; BOLAÑO, César (Orgs.). **Rede Globo: 40 anos de hegemonia e poder**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005. p. 103-129. p. 112.

¹⁶⁷ RAMOS, Murilo César. A força de um aparelho privado de hegemonia. In: BRITTOS, Valério; BOLAÑO, César (Orgs.). **Rede Globo: 40 anos de hegemonia e poder**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005. p. 58-76. p. 66.

¹⁶⁸ II FÓRUM NACIONAL DE TV'S PÚBLICAS. **Temas e Discussões – Regulamentação**. Disponível em: <<http://www.forumtvpublica.org.br/index.asp>>. Acesso em: 31 mar. 2010.

Por outro lado, experiências como o Fórum Nacional de TVs Públicas podem apontar um caminho para auxiliar na mudança deste cenário. Tal movimento tem como objetivo principal pressionar o governo para que seja criado um marco regulatório capaz de abranger todas as emissoras não comerciais. Nesse bojo inserem-se os canais educativos, os quais, a exemplo das emissoras comerciais, seguem sendo regidos pelas determinações legais que passaram a vigorar na década de 1960. Em contraponto ao modelo comercial, o histórico da radiodifusão pública no Brasil caracteriza tais veículos como: “espaços públicos articulados por parcelas da sociedade de forma independente tanto do Estado como do mundo dos negócios”.¹⁶⁹

Na perspectiva de Leal Filho são cinco os momentos considerados significativos quanto à viabilização deste processo:

a fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923; a implantação da Fundação Padre Anchieta em São Paulo; em 1969; a promulgação da nova Constituição da República, em 1988; a aprovação da Lei 8.977, conhecida como Lei do Cabo, em 1995 e o lançamento pelo Ministério da Cultura do 1º Fórum de TVs Públicas, em 2006.

Diante disso, é preciso clarear algumas questões. Na verdade, a origem da lei que rege a radiodifusão no Brasil remete aos tempos da ditadura militar. Dois anos antes do golpe de 1964, quando foi deposto o presidente João Goulart, passa a vigorar o Código Brasileiro de Telecomunicações.¹⁷⁰ A lei só é regulamentada em 1967, através do Decreto-Lei nº 236, o qual determina, através do seu artigo 13 que, “a televisão educativa se destinará à divulgação de programas educacionais, mediante a transmissão de aulas, conferências, palestras e debates”.¹⁷¹

O parágrafo único dessa mesma legislação aponta, ainda, que “a televisão educativa não tem caráter comercial, sendo vedada a transmissão de qualquer propaganda, direta ou indiretamente, bem como o patrocínio dos programas transmitidos, mesmo que nenhuma propaganda seja feita através dos mesmos”.¹⁷² Porém, em 1986, por intermédio da Lei nº 7.505,¹⁷³ mais conhecida como Lei Sarney, as produções audiovisuais ficaram livres para receber incentivos fiscais. Esta medida acabou por revogar as determinações legais referidas no artigo 13 do

¹⁶⁹ LEAL FILHO, Laurindo Lalo, op. cit., p. 58.

¹⁷⁰ BRASIL, op. cit.

¹⁷¹ BRASIL, op. cit.

¹⁷² BRASIL, op. cit.

¹⁷³ BRASIL. **Presidência da República**. Lei 7.505, de 2 de julho de 1986. Dispõe sobre benefícios fiscais na área do imposto de renda concedidos a operações de caráter cultural ou artístico. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7505.htm>. Acesso em: 8 ago. 2010.

Decreto-Lei nº 236.

Em 1991, quando a Lei Sarney já havia sido revogada, outra medida acaba por solapar os princípios legais capazes de estabelecer um distanciamento mínimo entre a iniciativa privada e o interesse público. Trata-se da Lei 8.313, mais conhecida como Lei Rouanet, a qual, em seu artigo 25, evidencia o objetivo do governo em abrir novos espaços de publicidade para as empresas privadas, o que está claramente expresso por meio da política de incentivos fiscais. Pela referida lei, pessoas jurídicas passam a poder aplicar uma parte do imposto de renda (IR) em ações de cunho artístico. Onde se inserem, portanto, “a rádio e televisão, educativas e culturais, de caráter não comercial”, conforme está disposto no capítulo IX, artigo 25, da Lei Rouanet.¹⁷⁴

Com isso, as emissoras educativas, muitas delas operando através do serviço de TV a cabo, ficam livres para veicular qualquer tipo de publicidade e propaganda. Até entrar em vigor as legislações citadas, o parágrafo único do artigo 13, do Decreto-Lei nº 236, era cumprido à risca, pois havia uma forte pressão por parte das emissoras comerciais para que fossem fiscalizadas as emissoras de TV educativas. Essa motivação, meramente comercial, contribuía para que a disputa por anunciantes se desse apenas no domínio comercial.

O debate sobre os serviços de TV por assinatura ampliou-se com o Projeto de Lei nº 29/2007, mais conhecido como PL 29, de autoria do deputado Paulo Bornhausen (DEM).¹⁷⁵ Vale dizer que, enquanto o projeto tramitava na Câmara de Deputados, foi elaborado um substitutivo, por intermédio do relator deputado Jorge Bittar (PT). Ao explicar este fato, Brittos destaca uma aproximação prévia do parlamentar com entidades ligadas aos movimentos sociais, como o FNDC. Medida que procurou ouvir, também, outros setores do empresariado e do governo, todos

¹⁷⁴ BRASIL. **Presidência da República**. Lei 8.313, de 23 de dezembro, de 1991. Restabelece princípios da Lei nº 7.505, de 2 de julho de 1986, institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8313cons.htm>. Acesso em: 8 ago. 2010.

¹⁷⁵ Deve-se destacar que o surgimento deste projeto de lei, em fevereiro de 2007, ocorre três meses após o arquivamento do PLS 175/01, de autoria do senador Ney Suassuna (PFL-PB), cujo objetivo era abrir definitivamente as portas da televisão paga para o investimento do capital estrangeiro. Na época, a justificativa usada para tal medida amparava-se na suposta intenção em adequar a Lei do Cabo à Lei Geral das Telecomunicações (LGT), promulgada em julho de 1997, durante o Governo FHC. A implementação da LGT beneficiou as empresas de telecomunicações, pois o capital estrangeiro passou a gozar de livre circulação neste setor. Por outro lado, conforme está especificado em lei, a radiodifusão não sofreu alterações, permanecendo submetida ao veto para a participação estrangeira.

envolvidos direta ou indiretamente na discussão.¹⁷⁶ Seguindo a lógica adotada pelo PT na busca pela governabilidade, a proposta de Bittar buscou acolher tanto os interesses das Organizações Globo, quanto dos empresários de telecomunicações, dos radiodifusores contrários à emissora da família Marinho e dos midiavivistas.¹⁷⁷

Conforme observam Bolaño e Braz:

entre as disputas travadas pelos interesses dos radiodifusores e empresas de telecomunicações, o deputado Bittar conseguiu incluir algumas propostas que ampliam o espaço de produção nacional em um projeto que inicialmente visava liberalizar a participação das telecomunicações no setor, ainda que aquelas sejam mínimas e insuficientes para alterar o quadro de predominância de conteúdo estrangeiro na TV por assinatura. Contudo, na relação entre interesse público e interesses capitalistas, esses permanecem levando vantagem no momento de definição do marco regulatório.¹⁷⁸

O debate sobre a aplicabilidade da PL 29 fez com que a Sky, maior operadora de TV por assinatura via satélite da América Latina, encabeçasse uma campanha junto aos seus assinantes condenando a determinação de que os pacotes oferecidos pelas empresas do setor tenham que respeitar as cotas de conteúdo nacional. A posição da operadora tomou contornos ainda maiores com o anúncio feito aos assinantes de que deveria haver um aumento no valor dos pacotes devido às alterações propostas pelo projeto.¹⁷⁹ Após a aprovação da PL 29 na Câmara dos Deputados, ainda no ano de 2010, o projeto seguiu para o Senado, recebendo uma nova denominação: Projeto de Lei da Câmara nº 116 (PLC 116).¹⁸⁰ No dia 16 de

¹⁷⁶ BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, César; LEAL, Sayonara; HAJE, Lara. BRITTOS. O governo Lula e o debate em torno das políticas para o audiovisual no Brasil no biênio 2007-2008. In: **XVIII Encontro da Associação dos Programas de Pós-Graduação em comunicação (Compós)**, 2009, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2009.

¹⁷⁷ A expressão “midiavivistas” refere-se aos agentes sociais que atuam em defesa da democratização da comunicação e, neste sentido, promovem ações de cunho artístico, cultural e político, ressaltando a necessidade de protagonismo dos movimentos sociais no âmbito da produção e distribuição de recursos midiáticos.

¹⁷⁸ BOLAÑO, César; BRAZ, Rodrigo. A regulação das comunicações no Brasil: conservadora ou liberal? O caso da TV por assinatura. In: BRITTOS, Valério (Org). **TV digital, Economia Política e Democracia**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010. p. 87-103. p. 97.

¹⁷⁹ A posição da Sky gerou uma forte reação na Câmara dos Deputados, em 2010. A manifestação mais incisiva contra a empresa foi do deputado Jorge Bittar, que no ano de 2007 foi relator do projeto e idealizador das cotas. Segundo o parlamentar a posição da Sky estaria sendo “panfletária e terrorista”. BITTAR classifica de “panfletária” e “terrorista” a campanha da Sky contra o PL 29. **Observatório do Direito à Comunicação**, São Paulo, 9 jul. 2010. Disponível em: <http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=6722>. Acesso em: 8 ago. 2010.

¹⁸⁰ BRASIL. Senado Federal. **Projeto de Lei da Câmara, nº 116**, de 6 de setembro de 2010. Dispõe sobre a comunicação audiovisual de acesso condicionado; altera a Medida Provisória nº 2.228-1, de 6 de setembro de 2001, e as Leis nºs 11.437, de 28 de dezembro de 2006, 5.070, de 7 de julho de 1966, 8.977, de 6 de janeiro de 1995, e 9.472, de 16 de julho de 1997; e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/atividade/materia/getPDF.asp?t=94732&tp=1>>. Acesso em: 2 set. 2011.

agosto de 2011, depois de ser aprovada também no Senado, a matéria seguiu para sanção presidencial. Com a rejeição da emenda 16, de autoria do senador Alvaro Dias (PSDB), os tucanos não conseguiram retardar novamente a aprovação do projeto. Se fosse realizada alguma substituição o PL teria de retornar à Câmara dos Deputados.

A oposição acusou o texto de inconstitucional, tecendo duras críticas à criação de cotas para o conteúdo nacional e, também, às novas atribuições da Agência Nacional do Cinema (Ancine). De acordo com o parágrafo primeiro do artigo 61 da Constituição Federal:

são de iniciativa privativa do Presidente da República as leis que: I - fixem ou modifiquem os efetivos das Forças Armadas; II - disponham sobre: a) criação de cargos, funções ou empregos públicos na administração direta e autárquica ou aumento de sua remuneração; b) organização administrativa e judiciária, matéria tributária e orçamentária, serviços públicos e pessoal da administração dos Territórios.¹⁸¹

Os opositoristas argumentavam que todo projeto de lei destinado a modificar as regras determinadas pela administração federal precisaria partir da própria Presidência da República. Ressaltou-se, ainda, o fato das empresas de telecomunicações passarem a questionar na Justiça o pagamento da Contribuição para o Desenvolvimento da Indústria Cinematográfica Nacional (Condecine)¹⁸² e do Fundo de Fiscalização das Telecomunicações (Fistel).¹⁸³ Isso porque ambos ajudam a formar o Fundo Setorial do Audiovisual (FSA),¹⁸⁴ que é vinculado ao Fundo Nacional de Cultura, este último responsável por contribuir com o desenvolvimento da indústria audiovisual no Brasil.

Em síntese, o PLC 116 estabeleceu a criação de uma nova modalidade de Condecine, cujo novo tributo será pago, todos os anos, pelas empresas que estiverem explorando o serviço de TV a cabo. Mesmo sem consenso por parte do Governo e da

¹⁸¹ BRASIL, *op. cit.*

¹⁸² BRASIL. **Decreto-Lei nº 6.590, de 1º de outubro de 2008.** Dispõe sobre o procedimento administrativo para aplicação de penalidades por infrações cometidas nas atividades cinematográfica e videofonográfica e em outras atividades a elas vinculadas, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.receita.fazenda.gov.br/legislacao/Decretos/2008/dec6590.htm>>. Acesso em: 17 ago. 2011.

¹⁸³ GOVERNO se depara com dilema Constitucional para vetar ou não PLC 116/2010. **Tela Viva News.** São Paulo, segunda-feira, 29 de ago. 2011. Políticas de comunicação. Disponível em: <<http://www.telaviva.com.br/29/08/2011/governo-se-depara-com-dilema-constitucional-para-vetar-ou-nao-plc-116-2010/tl/238357/news.aspx>>. Acesso em: 27 ago. 2011.

¹⁸⁴ “O Fundo Setorial do Audiovisual (FSA) é um fundo destinado ao desenvolvimento articulado de toda a cadeia produtiva da atividade audiovisual no Brasil. Criado pela Lei Nº 11.437, de 28 de dezembro de 2006, e regulamentado pelo Decreto nº 6.299, de 12 de dezembro de 2007, o FSA é uma categoria de programação específica do Fundo Nacional de Cultura (FNC)”. ANCINE. O que é o FSA. Disponível em: <<http://www.ancine.gov.br/fsa/oqueefsa.htm#>>. Acesso em: 27 ago. 2011.

oposição, no dia 11 de setembro de 2011 a presidenta Dilma Rousseff sancionou a nova Lei de TV por assinatura, sendo publicada no Diário Oficial, dois dias depois, como Lei Federal 12.485/2011.¹⁸⁵ A nova legislação amplia o mercado das comunicações ao capital internacional e, nessa direção, contribui para polarizar a disputa política por espaços de atuação junto à sociedade civil.

Por sorte, algumas conquistas obtidas ainda na década de 1990, durante a concretização da Lei do Cabo, foram mantidas. Conforme aponta o artigo 32 da Lei Federal 12.485/2011, as prestadoras de serviço devem disponibilizar, em todos os pacotes ofertados, canais de interesse público, tais como as emissoras dos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário – que possuem programação de excelente qualidade – e, ainda, os canais comunitários e educativos. No caso destes últimos, embora nem sempre apresentem conteúdos coerentes com as suas atribuições específicas, continuam sendo locais de constante disputa na concretização da diversidade cultural e pluralidade informativa.

Fora isso, uma demanda antiga dos movimentos sociais, apresentada na Confecom, também teve respaldo por parte do governo. De acordo com a nova determinação legal, a produção de conteúdo nacional está assegurada através de cotas de três horas e meia, inclusive em canais estrangeiros. No entanto, vale lembrar que, ao mesmo tempo em que se impõem regras visando fomentar o audiovisual independente, abre-se o mercado de TV paga às operadoras de telefonia fixa, fazendo este processo extrapolar o âmbito dos negócios.

Segundo matéria publicada em junho de 2011, a Rede Record já estaria propondo uma parceria à Oi para entrar na disputa por novas fatias de mercado.¹⁸⁶ A emissora do bispo Edir Macedo tem procurado se aproximar do Governo Dilma como forma de ganhar maior visibilidade na disputa com a Rede Globo. Inclusive, a primeira entrevista concedida por Dilma, após ser eleita, foi ao Jornal da Record, onde conversou com as jornalistas Ana Paula Padrão e Adriana Araújo.¹⁸⁷

¹⁸⁵ BRASIL. Lei 12.485, de 12 de setembro de 2011. Dispõe sobre a comunicação audiovisual de acesso condicionado; altera a Medida Provisória nº 2.228-1, de 6 de setembro de 2001, e as Leis nºs 11.437, de 28 de dezembro de 2006, 5.070, de 7 de julho de 1966, 8.977, de 6 de janeiro de 1995, e 9.472, de 16 de julho de 1997; e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 13 set. 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12485.htm>. Acesso em: 20 set. 2011.

¹⁸⁶ TELES acusam Globo de barrá-las em TV. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 15 jun. 2011. Mercado. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/me1506201103.htm>>. Acesso em: 27 ago. 2011.

¹⁸⁷ EM sua 1ª entrevista após ser eleita, Dilma afirma que vai “cuidar do povo brasileiro”. **Portal**

Deste modo, continua-se beneficiando agentes políticos e econômicos com forte poder de *lobby* junto ao Congresso, Senado e Governo Federal. Sabe-se que não é de hoje que o Governo procura fazer oposição aos principais conglomerados de mídia que atuam no país. A entrada de parceiros estratégicos no mercado audiovisual pode ajudar nesse sentido e, de certa forma, tal processo é legítimo.¹⁸⁸ Principalmente se for considerada a existência de um monopólio discursivo, originado pelo formato oligopólico do setor, sem regulamentação adequada por parte do Estado.

Considerando o cenário atual, é estarrecedor perceber que, em última análise, o governo esta reduzindo a luta pela democratização da comunicação a um embate político-partidário. A disposição é, tão somente, obter maior influência nos grupos de mídia nacionais para combater as empresas de comunicação anti-petistas, sejam elas declaradas ou não. Mesmo assim, os principais conglomerados brasileiros, muitos deles responsáveis por apoiar o golpe militar de 1964, seguem emplacando matérias anti-democráticas e deixando bem claro seu repúdio para qualquer possibilidade de criação de um novo marco regulatório.

2.2. Barreiras à entrada perpetuam oligopólio

A liderança da Rede Globo no mercado de mídia brasileiro deriva de um processo imperativo da postura comercial e conservadora incorporada pelo Estado, durante o período militar. Com a chegada das multinacionais em território nacional, o mercado financeiro se reorganiza e passa a abastecer economicamente iniciativas do campo da comunicação alinhavadas com a política norte-americana. A presença do capital estrangeiro no país beneficia a emissora da família Marinho, pois, o já citado

R7.Com. São Paulo, 1 nov. 2010. Notícias. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/eleicoes-2010/noticias/em-sua-1-entrevista-apos-ser-eleita-dilma-afirma-que-vai-cuidar-do-povo-brasileiro-20101101.html>>. Acesso em: 27 ago. 2011.

¹⁸⁸ A proximidade do governo com a Portugal Telecom, processo que teve início ainda em 2010 com a aquisição de aproximadamente 20% da Oi, começa a polarizar a disputa político-midiática, sem promover o efetivo protagonismo de segmentos sociais excluídos pelos meios de comunicação dominantes. Nessa direção, atenta-se para a ligação do ex-ministro chefe da Casa Civil, José Dirceu, com grupos de mídia portugueses. A aprovação da Lei 12.485 incentiva a concorrência, bem ao gosto do neoliberalismo, e, sendo assim, esta articulação não é apenas comercial, mas, sobretudo, política. A esposa de Dirceu, Evanise Santos, é diretora do Departamento de Marketing do jornal *Brasil Econômico*, publicação que pertence à Empresa Jornalística Econômico S.A (Ejesa), a qual, além do periódico em questão, mantém os jornais *O Dia*, *Meia Hora* e *Marca Campeão*. A acionista majoritária da Ejesa, dona de 70% de participação, é a brasileira Maria Alexandra Mascarenhas Vasconcellos. O restante das ações pertence à Ongoing, grupo português cujo presidente é o seu marido, Nuno Vasconcellos. Por incrível que pareça, a extensão do casamento para o campo dos negócios não ultrapassa os marcos legais. Em casos como esse a legislação brasileira permite 30% de participação estrangeira, mas nada fala sobre as brechas deixadas para tais “aquisições conjugais”.

acordo entre a empresa Time Life e a Rede Globo, permite que a emissora dê um enorme salto na qualidade de suas produções, diferenciando-se das demais empresas de televisão da época.¹⁸⁹

Segundo Caparelli, “o modelo econômico que serviu de base para a atuação dos governos militares pós-1964 foi responsável, indiretamente, pela infra-estrutura tecnológica com que passou a contar a televisão para sua concentração em redes”.¹⁹⁰ Constituída nesse formato, a Rede Globo opera em todo o território nacional e influencia a forma de pensar e agir de cada região do país, impondo um padrão global para a assimilação da cultura.

Essa lógica concretiza-se através do sistema de emissoras afiliadas. De acordo com pesquisa realizada por Rosário, em agosto de 2008, a Globo atinge 99,43% do território brasileiro, tendo 121 afiliadas,¹⁹¹ as quais acrescentam conteúdos locais à programação nacional. Conforme observa a autora, o modelo “foi criado pela empresa de televisão estadunidense NBC, adaptado pela Rede Globo de Televisão e seguido pelas demais empresas de televisão no Brasil, como SBT, Bandeirantes e Rede TV!”, sendo esse um dos fatores que permitiu a liderança da Rede Globo na TV aberta.¹⁹²

Equacionando de forma mais adequada esta questão, pode-se inferir que a liderança desta emissora – construída ao longo de sua trajetória junto aos poderes políticos, principalmente durante a ditadura militar – está amparada na classe de estruturas de mercado oligopolizado, cujas determinações estruturais estão marcadas pela existência de importantes barreiras à entrada. Segundo Brittos, “conceitua-se barreiras à entrada como um conjunto de injunções dominadas pelas empresas líderes, que servem como impedimentos para o acesso de novas corporações num mercado ou para que, ingressando, as demais companhias que compõem o setor não

¹⁸⁹ A ascensão da Rede Globo representou, com o tempo, a queda da Rede Tupi, dona da primeira emissora de televisão do Brasil, fundada em 1950. A TV Tupi fazia parte do conglomerado de mídia de Assis Chateaubriand e, na década de 1970, ligou-se a emissoras de outros estados, tentando resistir ao crescimento da Globo. Contudo, no decênio seguinte, o regime militar cancelou a concessão da TV Tupi, abrindo definitivamente os espaços para a nova e moderna rede nacional de comunicação, sob domínio da família Marinho.

¹⁹⁰ CAPARELLI, Sérgio, op. cit., p. 60.

¹⁹¹ ROSÁRIO, Eliane Regina Munhoz. As afiliadas da rede globo de Televisão no território brasileiro. **Revista Eletrônica Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 2, n. 4, p. 119-137, ago. 2008. p. 124, 125. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/article/viewFile/4727/3968>>. Acesso em: 9 ago. 2010.

¹⁹² ROSÁRIO, Eliane Regina Munhoz, op. cit.

alcancem a liderança”.¹⁹³

A combinação de duas barreiras fundamentais – a estético-produtiva e a político-institucional – inviabiliza a entrada de novos agentes no mercado televisivo, impondo o formato dominante às emissoras concorrentes. A primeira, “envolve fatores que diferenciam o produto, como específicos padrões e modelos de produção”,¹⁹⁴ já a segunda, “processa-se a partir de atuações de órgãos executivos, legislativos e judiciários estatais e suas unidades geo-político-administrativas”.¹⁹⁵

Pode-se visualizar claramente esta situação no mercado brasileiro de televisão, sobretudo a partir da guerra de audiência estabelecida entre a Rede Globo (padrão tecno-estético hegemônico) e a Rede Record (padrão tecno-estético emergente). As denúncias de corrupção, lavagem de dinheiro e manipulação de fiéis por parte da Rede Record, de propriedade do bispo Edir Macedo, e o legado da Rede Globo junto ao regime militar, destacando-se casos como o acordo com Time-Life, a tentativa de fraude na campanha eleitoral de Brizola ao governo do Rio de Janeiro, em 1982, e a manipulação do debate eleitoral, entre Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Collor de Melo, em 1989, comprovam que, na dimensão político-institucional, ambas não seriam merecedoras de concessão pública.

No âmbito estético-produtivo ressalta-se a inexistência da diversidade de formatos e conteúdos produzidos pelas duas emissoras. A grande quantidade de atores e jornalistas que atuavam na Globo e, hoje, trabalham na Record, revela que a emissora emergente copia o modelo de fazer televisivo imposto pelo Padrão Globo de Qualidade. Sendo assim, a competição estabelecida entre as empresas líder e emergente, se configura no âmago da disputa pela permanência das barreiras que dominam o mercado, cujos formatos são absorvidos pelas indústrias culturais.

2.3. Desafios estruturais oriundos da Fase da Multiplicidade da Oferta

O perfil comercial da televisão brasileira, importado em grande escala dos Estados Unidos, passou por uma série de etapas, até chegar naquilo que Brittos chama de Fase da Multiplicidade da Oferta (FMO), a qual “caracteriza-se pelo oferecimento de uma maior quantidade de canais ao consumidor”.¹⁹⁶ Segundo o autor, “isso deve-se à proliferação de tecnologias de televisão por assinatura, que

¹⁹³ BRITTOS, Valério, op. cit., p. 18, 19.

¹⁹⁴ BRITTOS, Valério, op. cit., p. 27.

¹⁹⁵ BRITTOS, Valério, op. cit., p. 33.

¹⁹⁶ BRITTOS, Valério. Os 50 anos da TV brasileira e a fase da multiplicidade da oferta. *Observatório-revista do Obercom*, Lisboa, n. 1, p. 47-59, maio 2000. p. 54.

extrapolam os 50 canais e em algumas operações beiram os 100, e ao surgimento e consolidação de mais emissoras e redes de televisão de sinal aberto”.¹⁹⁷

Na década de 1990, quando cresce o mercado de TV por assinatura no Brasil, surgem novas perspectivas quanto à diversificação na oferta de canais, aumentando as opções de programação oferecidas aos receptores e, com isso, abrindo os espaços necessários para a disputa de audiência entre os canais abertos. Já os canais chamados de alternativos, amparados legalmente na construção de sua proposta, inserem-se entre as emissoras de utilidade pública e assumem a responsabilidade legal de difundir conteúdos de teor cultural e educativo, o que nem sempre tem se confirmado na prática. A programação de muitos destes canais são pouco voltadas às questões de interesse público, sendo, na maioria dos casos, uma imitação desinteressante das produções hegemônicas, acrescentando muito pouco, ou nada, às demandas sociais.

Considerando que os canais em questão operam em baixa frequência e, portanto, têm curto alcance, as produções próprias podem ser o diferencial ao entrar em contato com o público. Tais produções, mesmo sendo ínfimas em relação ao resto da programação, geralmente proveniente das cabeças de rede, no caso das comerciais, ou de parcerias, no caso das alternativas, configuram-se como contraponto necessário ao saturado mercado das cópias televisivas; programas que mudam apenas de cenário e apresentador, sendo muito semelhantes entre si nas propostas e pouco criativos.

De acordo com Peruzzo, as TVs comunitárias que transmitem pelo sistema UHF, a exemplo do que ocorre com a TVT (considerando a diferença de que esta última é uma emissora educativa), se enquadram no que pode se chamar de canais alternativos:

São chamadas de Comunitárias, mas de fato são TVs locais educativas. Trata-se de um sistema que outorga permissão de uso (não concessão) e está sob a égide da Secretaria Nacional de Comunicações, mediante avaliação de projeto de viabilidade técnica apresentado pela instituição interessada. São canais preferencialmente destinados a Prefeituras, Universidades e Fundações. É permitido que 15% da programação seja produzida localmente. Nesse espaço são inseridos programas, em geral chamados de “comunitários” e apoio cultural local.¹⁹⁸

Atenta-se para estas características porque, este mesmo filão, é disputado

¹⁹⁷ BRITTOS, Valério, op. cit., p. 54.

¹⁹⁸ PERUZZO, Cicilia. TV comunitária: aspectos históricos. **Boletín Alaic** – Comunicación para Latinoamérica, São Paulo, n. 8, fev. 2003. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/associa/alaic/boletin8/cicilia.doc>>. Acesso em: 18 jun. 2010.

pelas emissoras comerciais. Imbuídos de um duvidoso altruísmo, os canais privados tentam se aproximar da cultura local e procuram aniquilar espaços potencialmente capazes de serem apropriados pelas lideranças comunitárias. A investida dos conglomerados de mídia se viabiliza, principalmente, através de pesquisas sobre o seu público-alvo, identificando as características específicas das comunidades nas quais pretendem se inserir.

De acordo com Cabral, “em nome da regionalização, proposta no artigo 221 da constituição de 1988 e em fase de regulamentação conforme projeto de Lei de 1991, sobre a regionalização da mídia brasileira, da deputada Jandira Feghali (PCdoB-RJ), o foco é fazer programas locais com cara de comunitários”.¹⁹⁹ As produções hegemônicas sabem se utilizar das estratégias necessárias para atingir o público, seja ele de classe alta, média ou baixa. Os conteúdos considerados de mais fácil assimilação geralmente são veiculados em horários específicos e costumam ser midiáticos intercalando os noticiários. É o caso das novelas, dos programas de auditório e dos eventos esportivos.

A facilidade de compreensão proveniente dessas produções contrasta com a falta de clareza da maioria das informações noticiadas, que estão cada vez mais dinâmicas e pouco ricas em detalhes. Essa dimensão assimétrica, característica das produções hegemônicas, faz com que as minorias sociais se identifiquem com alguns protagonistas e rechacem outros tantos, mas pouco os motiva a participar de forma ativa na esfera pública da comunicação, trazendo à baila as suas próprias dimensões sociais de vida.

No decênio que antecede o aparecimento da FMO e, conseqüentemente, se acirram as disputas por espaços publicitários, o vídeo estava sendo incorporado como prática de registro da realidade dos movimentos sociais. Os trabalhadores, mesmo sem muito conhecimento técnico, estavam ansiosos em midiaticizar suas experiências, pouco evidenciadas pela mídia dominante. Durante o I Congresso Nacional das Classes Trabalhadoras (CONCLAT), em 1983, na cidade de São Bernardo do Campo, além da formação da CUT, outro acontecimento, de caráter comunicacional, marcou este episódio. De acordo com Santoro, “durante três dias, dezenas de câmeras, dentre as quais apenas cinco pertencentes a emissoras de televisão,

¹⁹⁹ CABRAL, Eula Dantas Taveira. A grande mídia diante do local e do comunitário. In: BRITTOS, Valério; CABRAL, Adilson. (Orgs.). **Economia Política da Comunicação: interfaces brasileiras**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008. p. 164-178. p. 174,175.

colheram depoimentos das principais lideranças presentes”.²⁰⁰

O autor refere-se à intenção dos metalúrgicos do ABC em dar voz aos sujeitos sociais constantemente censurados pelo poder político e econômico daquela época, situação reiterada mesmo após a redemocratização do país. As câmeras utilizadas para registrar o processo de organização sindical deram atenção aos delegados presentes no evento e, também, aos operários, que não apenas acompanharam as discussões como participaram ativamente de todo o acontecimento.

2.4. Hegemonia alternativa: da representatividade à ação direta

Diversos espaços midiáticos apresentam-se como alternativa ao modelo de comunicação hegemônico, mas isso, por si só, não significa dizer que são experiências democráticas, constituídas para diversificar o espectro comunicacional e, desta forma, se opor aos tradicionais detentores da produção massiva de bens simbólicos. A própria noção de democracia precisa ser melhor trabalhada. É importante dizer que o conceito está intimamente relacionado a outras duas noções de ordem prática. Desta forma, o binômio: democracia representativa e democracia direta complexifica o entendimento deste tema, principalmente quando direcionado aos meios de comunicação e, em especial, às produções audiovisuais.

Hoje, entende-se que está ocorrendo a amplificação do processo democrático. Este fenômeno está ligado à inserção de novos atores em espaços antes de acesso restrito a uma minoria, seja no âmbito midiático, ou, propriamente, nas esferas específicas de atuação política, como organizações de bases, sindicatos, associações, cooperativas e demais instâncias de atuação coletiva. Ocorre que, em certa medida, tal proliferação de forças políticas ditas não-hegemônicas, se dá pelo exercício efetivo de uma sempre nova participação. É, por excelência, a proliferação do poder político em seus mais variados níveis: local, regional, estadual, ou federal.

Em conformidade com este movimento, Bobbio assinala que o processo democratizante só pode se efetivar, de fato, se ocorrer uma expansão do poder ascendente, ou seja, o indivíduo precisa estar atuando enquanto cidadão participativo e deslocando-se da esfera das relações políticas para a esfera das relações sociais:

se hoje pode-se falar em processo de democratização, ele consiste não tanto, como erroneamente muitas vezes se diz, na passagem da democracia representativa para a democracia direta quanto na passagem

²⁰⁰ SANTORO, Luiz Fernando. O vídeo nos movimentos populares. In: FESTA, Regina; SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Orgs). **Comunicação popular e alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 164-170. p. 164.

da democracia política em sentido estrito para a democracia social, ou melhor, consiste na extensão do poder ascendente, que até agora havia ocupado o campo da grande política (e das pequenas, minúsculas, em geral politicamente irrelevantes associações voluntárias), para o campo da sociedade civil nas suas várias articulações, da escola à fábrica.²⁰¹

Essa percepção é fundamental para o encadeamento que se pretende fazer aqui, pois se entende que democratizar a comunicação, em seus mais variados níveis, requer a compreensão de uma nova atitude política por parte do governo de turno, mas, além disso, necessita de uma mudança comportamental por parte dos agentes sociais envolvidos na execução desse processo. Existe uma grande diferença entre democratizar os modos de fazer e operar da comunicação, ou, simplesmente, democratizar o acesso ao que já existe de produção midiática. Ao trabalhar o audiovisual isso é ainda mais evidente, já que a cultura televisiva confere, mesmo aos leigos no assunto, uma familiaridade maior com a imagem e o som do que, por exemplo, com a palavra escrita.

Sendo assim, é preciso considerar o protagonismo no processo produtivo como elemento básico para a promoção do que se entende por democracia. A idéia de acesso à mídia ainda está muito restrita aos códigos estabelecidos entre produtores e receptores de conteúdo. Em relação aos canais de televisão convencionais, a instância participativa resume-se, na maioria dos casos, a *talk shows* e enquetes, muitas destas direcionadas pela própria produção do programa, sem a efetiva opinião da sociedade civil.

Além disso, o custo da tecnologia continua impedindo que se faça da internet um espaço de apropriação real de disputa por hegemonia; quando muito, as produções próprias acabam servindo para ilustrar programas da mídia comercial, ou replicam o conteúdo dos meios hegemônicos numa investida de lucro alternativa, contribuindo para pluralizar os canais de divulgação das mesmas mercadorias comunicacionais.

Embora toda manifestação cultural, social e política circulante hoje em dia na internet esteja ligada à mudança paradigmática da construção e difusão do conhecimento, não se deve simplificar este debate. Em caráter simultâneo ao surgimento das tecnologias digitais se fez emergir uma visão otimista, reforçada pela posição da Comissão Européia, de que os novos instrumentos e serviços de

²⁰¹ BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia**: uma defesa das regras do jogo. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 54, 55.

informação ofereceriam oportunidades para se construir uma sociedade mais justa e equilibrada; em última análise, mais democrática. Esse olhar positivista, lançado na direção da chamada sociedade da informação, engendrou uma perspectiva ilusória sobre o tema, com excessiva exaltação ao sistema global e promessas de maior bem-estar social a partir da materialidade do progresso tecnológico.²⁰²

No entanto, o que se vê, na prática, é meramente o alargamento da estrutura de mercado, pois os grandes conglomerados de comunicação passaram a concorrer para prestar serviços em setores que antes eram restritos a esferas de atuação específicas. Percebe-se, assim, que, nas últimas décadas do século XX, houve uma união sistemática entre empresas que antes atuavam de forma separada, em campos como a informática, as telecomunicações e a comunicação midiática. Em meio a este novo contexto, Moraes explica que as novas tecnologias não foram capazes de equacionar as desigualdades no acesso ao conhecimento e às inovações: “a exclusão digital é visível quando se sabe que Europa e América do Norte têm quase 64% dos internautas do mundo, a América Latina apenas 6% e a África e o Oriente Médio, míseros 2%.”²⁰³

Mesmo assim, as tecnologias digitais são elevadas à base constitutiva de uma nova ordem social. Os defensores desta opinião são os mesmos que cultuam os supostos avanços sociais promovidos pela Sociedade da Informação. Estes, são chamados também de integrados, conceito cunhado por Umberto Eco na tentativa de definir os sujeitos sociais que não dissentem, ou, em outras palavras, que se preocupam apenas com a funcionalidade do sistema social.²⁰⁴ Em sentido oposto, o autor define que existe uma postura divergente, movida por uma “obsessão em dissentir”,²⁰⁵ na qual alguns sujeitos procuram contrapor-se à visão anterior, demasiadamente otimista. Estes últimos são classificados como apocalípticos.

Segundo Eco, a visão maniqueísta do processo comunicativo procura identificar o bem e o mal da cultura de massa, quando, na verdade, deveriam ser problematizadas as falhas explícitas na atuação de cada grupo:

O erro dos apologistas é afirmar que a multiplicação dos produtos da indústria seja boa em si, segundo uma ideal homeostase do livre mercado,

²⁰² BECERRA, Martín, op. cit.

²⁰³ MORAES, Dênis de. Cultura tecnológica, mídia e consumo globalizado. In: BRITTOS, Valério; CABRAL, Adilson. (Orgs.). **Economia Política da Comunicação: interfaces brasileiras**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008. p. 110-131. p. 124.

²⁰⁴ ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2001. p. 9.

²⁰⁵ ECO, Umberto, op. cit., p. 9.

e não deva submeter-se a uma crítica e a novas orientações. O erro dos apocalípticos-aristocráticos é pensar que a cultura de massa seja radicalmente má, justamente por ser um fato industrial, e que hoje se possa ministrar uma cultura subtraída ao condicionamento industrial.²⁰⁶

De fato as mudanças tecnológicas e o atual contexto das mídias digitais colocam essa questão para além da condição de produção e da própria perspectiva dos movimentos sociais em relação ao poder de influência dos *mass media*. De acordo com Festa, durante o início do processo de apropriação dos recursos de vídeo pelos operários do ABC, foi possível identificar, entre os dirigentes sindicais, uma visão apocalíptica dos meios de comunicação de massa.²⁰⁷ No entanto, a autora ressalta que, simultaneamente, era perceptível “uma concepção instrumental do processo comunicativo e da tecnologia”,²⁰⁸ nas práticas internas do Sindicato.

É importante dizer que há, nessas duas considerações, uma contradição operacional, pois, na medida em que os trabalhadores do ABC criticavam o modo de operar adotado pelos grandes meios de comunicação, reproduziam a institucionalização do poder junto aos seus pares. Segundo Festa, tal fenômeno era determinado por dois fatores: “de um lado, pelo modelo leninista (de representação hierárquica e vertical) e de outro, concomitantemente, pela ausência de mecanismos de participação, discussão e crítica”.²⁰⁹

Segundo a Proposta de Criação da TV dos Trabalhadores, originada em 1986, o vídeo poderia ser usado para “informação (Jornal do Sindicato), formação (para a escola de formação), agitação (convocando para uma greve), promoção (contando o que é o Sindicato) e propaganda (lançando um candidato para presidente do Sindicato)”.²¹⁰ Sendo esta a prática inicial de operacionalização da TVT.

Idéia que se refletiu de forma generalizada na organização da comunicação operária durante o século XX. Sua difusão em meio à estrutura sindical brasileira, mormente na região do ABC paulista, é resultado da aproximação ideológica do movimento com a linha adotada durante a Revolução Russa. Utilizavam-se as táticas de informação de curto prazo, através da agitação e propaganda do Partido, em última análise justificáveis somente pelo argumento das “situações de crise”, nas quais se voltava para uma mudança necessária da estrutura de poder.

²⁰⁶ Ibid., p. 49.

²⁰⁷ FESTA, Regina, op. cit., p. 2

²⁰⁸ Ibid.

²⁰⁹ Ibid., p. 2

²¹⁰ Ibid., p. 70, grifo próprio.

Pela perspectiva leninista, os meios de comunicação “não se limitam, no entanto, a difundir idéias, a educar politicamente e a ganhar aliados Políticos”.²¹¹ Sua função primordial consiste em ser mais do que “um propagandista e um agitador coletivo, senão também um organizador coletivo”.²¹² Ou seja, “deveria se constituir um grupo de trabalho que estivesse a seu serviço, que pudesse observar os acontecimentos políticos e perceber qual seria sua influência no meio dos operários e onde circulasse. Estes participantes do grupo já seriam uma parte importante do partido revolucionário”.²¹³

Downing lamenta a forma como as organizações sindicais contemporâneas adotaram este paradigma, “caracterizado muitas vezes como o modelo da correia de transmissão”.²¹⁴ O modelo leninista “servia única e simplesmente para transmitir as prioridades e perspectivas momentâneas da elite do partido”.²¹⁵ Embora, é bom que se diga, tenha sido “forjado sob a repressão política czarista, durante a qual os ativistas da mídia oposicionista que não trabalhassem clandestinamente e com certo grau de disciplina organizacional para combater o regime estavam sujeitos ao exílio”.²¹⁶

É justamente sob esta perspectiva midiática que os operários do ABC passam a utilizar os sons e as imagens gravadas eletronicamente. A iniciativa em documentar acontecimentos considerados importantes para a classe trabalhadora, a exemplo da CONCLAT, estava alicerçada no modelo leninista de comunicação. De acordo com Festa, o vídeo “é o primeiro instrumento que possibilita ao operariado a produção da imagem-som, conjuntamente, inaugurando uma nova fase nas relações entre classe trabalhadora, sociedade e capital”.²¹⁷

A práxis da comunicação sindical daquele período amparava-se nos pressupostos da contra-informação, pois se buscava “a revolução dos meios de comunicação de massa e a instauração de uma nova forma de comunicação, à imagem da cultura de um novo homem”.²¹⁸ Através do trabalho de guerrilha

²¹¹ LENIN, Vladimir Ilitch Ulianov. Por onde começar?. **Núcleo de Estudos da Problemática do Trabalho no Brasil**. Disponível em: <http://www.necobrasil.org.br/htdocs/Oficina%20Leitura/por_onde_comecar.pdf>. Acesso em: 10 out. 2011. p. 1-4. p.3.

²¹² LENIN, Vladimir Ilitch Uliano, op. cit., p. 3.

²¹³ GOMES, Oziel. **Lenin e a Revolução Russa**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 107.

²¹⁴ DOWNING, John, op. cit., p. 109, grifo próprio.

²¹⁵ Ibid.

²¹⁶ Ibid, op. cit., p. 110.

²¹⁷ FESTA, Regina, op. cit., p. 88.

²¹⁸ FLUSSER, Victor. A contra-informação como ato cultural. In: SILVA, Carlos Lins da (Org).

receptiva e da ação cultural,²¹⁹ novos atores sociais eram capazes de decodificar os códigos de comunicação e contrapor-se ao processo natural de adaptação dos telespectadores ao modelo da mídia comercial.

Tal prática pretendia contribuir para a decadência deste sistema, fazendo com que a contra-informação assumisse sua vocação de necessidade histórica.²²⁰ Em larga medida, na contemporaneidade, as mídias digitais podem ser apropriadas nesta mesma perspectiva e contribuir para incrementar a produção da TVT. No entanto, deve-se considerar que as mudanças tecnológicas estão inseridas em um processo amplo, o qual só pode ser entendido considerando-se o âmbito global.

Para que os processos midiáticos originados pelo Sindicato dos Metalúrgicos do ABC não fiquem reféns da dicotomia apocalípticos e integrados é importante aproveitar as brechas da convergência digital. Não apenas enquanto espaço de produção descentralizada para novos conteúdos, mas, também, como terreno fértil para se repensar a proposta inicial de construção da TVT, distanciando-se de um modelo de gestão vertical e adequando-se a formas mais horizontais de participação em todos os âmbitos da concepção dos materiais simbólicos originados pelo Sindicato.

2.5. Brechas da convergência: TV digital e dialeticidade das redes

A partir da década de 1990, com o advento da globalização no Brasil,²²¹ reconfiguram-se as práticas comunicacionais. O desenvolvimento da tecnologia impacta fortemente o cenário midiático, realocando significados de produção, distribuição e consumo de conteúdos. Devido à diversidade de plataformas disponíveis no mercado possibilita-se, ainda, maior acesso e mobilidade às produções audiovisuais.

Assim, conforme observa Utray Delgado, “os conteúdos audiovisuais são

Comunicação, hegemonia e contra-informação. São Paulo: Cortez, 1982. p. 159-164. p. 160.

²¹⁹ A chamada “guerrilha receptiva” refere-se ao conceito desenvolvido por Umberto Eco, “ou seja, o fornecimento de instrumentos ao consumidor para que ele possa fazer a decodificação crítica das mensagens veiculadas pelos meios de comunicação”. FADUL, Anamaria; SILVA, Carlos Eduardo Lins da; SANTORO, Luiz Fernando. Documento básico do IV ciclo de estudos interdisciplinares da comunicação. In: SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Org). **Comunicação, hegemonia e contra-informação.** São Paulo: Cortez: INTERCOM, 1982. p. 9-16. p. 13.

²²⁰ FLUSSER, Victor, op. cit., p. 160.

²²¹ Historicamente, pode-se dizer que o fenômeno da globalização está ligado às navegações portuguesas e espanholas nos séculos XV e XVI, onde se constituíram os mercados nacionais. Esse processo deu início à fase de globalização do capital por meio das correntes de comércio entre os países europeus e o oriente. Contudo, o processo de expansão da globalização virá somente quatro séculos mais tarde, na década de 1970, com o avanço significativo da técnica e dos métodos de produção, durante a chamada Terceira Revolução Industrial.

cada vez mais comuns na internet e os computadores de uso pessoal estão se tornando uma verdadeira alternativa para o consumo de TV”.²²² Trata-se de um processo dinâmico, graças ao aprimoramento da tecnologia e às especificidades de cada um dos suportes responsáveis por gerar e distribuir imagens e sentidos.

De acordo com Brittos e Simões:

A qualidade técnica é o primeiro fator a ser considerado quando se trata do tema digitalização. Quanto a isso, de antemão, duas questões precisam ser esclarecidas: a primeira é que o sinal digital não necessariamente fornece imagens em alta definição, *High Definition Television* (HDTV), pois há diferentes câmeras e equipamentos, que captam e transmitem conteúdos digitais em diversas resoluções; a segunda é que a HDTV pode ser analógica, por mais que não seja vantajosa, diante das facilidades da compreensão de dados disponibilizadas pelos sistemas digitais.²²³

Hoje, a televisão digital terrestre (TDT) alcança apenas 46% da população brasileira. Contabiliza-se 102 emissoras operando por meio desta tecnologia no país e a expectativa da Anatel é, já em 2016, assegurar a cobertura digital em equivalência à analógica, ou, até mesmo, superando-a.²²⁴

Ao abordar as mudanças decorrentes do processo de digitalização, Mattos observa:

Com a convergência digital o telefone celular pode ser usado na transmissão e recepção da voz, acessar a internet, verificar e-mails, fazer download de músicas, vídeos e filmes, fotografar, assistir a programa de televisão, ouvir emissora de rádio, além de armazenar conteúdos e dados. Acrescente-se a isso o fato de que, usando o celular, o usuário pode assumir o papel de receptor, transmissor e fonte de informações rompendo assim alguns paradigmas da comunicação.²²⁵

Contudo, é importante destacar que a acessibilidade a este serviço “implica um acordo entre o governo e as concessionárias para determinar os processos de serviços de monitoramento e controle”.²²⁶ Para isso, “os procedimentos de acompanhamento de prestação de serviços, tanto sob a perspectiva quantitativa, como qualitativa, devem ser acordados em negociações abarcando todos os atores envolvidos”,²²⁷ ou seja, permitindo que não apenas os empresários, mas a sociedade civil também se envolva neste processo.

²²² UTRAY DELGADO, Francisco. **Accesibilidad a la TDT en España para personas con discapacidad sensorial (2005 – 2007)**. Madrid: Edigrafos, 2009. p. 33.

²²³ BRITTOS, Valério; SIMÕES, Denis. **Para entender a TV Digital: tecnologia, economia e sociedade no século XXI**. São Paulo: Intercom, 2001. p.41.

²²⁴ TV DIGITAL alcança 46% da população brasileira. **Adnews**. São Paulo, 14 abr. 2011. Disponível em: <<http://www.adnews.com.br/tv/114414.html>>. Acesso em: 15 abr. 2011.

²²⁵ MATTOS, Sérgio. A televisão digital, a convergência, a produção e a distribuição de conteúdos para celulares e receptores móveis. In: BRITTOS, Valério (Org.). **TV digital, Economia Política e Democracia**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2010. p. 49-68. p. 54.

²²⁶ UTRAY DELGADO, op. cit., p. 216.

²²⁷ Ibid.

Situação que não se concretizou no Brasil, conforme revela a fala do então ministro Hélio Costa, antes da implantação do Sistema Brasileiro de Televisão Digital Terrestre (SBTVD-T): “quem é que vai colocar a TV digital no ar? São as empresas. São elas que vão realmente fazer o trabalho. Se elas não quiserem, não vai haver TV digital”.²²⁸ Na época, ele preferiu se encontrar com os radiodifusores, sem dar atenção ao Comitê Consultivo do SBTVD, no qual outros segmentos sociais estavam representados.

Esta tomada de posição, por parte do governo, tem feito com que o nível de interatividade permaneça o mesmo, “funcionando para a jogatina patrocinada por canais como SBT e Rede TV!, ou as intervenções por telefone nos programas da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)”.²²⁹ De tal modo, descarta-se as possibilidades sócio-inclusivas decorrentes da digitalização, em compasso com o interesse das grandes redes de TV, que rechaçaram a multiprogramação temendo o prejuízo de suas relações comerciais.²³⁰

Nesse sentido, percebe-se que as potencialidades da digitalização, têm se resumindo à máxima do consumo. O cidadão, ou melhor, o consumidor, pode assistir aos programas favoritos pelo aparelho celular, montar sua própria grade de programação, adquirir produtos e realizar transações por meio do aparelho de TV, porém essa interatividade esgota-se aí, impossibilitando a participação crítica e servindo apenas de instrumento às necessidades do mercado.

Na avaliação de Brittos, Cruz, Alves e Goulart:

a TV digital representa uma importante inovação, cujas vantagens variam, conforme as diversas modulações possíveis, mas que podem ser resumidas a superior qualidade de imagem e áudio, multiplicação da capacidade de transmissão de sinais televisivos e transporte de novos serviços e recursos, dotando a TV tradicional de interatividade.²³¹

Ressalta-se, com isso, a necessidade dos recursos digitais operarem em oposição à lógica meramente interativa. Deste modo, entende-se que é possível propor como alternativa a esse processo o uso de redes político-virtuais.²³² Segundo

²²⁸ ZANATTA, Carlos Eduardo; POSSEBOM, Samuel. Comunicação direta. *Tela Viva* – São Paulo, n. 153, set. de 2005. Disponível em: <www.telaviva.com.br/revista/153/capa.htm>. Acesso em 15 abr. 2011.

²²⁹ SANTOS, Luciano Correia dos. A nova esfera pública na digitalização: configurações do espaço público midiático. In: BRITTOS, Valério (Org). **TV digital, economia política e democracia**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010. p. 179-198. p. 191

²³⁰ COSTA, Humberto. Divisor de águas. *Tela Viva*. São Paulo, n. 182, maio 2008.

²³¹ BRITTOS, Valério; CRUZ, Ângelo; ALVES, Milene Corrêa; GOULART, Diego Garcia. TV digital, publicidade e audiência. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, n. 58, p. 13-21, jan./abr. 2011. p. 14.

²³² Não está se considerando apenas as redes sociais, mas em especial outras ambiências, como a

Schere-Warren, “concebem-se redes como formas mais horizontalizadas de relacionamento, mais abertas ao pluralismo, à diversidade e à complementaridade. Portanto, correspondendo como formato organizacional e interativo a uma nova utopia da democracia”.²³³

Esta mesma autora salienta: “ante a multiplicidade e complexidade de cenários nos quais os movimentos sociais se organizam, torna-se cada vez mais relevante a dialeticidade entre práticas políticas e práticas cognitivas”.²³⁴ Tal perspectiva conflui com a proposição deste estudo, pois se toma emprestada a noção de redes para pensar em espaços onde a prática política pode pluralizar-se, ou, até mesmo, internacionalizar-se, atendendo melhor à heterogeneidade da sociedade globalizada.

Em conformidade com Santos, entende-se que “este novo ativismo trans-fronteiriço constitui um paradigma emergente, o paradigma da globalização contra-hegemônica”.²³⁵ Nesse sentido, o que se propõe não é a simples atualização das práticas midiáticas, como ocorre com a digitalização da TV. O uso da tecnologia digital, por meio de espaços virtuais já conquistados pelo movimento sindical, deve promover mais do que pressupõe a lógica interativa. A possibilidade de postagens de vídeos no *site* da TVT, através do *upload*, pode ser utilizada como um canal de contato entre a realidade dos metalúrgicos com trabalhadores de outros países, configurando uma relação local/global e vice-versa.

Em 1848, Marx já previa a importância de atentar para a luta operária em caráter global:

De vez em quando, os operários triunfam, mas sua vitória é passageira. O resultado verdadeiro de suas lutas não é o sucesso imediato, mas a extensão sempre maior da união dos operários. Esta é favorecida pelo crescimento dos meios de comunicação, criados pela grande indústria, que colocam em contato operários de diferentes localidades. Basta apenas esse contato para centralizar as inúmeras lutas locais – que têm em toda parte o mesmo caráter – em uma luta nacional, em uma luta de classes.²³⁶

Para Marx, o avanço tecnológico é fruto de uma concorrência crescente entre os industriais burgueses, hoje claramente identificados no ramo da convergência

gravação e envio de vídeos através da prática do *upload*, por isso, como forma de diferenciá-las, optou-se por chamá-las de redes político-virtuais.

²³³ SCHERER-WARREN, Ilse, **Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização**. Editora HUCITEC: São Paulo, 1999. p. 33,34.

²³⁴ SCHERER-WARREN, Ilse, op. cit., p. 16.

²³⁵ SANTOS, Boaventura de Sousa, op. cit., p. 196.

²³⁶ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich, op. cit., p. 39.

entre as telecomunicações e a informática. Esse processo desencadeia constantes crises econômicas e motiva a ação da classe trabalhadora em decorrência da instabilidade que seus salários sofrem.²³⁷

Levando em consideração as similitudes com as quais a exploração capitalista se manifesta em diversas partes do mundo, pode-se conjecturar que a conjugação de esforços em nível global possui a capacidade necessária para desenvolver a conexão de diferentes grupos sociais, com um interesse em comum: atualizar, acima de tudo, a luta de classes. Todavia, é preciso atentar para que a internacionalização das demandas políticas não assuma posturas autoritárias e burocratizadas, as quais têm se mostrado recorrentes no âmago da atuação sindical.

Na visão de Scherer-Warren:

o coletivismo fechado em si mesmo, ou que se desenvolve em torno de ideologias totalitárias, sem considerar a segmentação social e cultural, e a expressividade das demandas e projetos dos múltiplos sujeitos e do associativismo civil realmente existente, corre perigo de se transformar num centralismo autoritário. Portanto, os projetos civilizatórios emancipadores, construídos *por* e construtores *de* sujeitos sociais libertários, na era da globalização, devem considerar a complexidade dos cenários sociais existentes e a dialeticidade de múltiplas e variadas práticas sociais.²³⁸

Deste modo, o que se propõe como saída para a organização da luta obreira contemporânea, sobretudo aquela articulada também em caráter virtual, é a insistência pela articulação política através do diálogo. Mesmo considerando que a TVT carrega em si uma bagagem cultural própria, sabe-se que existem interesses de classe que são universalizáveis, os quais, hoje, estão inscritos no cenário decorrente da digitalização. Torna-se viável, portanto, o exercício do diálogo intercultural, cujos interlocutores se aproximam e identificam através da troca de experiências individuais e dos signos de identidade da classe trabalhadora.²³⁹

Esta aproximação mais ampla não exclui, no entanto, uma mirada na base do Sindicato. Muito pelo contrário, as experiências de outros países podem aludir à reflexão das próprias ações políticas em âmbito local. Assim, dar vez e voz a novos atores sociais torna-se mais do que uma bandeira universal do operariado, pois se constitui em pressuposto necessário para a construção de uma sociedade mais justa, voltada para as demandas da cultura popular e do mundo do trabalho, em contraponto frontal ao modelo hegemônico na contemporaneidade.

²³⁷ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich, op. cit., p. 39.

²³⁸ SCHERER-WARREN, Ilse, op. cit., p. 17.

²³⁹ CORTINA, Adela, op. cit., p. 168.

2.6. A classe trabalhadora do ABC

Em meados da década de 1970, como consequência das mudanças do capitalismo em escala mundial, não apenas a estrutura produtiva se modificou, mas também o universo de ideários e valores. A substituição do padrão taylorista e fordista por formas flexibilizadas e desregulamentadas de produção impulsionou a competitividade e a concorrência intercapitais, interempresas e interpotências políticas do capital,²⁴⁰ afetando diretamente as relações de produção, com aumento da degradação da força de trabalho.

Foi em meio a esse cenário geral que Lula ficou conhecido como uma das principais lideranças sindicais do Brasil. Atuação que teve como berço o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, entidade mantenedora da atual concessionária do canal 46-UHF, em Mogi das Cruzes, no qual se hospeda a TVT. Saudado como militante histórico do ABC paulista, Luiz Inácio Lula da Silva saiu ainda pequeno da cidade de Garanhuns – no sertão do nordeste, cerca de 230 km de Recife – para ganhar destaque no meio sindical durante os anos 80 e, posteriormente, chegar à Presidência do país.²⁴¹

Naquela época, a classe operária do ABC paulista era formada, em sua maioria, por migrantes nordestinos; pessoas humildes, as quais, tal qual aconteceu com a família de Lula, mudaram-se para São Paulo na expectativa de fugir da miséria e encontrar condições mais dignas de se viver, sendo que muitos não eram nem mesmo alfabetizados. Antunes descreve este contingente operário como “o migrante egresso das regiões mais atrasadas e que, ao inserir-se nos marcos das fábricas monopolizadas, assume a sua face autenticamente proletária, de ser social modelado pelo mundo industrial”.²⁴²

Sendo assim, a classe operária metalúrgica do ABC transpõe crenças importadas do contexto agrário (baseadas na solução individual) para um mundo de ações coletivas, que é próprio da rotina fabril. A realidade encontrada pelos migrantes nordestinos no complexo industrial paulista caracteriza-se por momentos difíceis, os quais foram enfrentados com o único objetivo de assegurar o sustento de suas famílias.²⁴³ Salienta-se, portanto, que o florescimento do segmento proletário da

²⁴⁰ ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do Mundo do Trabalho. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1998.

²⁴¹ LULA - O FILHO DO BRASIL. **Fábio Barreto**. São Paulo: Europa Filmes, 2009. DVD.

²⁴² ANTUNES, Ricardo, op. cit., p. 161.

²⁴³ Durante esse período, os trabalhadores precisavam encarar as manhãs frias do ABC paulista com as

década de 1980 é fruto da rotina laboral da indústria automobilística, em meio à mudança de contexto do operariado da época.²⁴⁴

O primeiro contato de Lula com o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema se deu em 1967, quando trabalhava nas Indústrias Villares. Dois anos depois ele assumiu a suplência da diretoria da entidade e, em 1972, tornou-se membro da diretoria executiva.²⁴⁵ Alguns momentos marcantes da sua caminhada acabaram lhe empurrando para a atuação sindical, mas a influência de Frei Chico,²⁴⁶ um dos seus sete irmãos, e a morte da sua primeira esposa, Maria de Lurdes (em 1971), contribuíram significativamente para que o operário humilde despertasse de vez o interesse pela política.

Na época da morte de sua companheira, a atividade sindical serviu de subterfúgio para não se deixar levar pela dor da perda.²⁴⁷ Nos anos seguintes, após o ressurgimento do movimento operário grevista, Lula tornou-se o principal expoente das greves desencadeadas no ABC paulista. Conforme explica Almeida:

por volta de 1977-1978, em torno da postura crítica e renovada do Sindicato de São Bernardo começou a se agrupar um punhado de lideranças novas, de São Paulo e outros estados, que, sintomaticamente, representam outras fatias da moderna classe operária brasileira: trabalhadores na siderurgia, na grande indústria metalúrgica, nas refinarias de petróleo, na indústria petroquímica. Assim constitui-se o núcleo central do que logo ganhou o epíteto de corrente autêntica do sindicalismo, que se foi ampliando com a incorporação de dirigentes de outras categorias as mais diversas: bancárias, jornalistas, eletricitários etc.²⁴⁸

Segundo Antunes, “esse núcleo teria, entre outros atributos, que exercer o papel de direção dos movimentos reivindicatórios que começaram a despontar com larga intensidade e larga dose de espontaneidade”.²⁴⁹ A pauta de reivindicações da categoria incidia “no questionamento direto da organização do processo de trabalho

roupas utilizadas em suas cidades de origem. Ao contar sua experiência, o ex-operário da Volkswagen, Zacarias, revela que não tinha sequer um agasalho para os dias de frio. Enfrentava a labuta diária, mesmo em manhãs de forte geada, com as mesmas vestimentas usadas na região do nordeste brasileiro, já que ele havia emigrado da Bahia. Alguns colegas de trabalho questionavam o fato dele não estar agasalhado; envergonhado o trabalhador procurava desconversar. A verdade é que não tinha dinheiro para comprar agasalhos. PEÕES. **Eduardo Coutinho**. Manaus: Videolar, 2004. DVD.

²⁴⁴ ANTUNES, Ricardo, op. cit.

²⁴⁵ BETO, Frei. LULA - detalhes biográficos. **Agência Imediata**. Disponível em: <http://imediata.org/lancedados/lula/betto_detalhesbio.html>. Acesso em: 3 out. 2011.

²⁴⁶ Trata-se do irmão mais velho de Lula e histórico militante do PCB.

²⁴⁷ LULA - O FILHO DO BRASIL, op. cit.

²⁴⁸ ALMEIDA, Maria Herminia Brandão Tavares de. Tendências recentes da negociação coletiva no Brasil. **Dados** - Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, n. 2, p. 161-189. 1981. p. 166.

²⁴⁹ ANTUNES, Ricardo, op. cit. p. 135.

capitalista”.²⁵⁰ Três anos antes de estourar a greve da Scania, primeira grande mobilização daquele período, Lula tornou-se presidente do Sindicato com 90% dos votos da categoria e, três anos depois, foi reconduzido ao cargo.²⁵¹ Ao contrário de seu irmão Chico, ele não era filiado a nenhum partido político e não tinha uma clara leitura ideológica sobre a disputa que estava sendo travada no Brasil, durante a ditadura militar. No entanto, já demonstrava um forte poder de carisma e uma oratória de grande apelo popular.²⁵²

A abertura começada ainda no governo do general Ernesto Geisel, em 1978, contribuiu para que, no ano seguinte, um dia antes da posse do general João Figueiredo, 150 mil metalúrgicos de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano cruzassem os braços, fazendo com que o maior centro industrial da América Latina ficasse completamente parado.²⁵³ De acordo com Antunes, os trabalhadores uniram-se, superando alguns mitos criados em torno da capacidade de organização do movimento operário da época:

O elemento unificador central, decisivo, capaz de superar a heterogeneidade objetiva, estrutural e operar um processo de homogeneização, no plano reivindicatório, das distintas subjetividades que compreendem o contingente metalúrgico, fazendo detonar o movimento grevista em estado de letargia havia cerca de uma década, foi a luta contra a superexploração do trabalho, a compreensão salarial.²⁵⁴

Esse período é marcado por sucessivas mobilizações, com papel decisivo do operário metalúrgico da indústria automobilística. As greves de 1978 e 1979 ergueram as bases do que viria a ser a Greve dos 41 dias. Nesta última, além de contrapor o regime militar, os trabalhadores reivindicavam prioritariamente a redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais, sendo que a sustentação do movimento estava assegurada pelo respaldo material do Fundo de Greve. Diferente do que havia ocorrido nas mobilizações anteriores, “estruturou-se também uma organização capaz de dar continuidade ao movimento”,²⁵⁵ a partir de um comando de

²⁵⁰ MARONI, Amneris Ângela. **A estratégia da recusa**. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 104.

²⁵¹ BETO, Frei, op. cit.

²⁵² No final dos anos 70, motivado pela adesão à campanha salarial e pelo início do processo de reabertura política, Lula convocou uma assembléia no estádio Vila Euclides, em São Bernardo do Campo, onde compareceram cerca de 80 mil metalúrgicos. Ao discursar sem microfone para os trabalhadores, sua fala foi repetida sucessivamente pelos que estavam mais próximos a ele e, assim, todos os presentes puderam ouvi-lo. Daí por diante foi questão de tempo até se tornar a principal referência do movimento sindical do ABC. LULA O FILHO DO BRASIL, op. cit.

²⁵³ ABC DA GREVE. **Leon Hirszman**. São Paulo: Cinemateca Brasileira, 1990. Disponível em: <<http://www.downloadcult.com/2011/08/07/abc-da-greve-1990/>>. Acesso em: 3 out. 2011.

²⁵⁴ ANTUNES, Ricardo, op. cit., p. 159.

²⁵⁵ ANTUNES, Ricardo, op. cit., p.71.

greve, o qual era liderado por Lula.

Em abril de 1980, o ex-dirigente sindical foi preso pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), sob a alegação de que estaria ferindo a Lei de Segurança Nacional. Por iniciativa do então ministro do Trabalho, Murillo Macêdo, o Governo Figueiredo já havia destituído Lula da direção do Sindicato antes de prendê-lo, mas, na prática, o sindicalista seguia à frente da organização do movimento. Após receber o apoio de milhares de pessoas ele foi libertado em maio de 1980.²⁵⁶

Naqueles tempos, as condições precárias e o ritmo de trabalho, aliados à baixa remuneração da maior parte dos operários, estabeleciam ações em comum com maior facilidade do que nos dias de hoje; a luta por reajustes salariais e melhores condições para o exercício da rotina laboral constituíam-se em pautas permanentes da agenda de mobilizações. Mesmo com a fragmentação existente no seio do próprio operariado metalúrgico, dividido pelo “trabalho qualificado” e “não-qualificado”, a unidade dos trabalhadores brotava por meio do trabalho abstrato que todos realizavam para o capital, independente de grau de qualificação.²⁵⁷

Havia, no entanto, uma controvérsia oriunda desta cisão, a qual era atribuída ao aburguesamento da classe operária. Para Alves, este fenômeno é decorrente da “capacidade do capitalismo moderno em pagar salários mais altos a um número maior de trabalhadores, elevando seu padrão de vida e lhes permitindo mesclar-se ideologicamente com a classe média”.²⁵⁸ Postura que ficou conhecida historicamente como trade-unionismo, termo que teve origem no movimento operário inglês.²⁵⁹ Em reconhecimento a inserção deste modelo no seio do movimento sindical brasileiro, já no final da década de 1980, – período em que os operários do ABC começaram a manusear as primeiras câmeras de vídeo – Festa defendia que, o uso das tecnologias de comunicação na prática sindical cotidiana ajudariam a fugir da relação trade-

²⁵⁶ Vale dizer que, nesta época, Lula viajou à Europa e trouxe na bagagem uma câmera de vídeo, que foi prontamente doada ao Sindicato. Assim, tiveram início os primeiros registros da categoria, modificando a relação dos metalúrgicos com as tecnologias de comunicação e inserindo no cotidiano dos trabalhadores a importância de registrar as manifestações da cultura operária, mesmo que esta esteja atravessada pelas culturas de massa e popular. Tal acontecimento motivou, anos mais tarde, a aquisição de uma câmera VHS 1800, de porte profissional. Neste contexto, utilizando-se das primeiras câmeras camcorders – as quais fazem a ligação da câmera (cam) com o gravador de fita (recorder) em um único bloco – os metalúrgicos do ABC passaram a apropriar-se das técnicas de captação de áudio e vídeo. NUZZI, Vitor. No ar, o Brasil. **Revista do Brasil**, São Paulo, n. 50, p. 12-15, ago. 2010

²⁵⁷ ANTUNES, Ricardo, op. cit., p. 136.

²⁵⁸ ALVES, Vania Malheiros Barbosa. **Vanguarda Operaria: Elite de Classe?**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p.32.

²⁵⁹ O trade-unionismo refere-se à existência de um segmento privilegiado, cujas aspirações estão embasadas em reivindicações predominantemente econômicas. ANTUNES, Ricardo, op. cit., p. 139.

unionista.²⁶⁰ Para ela, “o vídeo é um importante instrumento de co-participação nas diferentes esferas das relações sociais dos trabalhadores”,²⁶¹ fator que contribui para o aprimoramento da luta social, além da econômica.

Ao lembrar-se das primeiras imagens registradas pelos operários do ABC, em 1986, o ex-ferramenteiro Elizeu Marques da Silva – um dos funcionários mais antigos da TVT – conta que os metalúrgicos estavam cansados de serem retratados pelas lentes distorcidas dos canais de televisão comerciais.²⁶² Quando tinha indicativo de greve, antes mesmo de serem paralisadas as primeiras fábricas, o discurso dominante já condenava a atitude dos grevistas; mesmo depois de começada a paralisação, os meios de comunicação hegemônicos ignoravam o acontecimento político. Segundo Elizeu, “eles faziam questão de mostrar imagens de arquivo, onde o pessoal estava trabalhando. Vendo o noticiário dava a impressão de não haver nenhum tipo de mobilização”.²⁶³ A tática utilizada visava colocar os trabalhadores uns contra os outros, conforme retrata o filme *Eles não usam black-tie*, dirigido por Leon Hirszman, que mostra a relação conflituosa entre pai e filho.²⁶⁴

O primeiro é um dos líderes do movimento grevista e havia sido preso durante o regime militar. Ele procurava desmistificar projetos governistas como a nova política salarial, cujo objetivo principal era limitar o poder dos sindicatos e controlar a luta dos trabalhadores, propondo um suposto aumento anual dos salários. Já o segundo, recém casado, opta por furar a greve da categoria temendo perder o emprego. Nessa época, era comum a realização de piquetes nas portas das fábricas com a intenção de alertar os trabalhadores para a importância da unidade da categoria, com vistas a lograr êxito nas negociações com a classe patronal e o governo.

Os mais jovens, sem ter experienciado os anos de chumbo da mesma forma que seus pais, estavam mais propícios a aceitar a propaganda do governo, reforçada constantemente pelos meios de comunicação. Nesse sentido, queriam se afastar do confronto direto e preocupavam-se mais com projetos pessoais do que coletivos. Muitos operários, como o jovem protagonista do filme de Hirszman, ficaram

²⁶⁰ FESTA, Regina, op. cit., p. 14.

²⁶¹ Ibid.

²⁶² SILVA, Elizeu Marques. **Entrevista concedida pelo coordenador do Acervo da TVT, São Bernardo do Campo.** São Bernardo do Campo, 2 mar. 2011.

²⁶³ SILVA, Elizeu Marques, op. cit.

²⁶⁴ ELES NÃO USAM BLACK-TIE. **Leon Hirszman.** São Paulo: Paramount, 1981. Disponível em: <<http://www.filmesparadownloads.com/eles-nao-usam-black-tie-nacional/>>. Acesso em: 3 out. 2011.

conhecidos pela alcunha de “fura greve”, apelido dado em função da postura individualista e submissa aos patrões.²⁶⁵ Quando os trabalhadores não aderiam às paralisações ou identificava-se a presença de agentes do governo infiltrados no movimento, partia-se logo para o confronto intra-classe.²⁶⁶

Esses conflitos resultam de um processo histórico, cujas causas remetem a própria reestruturação da atividade produtiva e, conseqüentemente, a reorganização do trabalho. A indústria automobilística brasileira baseava-se no sistema de produção fordista, o qual intensificou os processos de especialização e divisão de tarefas. Assim sendo, o faturamento das montadoras de automóvel apresentava-se de forma inversamente proporcional a qualidade de vida dos operários.²⁶⁷ Além de desenvolverem doenças físicas, eles também sofriam com pressões psicológicas, pois constantemente se viam ameaçados a perder o emprego, sobretudo se não atingissem às metas da empresa ou aderissem às greves.

Entretanto, com a derrota de Lula nas eleições de 1989, a esquerda sindical e partidária modifica sua relação com a classe patronal e passa a aderir à socialdemocracia, subordinando-se à ordem do capital. Como já se explicitou neste estudo, o advento do neoliberalismo e a crise do Welfare State, contribuíram para a regressão de princípios sociais básicos, em função de três aspectos fundamentais: aumento do processo de privatização, enxugamento do Estado e adoção de políticas fiscais monetárias sintonizadas com organismos mundiais de hegemonia do capital, como o Fundo Monetário Internacional (FMI).²⁶⁸

Toda essa transformação no mundo do trabalho acabou afetando, também, a forma de ser da classe trabalhadora. Com a fragmentação e a heterogeneidade da nova categoria assalariada, o sentido de classe se perdeu, seguindo-se a diminuição

²⁶⁵ Um dos operários entrevistados por Coutinho, identificado como Henok, conta que ficou conhecido por caçar o espião que havia denunciado Lula durante a greve de 1979, demonstrando a fidelidade devotada à liderança sindical. PEÕES. Eduardo Coutinho, op. cit. Embora a represália aos trabalhadores que não aderissem às greves fosse constante, Lula condenava estas ações e preferia o diálogo com a classe patronal como forma de resolver os impasses estabelecidos. LULA O FILHO DO BRASIL, op. cit.

²⁶⁶ Em 1979, o cineasta Leon Hirszman esteve presente na região do ABC e registrou os confrontos protagonizados pelo movimento grevista da época. *O ABC da Greve* só foi concluído dez anos depois, após a morte do diretor do filme. Ele havia deixado a obra inacabada para dedicar-se a produção do longa *Eles não usam black-tie*. ABC DA GREVE, op. cit.

²⁶⁷ Ex-operária da Vollkswagen, Conceição conta que, mesmo enquanto dormia, acabava repetindo os movimentos executados durante sua atividade laboral à frente da linha de montagem. Como resultado dessa rotina extenuante, a metalúrgica desenvolveu tendinite e hérnia cervical, mas a necessidade de obter recursos para a família a impediu de deixar o serviço. PEÕES, op. cit.

²⁶⁸ ANTUNES, Ricardo, op. cit.

nas taxas de sindicalização.²⁶⁹ De acordo com Alves, a taxa de densidade sindical brasileira manteve-se modesta mesmo nos anos 80, considerada a “década dos trabalhadores” no país: “de 1980 a 1985, por exemplo, segundo dados do IBGE, a densidade sindical chegou a cair 0,6%”.²⁷⁰ O autor ressalta que “o grande salto na densidade sindical entre 1970 e 1988 deveu-se essencialmente à expansão do associativismo rural”.²⁷¹

Por conseguinte, o movimento sindical enfrentou “imensas dificuldades de articular, numa perspectiva horizontal mais ampla, a organização (e a resistência) da classe, permanecendo vinculada à categoria assalariada”,²⁷² o que resultou em tomadas de posição corporativistas na década de 1990.²⁷³ A opção pelo enfrentamento das contradições político-econômicas através das vias legais resultou na profissionalização da atividade jornalística e, conseqüentemente, na despolitização do conteúdo produzido.

A elaboração dos editoriais, por exemplo, passou a ser prerrogativa da direção do sindicato; nem sempre representando a opinião da base da categoria. Além disso, o próprio termo operário foi sendo gradativamente substituído por trabalhador e, neste contexto,²⁷⁴ a CUT passou a defender junto às entidades a ela vinculadas o “avanço na constituição do ramo da Comunicação e Informática, que agregue informática, telecomunicações, jornalistas, radialistas, entre outros setores”.²⁷⁵

Hoje, se a classe trabalhadora não é igual à existente na época do sindicalismo combativo da década de 1980, “ela também não está em vias de desaparecimento, nem ontologicamente perdeu seu sentido estruturante”.²⁷⁶ Na contemporaneidade, a classe trabalhadora “compreende a totalidade dos assalariados,

²⁶⁹ ALVES, Giovanni, op. cit.

²⁷⁰ ALVES, Giovanni, op. cit., p. 114

²⁷¹ Ibid., p. 113.

²⁷² ALVES, Giovanni, op. cit., p. 114.

²⁷³ De acordo com Alves: “no interior da própria CUT, sob a era neoliberal, desdobrar-se-ia uma tendência similar, de cariz neocorporativo, com o sindicalismo de participação, que privilegia estratégias propositivas; um novo sindicalismo, cada vez mais defensivo, disposto a incluir, em sua pauta de resistência, a parceria com o capital. Nos anos 90, sob o novo complexo de reestruturação produtiva, tender-se-ia a privilegiar, cada vez mais, as “greves por empresas”, demonstrando o predomínio – inclusive no interior do sindicalismo da CUT – da política do “sindicalismo de resultados”. Ibid., p. 115.

²⁷⁴ FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa operária no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

²⁷⁵ CADERNOS DE FORMAÇÃO I, op. cit., p. 138.

²⁷⁶ ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, maio/ago. 2004. p. 335-351. p. 336.

homens e mulheres que vivem da venda da sua força de trabalho”,²⁷⁷ os quais, obviamente, não são possuidores dos meios de produção. Sendo assim, em síntese, “o que muda é a forma de implicação do elemento subjetivo na produção do capital, que, sob o taylorismo/fordismo, ainda era meramente formal e com o toyotismo tende a ser real, com o capital buscando capturar a subjetividade operária de modo integral”.²⁷⁸

Conforme explicam Antunes e Alves:

O fordismo ainda era, de certo modo, uma “racionalização inconclusa”, pois, apesar de instaurar uma sociedade “racionalizada”, não conseguiu incorporar à racionalidade capitalista na produção as variáveis psicológicas do comportamento operário, que o toyotismo procura desenvolver por meio dos mecanismos de comprometimento operários, que aprimoram o controle do capital na dimensão subjetiva. Em contrapartida, o toyotismo não possui a pretensão de instaurar uma sociedade “racionalizada”, mas apenas uma “fábrica racionalizada”. É a partir do processo de produção intrafábrica (e na relação entre empresas) que ele procura reconstituir a hegemonia do capital, instaurando, de modo pleno, a subsunção real da subjetividade operária pela lógica do capital.²⁷⁹

As mudanças ocorridas no mundo do trabalho, sob a concepção do toyotismo, estabelecem novos nexos entre empresas e trabalhadores. O investimento na qualificação dos profissionais do setor produtivo é utilizado como estratégia interna para baratear futuros gastos com mão de obra qualificada e o sentimento de pertença dos funcionários ao complexo econômico – em muitos casos defendendo incondicionalmente aqueles que exploram sua força de trabalho – provoca o afastamento consciente da classe de origem, na esperança de ascender economicamente e ocupar espaços de atuação mais privilegiados.

²⁷⁷ ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni, op. cit., p.336.

²⁷⁸ Ibid., p. 344.

²⁷⁹ Ibid., p. 344, 345.

3. TV dos Trabalhadores: história, trajetória e consolidação

No último capítulo deste estudo, analisa-se a produção e distribuição de conteúdos próprios desenvolvidos pela TV dos Trabalhadores (TVT). Por meio de uma análise dialética, identifica-se onde se inserem as manifestações contra-hegemônicas na grade de programação da emissora. Com isso, encerra o objetivo final deste estudo: problematizar o atual momento experienciado pela TVT no âmbito da produção audiovisual alternativa, confrontando o paradigma proposto pelo projeto de comunicação dos metalúrgicos do ABC por meio da perspectiva crítica da Economia Política da Comunicação.

3.1. Aproximando-se do objeto de estudo

Antes do ingresso no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCC) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), ainda durante o processo de elaboração do pré-projeto de dissertação, foram feitos contatos informais com as lideranças do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, o que serviu como porta de entrada para a pesquisa de campo. Ao conversar com os responsáveis pelo projeto de comunicação da TVT, procurou-se, acima de tudo, conhecer, ampla e detalhadamente, o objeto empírico. Essa aproximação permitiu investigar como está sendo operacionalizado o canal dos trabalhadores dentro do seu contexto de realidade, utilizando-se, para tanto, das fontes de evidência.

Não apenas neste momento, mas durante todo o percurso de coleta de informações, a técnica de entrevista constituiu-se em um procedimento muito importante na obtenção dos dados, pois permitiu ao pesquisador apresentar-se diante do objeto tencionado e, deste modo, obter as informações que interessam à investigação. Ao conceituar esse método, Gil observa:

enquanto técnica de coleta de dados a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes.²⁸⁰

Ainda no primeiro semestre de 2010,²⁸¹ realizou-se uma entrevista semi-estruturada, via telefone, ou melhor, através do Skype, com o diretor de Programação

²⁸⁰ GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 109.

²⁸¹ Essa primeira entrevista fez parte de um exercício de micro-entrada em campo realizado para disciplina de Teorias e Metodologias em Recepção Midiática, ministrada pela professora Denise Cogo, durante o primeiro semestre de 2010, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos (PPGCC).

da TVT, Antônio Jordão Pacheco.²⁸² Destaca-se que, essa conversa, ocorreu no dia 13 de maio do referido ano. Em aproximadamente 30 minutos, Jordão passou informações sobre a pré-estréia do canal. A primeira pergunta visou compreender o processo de construção da emissora, deixando o entrevistado expressar-se sem a exigência de seguir uma ordem rígida das questões. O desenrolar da conversa foi adaptando-se à fala do entrevistado; no entanto, não se permitiu que o diálogo fugisse de três questões norteadoras, elaboradas previamente.

Ao esgotar o primeiro questionamento, que versava sobre o surgimento do canal dos trabalhadores, procurou-se compreender a relação da TVT com a comunidade de Mogi das Cruzes, cidade onde a Fundação recebeu a outorga para operar o canal 46-UHF. Neste dado momento, foi possível verificar que havia certo distanciamento entre os moradores da região e os articuladores do projeto, sobretudo porque a sede da TVT está localizada na cidade de São Bernardo do Campo.²⁸³ Prática também utilizada por emissoras comerciais, as quais, ao obterem autorizações para operar uma determinada emissora, nem sempre dialogam com a região contemplada ou, ao menos, colocam-na em segundo plano, visando única e exclusivamente abranger uma maior audiência.

Percebendo esta falha inicial, uma terceira questão norteadora buscou entender como estava se desenvolvendo o processo de produção audiovisual do canal educativo dos metalúrgicos. Neste ponto, verificou-se a intenção da emissora produzir sete programas e, também, desenvolver parcerias com canais de caráter público-estatal, visando complementar a grade de programação.²⁸⁴

Como o entrevistado já havia compreendido a intenção da pesquisa, questionou-se, por fim, sobre a possibilidade de o entrevistador poder acompanhar o processo inicial de produção audiovisual da TVT em um período prévio. A resposta foi positiva, inclusive com a sugestão, por parte do diretor de Programação da emissora, de que a visita ocorresse em julho de 2010, momento no qual, segundo ele,

²⁸² A escolha pela utilização deste *software* se deu em função do menor custo de ligação para telefones fixos de um estado para outro. O *Skype* é um serviço de comunicação de voz através da internet, que funciona por meio do *Voice over Internet Protocol (VoIP)*. Nesta entrevista utilizou-se o *SkypeOut*, o qual permite realizar ligações para telefones fixos de qualquer localidade.

²⁸³ PACHECO, Antônio Jordão. **Entrevista concedida pelo diretor de Programação da TV dos Trabalhadores, São Bernardo do Campo**. Porto alegre, 13 maio. 2010.

²⁸⁴ Das sete produções previstas, uma acabou não se concretizando por falta de recursos. Segundo Jordão, o programa *Boa Gente* ficou congelado porque a prioridade, até o final de 2011, foi investir na visibilidade do projeto. PACHECO, Antônio Jordão. **Entrevista concedida pelo diretor de Programação da TV dos Trabalhadores, São Bernardo do Campo**. São Bernardo do Campo, 2 mar. 2011.

“as coisas estariam acontecendo por lá”.²⁸⁵ De fato, um mês depois a emissora entrou no ar, mas a visita a São Bernardo foi postergada para março de 2011. Mesmo assim, com este primeiro movimento, já foi possível identificar elementos que contribuíram com o problema de pesquisa.

Evidenciou-se, principalmente, a necessidade de contatos presenciais e, nesta direção, realizou-se uma segunda entrada em campo em março de 2011. Em tal oportunidade, além de conversar novamente com Jordão, foi possível ouvir o coordenador Elizeu Marques da Silva, que cuida do acervo da TVT. As questões e as seqüências das duas entrevistas já haviam sido predeterminadas, o que facilitou o esclarecimento de questões relativas ao funcionamento geral do canal dos trabalhadores. As duas primeiras rodadas de entrevista foram realizadas em caráter semi-aberto, ou seja, com flexibilidade maior na condução e resposta das questões.

A partir dos dados obtidos na entrevista não presencial e, somando-se a isso, os dados da segunda entrevista, foi possível focar os pontos de interesse abordados na última visita, que ocorreu em agosto de 2011. Ao conversar pela terceira vez com o diretor de Programação, optou-se em utilizar a entrevista por pauta. Mais do que apenas atualizar o processo de construção da emissora a esta altura procurou-se conhecer melhor tanto a produção de conteúdos, quanto a disseminação destes materiais. Aliado a esse processo, foi possível realizar um breve acompanhamento das rotinas produtivas.²⁸⁶

Para atingir os objetivos propostos pelo presente estudo, seria indispensável conversar com os principais articuladores da dinâmica de operacionalização da emissora, portanto, com o foco na produção e distribuição de conteúdos, sem deixar de ponderar aspectos relativos à gestão do canal, escutou-se os já citados: Antônio Jordão Pacheco, responsável direto pela programação, e Valter Sanches, liderança sindical designada pelos Metalúrgicos do ABC para ocupar o cargo de presidente da Fundação.

Foi ouvido, também, o supervisor de Operações Josimar Alves Bezerra, mais conhecido como Banana. Ao lado de Elizeu, ele forma a dupla de profissionais mais antigos da TVT. Outra funcionária, que já tinha um envolvimento prévio com o Sindicato antes da obtenção da outorga, é Claudia Ugolini; ela prestava serviços à

²⁸⁵ PACHECO, Antônio Jordão, op. cit.

²⁸⁶ Ressalta-se a presença do pesquisador, nos bastidores, durante a apresentação do *Seu Jornal*, única produção diária da TVT.

produtora e, hoje, tem a incumbência de preparar as chamadas e auxiliar na coordenação de programação. Sua experiência no antes e depois da concessão também foi relatada na última visita. Neste mesmo período, tentando compreender melhor o processo produtivo da TVT realizou-se entrevistas com os produtores Willian Assaf, Crystal Ferreira e Luciana Dias.

Por fim, foram ouvidos José Mombelli e Carlos Ribeiro, respectivamente chefe de Reportagem e apresentador do noticiário *Seu Jornal*, único programa diário, o qual é aberto ao jornalismo colaborativo. É importante frisar que a escolha dos entrevistados se deu de forma aleatória, apenas as entrevistas com o diretor de Programação e o presidente da Fundação foram agendadas. A espontaneidade com a qual aconteceram as outras oito conversas contribuiu, e muito, para dar vida a este trabalho. Por não terem sido previamente marcadas, conferem naturalidade às informações repassadas. As contradições, quando evidenciadas, facilitam o entendimento do processo e, considerando o fato de algumas questões terem sido formuladas mediante o desenrolar do diálogo, acredita-se ter encontrado as respostas mais verossímeis possível.

3.2. As organizações sindicais e a criação da TVT

Em junho de 1986, a então produtora de vídeos do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema começa a desenvolver-se, atuando, sobretudo, em espaços como a Central Única dos Trabalhadores (CUT), o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Instituto Cajamar (INCA).²⁸⁷ Segundo Santoro, além de contribuir para a democratização da comunicação e criar um movimento nacional expandindo a proposta para outras regiões do país, a entidade pretendia, em suma, “trabalhar a questão da imagem desde o mundo operário e das organizações sindicais, sempre ausentes dos meios audiovisuais, e a partir dessa referência pensar a cultura e as diferenças sociais”.²⁸⁸

Ao narrar este processo, Elizeu conta que, nos anos 80, os operários do ABC começaram a perceber a importância de historicizar o movimento: “na medida em que se registram os acontecimentos surge uma discussão mais ampla sobre como

²⁸⁷ A TVT surgiu com o intuito de registrar as manifestações políticas e culturais do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Além disso, cobria as atividades realizadas pela CUT, trabalhava na realização de campanhas políticas para o PT e produzia programas de televisão com enfoque nas demandas da classe trabalhadora. SANTORO, Luiz Fernando, op. cit.

²⁸⁸ SANTORO, Luiz Fernando, op. cit., p. 75.

fazer esse material ter um retorno para os trabalhadores”.²⁸⁹ Os metalúrgicos sentiam a urgência de arquitetar um projeto de comunicação capaz de se opor à chamada grande mídia, pois, esta última não poupava as entidades classistas e agia em defesa dos interesses dos grupos econômicos responsáveis pelo seu sustento, ou seja, configuravam-se como canais de comunicação da classe patronal.

Naquela época, ainda sem uma estrutura como a de hoje e tendo que enfrentar um governo contrário aos interesses da classe trabalhadora, os sindicalistas optaram por sair às ruas para produzir e distribuir o seu primeiro telejornal. O objetivo era se comunicar com os operários e, de alguma forma, contrapor o que era veiculado pelas emissoras comerciais. O *Telejornal dos Trabalhadores* chegava até a porta das fábricas por meio de práticas alternativas de difusão de conteúdos, já que toda a estrutura necessária para a sua operacionalização resumia-se a um caminhão com duas telas, chamado de “vídeo móvel”, o qual continua conservado. Elizeu recorda com saudades daqueles tempos: “hoje estou na parte administrativa, até porque não tenho mais pique para subir em caminhões”.²⁹⁰

As notícias eram capturadas diretamente pelos líderes sindicais e não se resumiam às pautas da categoria, procuravam abranger as informações de interesse nacional e as discussões de conjuntura política. Os sindicalistas iam para as portas das fábricas e apresentavam o conteúdo aos trabalhadores por meio de um projetor, o qual refletia as imagens gravadas nas telas acopladas ao caminhão. A visita costumava ocorrer bem cedo, antes mesmo de começar o expediente e aproveitando a escuridão do dia que ainda estava por nascer.²⁹¹

Durante esta fase inicial, a TVT resumia-se a uma sala de vídeo, que ficava no segundo andar do edifício do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Festa descreve com pormenores a estrutura deste período:

Na sala de 36 metros quadrados, havia duas cadeiras, 1 câmera VHS de três tubos (presente ganho pelo Lula numa viagem à Europa), 1 câmera Sony U-Matic, 1 VT Sony, 1 telão Sony de um tubo, dois tripés de fotografia, meia dúzia de lâmpadas 500W, 3 videocassetes, cerca de cem fitas e o sistema de conexão do circuito interno de televisão. Lá

²⁸⁹ SILVA, Elizeu Marque, op. cit.

²⁹⁰ Ibid.

²⁹¹ Cabe ressaltar que, durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), “através do Plano de Metas, foram instaladas 10 grandes montadoras de veículos automotivos no ABC: Willys, Vemag, Volkswagen, Ford, International Harvester, Mercedes Benz e General Motors. As maiores estavam em São Bernardo, concentrando uma base metalúrgica de 40 mil trabalhadores”. FESTA, Regina, op. cit., p. 49,50. Estas fábricas de automóveis eram cotidianamente visitadas pelo “vídeo móvel” da TVT, constituindo-se no marco inicial dessa proposta alternativa, que visava a produção de conteúdo em caráter descentralizado.

trabalhavam dois funcionários (Celso Maldos e Acylino Jr.), que no período anterior, haviam desenvolvido o projeto ‘Metalvídeo’”.²⁹²

Celso e Acylino foram os primeiros profissionais liberados pelo Sindicato para se dedicarem ao projeto. Em 1986, com o desligamento de Celso, o Sindicato aproxima-se de intelectuais que estavam pensando a comunicação popular e alternativa, entre eles estavam Regina Festa e Luiz Fernando Santoro. A sucessão de greves que ocorreram no triênio 78/79/80 e, conseqüentemente, a criação do Fundo de Greve, colaboraram para que os metalúrgicos percebessem a importância de investir cada vez mais em comunicação.

Em pouco tempo o Sindicato compra uma câmera de um tubo, da Sony, e um *videotape*. Para época, isso representava gravar em um sistema profissional, chamado U-Matic, daí para frente priorizou-se a qualificação dos operários que estavam envolvidos com a produtora. Coube a Festa pensar como seria esse processo de aprendizado. Na sua tese de doutorado, defendida em 1991, a ex-funcionária da produtora, então pesquisadora, conta como foi assumir essa responsabilidade e, posteriormente, desenvolver a tese de doutoramento:

fui sujeito e objeto ao mesmo tempo: sujeito, enquanto participante desde o início da história da TVT e objeto, enquanto meio para a elaboração prática. Trabalhei *full-time* com os operários do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema de fevereiro de 1986 até janeiro de 1989, quando assumi a TVT, em São Paulo, e aí permaneci, na condição de diretora executiva, até junho de 1990.²⁹³

A iniciativa liderada por Festa incluía os trabalhadores em todas as etapas de produção do vídeo. Banana lembra que, naquela época, havia uma popularização desse tipo de tecnologia: “se você gravava casamento podia gravar assembléia ou passeata. Não era preciso contratar profissionais porque você aprendia sozinho”.²⁹⁴ A facilidade na apropriação das técnicas de gravação fazia os operários se interessarem pela proposta e o trabalho era exercido de forma voluntária.

O apoderamento dos metalúrgicos do ABC sobre o videoteipe representava não apenas a utilização de um importante aparato comunicacional da época, mas constituía-se, sobretudo, em signo de poder e representação social da classe trabalhadora. Conforme salienta Bourdieu, “a imagem tem a particularidade de poder produzir o que os críticos literários chamam o *efeito real*, ela pode fazer ver e fazer

²⁹² Ibid., p. 62, 63.

²⁹³ FESTA, Regina, op. cit., p. 12,13.

²⁹⁴ BEZERRA, Josimar Alves. **Entrevista concedida pelo supervisor de Operações da TVT, São Bernardo do Campo**. São Bernardo do Campo, 4 ago. 2011.

crer no que faz ver”.²⁹⁵ Para este mesmo autor, o poder de evocação tem efeitos de mobilização, pois “pode fazer existir idéias ou representações”.²⁹⁶ Assim sendo, evidentemente a TVT se construiu como um projeto de comunicação onde estão inseridos conflitos e contradições. O método de apropriação da imagem se dava em ambientes distintos, com graus de interesse específicos e diversos, decorrentes de um instrumento importante de assimilação das técnicas de vídeo, o qual agia em caráter diversificado nas diferentes esferas das relações sociais dos trabalhadores.

No âmbito sindical eram realizados os registros institucionais, contribuindo, desta forma, para as atividades de formação audiovisual dos operários; na base, registravam-se as ações diretas de luta, principalmente os movimentos de greve; junto à CUT e ao PT, eram produzidas gravações exclusivas, como propagandas políticas para a televisão e a gravação de eventos históricos; por fim, em proximidade com os movimentos sociais, eram gravados programas temáticos, os quais estavam ligados a demandas particulares, como a luta pela terra, o combate ao racismo, a defesa dos direitos da mulher e a preservação do meio ambiente.²⁹⁷

A campanha de Lula para deputado federal, em 1986, foi toda produzida pela TVT. Em 1988, após a gravação do congresso da CUT em Belo Horizonte, a produtora adquiriu uma câmera de 3 CCDs (Charge-Coupled Device).²⁹⁸ Para a época tratava-se de um equipamento de última geração, mas, segundo revela Banana, “hoje só existe o esqueleto dela, porque ao longo dos anos teve de ser desmontada e utilizada para outras necessidades”. Nessa etapa, foi comprada, também, a primeira ilha linear, aprimorando o processo de edição. Em meio à estruturação física da produtora, os operários foram ensinados a manusear os equipamentos, mas não existia uma regra para o uso das câmeras. A escolha dos responsáveis por fazer os registros das imagens se dava de forma aleatória, sendo que as gravações eram feitas na íntegra.

Com vistas à profissionalização dos operários, em 1989, o ferramenteiro Elizeu e o operador de máquina Banana foram enviados à Escola de Cinema de Cuba. A intenção era capacitá-los em produção e edição de vídeo,²⁹⁹ permanecendo por lá

²⁹⁵ BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 28.

²⁹⁶ BOURDIEU, Pierre, op. cit., p. 28.

²⁹⁷ FESTA, Regina, op. cit.

²⁹⁸ O Dispositivo de Carga Acoplado (CCD) é um sensor responsável pela captação da imagem, que opera interligado ao Diodo Emissor de Luz, o LED (*Light Emitting Diode*).

²⁹⁹ SILVA, Elizeu Marques, op. cit.

durante três meses. Havia um consenso entre os sindicalistas e a responsável técnica do projeto, Regina Festa, de que era preciso investir na capacitação dos próprios militantes, ao invés de contratar profissionais do mercado. Ao falar sobre o acontecido, Elizeu orgulha-se de ter passado por um espaço de formação onde, por exemplo, o cineasta uruguaio César Charlone atuava como professor de fotografia.³⁰⁰ Ele lembra que o sistema utilizado no curso era o Nagra (responsável pela criptografia e codificação dos sinais) em formato U-Matic, ressaltando o profissionalismo do projeto.³⁰¹

Ao todo foram enviados 15 militantes para realizar esta atividade de formação, onde se ensinou roteiro, direção, fotografia e edição. Eram produtores independentes, ligados à Associação Brasileira de Vídeos Populares (ABVP). Quem viabilizou a viagem foi o padre e militante socialista Frei Beto, o qual é adepto da Teologia da Libertação e, nesse período, trabalhava muito com as comunidades de base. O interesse pela assimilação das técnicas de áudio e vídeo fazia parte de uma estratégia política. Elizeu lembra que, como era um ano eleitoral, “a idéia era capacitá-los na montagem de brigadas eletrônicas”.³⁰²

A expectativa do Sindicato, em se tratando da campanha política de 1989, era qualificar os militantes para a formação de um bloco histórico, capaz de se interpor ao projeto neoliberal, através da produção das campanhas eleitorais do PT, corrente política que se apresentava como opção às siglas conservadoras da época. Nessa etapa, a TVT já possuía duas ilhas de edição: uma Super-V (Super VHS), com três máquinas, e uma Betacam, que segue na emissora como suíte, ou seja, é utilizada para a edição dos vídeos. A produtora despendia de todo o trabalho produtivo, no máximo trazia um roteirista ou um cinegrafista de fora, sobretudo quando precisava de produções mais elaboradas.

Durante a sua análise sobre o processo de apoderamento do vídeo e produção da imagem pelos operários e dirigentes do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Festa destaca que as tecnologias de comunicação, no seu plano prático, contribuíam para assentar os trabalhadores como sujeitos autônomos na disputa pelo poder, mas a

³⁰⁰ Charlone é radicado no Brasil e foi fotógrafo de filmes de grande destaque nacional, como *Cidade de Deus* e *Ensaio Sobre a Cegueira*. Fora do país seu trabalho ficou conhecido mundialmente ao realizar a montagem de *O Jardineiro Fiel*. Em 2006, Charlone foi convidado a participar da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas (AMPAS). SILVA, Elizeu Marques, op. cit.

³⁰¹ SILVA, Elizeu Marques, op. cit.

³⁰² Ibid.

institucionalização do processo, sua burocratização, estaria em contradição com este exercício.³⁰³

O vídeo foi a primeira ferramenta comunicacional a ser apropriada pela indústria eletrônica. Fenômeno que está diretamente relacionado ao avanço das forças produtivas do capital, as quais têm como lógica instrumental ampliar os espaços de inserção das tecnologias decorrentes da convergência midiática. Para Santoro, durante aquele momento histórico, “o vídeo assumiu um lugar de meio de comunicação perfeitamente apto aos trabalhos de produção a nível grupal e individual, permitindo uma série de trabalhos de expressão, criação e documentação”.³⁰⁴

Essa foi a forma inicial que a TTV, e o próprio Sindicato, encontraram para dialogar com a sociedade, já que não conseguiam obter nem mesmo a concessão para operar uma emissora de rádio na região. Em 1987, o então ministro da Educação do Governo Sarney, Hugo Napoleão do Rego, esteve na sede do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. A visita tinha o objetivo de avaliar a possibilidade de conceder a outorga de uma emissora de rádio aos metalúrgicos, o que, por questões políticas, não se concretizou.³⁰⁵

Conforme relata Festa:

No primeiro momento, os estudos não eram para uma televisão, mas somente para a rádio, pois tinha-se avaliado que não só o Sindicato, como também o fundo de greve não poderiam manter uma televisão, ainda que comunitária, como as TVs a cabo dos Estados Unidos. Além disso, Vicentinho era o principal defensor da rádio em função de sua experiência anterior com rádio no Rio Grande do Norte, onde ele havia sido locutor nos programas educativos. Após várias reuniões, discussões internas e assessorias no Departamento Jurídico, montou-se uma instituição, com participação de dirigentes e trabalhadores. Chamava-se Sociedade Radiodifusão Cultura e Trabalho Ltda., e seu patrimônio foi formado por doações do Fundo de Greve, dos trabalhadores e do Sindicato, já que a lei impedia aos sindicatos serem proprietários de meios de radiodifusão.³⁰⁶

O dirigente sindical, hoje deputado federal, Vicente Paulo da Silva, lembrado por Festa pelo apelido de Vicentinho, presidia o Sindicato dos Metalúrgicos de São

³⁰³ FESTA, Regina, op. cit.

³⁰⁴ SANTORO, Luiz Fernando, op. cit., p. 18.

³⁰⁵ Em seu estudo, Festa evidencia a peregrinação dos metalúrgicos em busca de um canal de radiodifusão. A autora destaca que, “apesar da informação do Ministro das Comunicações de que não havia frequências disponíveis na região da Grande São Paulo, o estudo de viabilidade dos trabalhadores mostrou a existência do canal 1.490 KHz, em ondas médias, na localidade de Mauá”. Contudo, “o canal de rádio de Mauá foi concedido ao Sistema Mauá de Comunicações Ltda., propriedade de Jorge Maluly Neto e Paulo Roberto de Souza”. O primeiro pertencia ao grupo político conservador liderado por Paulo Maluf, e, o segundo, era secretário de Administração do estado de São Paulo, comandado à época pelo então governador Orestes Quércia. FESTA, Regina, op. cit., p. 126.

³⁰⁶ *Ibid.*, p. 120.

Bernardo do Campo e Diadema em 1987. Nesse período, o grupo dirigente dos metalúrgicos prontificou-se a organizar uma comissão para dialogar com o então ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães (ACM).

Quem liderou a comitiva foi o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, na época deputado federal. Para realizar esta empreitada, além da companhia de Vicentino, Lula contou com o apoio de Jair Meneguelli, que presidia a CUT. Tal encontro se deu no dia 29 de setembro do mesmo ano, durante o Governo Sarney, que ficou conhecido por conceder muitas concessões de emissoras de rádio e canais de TV para aliados políticos. Elizeu lembra bem desse período. O atual coordenador do acervo da emissora recorda que Magalhães disse não ver nenhum problema em viabilizar a concessão. A única ressalva era a realização de um estudo de viabilidade técnica, o qual foi prontamente providenciado e protocolado junto ao Ministério, tanto para uma emissora de rádio, quanto para um canal de televisão.³⁰⁷

Mas, além de não conceder a outorga aos líderes sindicais, ACM utilizou este estudo para beneficiar um político da base do PFL,³⁰⁸ Luiz Olinto Tortorello (PTB), o qual, através de parcerias estabelecidas com empresários da região, recebeu a outorga do canal 45-UHF e, dois anos mais tarde, foi eleito prefeito da cidade de São Caetano do Sul.³⁰⁹ A emissora que atuava nesta frequência hoje é ligada ao ex-deputado federal Celso Russomanno, que nas eleições de 2010 concorreu ao governo de São Paulo pelo Partido Progressista (PP). No final do Governo Lula o canal foi repassado ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, decisão já referendada pelo Ministério das Comunicações e pela Anatel. Esta tomada de decisão por parte do governo se deu em função de irregularidades encontradas na outorga do

³⁰⁷ SILVA, Elizeu Marques, op. cit.

³⁰⁸ O extinto Partido da Frente Liberal (PFL) atualmente é conhecido como Democratas (DEM). Este grupo político tem raízes históricas fincadas na Aliança Renovadora Nacional (ARENA), a qual deu sustentação política ao regime militar no Brasil, que vigorou até a década de 1980. Com o fim do sistema bipartidário a ARENA passou a se chamar Partido Democrático Social (PDS), sendo posteriormente transformado em PFL e, hoje, por mais contraditório que possa parecer, atua utilizando a alcunha de “democrata”.

³⁰⁹ Em 1988, o então presidente do Brasil, José Sarney, assinou o decreto-lei 95.744. Com isso, tecnicamente, abriu-se a possibilidade de operação de novos canais em UHF e a entrada de novos atores no serviço especial de televisão por assinatura (TVA). A partir deste movimento os metalúrgicos do ABC atentaram para novas possibilidades de inserção no espaço eletromagnético. Na perspectiva das lideranças sindicais, a brecha legal permitiria outra possibilidade para a obtenção da outorga, o que poderia ocorrer com a viabilidade de uma emissora educativa, de baixa frequência. “Criou-se a Fundação de Radiodifusão do ABC e, no dia 16 de agosto de 1986, foi encaminhado formalmente o ofício solicitando a permissão para transmissão do Canal 45 (+) UHF, no município de Mauá, com sinais gerados pela Funtevê do Rio de Janeiro”. Pedido que foi veementemente negado para beneficiar aliados do governo de então. FESTA. Regina, op. cit., p. 124.

canal de São Caetano, o qual se destinava a uma geradora educativa, mas na prática retransmitia a programação da Rede Brasil de Televisão (RBTV).³¹⁰

O processo de liberação do disputado espectro à entidade sindical ficou retido por 18 meses na Comissão de Ciência, Tecnologia e Comunicação da Câmara, em função de que o relator do caso era o próprio deputado federal Celso Russomano. A argumentação utilizada pelo parlamentar em defesa da manutenção desta outorga era de que a antiga detentora da autorização, a Sociedade de Teleeducação Comunitária Cultural de São Caetano, de propriedade do empresário Marcos Tolentino, já estava ocupando este mesmo espectro como retransmissora de fachada da RBTV, o que inviabilizaria a destinação de uma concessão à Fundação Sociedade Comunicação, Cultura e Trabalho neste mesmo espaço geográfico e com as mesmas especificações técnicas.³¹¹ Como já se explicitou na introdução deste estudo, a entidade em questão é a concessionária do canal educativo 46 – UHF em Mogi das Cruzes.

Tudo indica que a solução para o impasse foi definida através de um acordo político, já que a obtenção da outorga por parte dos metalúrgicos só ocorreu quando o Governo Lula destinou outro canal à Fundação de Tolentino. No dia 29 de novembro de 2010, por meio de uma portaria do Ministério das Comunicações, o canal 57 foi repassado à retransmissora vinculada à RBTV. Assim, o canal 45, de São Caetano, ficou com a TVT, conforme a vontade do ex-líder sindical e co-fundador da produtora dos metalúrgicos do ABC, Luiz Inácio Lula da Silva.³¹²

O atual diretor de Programação da TVT alerta para o fato de que o canal 45 trata-se de uma geradora e por isso a antena será colocada na Avenida Paulista, em São Paulo, atingindo todo o estado e dando mais visibilidade para o projeto.³¹³

³¹⁰ A Rede Brasil de Televisão (RBTV) é uma rede paulista de televisão comercial, fundada em 2007. No ano de 2009 esta rede passou a fazer parte da programação da JET TV, um serviço de TV por assinatura que utiliza tecnologia *triple play*, ou seja, presta serviços de televisão paga, internet banda larga e *VoIP* (telefonia IP, que corresponde a telefonia fixa, internet ou telefonia e voz sobre banda larga). Essa Rede transmite a sua programação para toda região do grande ABC através dos canais 59 (UHF), e 14 (NET - SP). A programação da RBTV também pode ser acompanhada pelas mais de 100 afiliadas distribuídas em todo o território nacional, ou, ainda, via internet.

³¹¹ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMISSORAS DE RÁDIO E TELEVISÃO (ABERT). **Governo viabiliza canal de TV a sindicato de metalúrgicos do ABC**. Brasília, 19 dez. 2010. Clipping 2010. Disponível em: <<http://www.abert.org.br/site/index.php?/Clipping-2010/governo-viabiliza-canal-de-tv-a-sindicato-de-metalurgicos-do-abc.html>>. Acesso em: 10 mar. 2011.

³¹² ABERT, op. cit.

³¹³ PACHECO, Antônio Jordão. **Entrevista concedida pelo diretor de Programação da TV dos Trabalhadores, São Bernardo do Campo**. São Bernardo do Campo, 4 ago. 2011. Ao comentar o assunto Valter Sanches falou sobre a possibilidade de pedir a mudança de frequência da emissora, atualmente operando sobre a numeração 45, pois, segundo ele, cria uma identificação com o PSDB. SANCHES, Valter. **Entrevista concedida pelo presidente da Fundação sociedade, Comunicação,**

Durante a última conversa realizada com Jordão, em agosto de 2011, a informação repassada é de que o processo ainda não avançou, em função de estar parado no Congresso Nacional. Contudo, tão logo seja regularizada a situação, o projeto de expansão da emissora na capital paulista será posto em prática.

3.3. A ótica trabalhista para a estruturação da realização audiovisual

O processo de apropriação e uso do vídeo pelos metalúrgicos de São Bernardo do Campo concentrava-se para além do simples aprendizado, institucionalizando-se como instrumento de luta de toda a categoria. Em âmbito local, a TVT contou com o apoio do Fundo de Greve, criado durante a paralisação geral dos trabalhadores do ABC, em outubro de 1979, e legalizado em agosto de 1980.³¹⁴ No plano externo, foram obtidos recursos por intermédio da Organização Intereclesiástica de Cooperação para o Desenvolvimento (ICCO), com base na comunidade cristã-protestante da Holanda.³¹⁵

Festa relata este acontecimento com pormenores:

a parte correspondente ao financiamento externo para a compra de equipamentos foi cumprida (sob pressão) e o compromisso do Fundo de Greve restringiu-se à manutenção dos funcionários e dos custos internos, confinando o crescimento e a própria idéia de “movimento”. O confinamento inviabilizou a agilidade e a rapidez necessária à comunicação em geral. Comprar uma fita demorava dias, contratar um *freelancer* só depois de muita discussão e conseguir um carro para a gravação dependia, em geral, de um dos diretores.³¹⁶

Mas os problemas de operacionalização da TVT, durante seus primeiros anos de existência, não pararam por aí. A própria concepção do movimento sindical sobre a viabilidade do processo midiático e, posteriormente, a burocratização da atividade política, contribuíram para impedir a construção de um projeto de comunicação abrangente. Estas divergências ocorriam principalmente na utilização do vídeo, pois havia os que compreendiam a importância de trabalhar a educação popular como elemento de aprendizado para os trabalhadores e, na contramão desta idéia, os que alegavam ser o vídeo apenas outro instrumento de massificação. Diante disso, o

Cultura e Trabalho, São Bernardo do Campo. São Bernardo do Campo, 5 ago. 2011.

³¹⁴ ABC DE LUTA, op. cit.

³¹⁵ A ICCO é uma organização não-governamental com sede na Holanda, surgida na década de 1980. Seu aparecimento está ligado à idéia de que o governo e as organizações privadas precisam trabalhar com o intuito de superar o abismo que separa os hemisférios Norte e Sul. Nessa direção, opera por meio do programa de co-financiamento do governo holandês, visando à cooperação para o desenvolvimento de países em situação de pobreza. ORGANIZAÇÃO INTERECLESIASTICA DE COOPERAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO. **Sobre a ICCO.** Utrecht. Disponível em: <<http://www.icco.nl/pt/sobre-a-icco>>. Acesso em: 19 dez. 2010.

³¹⁶ FESTA, Regina, op. cit., p. 76

projeto de formação da entidade, baseado na criação de telecursos, foi direcionado para o INCA.³¹⁷

No ano de 1987, após o Instituto aprovar o projeto “Formação de trabalhadores com vídeo”, que foi realizado através de um convênio, tipo *joint venture*, entre o INCA, a TVT e a Crocevia, encaminhou-se a proposta a outra organização não-governamental europeia, o Centro Internacional Crocevia, da Itália. A idéia era viabilizar a compra de equipamentos *broadcast* para o instituto, melhorando a captação e edição dos audiovisuais.

Desse processo emergiria a produção de 40 programas de 15 minutos cada. Os temas incluíam novas tecnologias, dívida externa e política agrária. Porém, no ano de 1988, em meio a divergências entre os educadores do INCA e o Departamento de Formação da CUT e, ainda, considerando a urgência do Sindicato em implantar uma estrutura de televisão capaz de produzir a campanha presidencial de Lula à Presidência da República, a iniciativa foi colocada em segundo plano.³¹⁸

Conforme salienta Festa, é em meio a essas disputas internas que surge a Rede de Comunicação dos Trabalhadores (RCT), que, como se pode pressupor, acabou não surtindo o efeito esperado:

criou-se um fosso entre a estratégia política e o exercício da prática. A participação dos trabalhadores reduziu-se a atividades específicas (cursos, encontros) e práticas delimitadas (gravações para CUT, INCA e PT). A administração foi condicionada às decisões econômicas e à racionalidade das exigências políticas. A equipe, lentamente, foi reduzida à condição de “técnicos” e a lógica do movimento transformou-se em pura abstração. Externamente, o projeto confrontou-se com o PT. O Partido introduziu, definitivamente, a diferença entre “profissionais” e “militantes” e em nenhuma circunstância discutiu-se a prática do movimento ou uma política de participação (nem mesmo durante a campanha eleitoral).³¹⁹

A campanha presidencial de 1989 representou um importante acontecimento para a classe trabalhadora, pois foi a primeira vez que um líder sindical concorreu à Presidência da República. A TVT ficou responsável pela produção técnica da campanha, mas precisou mudar de razão social; legalmente o Sindicato não podia produzir a campanha eleitoral. Assim, a produtora acabou criando a RCT e passou a operar em duas estruturas: “em janeiro de 1989, foi alugado um casarão no bairro Paraíso, em São Paulo, para abrigar o novo projeto”.³²⁰ Os equipamentos

³¹⁷ Ibid., p. 76,77.

³¹⁸ Ibid., p. 78,79.

³¹⁹ Ibid., p. 81, 82.

³²⁰ Ibid., p. 80.

profissionais foram levados para a nova sede da TVT, então chamada de RCT.³²¹ Em São Bernardo ficou disponível uma estrutura de Super-V, semi-profissional, destinada à produção de trabalhos como o *Telejornal dos Trabalhadores*.

Nesse mesmo período a RCT produziu, em São Paulo, o programa *Olhar Brasileiro*, primeira produção própria com a marca da TVT. A revista eletrônica ficou aproximadamente um ano no ar, mas a Rede Record, emissora que veiculava o programa, não era simpática à participação dos metalúrgicos em sua grade. Essa situação conflitante, considerando a linha editorial da emissora do bispo Edir Macedo e a proposta dos metalúrgicos, acabou por minar as pretensões do projeto. Para complementar sua receita, a RCT passou a produzir também vídeos para prefeituras democráticas, sobretudo aquelas hegemônicas pelo PT.³²²

Com a derrota nas eleições de 1989, Lula afirmou que precisava conhecer melhor o Brasil, lançando-se em uma jornada por todas as regiões do país. Nesse contexto, o Instituto da Cidadania articulou as Caravanas da Cidadania,³²³ as quais foram acompanhadas de perto pela TVT. Durante toda a década de 1990 esta foi a principal atividade desenvolvida pela então produtora de vídeos dos metalúrgicos. De 1993 até 1996, Lula percorreu 359 cidades e 26 estados brasileiros.³²⁴ A equipe que o acompanhou era formada por lideranças sindicais e políticas, mas havia também técnicos e especialistas, entre os quais estavam os cinegrafistas da produtora de vídeos dos metalúrgicos do ABC. Naquela época o PT ainda não era profissionalizado e a TVT constituía-se na única alternativa viável para o registro desse processo, que colaborou significativamente com a passagem da figura do líder sindical para o líder político.

³²¹ “A RCT foi constituída através de doações, da negociação com o Fundo de Greve e a ICCO, que transferiram os equipamentos U-Matic de São Bernardo para a TVT de São Paulo, e com os equipamentos do projeto do INCA, negociados com a Crocevia, através de convênios celebrados entre todas as entidades. A Rede de Comunicação dos Trabalhadores seria constituída através da TVT, primeira unidade integrada do projeto. Os objetivos eram: formação, pesquisa e democratização dos meios de comunicação”. FESTA, Regina, op. cit., p. 81.

³²² BEZERRA, Josimar Alves, op. cit.

³²³ “O Instituto Cidadania teve como objetivo a busca de soluções para os problemas estruturais da realidade social brasileira. Seu foco de trabalho foi a elaboração de propostas consistentes de políticas públicas para superar a dívida social do país. Desenvolvidas em ambiente suprapartidário, incorporaram a contribuição dos mais variados atores sociais. A experiência de ouvir toda a sociedade para a laboração de políticas públicas foi adotada como prática por Luiz Inácio Lula da Silva nos seus dois mandatos como presidente do Brasil. Agora, o Instituto Cidadania é o núcleo que prepara a criação do Instituto Lula, voltado para causas políticas e sociais no Brasil e também no exterior”. INSTITUTO DA CIDADANIA. **Missão**. Disponível em: <<http://www.icidadania.org/missao/>>. Acesso em: 5 set. 2011.

³²⁴ INSTITUTO DA CIDADANIA, op. cit.

Essas atividades ocorreram em consonância com a busca de autorizações para operar veículos próprios de mídia, sendo que, depois de ter seu pedido de concessão negado em 1987, o Sindicato entrou com novas solicitações junto aos governos Collor, Itamar e Fernando Henrique. Como se pode imaginar, os operários do ABC não obtiveram êxito. Até receber a outorga em 2005 e, finalmente, a concessão em 2009, a TVT seguiu uma caminhada árdua buscando se auto-sustentar; tanto é que os principais articuladores da emissora foram aconselhados a criar uma Fundação logo após a primeira negativa por parte do governo.³²⁵

Disputando enquanto Associação as restrições do Ministério eram maiores, pois tratava-se de uma entidade vinculada apenas ao Sindicato, enquanto a Fundação, criada em 1991, passou a congregar outros grupos sindicais em seu conselho diretivo. Atualmente pode-se dizer que continua existindo a TVT/Associação (Fundo de Greve), mas a emissora está outorgada para a TVT/Fundação, a qual, além do canal de televisão, reúne outros espaços de mídia como rádio, *site*, jornais e revista. Sabe-se que a vocação do Sindicato para trabalhar com veículos de comunicação existe há mais de quatro décadas, como comprova a experiência do jornal diário da categoria, *Tribuna Metalúrgica*. Hoje, além deste, os metalúrgicos mantêm o *ABCD Maior*, que circula também no meio digital e foi projetado para cobrir as pautas da região. Este último é publicado duas vezes por semana e está sendo operacionalizado por meio de uma parceria com o grupo Mídia Press.³²⁶

Além dos jornais, o Sindicato é uma das 36 organizações ligadas à CUT que possui participação na *Revista do Brasil*. Os Bancários de São Paulo e os Metalúrgicos do ABC são os maiores investidores da revista, que recentemente evoluiu para a criação do *site* Rede Brasil Atual – www.redebrasilatual.com.br – e da Rádio Brasil Atual,³²⁷ cuja produção própria vai ao ar pela Rádio Terra FM (98,9) desde julho de 2008, das 7 às 8 da manhã. O Sindicato dos Metalúrgicos possui, ainda, a concessão de duas rádios, uma em São Vicente e outra em Mogi das Cruzes, mas nenhuma das duas está em operação.³²⁸

³²⁵ SANCHES, Valter, op. cit.

³²⁶ O projeto inicial do jornal *ABDC Maior* está vinculado ao pensamento de articulação regional de atores sociais, que começou na gestão do ex-prefeito de Santo André Celso Daniel, assassinado em 2002. O periódico em questão foca as potencialidades do desenvolvimento regional articulado. SANCHES, Valter, op. cit.

³²⁷ O PROJETO. **Rede Brasil Atual**. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/o-projeto>>. Acesso em: 28 out. 2011.

³²⁸ Elas não têm alcance para chegar até a Grande São Paulo, pois as duas concessões são de rádios

Deste modo, enfatiza-se que a atuação do Sindicato na área da comunicação nunca se resumiu à TVT. Os movimentos realizados ao longo dos anos mantiveram o foco em obter a concessão para a emissora de TV, sem, no entanto, deixar de pensar em um projeto de comunicação que contemplasse outros tipos de mídia. No final da década de 1990, após a extinção da RCT, os equipamentos profissionais, que haviam sido enviados para a produção da campanha de 1989, retornaram para a sede do Fundo de Greve, em São Bernardo, onde está situada hoje a TVT. É nesta região que funciona toda a estrutura de comunicação dos metalúrgicos, sendo o prédio da emissora vizinho ao do Sindicato, onde funciona a redação do *Tribuna Metalúrgica*.³²⁹

Do final dos anos 90 até o período em que a outorga foi concedida, a TVT continuou atuando apenas como produtora de vídeos, voltada à auto-sustentação. Além das produções internas destinadas a dar conta das demandas da categoria, a produtora passou a disputar editais para a produção de vídeos institucionais. Enquanto produtora, é permitido à TVT participar de concorrência pública para produzir vídeos, por exemplo, para o Serviço Social da Indústria (SESI), cujo atual presidente do Conselho Nacional é o ex-presidente da CUT Jair Meneguelli.³³⁰

Outras organizações semelhantes, como o Serviço Social do Comércio (SESC) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), também são exemplos de entidades as quais a TVT prestou serviços atuando como produtora de vídeos. Na verdade, qualquer organização ou grupo social que procurou a produtora

Classe B, ou seja, com potência máxima de 50.000 watts. Essas emissoras cobrem um entorno de no máximo 16 km, já as de Classe A atingem até 40 km. A maior potência pode bater os 78 km de contorno, mas são de classes E2 e E3, as quais estão presentes nas capitais e nas grandes cidades. O Sindicato está pedindo ao Ministério das Comunicações para aumentar a potência e passar a rádio de São Vicente à classe especial. Caso os metalúrgicos obtenham sucesso, será possível transpor o sinal até a Serra do Paranapiacaba, fazendo uma triangulação que permitiria atingir toda a Grande São Paulo. TUDO Rádio.com **O rádio:** técnica. Disponível em; <<http://tudoradio.com/conteudo.php?conteudo=1>>. Acesso em: 30 ago 2011.

³²⁹ Atenta-se para o fato de que o Sindicato desenvolveu uma plataforma colaborativa, na qual entidades parceiras compartilham informações sobre as pautas. Participam desse processo veículos de comunicação do Sindicato dos Bancários de São Paulo, do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e da Confederação Nacional dos Metalúrgicos – CUT. São eles: *ABCD Maior*, *Revista do Brasil*, *Rádio Brasil Atual*, *Rede Brasil Atual*, *Sindicato dos Metalúrgicos do ABC*, *Tribuna Metalúrgica* e *TVT*.

³³⁰ Considera-se relevante fazer uma ressalva neste ponto. Não é a proposta central deste estudo discutir o perfil de cada um dos militantes históricos do ABC, os quais estão diretamente envolvidos com o processo de luta pela obtenção da outorga. Mas cabe lembrar que o Sesi, ao qual a TVT prestou serviços de criação de vídeos, é um órgão pertencente à Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), ou seja, uma instituição criada por empresários paulistas, na década de 1940, com a intenção de promover atividades de recreação aos trabalhadores da indústria e, de certa forma, se interpor aos espaços de formação cultural e política dos sindicatos.

visando construir suas peças de vídeo recebeu um orçamento para a realização do trabalho e teve um prazo estabelecido para a sua conclusão. Por se tratar de uma organização sem fins lucrativos, todo dinheiro arrecado foi investido na manutenção dos equipamentos. Assim, durante o período prévio a obtenção da outorga a principal atividade da TVT foi gerar uma receita através das produções institucionais, assegurando a manutenção da produtora.

Passados mais de 20 anos desde os primeiros movimentos em torno da criação da TVT, o atual diretor de Programação da emissora faz questão de ressaltar que, hoje, “o projeto de comunicação prevê que o principal meio é a internet”.³³¹ No entanto, a apologia ao uso transformador das tecnologias digitais, visando atualizar a prática da comunicação sindical, precisa ser confrontada com realidade midiática contemporânea, expressa na diversidade de grupos que atuam na rede mundial de computadores. A dinâmica das redes sociais, atualmente hegemônicas neste meio, age na base da instrumentalização de práticas já existentes em ambiente *offline*.

Os chamados *sites* de relacionamento, como Orkut e Facebook, não são capazes de impulsionar um movimento político organizado e combativo, mas sim um mero associativismo de idéias. Quando muito, promovem a proliferação de discursos pseudo-militantes, cuja prática resume-se, no mais das vezes, ao uso de citações históricas identificadas com o pensamento de esquerda. Trata-se de um processo onde está em evidência, muito mais, a auto-afirmação pessoal e a necessidade humana de pertença, do que propriamente a conjugação de esforços para ações de luta direta.

Por outro lado, quando essas ferramentas passam a ser apropriadas por organizações sindicais com um passado marcante no período de redemocratização do Brasil, é preciso refletir sobre as potencialidades deste processo. É o que está acontecendo com os metalúrgicos do ABC. Após utilizarem-se do videoteipe, na década de 1980, para documentar os fatos de interesse da classe trabalhadora, hoje, com o predomínio da digitalização, recria-se esta experiência. Mesmo que a concessão do canal tenha sido concedida em 13 de abril de 2005 e a outorga tenha chegado apenas em 19 de outubro de 2009, a TVT possui uma estrutura física e técnica que está sendo aperfeiçoada ao longo de pelo menos duas décadas. Por atuar como produtora de vídeos há mais de 20 anos, a entidade conta hoje com um vasto

³³¹ NUZZI, Vitor, op. cit., p. 14.

arquivo digital e possui um acervo premiado internacionalmente.³³²

Na década de 1980, momento em que se criaram as primeiras experiências midiáticas da TVT, acontecia, também, a popularização do sistema de vídeo. Neste período, os metalúrgicos do ABC estavam começando a se apropriar das técnicas de captura e processamento de imagem e, diante desse contexto, o Sindicato chegou a produzir filmes utilizando películas de 16 mm, como no caso do curta *Acidente de Trabalho*.³³³ Conforme se evidenciou na introdução deste estudo, a produtora de vídeos do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC fazia parte da Associação Brasileira de Vídeo no Movimento Popular (ABVMP), – atualmente conhecida como ABVP – cujo objetivo sempre foi o de fortalecer e ajudar na organização da produção independente.

Tratava-se de um movimento que estava em efervescência na época. Sindicatos, estudantes, ativistas político-culturais e ambientalistas compartilhavam seus materiais, incentivando a coletividade na distribuição das produções simbólicas. Era comum a formação de circuitos alternativos, onde filmes no formato de 16 mm eram rodados em 35 mm e, posteriormente, gravados em VHS para serem repassados a companheiros de todo o país.³³⁴ Em meio a esse contexto a TVT conseguiu comprar seus primeiros equipamentos U-Matic e, assim, foi possível imprimir maior agilidade às gravações externas. Isso ocorria até mesmo quando se utilizava câmeras com filmes 16 mm, cuja edição era bem mais trabalhosa, pois todo o processo precisava ser realizado manualmente. Somente a montagem eletrônica foi capaz de eliminar os pulos nas imagens, que eram provocados por este penoso trabalho manual.³³⁵

³³² Entre as premiações ressalta-se o 8º prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, concedido em 25 de outubro de 1986 pela produção do documentário *Tribunal da Terra*. Além disso, constam no currículo da antiga produtora dos metalúrgicos do ABC as seguintes menções honrosas: Festival Internacional de Cinema e Vídeos Ambientais (I ECOCINE); II Vídeo Saúde, em dezembro de 1994, patrocinado pela Fundação Oswaldo Cruz e Ministério da Saúde; e, ainda, o Prêmio Vladimir Herzog, de 1993, que enfatiza a competência do conjunto de trabalhos realizados por meio do programa *Olhar Brasileiro*. Como já foi mencionado, este programa foi uma das primeiras produções da TVT, indo ao ar pela Rede Record, em 1993, como uma tentativa de inserir a então produtora de vídeos no mercado de televisão brasileiro. A intenção era, de forma estratégica, passar uma mensagem própria sobre a realidade do país, narrada pela ótica da classe trabalhadora. Quatro anos antes, em 1989, a experiência de produção da campanha presidencial de 1989 gabaritou os metalúrgicos a investirem nessa nova proposta. Já no campo da comunicação popular, além do *Telejornal dos Trabalhadores*, destaque para iniciativas como a *TV de Rua* e o *Cinema na Rua*.

³³³ BEZERRA, Josimar Alves, op. cit.

³³⁴ BEZERRA, Josimar Alves, op. cit.

³³⁵ TUDO SOBRE TV. **Gravação e edição em televisão**. Disponível em: <<http://www.tudosobretv.com.br/grava/>>. Acesso em: 6 ago. 2011.

O presente cenário da comunicação, no Brasil, especialmente no que concerne à gravação e edição de imagens, é completamente diferente daquela época. Com um pouco de boa vontade, mesmo sem conhecer técnicas de edição de vídeo, um usuário comum, leigo no assunto, pode produzir e editar conteúdo audiovisual utilizando-se de computadores de uso doméstico. Possuindo uma câmera digital Cyber Shot ou um celular com câmera acoplada, é possível realizar o processo de captação das imagens, já a edição pode ser feita através de *softwares* disponíveis gratuitamente na internet.

3.4. A comunicação sindical e a participação da comunidade

De acordo com o que se descreveu no início deste capítulo, durante os primeiros contatos com a TVT percebeu-se que não houve uma aproximação prévia entre as lideranças sindicais e os moradores de Mogi das Cruzes. Isso abriu uma brecha para que, pelo menos nesta fase inicial, a programação da TVT não contemplasse todo o arcabouço político-cultural que interessa a uma audiência ativa naquela região. A falta de um contato maior com os moradores onde foi outorgado o canal de TV aberta para o Sindicato permitiu que potenciais co-arquitetos (líderes comunitários) de Mogi fossem relegados ao risco inútil de uma pseudo-audiência, ou, nem mesmo isso.³³⁶

Por outro lado, após o segundo contato, em março de 2011, foi diagnosticado um avanço em relação a esta questão. De acordo com Jordão, hoje existe uma estrutura em funcionamento por lá. Embora o escritório da TVT em Mogi conte apenas com a presença de um repórter, Janio Valim, as matérias produzidas diariamente pelo jornalista são veiculadas no *Seu Jornal* e retratam o dia a dia da localidade contemplada com a outorga. Em agosto de 2011, Jordão revelou a intenção de melhorar esta estrutura e dar maior visibilidade ao projeto na cidade, pois o equipamento utilizado na produção das reportagens não é considerado o mais adequado, já que se faz uso de uma câmera manual Red-Cam e, para captar o áudio com melhor qualidade, é preciso deixá-la muito próxima do entrevistado.³³⁷

Nesse sentido, além de estar sendo pensada a qualificação do aparato técnico

³³⁶ Durante a entrevista realizada com Jordão, no dia 13 de maio de 2010, questionou-se sobre a participação da comunidade naquele momento inicial de produção dos conteúdos audiovisuais. A resposta obtida foi de que ainda não havia um grande envolvimento da TVT com a comunidade de Mogi das Cruzes, embora existisse a intenção de estreitar os laços a partir do momento em que a programação passasse a ser veiculada naquela cidade. PACHECO, Antônio Jordão, op. cit.

³³⁷ Ibid.

da emissora, discute-se, também, a criação de um programa regional capaz de dar maior destaque para o Alto Tietê. As lideranças sindicais estão em vias de concretizar um acordo com empresários a região, no formato de apoio cultural, cuja intenção é contemplar cada vez mais a cidade de Mogi das Cruzes nas produções próprias da emissora. Mas a TVT não recebe apenas matérias enviadas pelo jornalista de Mogi para rodar em sua grade de programação.

O noticiário *Seu Jornal* abre espaço para produções audiovisuais de lideranças comunitárias e organizações sociais de toda Grande São Paulo. Jordão destaca que, quando se pensou em descentralizar a produção de conteúdos – objetivando aproximar-se da base do Sindicato e das comunidades locais –, foram destinados cinco celulares *Motorola* com câmeras (destes um não está mais em funcionamento) a operários de chão de fábrica das cinco maiores montadoras da região.

A experiência resultou na formação de duplas que produzem matérias para o jornal da emissora quase diariamente. As gravações são articuladas a partir do revezamento na utilização do equipamento e, para operacionalizar esse processo, foi criada uma lista onde constam os 10 trabalhadores interessados em participar. Durante o primeiro ano de experiência alguns se desinteressaram e abandonaram o projeto. Cabe a ressalva de que o celular é apenas para criar produções audiovisuais, não sendo de uso pessoal, o que pode ter contribuído pelo desinteresse no uso dos equipamentos. Foram entregues, também, nove câmeras digitais aos movimentos sociais, das quais apenas seis continuam em estado operacional.³³⁸

Deste modo, os vídeos enviados a TVT buscam denunciar desde problemas estruturais nos bairros da região até manifestações sociais de grupos específicos, como no caso da luta pela terra, através da Via Campesina e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). As produções oriundas dos movimentos sociais geralmente são levadas pessoalmente até a emissora, onde é feito o *ingest* no sistema.

Já os audiovisuais captados pelos celulares são repassados através do *upload*, utilizando-se de uma linha própria de contato com a TVT.³³⁹ Em agosto começaram a ser preparadas oficinas, visando à capacitação dos operários na utilização dos recursos de mídia digital. A articulação ocorreu por intermédio das Comissões de

³³⁸ Este era o quadro no segundo semestre de 2011. Ibid.

³³⁹ O envio de audiovisuais por parte da localidade de Mogi, por exemplo, é feito pela internet. Ibid.

Fábrica e o intuito é ensinar todo o processo de gravação e envio de vídeos a partir da utilização de mídias móveis. Além disso, os trabalhadores são habilitados ao uso de ferramentas de edição, utilizando-se de *softwares* disponíveis na internet.

É a partir deste movimento que se pode considerar a importância de uma audiência ativa no processo de construção de experiências como a TVT. Contudo, para se fazer este diagnóstico é interessante considerar a atuação sindical operando sob a lógica de um aparelho privado de hegemonia, como já foi mencionado. Pois, para que o sindicato possa desatrelar-se das amarras governamentais e, assim, afastar-se dos riscos de burocratizar a luta pela democratização da comunicação, é necessário que as lideranças do movimento estejam dispostas a caminhar em direção às demandas dos movimentos sociais e das comunidades partícipes deste projeto.³⁴⁰

Esta atitude não é fácil de ser tomada, sobretudo tendo em vista a atual conjuntura política brasileira, mas precisa ser colocada como prioridade, mesmo que isso, em algum momento, signifique ir contra as forças políticas que outrora deram impulso ao movimento que originou a TVT. O maior exemplo deste processo é a relação do Sindicato e da CUT com o ex-líder dos Metalúrgicos do ABC e ex-presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, o qual, até o final de 2010, ocupou a posição de maior destaque dentro da estrutura de poder do país.

Sobre esta questão, as principais lideranças da TVT são enfáticas em afirmar que o compromisso principal da emissora é com os movimentos sociais. De acordo com Jordão: “a filosofia e a missão da TVT é montar um projeto de comunicação colaborativo, o qual tem como centro da sua atenção o trabalhador e o mundo do trabalho”.³⁴¹ Quando indagado sobre quem seria o trabalhador que os metalúrgicos visam representar, Sanches deixa claro: “não pretendemos que o canal de televisão ou a emissora de rádio sejam veículos dos metalúrgicos do ABC ou do movimento sindical”.³⁴²

Para diferenciar a proposta da TVT das experiências originadas pelo movimento sindical, ele cita o exemplo do projeto de comunicação da CUT, que criou uma TV Web destinada, especificamente, às demandas das categorias a ela

³⁴⁰ No caso da TVT entende-se que a comunidade não se resume apenas à região do Grande ABC e a cidade de Mogi das Cruzes, mas sim à possibilidade de expansão do projeto via novas concessões e, principalmente, por meio do uso da internet, como tem destacado o coordenador de programação da emissora.

³⁴¹ PACHECO, Antônio Jordão, op. cit.

³⁴² SANCHES, Valter, op. cit.

filiadas. Nesta última, apenas os dirigentes sindicais concedem entrevistas e as temáticas possuem um público bem determinado. O atual presidente da Fundação destaca a diferenciação e a generosidade do projeto originado pela TVT, pois acredita que o canal dos trabalhadores existe para cumprir uma necessidade histórica de dar voz aos movimentos sociais.³⁴³

Essas declarações apontam avanços em relação ao modelo prioritário quando da concepção RCT. Conforme descrito no tópico anterior, há duas décadas, momento em que a prioridade do projeto de comunicação foi colocada a prova, este se voltou para os interesses do PT. Isso fica demonstrado na divisão física da TVT, com uma estrutura profissional operando em São Paulo para produzir a campanha presidencial de 1989, e outra semi-profissional, em São Bernardo, destinada a produções internas. Hoje, quem ocupa a prefeitura de São Bernardo do Campo é Luiz Marinho (PT), ex-ministro do Trabalho do Governo Lula. Ao reafirmar o compromisso com os movimentos sociais e colocar em prática a efetiva participação da comunidade, seja ela do Alto Tietê, da região do ABC ou de qualquer outro canto do país, é preciso haver um posicionamento claro por parte do Sindicato quanto à linha editorial da TVT.

Nesse sentido, conforme relata Sanches, as pautas em contrariedade aos interesses do governo petista, em âmbito local ou federal, quando necessário, naturalmente estão presentes na grade de programação da emissora.³⁴⁴ Ao se referir à prefeitura de São Bernardo o diretor de Programação da TVT destaca: “já vieram brigar com a gente e questionar algumas matérias que estão sendo postas no ar, mas a nossa posição é muito tranqüila em relação a isso”.³⁴⁵ Nessa direção, ele destaca: “a função deles é governar e defender os interesses dos mais variados segmentos sociais que habitam a região, se não atenderem a esses interesses, sentimos muito, mas de forma alguma iremos blindar o governo, seja lá qual for”.³⁴⁶

É evidente que há uma proximidade entre os atores sociais que estão à frente do projeto de comunicação do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema e os atuais mandatários da prefeitura de São Bernardo e do Governo Federal, contudo, é preciso considerar a mudança de contexto entre o

³⁴³ Ibid.

³⁴⁴ Ibid.

³⁴⁵ PACHECO, Antônio Jordão, op. cit.

³⁴⁶ SANCHES, Valter, op. cit.

surgimento da produtora de vídeos e a realidade atual. Não apenas a conjuntura política se modificou, mas, principalmente, a própria atuação sindical foi reformulada. Tanto em relação à postura combativa adotada pelo movimento grevista da década de 1980 como também, e sobretudo, quanto à dinâmica produtiva dos processos midiáticos. Em última análise, a inserção prioritária das pautas reportadas pelas comunidades locais, regionais e virtuais chega a ser quase inevitável, devido à lógica adotada pelos processos midiáticos na contemporaneidade.

Por isso, esta frieza de ânimo ao superar o conflito de interesses entre as prioridades do partido historicamente ligado à TVT e à sociedade, sempre que estes forem evidenciados. Ainda seguindo esta linha de pensamento, Sanches assume que a sua amizade com Marinho não influencia nas decisões do conteúdo que vai ao ar: “ele já veio reclamar comigo e, por se tratar de alguém próximo, com uma trajetória de militância em comum, me sinto bem à vontade para dizer que o problema é dele, e não meu, se estão batendo no governo”.³⁴⁷

O presidente da Fundação faz questão de enfatizar: “esse canal de televisão não é de propriedade da CUT e muito menos do Partido. É lógico que ele pertence ao sindicato, se for considerada a viabilidade econômica do projeto, mas parte-se de um princípio democrático na publicação de conteúdo, sem pregar uma falsa postura de neutralidade, o que é bem diferente”.³⁴⁸ Para ilustrar esta questão, Sanches lembra a participação do atual prefeito de Santo André, Aidan Ravin (PTB), em algumas das reportagens da emissora.

Ravin já concedeu entrevistas à TVT, que nunca se furta de procurá-lo, para o bem ou para o mal, quando as demandas sugeridas pelo público os direcionam até ele. De acordo com presidente da Fundação, a lógica na concepção das matérias é simples: “prioritariamente coloca-se o movimento social ou as lideranças comunitárias apresentando sua demanda, depois se abre espaço para as explicações por parte dos gestores e, o fechamento, está articulado com os interesses de quem está enfrentando o problema”.³⁴⁹

Ao descrever este processo Jordão enfatiza que, para o bem da expansão deste projeto, é preciso construir junto à sociedade um espaço prioritariamente colaborativo, pois, ao descentralizar a produção de conteúdos, estrategicamente está

³⁴⁷ Ibid.

³⁴⁸ Ibid.

³⁴⁹ Ibid.

se evitando a tomada de decisões por parte de qualquer entidade disposta a apoiar a TVT, ou daquelas que, no passado, estiveram imbuídas de fomentar sua concretização.³⁵⁰ Para que isso ocorra, de fato, é preciso aproximar os operários que trabalham nas comunidades do Alto Tietê e da Região do ABC de todas as etapas de materialização do projeto, o que não está sendo possível, tendo em vista a dificuldade de acesso à internet ou, até mesmo, à TV a cabo, por parte da base da categoria.

Nesse sentido, o Plano Nacional de Banda Larga (PNBL) poderia ser uma ferramenta importante de inclusão digital, contudo o Governo Dilma tem preferido priorizar a iniciativa privada, – representada na figura das teles – estando a proposta inicial completamente desconfigurada. O preço estipulado pelo Governo em R\$ 35,00 reais, por uma velocidade de 1 Mbps, pode complicar a tão propalada universalização do serviço. Na opinião de Brito Junior, a forma como o plano está articulado hoje entra em contradição com a política pensada ainda no Governo Lula, a qual visava a expansão da educação superior: “(expansão destrutiva, diga-se de passagem), que se faz através do ensino à distância. Com 300 MB não dá nem para fazer a matrícula no ensino à distância, quanto menos seguir um curso”.³⁵¹

Considerando as transformações estruturais da sociedade capitalista e do próprio movimento operário, contexto marcado pela reformulação da atividade sindical e política, pode-se inferir que as dificuldades enfrentadas pelo Sindicato ao conceber um projeto de comunicação autenticamente alternativo decorre do desafio em mediar às necessidades da classe trabalhadora – mais especificamente da comunidade contemplada com a outorga e da região onde está situada a sede física da emissora – com os interesses do governo de turno.

3.5. Produção, programação e circulação

No dia 23 de agosto de 2010 a TV dos Trabalhadores (TVT) entrou oficialmente no ar. Trata-se do primeiro canal aberto destinado a uma entidade sindical, podendo contribuir na luta pela democratização da comunicação no Brasil. Como se sabe, o histórico da distribuição de concessões aponta para outra direção, diferente do que se pode vislumbrar com a entrada da emissora dos metalúrgicos no espectro televisivo.

³⁵⁰ PACHECO, Antônio Jordão, op. cit.

³⁵¹ BRITO JUNIOR, Bajonas Teixeira de. Da lama ao caos: o Plano Nacional de Banda Larga. **Portal Vermelho**. São Paulo, 9 jul. 2011. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticia=158386&id_secao=6>. Acesso em: 5 set. 2011.

A maior parte das outorgas concedidas pelo governo – mesmo durante a gestão petista – tende a ser reservada a políticos com forte influência no Congresso, ou para aliados destes, os quais se utilizam de canais educativos e comunitários para divulgar a sua imagem e promover a *marketização*³⁵² de projetos privados, travestidos do sentimento altruísta de oferecer programação independente às comunidades locais. Embora se considere a proximidade do Governo Lula com o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, é preciso reconhecer que, ao conceder a outorga de um canal educativo para um segmento social cujas demandas não são priorizadas pela grande mídia, ajuda-se ao menos a diversificar a representatividade social presente no espaço eletromagnético.

Nesse sentido, ressalta-se a existência de movimentos contrários à concretização do projeto de comunicação do Sindicato, os quais tentaram inviabilizá-lo logo de início. De maneira geral, esta resistência conservadora é encabeçada por grupos político-partidários que hoje atuam na oposição e, em alguns casos, contraditoriamente também compõem a base do Governo. Deste modo, a proposta original da TVT choca-se com os interesses predominantemente hegemônicos no cenário histórico-político da distribuição de concessões no Brasil, deixando alguns parlamentares opositores incomodados com a possibilidade desta exceção tornar-se a regra, o que, infelizmente, não condiz com as reais pretensões do Governo Dilma.³⁵³

Na prática, o já defasado Código Brasileiro de Telecomunicações, de 1962, continua propiciando que poucas famílias detenham o controle dos principais meios de comunicação. Esses grupos midiáticos sempre contaram com a benevolência do governo e a renovação das outorgas segue ocorrendo de forma quase automática junto ao Congresso Nacional. O período de vigência das concessões é de 15 anos para os canais de televisão e 10 anos para as emissoras de rádio, mas tem sido perpetuado, ano após ano, pela falta de coragem dos sucessivos governos em rever o serviço que vem sendo prestado pelos atuais concessionários.

Mesmo assim, instigado por uma obsessão reacionária em conter a

³⁵² Segundo Murdock, esse processo “compreende um conjunto de intervenções políticas concebidas para alargar os espaços abertos às corporações privadas, para aumentar a sua liberdade de ação e reduzir a força exercida por organizações culturais financiadas publicamente”. MURDOCK, Graham, op. cit., p. 19.

³⁵³ LEAL FILHO, Laurindo Lalo. Lei dos meios, o atraso brasileiro. **Caros amigos**, São Paulo, ano XV, n. 52, p. 6-8. abr. 2011.

viabilização de espaços midiáticos até certo ponto identificados com o passado político do ex-presidente Lula, o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) chegou a estudar a possibilidade de mover uma ação para cassar a licença concedida à TVT.³⁵⁴ De acordo com reportagem publicada pelo *Diário do Grande ABC*, em junho de 2011, os tucanos estariam questionando a procedência da concessão dada aos metalúrgicos, sob o argumento de que o deputado estadual Carlos Grana (PT – Santo André), faria parte da atual diretoria da Fundação Sociedade Comunicação, Cultura e Trabalho, o que, se fosse confirmado, estaria em contrariedade às regras impostas pela legislação brasileira.³⁵⁵

Outra violação às exigências legais, segundo os tucanos, evidenciar-se-ia no fato de que o secretário de Coordenação Governamental da Prefeitura de São Bernardo, Tarcísio Secoli, estaria registrado junto ao Sistema de Acompanhamento de Controle Societário do Ministério das Comunicações como presidente da Fundação. Na verdade, desde 2008, Valter Sanches é quem está à frente da entidade. Grana e Secoli foram afastados da direção quando optaram por pleitear cargos públicos, mas a falta de atenção em fazer a mudança da nominata com maior antecedência, aliada à burocracia do Ministério para oficializar os dados, permitiu à oposição esta primeira investida contra o canal de televisão dos trabalhadores. A iniciativa, no entanto, acabou por não vingar, sendo abandonada pelos tucanos tão logo se verificou a inconsistência das afirmações.

Ao explicar o fato, Sanches fez questão de enfatizar que o deputado Carlos Grana está fora do corpo diretivo da Fundação desde junho de 2010. Segundo o atual presidente da entidade o problema é de ordem burocrática. As atas teriam sido enviadas para homologação junto ao Ministério Público (MP), mas a atualização não se efetivou devido à falta de agilidade do órgão público.³⁵⁶ Sanches também não poupou críticas ao que julga ser um “jornalismo marrom”, para ele, parte da imprensa da região do ABC, próxima ao PSDB, se aproveitou da divulgação da lista

³⁵⁴ PSDB estuda ação no caso da TVT. *Diário do Grande ABC*. Santo André, 1 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.dgabc.com.br/News/5889678/psdb-estuda-acao-no-caso-da-tvt.aspx>>. Acesso em: 2 jun. 2011.

³⁵⁵ O parágrafo único da Lei 4.117 diz que “não poderá exercer a função de diretor ou gerente de concessionária, permissionária ou autorizada de serviço de radiodifusão quem esteja no gozo de imunidade parlamentar ou de foro especial”. BRASIL. Lei 4.117, de 27 de agosto de 1962. Institui o código Brasileiro de Telecomunicações. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, 05. out. 1962. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L4117.htm>>. Acesso em: 8 ago. 2010.

³⁵⁶ SANCHES, Valter, op. cit.

de detentores de outorgas de rádio e TV no Brasil, realizada pelo Ministério das Comunicações em maio de 2011, para tentar atingi-los, mesmo sabendo que não iria resultar em nenhuma penalização.³⁵⁷

Procurando distanciar-se da prática jornalística criticada pelo presidente da Fundação, a TVT tem buscado dialogar com a sociedade a partir de um lugar de fala diferente dos canais privados e, até mesmo, de supostos canais alternativos. Todavia, conforme destaca Jordão, este modelo ainda não se mostra capaz de despertar um forte interesse nem mesmo da base dos metalúrgicos. Para o coordenador de programação da emissora, o lema “TVT a TV que te vê” reforça o que está acontecendo na prática, pois apenas a emissora estaria se esforçando para enxergar os operários, faltando reciprocidade desses para com o projeto de comunicação.³⁵⁸ Ele inclusive brincou com o fato de que é preciso inverter o bordão que caracteriza a TVT, ressaltando a necessidade do canal também ser visto pela sociedade.³⁵⁹

Mas a falta de visibilidade da emissora se dá, sobretudo, em função de carências estruturais. O prédio onde está localizada a TVT fica no centro de São Bernardo do Campo, município vizinho a Mogi das Cruzes, localidade onde o Sindicato obteve a outorga para operar em sinal aberto. O espaço físico utilizado é o da Associação (Fundo de Greve), o qual abrange uma estrutura destinada ao jornalismo e outra aos programas semanais.

No que concerne ao jornalismo, a TVT possui um estúdio com quatro câmeras robotizadas (com *suíte*, num *playout*), que é o mínimo necessário para colocar um programa ao vivo no ar. Conta também com três equipes de externa (cinegrafista, auxiliar, motorista e repórter) e mais três abelhas (os chamados vídeo repórteres), mas, no caso destes últimos, apenas dois núcleos estão em atividade. Sendo assim, evita-se que os repórteres-abelha estejam na rua ao mesmo tempo, contudo, caso isso ocorra, cada profissional sai para gravar com equipamento próprio. Estão sendo disponibilizadas, ainda, três ilhas de edição aos profissionais do jornalismo, as quais ficam livres à tarde. Uma quarta ilha é reservada para o trabalho

³⁵⁷ Ibid.

³⁵⁸ PACHECO, Antônio Jordão, op. cit. Esta afirmação foi reforçada por Sanches. Não obstante, para este último, já é possível notar um aumento na procura pelos produtos audiovisuais disponíveis no *site* da entidade. A primeira entrevista concedida por Lula após deixar a Presidência foi à TVT e, somente o *teaser* com o anúncio da conversa, registrou 5 mil *views* nas primeiras três horas da postagem. Através da *web*, o crescimento e a participação é constante, sobretudo em função das redes sociais. SANCHES, Valter, op. cit.

³⁵⁹ PACHECO, Antônio Jordão, op. cit.

de videografia (concepção de mapas e gráficos), podendo esta servir para atender possíveis eventualidades.

No espaço designado aos programas semanais está sendo aproveitada a estrutura antiga, com quatro câmeras analógicas Sony 637, com CCU e *suíte*, sendo que este último foi comprado recentemente. Em 2011 o sindicato priorizou o investimento em equipamentos. Tão logo chegou o *suíte*, por exemplo, já foi providenciada sua instalação, objetivando melhorar a qualidade da imagem. Com o tempo a intenção é utilizar apenas câmeras digitais, mas a TVT está operacionalizando esse processo dentro do prazo estipulado pelo governo e, até 2016, pretende concluir a passagem da transmissão analógica à digital.

A emissora educativa dos metalúrgicos do ABC possui, também, uma consistente infra-estrutura de TI (Tecnologia da Informação). Todo o *workflow* (tecnologia para administrar processos de dados) é baseado em *Final Cut* (editor não linear de vídeo da Apple Computer). São duas ilhas de *ingest*, utilizadas para suprir o grande volume de material repassado a entidade. Estas produções externas são enviadas direto para o servidor, com isso, imediatamente todos os computadores da produção e das ilhas de edição têm acesso ao material de forma instantânea. Hoje o sistema opera no limite, com 46 *terabytes*, o que confirma um grande volume de produção, mesmo considerando que uma hora e meia de jornalismo por dia carrega muita imagem.

Segundo Jordão, “embora a emissora seja pequena, tem uma demanda considerável de produção e a tendência é crescimento”.³⁶⁰ Ele reforça que é preciso ter mais capacidade de armazenamento, viabilizar a compra de outro servidor e pôr em atividade outras ilhas de edição; o que requer, obviamente, maior espaço físico. No entanto, como o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema é a única entidade a bancar o projeto, estas demandas estão sendo colocadas como desafio para os próximos anos, caso a TVT aumente a sua visibilidade e, conseqüentemente, receba o apoio financeiro de outras entidades.

Destaca-se que as redes sociais podem ajudar nesse processo. As ferramentas disponíveis na *web* têm sido muito importantes na divulgação da proposta dos metalúrgicos para além da Grande São Paulo. O portal da TVT, disponível em página

³⁶⁰ PACHECO, Antônio Jordão, op. cit.

própria,³⁶¹ cria outras formas de divulgação e distribuição de conteúdos, além de promover a participação interativa.³⁶²

Isso demonstra que os sindicalistas estão atentos à necessidade de acompanhar os avanços das mídias digitais, fator extremamente relevante quando se pretende ir além da simples inovação na produção de conteúdos. Em última análise, tal perspectiva se faz fundamental na pretensão de conquistar parceiros e construir um espaço de atuação aberto à participação de outros segmentos sociais, ao menos em âmbito produtivo e distributivo.³⁶³

Contudo, cabe ressaltar que as decisões sobre investimento, estratégias de visibilidade, prioridades técnicas e melhorias estruturais, passam necessariamente pelo aval do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. Por conseguinte, a relação entre o Sindicato e o canal dos trabalhadores se dá, principalmente, no campo estratégico. Isso não significa dizer que os dirigentes sindicais não opinem sobre o conteúdo transmitido. Eventualmente, Sanches participa até mesmo das reuniões de pauta e recebe diretamente os pleitos dos funcionários. Essa postura contribui para a descentralização na estrutura hierárquica responsável pela organização interna da TVT, sendo possível, segundo os próprios funcionários da emissora, circular livremente nos espaços de chefia e dialogar com os responsáveis diretos pelos setores comercial, financeiro, jurídico, recursos humanos e programação.³⁶⁴

O fato dos núcleos de produção e programação estarem vinculados à direção da TV, e, esta, ao Sindicato, implica no comprometimento de todos com o bom

³⁶¹ A programação da emissora é transmitida simultaneamente pela TV Web do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC (<http://www.smabc.org.br/>), cujo novo portal foi inaugurado no dia 29 de julho de 2010. TV DOS TRABALHADORES, op. cit.

³⁶² PACHECO, Antônio Jordão, op. cit.

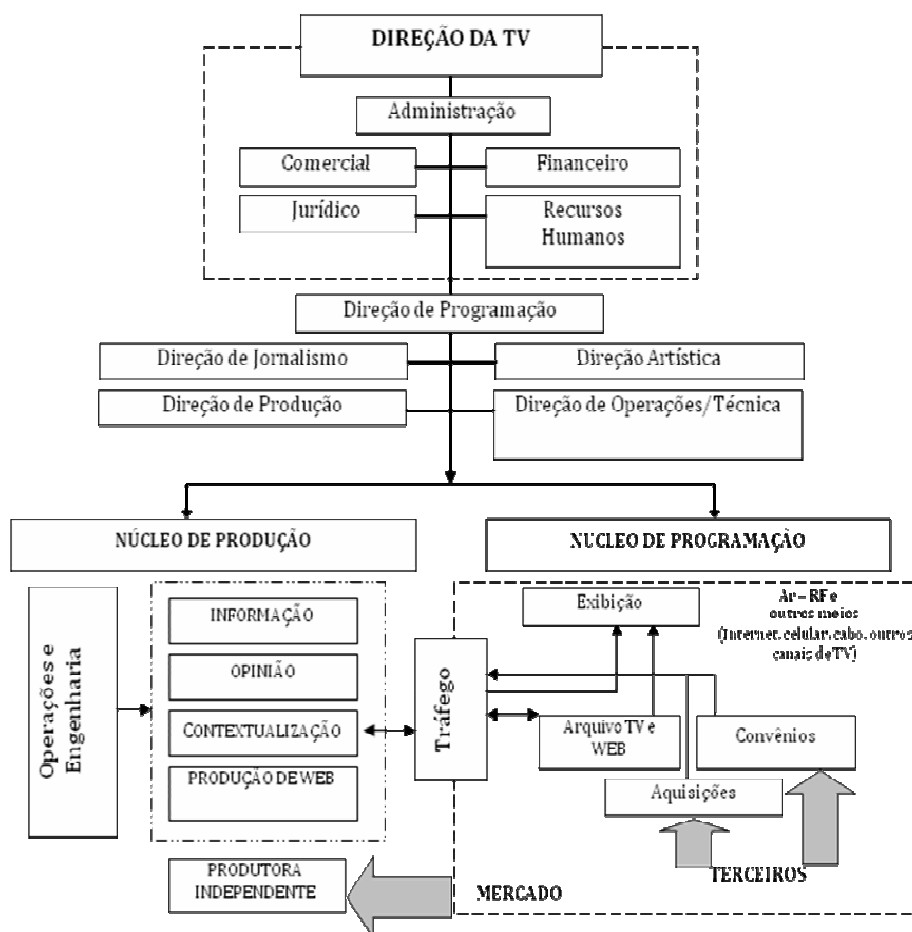
³⁶³ Nesta direção, a emissora possui um canal próprio no YouTube desde outubro de 2010. Todas as produções próprias, além de ficarem disponíveis no *site*, repercutem nesse canal, sendo possível realizar *download* do conteúdo utilizando-se de páginas da *web* como o Voobys Vídeo. Ao falar sobre o assunto, Jordão lembra um fato curioso no período prévio à criação do canal no YouTube: “quando procurava-se por “TVT” o Google apresentava opções de vídeos relacionados a uma doença de cachorro”. O coordenador de programação da emissora considera um avanço já ser possível achar a TVT no buscador do Google. Ele ressalta, ainda, a importância de compartilhar o material que é produzido pela entidade e revela simpatia pelo formato de licença *Creative Commons*, o qual permite certa padronização quanto ao licenciamento e distribuição de conteúdos. PACHECO, Antônio Jordão, op. cit.

³⁶⁴ No dia 4 de agosto de 2011, foi possível acompanhar a rotina dos funcionários e diretores da TVT. Em mais de uma oportunidade se percebeu o auxílio mútuo para o cumprimento das demandas produtivas. Por outro lado, não está se alegando a inexistência de controle sobre tais práticas, sobretudo no aspecto operacional, apenas evidencia-se a diferenciação quanto ao formato das rotinas produtivas em emissoras comerciais.

andamento do projeto. Por se tratar de uma instituição sem fins lucrativos, não existe uma forte concorrência interna, na busca de cargos melhores; situação recorrente em empresas de televisão comerciais, pois, nos meios de comunicação dominantes, a divisão do trabalho é utilizada para motivar os profissionais na busca de novas posições na empresa.

Na TVT, cada um dos funcionários e os próprios diretores da emissora precisam desempenhar mais de uma função concomitantemente, sempre que existe a necessidade de cobrir um colega de trabalho. Caso sejam omissos, corre-se o risco do prejuízo coletivo. Para melhor ilustrar esta situação e, posteriormente, compreender a importância que está sendo dada ao projeto colaborativo, principalmente com o protagonismo de segmentos sociais no núcleo de produção da TVT, é interessante observar o organograma seguinte.

Figura 1 - Governança na TVT



Fonte: PACHECO, Antônio Jordão. **Entrevista concedida pelo diretor de Programação da TV dos Trabalhadores, São Bernardo do Campo.** São Bernardo do Campo, 4 ago. 2011.

Atualmente a TVT está produzindo seis programas: *Seu Jornal*, *Clique e Ligue*, *Melhor e Mais Justo*, *ABCD em Revista*, *Bom para Todos* e *Memória e Contexto*. As produções próprias totalizam uma hora e meia de programação por dia, sendo que o restante da grade é complementado por parcerias estabelecidas com a TV Brasil e a TV Câmara. A tabela a seguir apresenta como a programação da emissora dos metalúrgicos está estruturada neste segundo semestre de 2011, colocando em destaque as produções próprias (tabelas 2 e 3).

Tabela 2. Programação TVT de segunda a sexta (I)

Hora	Segunda	Hora	Terça	Hora	Quarta	Hora	Quinta	Hora	Sexta
00:45	TV Brasil	05:50	TV Brasil	05:50	TV Brasil	05:50	TV Brasil	00:50	Seu Jornal (reprise)
01:00	ABCD em Revista (reprise)	06:50	TV Brasil	06:50	TV Brasil	06:50	TV Brasil	01:00	Bom para Todos (reprise)
01:15	Reprise Coopera Brasil *	07:05	TV Brasil	07:05	TV Brasil	07:05	TV Brasil	01:30	Bom para Todos (reprise)
05:50	TV Brasil	07:20	TV Brasil	07:20	TV Brasil	07:20	TV Brasil	05:50	TV Brasil
06:50	TV Brasil	07:50	TV Brasil	07:50	TV Brasil	07:50	TV Brasil	06:50	TV Brasil
07:05	TV Brasil	08:00	Melhor e Mais Justo (reprise)	08:00	ABCD em Revista (reprise)	08:00	Memória e contexto (reprise)	07:05	TV Brasil
07:20	TV Brasil	09:00	TV Brasil	08:30	Coopera Brasil (reprise)	09:00	TV Brasil	07:20	TV Brasil
07:50	TV Brasil	09:30	TV Brasil	09:00	TV Brasil	09:30	TV Brasil	07:50	TV Brasil
08:00	Bom pra Todos (reprise)	10:00		09:30	TV Brasil	10:30	TV Brasil	08:00	Clique e Ligue (reprise)
08:30	Documentário TV Câmara	10:30	TV Brasil	10:00	TV Brasil	11:00	TV Brasil	09:00	TV Brasil
09:00	TV Brasil	11:00	TV Brasil	10:30	TV Brasil	11:30	TV Brasil	09:30	TV Brasil
09:30	TV Brasil	11:30	TV Brasil	11:00	TV Brasil	12:00	TV Brasil	10:00	TV Brasil
10:00	TV Brasil	12:00	TV Brasil	11:30	TV Brasil	12:30	TV Brasil	10:30	TV Brasil
10:30	TV Brasil	12:30	TV Brasil	12:00	TV Brasil	13:00	TV Brasil	11:00	TV Brasil
11:00	TV Brasil	13:00	TV Brasil	12:30	TV Brasil	13:30	TV Brasil	11:30	TV Brasil
11:30	TV Brasil	13:30	TV Brasil	13:00	TV Brasil	14:00	TV Brasil	12:00	TV Brasil
12:00	TV Brasil	13:45	TV Brasil	13:30	TV Brasil	14:30	TV Brasil	12:30	TV Brasil
12:30	TV Brasil	14:00	TV Brasil	13:45	TV Brasil	15:00	TV Brasil	13:00	TV Brasil
13:00	TV Brasil	14:30	TV Brasil	14:00	TV Brasil	15:15	TV Brasil	13:30	TV Brasil
13:30	TV Brasil	15:00	TV Brasil	14:30	TV Brasil	15:30	TV Brasil	14:00	TV Brasil
13:45	TV Brasil	15:15	TV Brasil	15:00	TV Brasil	16:00	TV Brasil	14:30	TV Brasil
14:00	TV Brasil	15:30	TV Brasil	16:00	TV Brasil	17:30	TV Brasil	15:00	TV Brasil
14:30	TV Brasil	16:00	TV Brasil	17:30	TV Brasil	18:00	TV Brasil	15:15	TV Brasil

Fonte: TV DOS TRABALHADORES. **Programação completa.** Disponível em: <http://www.tvt.org.br/programacao_completa.php>. Acesso em: 1 out. 2011.

* O Coopera Brasil corresponde a uma série de programas direcionados para a divulgação do cooperativismo e da economia solidária. Esta série vinha sendo veiculada pela NGT, através do canal 48 – UHF, desde 2008. O projeto é uma realização do Núcleo de Ação e Pesquisa em Economia Solidária (NAPES), com apoio da Fundação Banco do Brasil (FBB) e do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), com produção da TV dos Trabalhadores.

Tabela 3. Programação TVT de segunda a sexta (II)

Hora	Segunda	Hora	Terça	Hora	Quarta	Hora	Quinta	Hora	Sexta
15:00	TV Brasil	17:30	TV Brasil	18:00	TV Brasil	18:30	TV Brasil	15:30	TV Brasil
15:15	TV Brasil	18:00	TV Brasil	18:30	TV Brasil	19:00	Seu Jornal	16:00	TV Brasil
15:30	TV Brasil	18:30	TV Brasil	19:00	Seu Jornal	19:30	Melhor e mais justo	17:30	TV Brasil
16:00	TV Brasil	19:00	Seu Jornal	19:30	Bom pra todos	20:30	TV Brasil	18:00	TV Brasil
17:30	TV Brasil	19:30	Clique e Ligue	20:00	TV Brasil	20:40	TV Brasil	18:30	TV Brasil
18:00	TV Brasil	20:30	TV Brasil	20:30	TV Brasil	21:00	TV Brasil	19:00	Seu Jornal
18:30	TV Brasil	21:10	TV Brasil	21:00	TV Brasil	22:00	TV Brasil	19:30	ABCD em Revista
19:00	Seu Jornal	22:00	TV Brasil	22:00	TV Brasil	23:00	Seu Jornal (reprise)	20:00	Coopera Brasil
19:30	Memória e Contexto	23:00	Seu Jornal (reprise)	22:30	Melhor e Mais Justo (reprise)	23:45	Clique e Ligue (reprise)	20:30	TV Brasil
20:30	TV Brasil	23:45	Memória e contexto (reprise)	23:00	Seu Jornal (reprise)			21:10	TV Brasil
21:00	TV Brasil							22:00	TV Brasil
22:00	TV Brasil							23:00	TV Brasil
23:00	Seu Jornal (reprise)							23:50	TV Brasil
23:45	ABCD em Revista (reprise)								

Fonte: TV DOS TRABALHADORES. **Programação completa.** Disponível em: <http://www.tvt.org.br/programacao_completa.php>. Acesso em: 1 out. 2011.

Os conteúdos próprios da TVT são fundamentalmente temáticos ou jornalísticos, mas para diversificar este processo algumas propostas já estão em andamento. Uma delas visa fortalecer parcerias junto a núcleos de vídeo popular da Grande São Paulo. Hoje, existe cerca de 20 núcleos na região, muitos deles acostumados a promover circuitos itinerantes, levando mensalmente suas produções aos bairros onde atuam. Mesmo sem uma periodicidade, a direção de programação da TVT tem procurado estabelecer uma relação de distribuição destes conteúdos através da sua grade de programação. Em maio de 2011 começou a ser veiculado o *Circuito de Vídeo Popular*, programa experimental que vai ao ar sempre no último sábado de cada mês, às 16h.

O programa ainda não consta na grade de programação disponível no *site* da entidade, mas, segundo relatou Jordão, a iniciativa está amadurecendo e possivelmente venha a se concretizar em um programa semanal. O diretor de programação da TVT está propondo aos produtores independentes que o programa vá ao ar em horário nobre, com duração de 30 minutos. No entanto, ele ressalta a

dificuldade encontrada pelos movimentos populares em manter o compromisso de um programa como esse: “mesmo que exista um número expressivo de núcleos e se produza um programa a cada três semanas, é preciso ter o mínimo de estrutura e comprometimento, até porque a idéia é estar sempre criando coisas novas”.³⁶⁵

Para Jordão, o ideal seria envolver também núcleos de outras regiões do país,³⁶⁶ expandindo a proposta inicial, mas por enquanto, aos sábados e domingos, a grade de programação da TVT apresenta apenas reprises, como pode se visualizar a partir da tabela a seguir (tabela 4).

Tabela 4. Programação TVT (sábado e domingo)

Hora	Sábado	Hora	Domingo
00:15	TV Brasil	01:30	TV Brasil
01:15	TV Brasil	02:30	TV Brasil
07:00	TV Brasil	06:00	TV Brasil
07:15	TV Brasil	06:30	TV Brasil
07:45	TV Brasil	07:00	TV Brasil
08:30	TV Brasil	08:00	TV Brasil
09:00	TV Brasil	09:00	TV Brasil
09:30	TV Brasil	10:15	TV Brasil
10:15	TV Brasil	10:30	TV Brasil
10:30	TV Brasil	11:00	TV Brasil
11:00	TV Brasil	11:30	TV Brasil
11:30	TV Brasil	12:00	TV Brasil
12:00	TV Brasil	12:30	TV Brasil
12:30	TV Brasil	12:45	TV Brasil
13:00	TV Brasil	13:00	TV Brasil
13:30	TV Brasil	13:30	TV Brasil
13:45	TV Brasil	13:45	TV Brasil
14:00	TV Brasil	14:00	TV Brasil
14:30	TV Brasil	14:30	TV Brasil
15:00	Bom para Todos (reprise)	15:00	ABCD em Revista (reprise)
15:30	TV Brasil	16:00	TV Brasil
16:00	TV Brasil	17:00	TV Brasil
16:30	TV Brasil	18:00	TV Brasil
17:30	Clique e Ligue (reprise)	18:30	TV Brasil
18:30	TV Brasil	19:00	TV Brasil
19:00	TV Brasil	20:00	TV Brasil
19:30	TV Brasil	21:00	TV Brasil
20:00	TV Brasil	22:30	TV Brasil
20:30	TV Brasil	22:30	TV Brasil
21:00	TV Brasil	23:00	TV Brasil
21:30	TV Brasil		
22:00	TV Brasil		
22:30	TV Brasil		
23:45	TV Brasil		

Fonte: TV DOS TRABALHADORES. **Programação completa.** Disponível em: <http://www.tvt.org.br/programacao_completa.php>. Acesso em: 1 out. 2011.

³⁶⁵ PACHECO, Antonio Jordão, op. cit.

³⁶⁶ Ibid.

Outra proposta que está sendo pensada para incrementar a programação aos finais de semana é a veiculação de um especial com o resumo das notícias que vão ao ar de segunda a sexta pelo *Seu Jornal*. A intenção é selecionar matérias especiais, de no máximo 4 minutos, que abordem questões importantes, como a inclusão social e os direitos trabalhistas. A concretização deste programa é claramente viável, tendo em vista que a maioria das notícias do telejornal não é factual e a TVT está liberada para midiaticizar qualquer produção que não tenha custo para o projeto.

Além disso, através de uma parceria com a Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura (SAV/Minc), a TVT está instituindo o projeto *Qual é a graça?*. Cineastas, diretores de teatro e palhaços compõem a equipe do projeto, os quais estão reunidos em torno de um conjunto de ações denominadas “*Na Batalha*”. Ao longo de 2011 foram realizadas oficinas, seminários e palestras, sendo todas as atividades registradas no *site*: www.nabatalha.com.br. O objetivo principal do projeto é a criação de um programa de humor, uma série cômica, com oito episódios, previsto para ir ao ar em dezembro do referido ano. O eixo de toda construção narrativa é o mundo do trabalho, visando contrapor as produções humorísticas dos canais comerciais, que, em grande parte, tendem a estereotipar homens e mulheres de forma preconceituosa e ofensiva.

Enquanto as novas produções não são incorporadas à grade de programação da TVT, destacam-se as produções atuais. Entre elas está o *Clique e Ligue*, um programa voltado às novas tecnologias e a inclusão digital, que é gravado toda quarta-feira, das 15h30 às 16h30, sendo esta gravação transmitida ao vivo pela internet. Por se tratar de uma produção que aborda a nova configuração midiática, sua divulgação expande-se com maior facilidade através das redes sociais, onde os próprios convidados do programa tornam-se divulgadores do conteúdo. Esse processo tem contribuído, inclusive, para fazer com que a TVT fique conhecida em grupos específicos de ativismo digital.³⁶⁷

Além deste, outros cinco programas completam a programação própria da emissora. De todas as produções atuais, apenas o *ABCD em Revista* já havia sido veiculado em canal aberto, pela Rede TV!. Antigamente ele existia com outro foco e

³⁶⁷ Jordão lembra que, “em uma das oportunidades chegou a dar mais de 1500 acessos na gravação do *Clique e Ligue*”. Para ele, “está muito clara essa nova realidade das mídias sociais e o Sindicato precisa investir nisso”. Nessa linha, a TVT possui perfis próprios no Twitter, Facebook e Orkut. PACHECO, Antonio Jordão, op. cit.

se chamava *ABCD Maior Em Revista*, hoje, o programa está reformulado e vai ao ar pela TVT, toda sexta-feira, às 19h30. São abordados temas atuais, relacionados ao cotidiano do trabalhador brasileiro e a intenção dos produtores é criar um elo entre a comunidade e o poder público, abrindo espaço para as ações locais. A produtora Crystal Ferreira ressalta o fato de que, antes da TVT entrar no ar, ele era o único produto que já estava bem encaminhado. Semelhante ao que aconteceu na década de 1990 com o *Olhar Brasileiro*, a inserção prévia deste programa na mídia comercial permitiu ao Sindicato incorporá-lo mais facilmente à sua grade de programação, pois, ao contrário dos demais, não se partiu do zero.³⁶⁸

Luciana Dias, também produtora do *ABCD em Revista*, se refere à produção como um mini-documentário. Os temas, mais regionalizados, procuram dar prioridade à comunidade de Mogi das Cruzes, embora a maior parte da produção ocorra em São Bernardo.³⁶⁹ Chama atenção, contudo, o formato do programa, pois é apresentado na rua, sem nenhuma intervenção do estúdio. Segundo Ferreira, trata-se de um programa em constante experimentação, o que, em parte pode ser comprovado pela dupla possibilidade na formatação das temáticas abordadas.³⁷⁰ Atualmente dois repórteres (apresentadores): Bruno Mascarenhas e Mariana Roggero, revezam-se na condução do programa, não havendo a figura do apresentador fixo, o que é comum neste tipo de produção audiovisual.

Já o noticiário *Seu Jornal* é um informativo diário, de meia hora, voltado principalmente para a região do ABC e para Mogi das Cruzes. Ele conta com comentários de política nacional e internacional, economia e esportes, além, é claro, de matérias destacando as produções colaborativas. É o programa carro-chefe da TVT e vai ao ar de segunda a sexta-feira – ao vivo –, às 19h. O comentarista de política é Paulo Vannuchi, que presta assessoria para o Sindicato há mais de 30 anos e foi ministro de Estado chefe da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, durante o Governo Lula.

Direto da Alemanha ocorrem as intervenções do comentarista internacional Flávio Aguiar, antigo editor-chefe da Agência Carta Maior. Nos estúdios da TVT, Sérgio Mendonça – do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos

³⁶⁸ FERREIRA, Crystal. **Entrevista concedida pela produtora do programa *ABCD em Revista*, São Bernardo do Campo.** São Bernardo do Campo, 4 ago. 2011.

³⁶⁹ DIAS, Luciana. **Entrevista concedida pela produtora do programa *ABCD em Revista*, São Bernardo do Campo.** São Bernardo do Campo, 4 ago. 2011.

³⁷⁰ FERREIRA, Crystal, op. cit.

Econômicos (Dieese) – fala sobre economia e o operário da Mercedes Benz, Anderson Carvalho, faz o comentário esportivo. Este último figura ao lado dos demais cronistas como especialista no assunto, rompendo com o formato da mídia comercial, onde apenas ex-atletas e jornalistas esportivos desempenham tal função.

O âncora do *Seu Jornal* já gravou documentários para os canais *History Channel*, *Discovery* e *National Geographic* e, mesmo assim, parece não se enquadrar no perfil da mídia comercial. Carlos Ribeiro atua a mais de 30 anos na área da comunicação. Sua formação, como a maioria de sua época, se deu através da prática profissional. Ele começou como locutor de FM em 1982 e trabalhou na TV Gazeta (onde fazia chamadas de áudio, locução de cabine e apresentava um jornal). Muito bem humorado, ele recorda que “naquela época ainda tinha cabelos”.³⁷¹

Ribeiro é calvo e afro-descendente, contrastando com o perfil da maioria dos âncoras da mídia privada. Sua capacidade de improviso e desenvoltura à frente das câmeras não deixa nada a desejar para nenhum dos propalados jornalistas das emissoras de TV brasileiras,³⁷² contudo, o principal noticiário da mídia televisiva dominante, o Jornal Nacional (JN), está formatado para ter a apresentação do casal Willian Bonner e Fátima Bernardes, deixando explícita sua preferência estética. Somente na ausência ou folga destes chama-se, por exemplo, Heraldo Pereira, que possui capacidade técnica de apresentação igual, ou, até mesmo, superior a dos outros dois, mas não ocupa a titularidade não só deste como de nenhum dos noticiários da emissora.

Todos os âncoras titulares da Globo possuem traços étnicos muito semelhantes, como é o caso de William Waack, Christiane Pelajo, Evaristo Costa, Sandra Annenberg, Renato Machado e Renata Vasconcellos. Embora o apresentador da TVT e o substituto da emissora líder, possuam o mesmo potencial dos jornalistas citados, a escolha para a seleção e escalação destes profissionais nos canais de televisão privados segue uma tendência no mínimo questionável. Postura que pode ser classificada como discriminatória, pois a presença de afrodescendentes em

³⁷¹ Ele conta que um dia decidiu fazer rádio esportiva. Durante quase 15 anos viajou pelo mundo cobrindo eventos como Copa do Mundo, Copa América e decisões de campeonatos. Nesta época atuou pelas rádios Tupi, Bandeirantes, Record e Cultura. O apresentador do *Seu Jornal* lembra com carinho do ex-chefe e amigo Fiori Gigliotti (conhecido radialista e locutor esportivo brasileiro que atuou no interior de São Paulo e tornou célebre frases como: “o tempo passa” e “agüenta coração”). RIBEIRO, Carlos. **Entrevista concedida pelo apresentador do programa *Seu Jornal*, São Bernardo do Campo.** São Bernardo do Campo, 4 ago. 2011.

³⁷² Em agosto de 2011 foi possível acompanhar toda a rotina de produção do *Seu Jornal*.

programas jornalísticos é exceção. Outro exemplo que reforça esta tese segregacionista é a escolha do ator Alexandre Henderson para figurar como apresentador do canal *Futura*, – emissora educativa pertencente à Fundação Roberto Marinho – ao invés de utilizá-lo como titular de alguma produção da Globo, em horário nobre.

Esta comparação poderia se estender a outras emissoras privadas e suas afiliadas. A superioridade de âncoras com pele clara é facilmente perceptível, o que representa um contra-senso em um país onde a maior parte da população é composta de negros, pardos e mestiços. Em outras palavras, 45% dos brasileiros descendem de africanos, no entanto, os canais de televisão continuam reafirmando o estereótipo europeu como signo de suposta credibilidade para suas produções jornalísticas.³⁷³

O chefe de Reportagem do *Seu Jornal*, José Mombelli, destaca que o programa jornalístico da TVT caminha na contramão das mídias comerciais, pois busca expressar a diversidade cultural e retratar a realidade do povo brasileiro inclusive entre seus funcionários.³⁷⁴

Segundo ele, “nesta emissora o trabalhador tem a palavra final, já nas televisões ditas comerciais, muitas vezes, nem a palavra tem, ou, quando tem, não é a última, é apenas um acessório”.³⁷⁵ Mombelli trabalha em parceria com a editora-chefe Eneida Cardoso e a diretora de Jornalismo Nelma Salomão. As decisões são tomadas em conjunto, sem a centralização tradicional do *gatekeeper*,³⁷⁶ como ocorre nos veículos de comunicação de mídia hegemônica. A seleção das pautas e a edição das matérias é um processo conjunto e amplamente debatido com a equipe do telejornal, inclusive com os repórteres e o apresentador.

Prova disso é a forma como as produções colaborativas são inseridas no jornal. A maioria dos vídeos enviados para a emissora contém pautas relativas ao mundo do trabalho, passando por críticas feitas aos governos de turno, cobranças de melhorias estruturais em bairros da região e protestos nos mais variados âmbitos da

³⁷³ BRAVA Gente Brasileira. Brasília. **Revista TV Escola**: Secretaria de Educação à Distância do MEC, abr. 2000.

³⁷⁴ MOMBELLI, José. **Entrevista concedida pelo chefe de Reportagem do programa Seu Jornal, São Bernardo do Campo**. São Bernardo do Campo, 4 mar. 2011.

³⁷⁵ MOMBELLI, José, op. cit.

³⁷⁶ Conforme destaca Traquina, “o processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos *gates*, isto é, portões que não são mais do que áreas de decisão em relação às quais o jornalista, isto é o *gatekeeper*, tem de decidir se vai escolher essa notícia ou não. TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005. p. 150.

vida social. A visibilidade concedida pela emissora aos movimentos sociais certamente constitui-se em algo inédito na televisão brasileira. Assim, utiliza-se o quadro “*Câmera na mão*” para midiaticizar as produções realizadas por operários de chão de fábrica, lideranças comunitárias e movimentos sociais.

No programa *Memória e Contexto* também se evidencia a história de luta dos segmentos sociais excluídos pela grande mídia; no entanto, a idéia inicial é aproveitar o vasto acervo da TVT, que conta com mais de 6 mil fitas, para problematizar os acontecimentos políticos. Segundo o diretor de Programação da TVT, desde 1984, a então produtora de vídeos começou a produzir programas sobre o movimento popular. Entre eles encontram-se alguns telecursos, voltados para questões de interesse social. Os temas versam sobre cidadania, saúde, etnia, meio ambiente, direito fiscal, entre outros, os quais dificilmente ganhariam destaque na mídia hegemônica.³⁷⁷

O produtor do *Memória*, Willian Assaf, conta que a idéia é trazer personagens com vivência no assunto destacado.³⁷⁸ A partir das imagens de artigo, a apresentadora Maria Amélia Rocha Lopes conversa com os convidados, sendo que, entre eles, existe sempre a presença de um músico, para, entre uma fala e outra, intercalar debate e melodia. Assaf é produtor deste e de outros dois programas, *Clique e Ligue* e *Melhor e Mais Justo*, este último com apresentação às quintas-feiras, também no horário das 19h30.³⁷⁹

O apresentador Luiz Augusto Souza, mais conhecido como Tuto, tem a difícil incumbência de colocar em discussão assuntos pouco abordados nos canais de comunicação convencionais, como, por exemplo, a luta pela Reforma Agrária no Brasil. A proposta do *Melhor e Mais Justo* é modificar o perfil dos desgastados programas temáticos dos canais abertos, muito teóricos, pouco didáticos e nada participativos, o que, nem sempre, mostra-se viável. Durante uma hora de conversa os convidados são interpelados pelo apresentador, da mesma forma como ocorre em programas similares da mídia público-estatal, mudando apenas o conteúdo em discussão.

Nessa mesma direção é produzido o *Bom para Todos*, que abre espaço à

³⁷⁷ Ibid.

³⁷⁸ ASSAF, Willian. **Entrevista concedida pelo produtor do programa *Memória e Contexto*, São Bernardo do Campo.** São Bernardo do Campo, 4 mar. 2011.

³⁷⁹ Em agosto de 2011 foi possível acompanhar a gravação deste programa direto do estúdio.

prestação de serviços, focando no direito do consumidor, em questões previdenciárias e na saúde do trabalhador. Existe uma dinâmica interessante de interatividade proposta neste programa, pois a idéia dos organizadores é sair às ruas para dialogar com a sociedade, supostamente possibilitado que os trabalhadores tirem suas dúvidas com os convidados.

A apresentadora Marília Zanardo opera como mediadora entre as indagações da sociedade e as explicações dos convidados, tencionando-os caso não obtenha uma resposta que julga suficientemente capaz de responder as expectativas do interlocutor popular. Assim, o programa se constitui, antes de tudo, em um dispositivo interacional, pois da forma como se estrutura a participação de cada um dos envolvidos se organizam também as falas, os questionamentos e se produz a informação passada ao público. Embora a apresentadora aparentemente conduza as ações (a ordem das falas, o limite de tempo na resposta dos entrevistados e o início e fim de cada bloco), percebe-se que ela está inserida em um processo mais amplo, cujos procedimentos são determinados pelo formato desta produção audiovisual. Evidencia-se, assim, que o próprio programa liga os participantes e direciona os acontecimentos dentro e fora do estúdio.

Não só este, mas cada um dos programas citados coloca em xeque a suposta interatividade, amplamente discutida em função da implantação do Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTVD), que está focado prioritariamente em aspectos técnicos e estéticos, desconsiderando opções mais simples e construtivas de interação entre emissor e receptor, mesmo em um meio como a televisão, historicamente utilizado de maneira unidirecional. Com isso, pode-se perceber que os programas produzidos pela TVT assemelham-se muito, em formato e conteúdo, às produções oriundas dos canais de televisão dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, os quais privilegiam o contexto histórico, político e cultural do país.³⁸⁰

Considerando a estruturação da grade de programação da TVT e sabendo que o objetivo principal da emissora é impulsionar a criação de uma rede, fazendo com que suas produções próprias cheguem a todas as regiões do Brasil – sem onerar

³⁸⁰ Toma-se como exemplo a TV Senado, a TV Câmara e a TV Justiça, respectivamente atuando junto ao Senado Federal, à Câmara dos Deputados e ao Poder Judiciário. Além de acompanhar o trabalho dos parlamentares e a atuação do Supremo Tribunal Federal, os telespectadores têm acesso a conteúdos de utilidade pública, com enfoque em questões históricas e sociais, relevantes à formação de um pensamento crítico e cidadão. Os canais são transmitidos para a maior parte do país através do sistema pago de televisão, podendo ser acompanhados por algumas cidades em sinal aberto.

custos excessivos – o uso da internet tem sido fundamental. No entanto, ao procurar ampliar seu alcance para além de Mogi das Cruzes, foram estabelecidas parcerias que ajudam a disseminar a produção de conteúdos também via radiofrequência. Por meio da Associação dos Canais Comunitários do Estado de São Paulo (ACESP) a emissora chega a 27 municípios paulistas, conforme se pode visualizar na tabela seguinte (tabelas 5 e 6).

Tabela 5. Cobertura TVT pelos canais comunitários (I)

EMISSORA	CANAL	OPERADORA	MUNICÍPIO	UF
TV MANTIQUEIRA	22	NET	ATIBAIA	SP
TV MANTIQUEIRA	22	NET	BRAGANÇA PAULISTA	SP
TV POLO	11 (DIGITAL) 18 (ANALÓGICO)	NET	CUBATÃO	SP
ECOTV	09 (DIGITAL) 96 (ANALÓGICO)	NET	SANTO ANDRÉ	SP
ECOTV	09 (DIGITAL) 96 (ANALÓGICO)	NET	SÃO BERNARDO DO CAMPO	SP
ECOTV	09 (DIGITAL) 96 (ANALÓGICO)	NET	SÃO CAETANO DO SUL	SP
ECOTV	09 (DIGITAL) 96 (ANALÓGICO)	NET	DIADEMA	SP
ECOTV	09 (DIGITAL) 96 (ANALÓGICO)	NET	MAUÁ	SP
TV GUARULHOS	20	NET	GUARULHOS	SP
TVITAPÊ	99	NET	ITAPETININGA	SP
NOVA TV COMUNITÁRIA	09 (DIGITAL) 96 (ANALÓGICO)	NET	MOGI DAS CRUZES	SP
TV OSASCO	06 (DIGITAL) 22 (ANALÓGICO)	NET	OSASCO	SP
TV VALE DAS ARTES	16	SAT TV	PERUIBE	SP
CANAL RP9	9	NET	RIBEIRÃO PRETO	SP
TV INTEGRAÇÃO	03 (DIGITAL) 95 (ANALÓGICO)	NET	SÃO JOSÉ DOS CAMPOS	SP
TV CIDADE	09 (DIGITAL) 95 (ANALÓGICO)	NET	JACAREÍ	SP
TV DA CIDADE	16	NET	SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	SP
TV VALINHOS	3	SAT TV	VALINHOS	SP
TV IN	08 (DIGITAL) 99 (ANALÓGICO)	NET	AMERICANA	SP
TV IN	08 (DIGITAL) 99	NET	ARARAS	SP
TV IN	08 (DIGITAL) 99 (ANALÓGICO)	NET	HORTOLÂNDIA	SP
TV IN	08 (DIGITAL) 99 (ANALÓGICO)	NET	LIMEIRA	SP
TV IN	08 (DIGITAL) 99 (ANALÓGICO)	NET	MOGI GUAÇU	SP
TV IN	08 (DIGITAL) 99 (ANALÓGICO)	NET	MOGI MIRIM	SP
TV IN	08 (DIGITAL) 99 (ANALÓGICO)	NET	NOVA ODESSA	SP

Fonte: TV DOS TRABALHADORES. **Onde assistir.** Disponível em: <<http://www.tvt.org.br/assista.php>>. Acesso em: 2 out. 2011.

Tabela 6. Cobertura TVT pelos canais comunitários (II)

EMISSORA	CANAL	OPERADORA	MUNICÍPIO	UF
TV IN	08 (DIGITAL) 99 (ANALÓGICO)	NET	SANTA BÁRBARA D'OESTE	SP
TV IN	08 (DIGITAL) 99 (ANALÓGICO)	NET	SUMARÉ	SP
TV CIDADE LIVRE	10 (DIGITAL) 99 (ANALÓGICO)	NET	RIO CLARO	SP
TV ABERTA SP	09 (NET) 186 - TVA (DIGITAL) 72 -TVA (ANALÓGICO)	NET e TVA	RIO CLARO	SP

Fonte: TV DOS TRABALHADORES. **Onde assistir.** Disponível em: <<http://www.tvt.org.br/assista.php>>. Acesso em: 2 out. 2011.

A distribuição dos conteúdos produzidos pela TVT ocorre também por meio da Nova Geradora de Televisão (Rede NGT), onde os metalúrgicos compraram espaços de retransmissão em todas as praças de abrangência desta rede, inclusive fora da capital paulista. A parceria possibilita que os moradores de São Bernardo do Campo acompanhem a programação da TVT por meio do canal 48-UHF. Assim, é possível sintonizar a TVT tanto pela comunitária Eco TV (canais 9 e 96 da Net, na região), quanto pela retransmissora da NGT. Na cidade de Mogi das Cruzes, além do canal 46-UHF, com transmissão da programação completa, o sinal da NGT chega pelo canal 48-UHF. Mas, vale lembrar, que a NGT só veicula a programação dos metalúrgicos no horário nobre, das 19h às 20h30. A próxima tabela destaca a cobertura completa da NGT para o estado de São Paulo (tabelas 7, 8 e 9).

Tabela 7. Cobertura TVT pela NGT em São Paulo (I)

EMISSORA	CANAL	SISTEMA	MUNICÍPIO	UF
REDE NGT SÃO PAULO	48	UHF	BARUERI	SP
REDE NGT SÃO PAULO	48	UHF	CARAPICUÍBA	SP
REDE NGT SÃO PAULO	48	UHF	COTIA	SP
REDE NGT SÃO PAULO	48	UHF	DIADEMA	SP
REDE NGT SÃO PAULO	48	UHF	EMBU	SP
REDE NGT SÃO PAULO	48	UHF	EMBU-GUAÇÚ	SP
REDE NGT SÃO PAULO	48	UHF	FERRAZ DE VASCONCELOS	SP
REDE NGT SÃO PAULO	48	UHF	GUARULHOS	SP
REDE NGT SÃO PAULO	48	UHF	ITAPECERICA DA SERRA	SP

Fonte: TV DOS TRABALHADORES. **Onde assistir.** Disponível em: <<http://www.tvt.org.br/assista.php>>. Acesso em: 2 out. 2011.

Tabela 8. Cobertura TVT pela NGT em São Paulo (II)

EMISSORA	CANAL	SISTEMA	MUNICÍPIO	UF
REDE NGT SÃO PAULO	48	UHF	ITAPEVI	SP
REDE NGT SÃO PAULO	48	UHF	ITAQUAQUECETUBA	SP
REDE NGT SÃO PAULO	48	UHF	JANDIRA	SP
REDE NGT SÃO PAULO	48	UHF	MAUÁ	SP
REDE NGT SÃO PAULO	48	UHF	MOGI DAS CRUZES	SP
REDE NGT SÃO PAULO	48	UHF	OSASCO	SP
REDE NGT SÃO PAULO	48	UHF	POÁ	SP
REDE NGT SÃO PAULO	48	UHF	RIBEIRÃO PIRES	SP
REDE NGT SÃO PAULO	48	UHF	RIO GRANDE DA SERRA	SP
REDE NGT SÃO PAULO	48	UHF	SANTANA DO PARNAÍBA	SP
REDE NGT SÃO PAULO	48	UHF	SANTO ANDRÉ	SP
REDE NGT SÃO PAULO	48	UHF	SÃO BERNARDO DO CAMPO	SP
REDE NGT SÃO PAULO	48	UHF	SÃO CAETANO DO SUL	SP
REDE NGT SÃO PAULO	48	UHF	SÃO PAULO	SP
REDE NGT SÃO PAULO	48	UHF	SÃO ROQUE	SP
REDE NGT SÃO PAULO	48	UHF	TABOÃO DA SERRA	SP
REDE NGT SÃO PAULO	48	UHF	VARGEM GRANDE PAULISTA	SP
SRTV AMPARO	31	UHF	AMPARO	SP
SRTV AMPARO	50	UHF	HOLAMBRA	SP
SRTV AMPARO	50	UHF	JAGUARIÚNA	SP
SRTV AMPARO	31	UHF	MOJI MIRIM	SP
SRTV AMPARO	31	UHF	MONTE ALEGRE DO SUL	SP
SRTV PEDREIRA	36	UHF	PEDREIRA	SP
SRTV PEDREIRA	36	UHF	SANTO ANTÔNIO DE POSSE	SP
SRTV AMPARO	31	UHF	SERRA NEGRA	SP
ITV BRASIL	56	UHF	ITATIBA	SP
TV PREVÊ	38	UHF	AGUDOS	SP
TV PREVÊ	31	UHF	AREALVA	SP
TV PREVÊ	31	UHF	AVAÍ	SP
TV PREVÊ	31	UHF	BALBINOS	SP
TV PREVÊ	50	UHF	BARIRI	SP
TV PREVÊ	31	UHF	BARRA BONITA	SP
TV PREVÊ	31	UHF	BAURU	SP
TV PREVÊ	31	UHF	BORACÉIA	SP
TV PREVÊ	31	UHF	CABRÁLIA PAULISTA	SP
TV PREVÊ	31	UHF	DOIS CÓRREGOS	SP
TV PREVÊ	31	UHF	DUARTINA	SP
TV PREVÊ	56	UHF	GARÇA	SP

Fonte: TV DOS TRABALHADORES. Onde assistir. Disponível em: <http://www.tvt.org.br/assista.php>. Acesso em: 2 out. 2011.

Tabela 9. Cobertura TVT pela NGT em São Paulo (III)

EMISSORA	CANAL	SISTEMA	MUNICÍPIO	UF
TV PREVÊ	31	UHF	GUARANTÃ	SP
TV PREVÊ	31	UHF	IACANGA	SP
TV PREVÊ	31	UHF	IGARAÇU DO TIETÊ	SP
TV PREVÊ	31	UHF	ITAPUÍ	SP
TV PREVÊ	56	UHF	JAÚ	SP
TV PREVÊ	33	UHF	LENÇÓIS PAULISTA	SP
TV PREVÊ	50	UHF	LINS	SP
TV PREVÊ	31	UHF	MINEIROS DO TIETÊ	SP
TV PREVÊ	31	UHF	PAULISTÂNIA	SP
TV PREVÊ	33	UHF	PEDERNEIRAS	SP
TV PREVÊ	52	UHF	PIRAJUÍ	SP
TV PREVÊ	31	UHF	PIRATININGA	SP
TV PREVÊ	31	UHF	PRESIDENTE ALVES	SP
TV PREVÊ	31	UHF	URU	SP
TV UBATUBA	71	CABO	UBATUBA	SP
REDE OPINIÃO	51	UHF	ARARAS	SP
REDE OPINIÃO	51	UHF	CORDEIRÓPOLIS	SP
REDE OPINIÃO	55	UHF	RIO CLARO	SP
REDE OPINIÃO	55	UHF	SANTA GERTRUDES	SP
TV COSTA NORTE	48	UHF	BERTIOGA	SP
TV COSTA NORTE	48	UHF	GUARUJÁ	SP
TV COSTA NORTE	48	UHF	ILHABELA	SP
TV COSTA NORTE	48	UHF	SÃO SEBASTIÃO	SP
TV VERDE	99	CABO	ITAPETININGA	SP
TV VALE DAS ARTES	16	CABO	PERUÍBE	SP
TV 43	43	UHF	CABREÚVA	SP
TV 43	43	UHF	INDAIATUBA	SP
TV 43	43	UHF	ITU	SP
TV 43	43	UHF	PORTO FELIZ	SP
TV 43	43	UHF	SALTO	SP
TV BARRETOS	31	UHF	BARRETOS	SP
TV BARRETOS	31	UHF	COLINA	SP
TV BARRETOS	31	UHF	COLÔMBIA	SP
TV BARRETOS	31	UHF	GUAÍRA	SP
TV BARRETOS	31	UHF	GUARACI	SP
TV BARRETOS	31	UHF	JABORANDI	SP
TV BARRETOS	31	UHF	MORRO AGUDO	SP
TV BARRETOS	31	UHF	OLÍMPIA	SP
TV BARRETOS	31	UHF	SEVERÍNIA	SP
TV OURINHOS	10	CABO	OURINHOS	SP
MULTIMÍDIA TV MAR AZUL 2000	40	CABO	JANDIRA	SP
TV JÁ	4	CABO	CATANDUVA	SP
SUPERMÍDIA TV	35	CABO	VOTORANTIM	SP

Fonte: TV DOS TRABALHADORES. Onde assistir. Disponível em: <http://www.tvt.org.br/assista.php>. Acesso em: 2 out. 2011.

Além de São Paulo, outros 10 estados também são contemplados com a cobertura da NGT. Através dessa parceria, a programação da TVT pode ser acessada nas seguintes localidades: Rio de Janeiro (tabela 10), Minas Gerais, Espírito Santo (tabelas 11, 12 e 13), Ceará, Paraíba, Bahia, Rondônia (tabela 14), Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (tabelas 15, 16 e 17), conforme se explicita a seguir.

Tabela 10. Cobertura da TVT pela NGT no Rio de Janeiro

EMISSORA	CANAL	SISTEMA	MUNICÍPIO	UF
REDE NGT RIO	26	UHF	BELFORD ROXO	RJ
REDE NGT RIO	26	UHF	DUQUE DE CAXIAS	RJ
REDE NGT RIO	26	UHF	GUAPIMIRIM	RJ
REDE NGT RIO	26	UHF	ITABORAÍ	RJ
REDE NGT RIO	26	UHF	MAGÉ	RJ
REDE NGT RIO	26	UHF	MESQUITA	RJ
REDE NGT RIO	26	UHF	NILÓPOLIS	RJ
REDE NGT RIO	26	UHF	NITERÓI	RJ
REDE NGT RIO	26	UHF	NOVA IGUAÇU	RJ
REDE NGT RIO	26	UHF	QUEIMADOS	RJ
REDE NGT RIO	26	UHF	RIO DE JANEIRO	RJ
REDE NGT RIO	26	UHF	SÃO GONÇALO	RJ
REDE NGT RIO	26	UHF	SÃO JOÃO DO MERITI	RJ
TV VILA IMPERIAL	19	CABO	PETRÓPOLIS	RJ
TVN	30	CABO	NITERÓI	RJ
TVN	30	CABO	SÃO GONÇALO	RJ

Fonte: TV DOS TRABALHADORES. Onde assistir. Disponível em: <<http://www.tvt.org.br/assista.php>>. Acesso em: 2 out. 2011.

Tabela 11. Cobertura da TVT pela NGT em Minas Gerais e Espírito Santo (I)

EMISSORA	CANAL	SISTEMA	MUNICÍPIO	UF
REDE NGT MINAS TV LAFAIETE	41	UHF	BARBACENA	MG
REDE NGT MINAS TV LAFAIETE	41	UHF	BELO VALE	MG
REDE NGT MINAS TV LAFAIETE	41	UHF	CARANDAÍ	MG
REDE NGT MINAS TV LAFAIETE	41	UHF	CASA GRANDE	MG
REDE NGT MINAS TV LAFAIETE	41	UHF	CATAS ALTAS	MG
REDE NGT MINAS TV LAFAIETE	5	VHS	CONGONHAS DO CAMPO	MG
REDE NGT MINAS TV LAFAIETE	38	UHF	CONSELHEIRO LAFAIETE	MG
REDE NGT MINAS TV LAFAIETE	41	UHF	CRISTIANO OTONI	MG

Fonte: TV DOS TRABALHADORES. Onde assistir. Disponível em: <<http://www.tvt.org.br/assista.php>>. Acesso em: 2 out. 2011.

Tabela 12. Cobertura da TVT pela NGT em Minas Gerais e Espírito Santo (II)

EMISSORA	CANAL	SISTEMA	MUNICÍPIO	UF
REDE NGT MINAS TV LAFAIETE	41	UHF	DESTERRO DE ENTRE RIOS	MG
REDE NGT MINAS TV LAFAIETE	41	UHF	ENTRE RIOS DE MINAS	MG
REDE NGT MINAS TV LAFAIETE	41	UHF	ITABIRITO	MG
REDE NGT MINAS TV LAFAIETE	41	UHF	ITAVERAVA	MG
REDE NGT MINAS TV LAFAIETE	41	UHF	JECEABA	MG
REDE NGT MINAS TV LAFAIETE	41	UHF	LAGOA DOURADA	MG
REDE NGT MINAS TV LAFAIETE	41	UHF	LAMIM	MG
REDE NGT MINAS TV LAFAIETE	41	UHF	MOEDA	MG
REDE NGT MINAS TV LAFAIETE	41	UHF	NOVA LIMA	MG
REDE NGT MINAS TV LAFAIETE	41	UHF	OURO BRANCO	MG
REDE NGT MINAS TV LAFAIETE	41	UHF	OURO PRETO	MG
REDE NGT MINAS TV LAFAIETE	41	UHF	QUELUZITO	MG
REDE NGT MINAS TV LAFAIETE	41	UHF	RIO ACIMA	MG
REDE NGT MINAS TV LAFAIETE	41	UHF	RIO ESPERA	MG
REDE NGT MINAS TV LAFAIETE	41	UHF	SÃO BRÁS DO SUAÇUI	MG
REDE NGT MINAS TV LAFAIETE	41	UHF	SENHORA DE OLIVEIRA	MG
REDE NGT MINAS TV POÇOS	27	UHF	ALFENAS	MG
REDE NGT MINAS TV POÇOS	10	UHF	BANDEIRA DO SUL	MG
REDE NGT MINAS TV POÇOS	04	UHF	BOTELHOS	MG

Fonte: TV DOS TRABALHADORES. Onde assistir. Disponível em: <<http://www.tvt.org.br/assista.php>>. Acesso em: 2 out. 2011.

Tabela 13. Cobertura da TVT pela NGT em Minas Gerais e Espírito Santo (III)

EMISSORA	CANAL	SISTEMA	MUNICÍPIO	UF
REDE NGT MINAS TV POÇOS	11	UHF	CABO VERDE	MG
REDE NGT MINAS TV POÇOS	26	UHF	CACONDE	MG
REDE NGT MINAS TV POÇOS	04	UHF	CALDAS	MG
REDE NGT MINAS TV POÇOS	02	UHF	CAMPESTRE	MG
REDE NGT MINAS TV POÇOS	27	UHF	CARVALHÓPOLIS	MG
REDE NGT MINAS TV POÇOS	27	UHF	DIVISA NOVA	MG
REDE NGT MINAS TV POÇOS	27	UHF	GUARANÉSIA	MG
REDE NGT MINAS TV POÇOS	27	UHF	GUAXUPÉ	MG
REDE NGT MINAS TV POÇOS	27	UHF	MONTE BELO	MG
REDE NGT MINAS TV POÇOS	27	UHF	MUZAMBINHO	MG
REDE NGT MINAS TV POÇOS	27	UHF	NOVA RESENDE	MG
REDE NGT MINAS TV POÇOS	27	UHF	POÇO FUNDO	MG
REDE NGT MINAS TV POÇOS	22	UHF	POÇOS DE CALDAS	MG
REDE NGT MINAS TV POÇOS	27	UHF	SERRANIA	MG
REDE NGT MINAS TV ONDA SUL	09	UHF	CARMO DO RIO CLARO	MG
TVCOM	09	CABO	VIÇOSA	MG
REDE NGT SUL DE MINAS	03	VHF	TRÊS PONTAS	MG
TV MINASTEL	15	CABO	RIO POMBA	
TV CAPITAL	96	CABO	VITÓRIA	ES
CANAL 26	26	CABO	SÃO MATEUS	ES

Fonte: TV DOS TRABALHADORES. Onde assistir. Disponível em: <<http://www.tvt.org.br/assista.php>>. Acesso em: 2 out. 2011.

Tabela 14. Cobertura da TVT pela NGT no Nordeste

EMISSORA	CANAL	SISTEMA	MUNICÍPIO	UF
TV VERDE VALE	13	VHF	ANTONINA DO NORTE	CE
TV VERDE VALE	13	VHF	ARARIPE	CE
TV VERDE VALE	13	VHF	ASSARÉ	CE
TV VERDE VALE	13	VHF	AURORA	CE
TV VERDE VALE	13	VHF	BARBALHA	CE
TV VERDE VALE	13	VHF	BARRO	CE
TV VERDE VALE	13	VHF	BREJO SANTO	CE
TV VERDE VALE	13	VHF	CAJAZEIRAS	PB
TV VERDE VALE	13	VHF	CAMPOS SALES	CE
TV VERDE VALE	13	VHF	CARIRIACÚ	CE
TV VERDE VALE	13	VHF	CEDRO	CE
TV VERDE VALE	13	VHF	CRATO	CE
TV VERDE VALE	13	VHF	FARIAS BRITO	CE
TV VERDE VALE	13	VHF	JARDIM	CE
TV VERDE VALE	13	VHF	JATI	CE
TV VERDE VALE	13	VHF	JUAZEIRO DO NORTE	CE
TV VERDE VALE	13	VHF	LAVRAS DA MANGABEIRA	CE
TV VERDE VALE	13	VHF	MAURITI	CE
TV VERDE VALE	13	VHF	MILAGRES	CE
TV VERDE VALE	13	VHF	MISSÃO VELHA	CE
TV VERDE VALE	13	VHF	NOVA OLINDAS	CE
TV VERDE VALE	13	VHF	PORTEIRA	CE
TV VERDE VALE	13	VHF	SANTANA DO CARIRI	CE
TV LITORÂNEA	32	CABO	CAMAÇARI	BA
TV LOCAL	36	CABO	VITÓRIA DA CONQUISTA	BA
TV CIDADE	20	CABO	PORTO VELHO	RO

Fonte: TV DOS TRABALHADORES. Onde assistir. Disponível em: <<http://www.tvt.org.br/assista.php>>. Acesso em: 2 out. 2011.

Tabela 15. Cobertura da TVT pela NGT no Sul do país (I)

EMISSORA	CANAL	SISTEMA	MUNICÍPIO	UF
RTV MARINGÁ	10	VHF	ALTO PARANÁ	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	ÂNGULO	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	APUCARANA	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	ARAPONGAS	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	ARAPUÁ	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	ARARUNA	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	ARIRANHA DO IVAÍ	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	ASTORGA	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	ATALAIA	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	BARBOSA FERRAZ	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	BOM SUCESSO	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	BORRAZÓPOLIS	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	CAFEARA	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	CALIFÓRNIA	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	CAMBIRA	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	CAMPO MOURÃO	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	CIANORTE	PR

Fonte: TV DOS TRABALHADORES. Onde assistir. Disponível em: <<http://www.tvt.org.br/assista.php>>. Acesso em: 2 out. 2011.

Tabela 16. Cobertura da TVT pela NGT no Sul do país (II)

EMISSORA	CANAL	SISTEMA	MUNICÍPIO	UF
RTV MARINGÁ	10	VHF	COLORADO	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	CORUMBATAÍ DO SUL	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	CRUZEIRO DO SUL	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	CRUZMALTINA	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	DOUTOR CAMARGO	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	ENGENHEIRO BELTRÃO	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	FAROL	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	FAXINAL	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	FÊNIX	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	FLORAÍ	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	FLORESTA	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	FLÓRIDA	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	GODOY MOREIRA	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	GUARACÍ	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	GRANDES RIOS	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	IGUARAÇU	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	INAJÁ	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	INDIANÓPOLIS	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	ITAGUAJÉ	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	ITAMBÉ	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	IVAIPORÁ	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	IVATUBA	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	JAGUAPITÁ	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	JANDAIA DO SUL	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	JAPURÁ	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	JARDIM ALEGRE	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	JUSSARA	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	KALORÉ	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	LIDIANÓPOLIS	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	LOBATO	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	LUIZIANA	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	LUNARDELLI	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	MANDAGUAÇU	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	MANDAGUARI	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	MANOEL RIBAS	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	MARIALVA	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	MARILÂNDIA DO SUL	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	MARINGÁ	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	MARUMBI	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	MAUÁ DA SERRA	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	MIRASELVA	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	MUNHOZ DE MELO	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	NOSSA SRA. DAS GRAÇAS	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	NOVA ESPERANÇA	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	NOVO ITACOLOMI	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	OURIZONA	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	PAIÇANDU	PR

Fonte: TV DOS TRABALHADORES. Onde assistir. Disponível em: <<http://www.tvt.org.br/assista.php>>. Acesso em: 2 out. 2011.

Tabela 17. Cobertura da TVT pela NGT no Sul do país (III)

EMISSORA	CANAL	SISTEMA	MUNICÍPIO	UF
RTV MARINGÁ	10	VHF	PARAÍSO DO NORTE	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	PARANACITY	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	PARANAPOEMA	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	PEABIRÚ	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	PITANGUEIRAS	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	PRES. CASTELO BRANCO	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	QUINTA DO SOL	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	RIO BRANCO DO IVAÍ	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	ROLÂNDIA	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	RONDON	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	SABÁUDIA	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	SANTA FÉ	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	SANTA INÊS	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	SANTO INÁCIO	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	SÃO CARLOS DO IVAÍ	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	SÃO JORGE DO IVAÍ	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	SÃO MANOEL DO PARANÁ	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	SÃO PEDRO DO IVAÍ	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	SÃO TOMÉ	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	SARANDI	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	TAMBOARA	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	TERRA BOA	PR
RTV MARINGÁ	10	VHF	UNIFLOR	PR
TV CAXIAS	14	CABO	CAXIAS DO SUL	RS
TVC	14	CABO	BENTO GONÇALVES	RS
RBN TV	21	CABO	JARAGUÁ DO SUL	SC
TVB	21	CABO	BRUSQUE	SC
TV ITAJAÍ	20	CABO	ITAJAÍ	SC

Fonte: TV DOS TRABALHADORES. Onde assistir. Disponível em: <<http://www.tvt.org.br/assista.php>>. Acesso em: 2 out. 2011.

A distribuição dos conteúdos da TVT ocorre também via internet, através de *links* chamando para o *site* da entidade, disponíveis nos portais da Confederação Nacional Dos Metalúrgicos (CNM), do jornal *ABCD Maior*, da Rede Brasil Atual e do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. Além das parcerias estabelecidas via radiofrequência e *web*, é importante salientar a possibilidade do acesso à programação por satélite. Com uma antena de 1 metro e 80 cm e um bom receptor é possível receber o sinal em qualquer lugar do Brasil e uma parte da América Latina.

3.6. A práxis da comunicação sindical por intermédio da TVT

Para ressaltar como o discurso contra-hegemônico se manifesta no processo de operacionalização da TVT é preciso ter em mente que a cadeia de valor da televisão alternativa – apresentada no tópico anterior – difere-se da convencional, principalmente em seu primeiro estágio, o produtivo. A forma como se origina a produção, em si, contribui de forma decisiva para o entendimento do que está sendo chamado aqui de padrão tecno-estético alternativo contra-hegemônico. O modo como os atores sociais se apropriam da técnica e, posteriormente a utilizam, dando forma ao produto midiático, são determinantes para que esta produção diferencie-se da hegemônica, não apenas em formato e conteúdo, mas, também, em sua proposta de confrontação ideológica.

Nos dias de hoje, os espaços de interatividade e o uso das redes sociais apontam para a inserção de novos atores na ambiência colaborativa das emissoras de TV. Já na década de 1990, durante a Fase da Multiplicidade da Oferta, quando diferentes produtores ingressaram na mídia televisiva e, de certa forma, passaram a influenciá-la, a variedade estético-produtiva originada por emissoras de interesse público, aliada à tecnologia digital, diversificou o cenário de conformação das expressões simbólicas, popularizando as técnicas de realização audiovisual e modificando a própria cadeia de valor da TV brasileira.

Nas décadas seguintes, a transformação das técnicas de captação, edição e midiatização dos conteúdos audiovisuais alterou ainda mais o modo de ver televisão. Processo este que é chamado por Brittos e Simões de Pluri TV. De acordo com os autores, “hoje em dia, o audiovisual está na internet, no celular, no aparelho móvel, nos ônibus, nas aeronaves, nos trens, nos taxis, nos carros, nos espaços de circulação em geral”.³⁸¹ A variedade de plataformas aptas a receber e transmitir essas imagens revela uma nova relação da sociedade com os recursos simbólicos. É um processo natural, pois, quanto maior a oferta de produção, mesmo que não haja necessariamente diversidade, mais facilmente novos atores sociais ganham visibilidade.

Contudo, esta multiplicidade, decorrente da Pluri TV, evidencia manifestações não-hegemônicas com maior facilidade do que, propriamente, abre espaço ao discurso contra-hegemônico. Por isso, o processo de apropriação da

³⁸¹ BRITTOS, Valério; SIMÕES, Denis, op. cit., p. 66.

tecnologia digital por parte dos mais variados segmentos sociais precisa ser relativizado. Caso não o seja, corre-se o risco de superestimar as produções genericamente chamadas de alternativas. As possibilidades de interação propostas pelo *site* da TVT, como a avaliação de conteúdos e o envio de produções colaborativas, por si só, não rompem com o formato utilizado pela mídia hegemônica, tendo em vista que a alfabetização audiovisual ainda está muito atrelada ao modelo dominante. Sendo assim, a cidadania participativa, embora necessária e relevante, quando utilizada de forma isolada insere-se no arquétipo utilizado por muitas emissoras comerciais, em consonância com os preceitos ideológicos da sociedade da informação.

Por mais que as mídias digitais sejam apropriadas por atores sociais não-hegemônicos e ajudem a diversificar o processo de produção audiovisual, tais recursos ainda são privilégio de uma minoria, seja pelo custo dos equipamentos ou pela dificuldade do Governo em promover a universalização do acesso à internet. Segundo o IPEA, apenas 21% da população brasileira têm banda larga, isso equivale a cerca de 12 milhões de residências.³⁸² O estudo revela ainda que, “em alguns estados mais isolados, como Roraima e Amapá, o acesso nos domicílios é praticamente inexistente”.³⁸³ Em estados do Nordeste, os acessos em banda larga não chegam a 15% dos lares e, mesmo em regiões como o Sudeste, onde está localizada a TVT, a penetração de internet nos domicílios varia entre 20% e 30%.³⁸⁴

Prova disso é o fato, já descrito neste estudo, de que muitos operários da base dos metalúrgicos do ABC não têm acesso nem mesmo à TV a cabo, que dirá à internet.³⁸⁵ Este fenômeno engessa o projeto de comunicação da TVT, pois, para superar o paradigma sócio inclusivo que está sendo proposto pelo Governo a partir da massificação do PNBL, seria preciso promover a passagem da sociedade da informação ao capitalismo do conhecimento, fazendo do acesso apenas um dos elos desse processo.³⁸⁶ Embora necessária, a inclusão digital é insuficiente para dar

³⁸² INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Comunicado n. 46. In: **Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Análise e recomendações para as políticas públicas de massificação de acesso à internet em banda larga.** Brasília, 2010.

³⁸³ INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, op. cit., p. 5.

³⁸⁴ Ibid.

³⁸⁵ A constatação foi feita em reunião com as Comissões de Fábrica na cidade de São Bernardo. Na oportunidade os operários manifestavam interesse em ver a emissora dos metalúrgicos, mas sentiam-se frustrados em relação ao acesso, já que a TVT só opera em sinal aberto para a cidade de Mogi das Cruzes. PACHECO, Antonio Jordão, op. cit.

³⁸⁶ SCHWARTZ, Gilson. Pesquisar para a emancipação digital. In: BRITTOS, Valério; CABRAL,

sustentabilidade “à emancipação econômica, social e cultural dos cidadãos”.³⁸⁷

Nesse sentido, é possível identificar que o programa de tecnologia da TVT, *Clique e Ligue*, aproxima-se mais da realidade dos dirigentes sindicais e trabalhadores da classe média do que propriamente da base da categoria. Embora os temas abordados sejam relevantes sob o ponto de vista do contexto atual dos processos midiáticos, configuram-se, no máximo, como espaço de conhecimento do atual processo de produção e distribuição de recursos digitais.³⁸⁸ Com isso, o âmbito sócio inclusivo está evidentemente contemplado, mas, o trabalhador, que continua refém das políticas assistencialistas do Governo para ter acesso à tecnologia digital, pode não despertar interesse para o assunto, pois vê essa realidade muito distante da sua.

Programas como o *Clique e Ligue*, e seus congêneres, tais quais: *Melhor e Mais Justo*, *Bom para Todos*, *ABCD em Revista* e *Memória e Contexto*, embora atendam às exigências de um canal educativo, apresentando conteúdos de caráter crítico, histórico e social, operam apenas no nível institucional. Em outras palavras, mesmo que suscitem debates importantes da agenda de luta dos movimentos sociais, não são construídos e protagonizados propriamente pelos militantes, operários e lideranças comunitárias, o que os caracterizariam como contra-hegemônicos.

Recentemente, estiveram presentes no *Melhor e Mais Justo* o secretário-geral da Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM/CUT), João Cayres; o secretário de Desenvolvimento Econômico, Trabalho e Turismo da prefeitura do município de São Bernardo do Campo, Jefferson Conceição, e o vice-presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), Carlos Manoel de Carvalho; além, é claro, do apresentador Luiz Augusto Souza.³⁸⁹ O objetivo do programa foi debater as estratégias do Governo para recuperar a força da indústria nacional, assunto que ganhou evidência com a aprovação do Plano Brasil Maior, cuja proposta inclui uma margem de até 25% nos processos de licitação para produtos

Adilson (Orgs). **Economia Política da Comunicação**: interfaces brasileiras. p. 180-191.

³⁸⁷ SCHWARTZ, Gilson, op. cit., p. 184.

³⁸⁸ Em uma das edições do *Clique e Ligue*, a inclusão digital estava sendo pensada na perspectiva do acesso livre à internet. O programa procurou destacar como o sinal gratuito ajuda a incentivar melhorias na gestão pública, fomentando o empreendedorismo e o desenvolvimento econômico, além de contribuir também para a educação e cidadania dos sujeitos envolvidos neste processo. CLIQUE E LIGUE. **Willian Assaf**. São Bernardo do Campo: TV dos Trabalhadores, 1 set 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/user/redetvt#p/search/1/tX7JIEDU5fc>>. Acesso em: 5 out. 2011.

³⁸⁹ MELHOR E MAIS JUSTO. **Willian Assaf**. São Bernardo do Campo: TV dos Trabalhadores, 17 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/user/redetvt#p/search/4/ExP1kV0-CsI>>. Acesso em: 5 out. 2011.

manufaturados e serviços nacionais, incentivando a aquisição do conteúdo brasileiro.³⁹⁰

Esse debate é extremamente importante para a classe trabalhadora, pois as medidas que estão sendo tomadas podem, ou não, contribuir para que ocorram reajustes salariais. Mesmo assim, não se fez presente no estúdio nenhum operário de chão de fábrica, apenas dirigentes sindicais. A discussão proposta insere-se no espectro da burocratização do tema, onde demandas de interesse social são discutidas apenas por supostas autoridades no assunto.

Situação que se repete no *Bom para Todos*, espaço destinado à prestação de serviços. Temas de interesse público – como o alcoolismo – são colocados em pauta para, novamente, serem discutidos por especialistas.³⁹¹ A intenção do programa é relacionar a temática em questão com o mundo do trabalho, fazendo com que a interação entre trabalhadores e entrevistados ocorra por intermédio dos questionamentos direcionados aos convidados presentes no estúdio, mas, da mesma forma que ocorre no *Melhor e Mais Justo*, é a figura do especialista que ganha destaque e não a do trabalhador.

Neste caso específico, em que se discutiu o problema do uso abusivo de álcool, o médico Luiz Alberto de Oliveira aparece, logo no início do programa, trazendo informações sobre a necessidade de procurar ajuda para se livrar da dependência química. No estúdio, estavam a psiquiatra Francinele Rozenkwit, que trabalha no Hospital Estadual de Diadema, e o secretário de Saúde e Condições de Trabalho do Sindicato dos Bancários de São Paulo, Walcir Previtale Bruno.

Embora faça o mínimo que se espera de uma emissora educativa, colocando no ar questões supostamente elaboradas por telespectadores – vale lembrar que uma equipe da TVT vai às ruas para gravar as perguntas direto dos ambientes de trabalho –, não existe protagonismo por parte do principal ator social envolvido nas problemáticas discutidas no estúdio. Não seria o caso de copiar o formato hegemônico, expondo dramas de vida, mas possibilitar que os trabalhadores fizessem mais do que atuar de forma interativa, apenas indagando os convidados, sem relatar

³⁹⁰ BRASIL MAIOR é lançado sob inflamados discursos nacionalistas. **Internet Group**. São Paulo, 2 ago 2011. Economia. Disponível: <<http://economia.ig.com.br/brasilb+maior+e+lancado+sob+inflamados+discursos+nacionalistas/n1597113447368.html>>. Acesso em: 5 out. 2011.

³⁹¹ BOM PARA TODOS. **Maria da Penha**. São Bernardo do Campo: TV dos Trabalhadores, 5 maio. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/user/redetvt#p/search/2/00o2x4r8VJ8>>. Acesso em: 5 out. 2011.

suas experiências e impressões sobre o assunto em questão. Obviamente, a classe trabalhadora tem muito a dizer, mas a fala das supostas autoridades segue sendo considerada mais importante, mesmo em um espaço como a TVT.

Esse formato é muito utilizado em emissoras comerciais, mesmo que, de forma geral, tendam ao sensacionalismo. Como em toda produção que segue este modelo de programa, fica a dúvida se os interlocutores elaboram as questões ou se o processo é realizado pela equipe de produção e as questões apenas são lidas no ar. Ressalta-se, assim, que, embora as configurações estético-produtivas da TVT procurem se desvencilhar do padrão hegemônico, obviamente enfrentam dificuldades para fazê-lo, recorrendo à institucionalização de temáticas sociais como contraponto ao formato espetacularizado dos canais comerciais.

Deste modo, inserem-se no que está se chamando neste estudo de padrão tecno-estético alternativo institucional, ou seja, mesmo quando conseguem subverter o conteúdo, não conseguem fazer o mesmo com o formato. Relação que fica ainda mais evidente no *ABCD em Revista*, pois se copia o “modelo de produção alternativo” utilizado pela mídia dominante. Esta última, também abre espaço para a experimentação, principalmente quando seus índices de audiência permitem. A proposta do *ABCD*, ao apresentar o programa diretamente das ruas, se equivale ao que é feito hoje por programas como o *Profissão Repórter*, da Rede Globo.

Mas o *ABCD em Revista* tem uma incumbência que o difere dos demais e o aproxima do *Seu Jornal*, já que ambos têm a missão de ampliar os espaços de midiatização do município onde a TVT recebeu a outorga. Mesmo que a cidade de Mogi das Cruzes seja diariamente incorporada na pauta do noticiário, existe a preocupação de retratá-la em mais de um espaço produtivo.³⁹² Nessa direção, ao formatar uma série de reportagens falando sobre o Grande ABC, a cidade de Mogi, que fica em outra região – o Alto Tietê – além de também ter sido contemplada pelo *ABCD em Revista*, foi eleita como a primeira da série. O especial sobre Mogi das Cruzes destacou a influência da colonização japonesa para os costumes desta localidade, ressaltando a importância da agricultura familiar como modelo específico de desenvolvimento agrícola.³⁹³

³⁹² FERREIRA, Crystal, op. cit.

³⁹³ ABCD EM REVISTA. **Crystal Ferreira, Luciana Dias**. Mogi das Cruzes: TV dos Trabalhadores, 13 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/user/redetvt#p/search/6/CEswbBirEGU>>. Acesso em: 7 out. 2011.

Mais uma vez pode-se perceber que o formato não se diferencia do que é feito, mormente, por canais público-estatais; ou, até mesmo, pela própria mídia dominante, a qual, em menor escala, também costuma utilizar este modelo de programa, embora com outro enfoque. Emissoras comerciais podem veicular produções como essa sem necessariamente comprometer a sua linha editorial, que, neste caso específico, enfrentaria uma contradição no debate sobre as políticas agrícolas. Sabe-se que as emissoras hegemônicas e, principalmente, a Rede Globo, costumam enfatizar a importância do agronegócio em detrimento da agricultura familiar,³⁹⁴ no entanto, observa-se que este aspecto não impediria necessariamente a veiculação de programas como esse na mídia comercial, bastando adequá-lo à grade de programação.³⁹⁵ É importante lembrar que, como foi descrito no tópico anterior, o *ABCD em Revista* já foi midiaticizado em uma emissora privada.

Ratifica-se, assim, o predomínio do padrão tecno-estético alternativo institucional nas produções próprias da TVT, sendo possível, neste ponto, diferenciá-lo do padrão tecno-estético alternativo público-estatal. No caso das emissoras dos três poderes existe a superação do confronto controlado, comum em emissoras educativas e comunitárias. Embora o discurso oficial seja dominante, ao midiaticizarem os embates políticos em suas transmissões diretas do Plenário, os canais público-estatais asseguram a diversidade de opiniões no âmbito da representatividade política. É importante dizer, ainda, que, dependendo de quem está à frente do processo de gestão dos canais de acesso público, existe a tendência em se copiar o padrão hegemônico, sendo recorrente a parceria público-privada para complementar a grade de programação de alguns destes canais.³⁹⁶

³⁹⁴ Anualmente a Rede Globo é responsável por editar o Mapa da Mina, uma publicação que faz parte da política de comercialização da emissora e está voltada para o suposto potencial do desenvolvimento econômico baseado no modelo do agronegócio. MENEZES, Eduardo, op. cit. Segundo a própria Rede Globo, esta iniciativa “é uma forma de apoiar o anunciante no processo de decisão de seus investimentos em comunicação”. O marketing da empresa defende que “anunciantes e agências devem estar atentos a essa versatilidade para poder aproveitar as oportunidades que surgem e participar deste mercado pulsante e lucrativo”. DIREÇÃO Geral de Comercialização da Rede Globo. **Mapa da Mina**. Rio de Janeiro, edição 2005. Disponível em: <<http://comercial.redeglobo.com.br/mapadamina/index.php>>. Acesso em: 6 jun. 2010.

³⁹⁵ Programas como: *Globo Ciência*, *Globo Educação*, *Globo Ecologia*, *Globo Comunidade* e *Globo Universidade*, que vão ao ar entre as 6h e 7h, aos sábados e domingos, certamente poderiam inserir esta e outras temáticas de interesse dos movimentos sociais, direcionando o núcleo central da reportagem. Esta iniciativa não comprometeria a política de comercialização da emissora, nem atingiria seus principais investidores, pois o horário está estrategicamente articulado para contemplar a diversidade cultural, sem, no entanto, privilegiá-la.

³⁹⁶ Uma prova disso é que muitas emissoras universitárias possuem parcerias com o canal Futura, pertencente à Fundação Roberto Marinho.

A análise de como se dá a operacionalização do programa *Memória & Contexto* permite entender melhor esta diferenciação, pois sua proposta é muito semelhante à maioria dos programas veiculados pelos canais dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, no entanto, o predomínio de uma linha de pensamento político-ideológico durante a realização dos programas enquadra-o, também, no padrão tecno-estético alternativo institucional. Em outubro de 2011, por exemplo, o *Memória e Contexto* apresentou um especial sobre os 23 anos da Constituinte,³⁹⁷ mas a formatação do conteúdo privilegiou a contextualização histórica e não a confrontação política.

Neste programa, é possível identificar claramente a rejeição das possibilidades de incursão crítica sobre o assunto em questão. Não apenas porque a imagem do ex-presidente Lula ganha destaque o tempo todo – sendo o protagonista de um vídeo no qual conclama a classe trabalhadora a participar das reformas constitucionais –, mas, principalmente, pelas particularidades gerais desta produção,³⁹⁸ que mescla trechos de documentários com a fala de convidados, dos quais, neste caso específico, se elegeu o ex-presidente do PT, hoje assessor especial do Ministério da Defesa, José Genoíno, como um dos interlocutores do tema.³⁹⁹

O que chama a atenção não é a escolha do convidado – afinal o PT também participou deste processo e a participação de representantes da sigla no programa é legítima, mesmo considerando a proximidade histórica da TVT com o partido que governa o país –, mas sim a ausência da discussão sobre a mudança de postura de seus militantes quando chegaram ao poder. Essa formatação estaria mais próxima do padrão tecno-estético alternativo contra-hegemônico, sendo que, sua efetiva concretização, só se daria na medida em que o debate fosse conduzido por agentes sociais diretamente afetados pelas políticas adotadas durante os governos petistas.

Tal discussão torna-se especialmente relevante em uma emissora educativa mantida pelo movimento sindical, cuja proposta é diferenciar-se das demais, ao abrir

³⁹⁷ MEMÓRIA E CONTEXTO. **Willian Assaf**. TV dos Trabalhadores, 3 out. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=JNOrKs7xPFU&feature=related>>. Acesso em: 7 out. 2011.

³⁹⁸ Como é de praxe neste programa, as fitas do acervo da TVT são utilizadas para contextualizar o assunto abordado no estúdio pela apresentadora e seus convidados. Desta vez, no entanto, é o então deputado federal, Luiz Inácio Lula da Silva, que aparece com um microfone na mão em frente ao Congresso Nacional, gravando um vídeo explicativo sobre a importância da Constituinte para a classe trabalhadora. Lula relaciona a conquista de direitos sociais ao aumento da representatividade dos operários nas instâncias de poder. MEMÓRIA E CONTEXTO, op. cit.

³⁹⁹ Além de Genoíno, esteve presente nesta edição do *Memória e Contexto* o ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, Adálio Dantas, que ficou conhecido à época do regime militar por liderar uma série de protestos denunciando o assassinato do jornalista Vladimir Herzog.

espaço à participação e ao protagonismo dos setores excluídos pela grande mídia. No vídeo utilizado durante o programa, Lula criticava o fato dos poderes Legislativo e Executivo estarem subordinados aos interesses do capital. O inflamado discurso do então deputado federal é dirigido à classe trabalhadora, a qual, segundo ele, enfrentava dificuldades para ascender politicamente porque sua participação nas instâncias democráticas estava subsumida a votar de quatro em quatro anos.

Ao falar em nome do PT, Lula diz: “nós entendemos que é exatamente por isso, pelo fato da classe trabalhadora não estar habituada a fazer política, que somente os ricos estão representados no Congresso”.⁴⁰⁰ Sua crítica vai ainda mais além: “a classe trabalhadora não pode permitir que o dinheiro seja a razão de se fazer política nesse país”.⁴⁰¹ Lula enfatizava que a política deveria “representar os interesses sociais que estão em jogo”,⁴⁰² criticando a submissão do governo aos desmandos do capital financeiro. Este discurso, segundo Genoíno, fazia parte do projeto apresentado pelo partido durante a elaboração da Constituinte e, posteriormente, serviu como base para campanha presidencial de 1989.

O petista fez questão de utilizar seu espaço no *Memória e Contexto* para enfatizar a importância que havia ganho, à época, a discussão sobre a democratização da comunicação. Segundo Genoíno, com a rejeição ao relatório elaborado pela então deputada Cristina Tavares (PMDB), que previa uma série de medidas contrárias aos interesses dos donos da mídia, o PT teve um papel decisivo em obstruir qualquer outra proposta, fazendo o tema chegar ao Plenário sem nenhuma definição,⁴⁰³ o que, para ele, configura-se em um atestado do compromisso que o partido tem com o debate da mídia no país. Em momento algum a apresentadora indagou o convidado sobre os problemas referentes à efetividade das políticas de comunicação em andamento, ou ainda, a aproximação do partido com as forças econômicas outrora condenadas por Lula e seus companheiros de luta. A discussão foi conduzida no limite do contraditório,⁴⁰⁴ evidenciando a burocratização do debate.

⁴⁰⁰ MEMÓRIA E CONTEXTO, op. cit.

⁴⁰¹ Ibid.

⁴⁰² Ibid.

⁴⁰³ Ibid.

⁴⁰⁴ Fala-se no limite e não na ausência do contraditório, pois, em parte, ele se manifestou no programa. Ao ser indagado pela apresentadora sobre a influência do poder econômico no resultado eleitoral, Adálio ressalta que, “ainda hoje, e com o tempo, a eleição para o congresso continua sendo uma questão de dinheiro”. Sua crítica, portanto, estende-se ao governo petista e fica ainda mais evidente quando o jornalista explicita que as lutas populares foram se perdendo de forma concomitante ao exercício de poder. Ele enfatiza: “a velha classe dominante percebeu que podia, por esse meio, chegar

Ao menos em termos quantitativos, é possível identificar que, no bojo produtivo do canal dos trabalhadores circulam mais conteúdos no formato institucional e público-estatal do que, propriamente, construções simbólicas formatadas diretamente pelos movimentos sociais. Vale lembrar que a emissora produz aproximadamente oito horas de produção própria por semana e, no restante dos horários, retransmite a programação da TV Brasil. Contudo, sistematicamente, avalia-se a possibilidade de mudança das configurações estético-produtivas atualmente operacionalizadas pela emissora dos metalúrgicos, pois considera-se que “tudo muda, seja na natureza ou na cultura humana”.⁴⁰⁵

Prova disso é que, por meio do *Seu Jornal*, diariamente a TVT midiaticiza vídeos produzidos por operários de chão de fábrica, lideranças comunitárias e movimentos sociais em geral. São, em sua maioria, temas pouco explorados pela grande mídia. Quando muito, os meios de comunicação tradicionais costumam utilizar imagens captadas pelo que consideram ser um “cinigrafista amador”, criando claramente o distanciamento entre técnica e conteúdo. Este último, como se sabe, não é prioridade em canais de televisão comerciais. Basta notar a celeridade com a qual as reportagens são apresentadas.

Evidencia-se, portanto, que o telejornal dos metalúrgicos se diferencia do modelo adotado pela mídia dominante e, também, de boa parte das produções ditas alternativas, inclusive no âmbito da própria TVT. Matérias produzidas na redação do jornal apresentam características capazes de romper com a lógica das produções hegemônicas, as quais costumam favorecer empresários e políticos próximos a sua linha editorial. A distinção em relação a este formato pode ser identificada nas críticas direcionadas ao governo de Luiz Marinho (PT), ex-ministro do Trabalho do Governo Lula e, hoje, prefeito de São Bernardo do Campo.

Em algumas oportunidades o partido é abertamente questionado durante o *Seu Jornal*, como ocorreu, recentemente, quando o noticiário registrou as reivindicações do Sindicato dos Servidores Públicos do município (SINDSERV). A manifestação era contra o Plano de Cargos, Carreiras e Rendimentos da prefeitura (PCCR). Ao abordar o assunto o âncora enfatizou: “o sindicato diz que o documento

e continuar mandando; isso é o que está acontecendo sem dúvida nenhuma neste momento, mesmo com diferenças”. Ibid.

⁴⁰⁵ MARX, Karl; ENGELS, Friederich, op. cit. p. 21.

fere alguns direitos trabalhistas históricos”,⁴⁰⁶ colocando em xeque a postura do governo municipal.

No entanto, ressalta-se que, embora exista o contraponto ao governo petista – considerado ideologicamente mais próximo à linha editorial da TVT – e a matéria privilegie a versão dos fatos narrada pelos trabalhadores, ainda assim, presencia-se a institucionalização das reivindicações. A formatação do conteúdo não é realizada pelos protagonistas do acontecimento; não são os manifestantes que direcionam a construção jornalística e sim a equipe de reportagem do telejornal. Não está se evidenciando, com isso, que o *Seu Jornal* seja um programa essencialmente institucional, como as outras produções citadas, mas sim que, apenas em alguns momentos específicos da sua configuração estético-produtiva aparecem produções audiovisuais essencialmente contra-hegemônicas.

Durante a midiatização de pautas que destacam lutas específicas é comum identificar a presença de uma espécie de tutela estético-produtiva, expressa em um modo de operacionalização semelhante aos canais hegemônicos, mesmo que o conteúdo seja completamente oposto. Ao noticiar o IV Encontro Nacional das Comunidades Quilombolas,⁴⁰⁷ por exemplo, pode-se perceber claramente esta conformação simbólica. A reportagem originada pela equipe do *Seu Jornal* decide entrevistar prioritariamente representantes de organizações ligadas ao governo e à sociedade civil, privilegiando discursos oficiais.

Nessa direção, ouve-se a secretária de Comunidades Tradicionais da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), Ivonete Carvalho; o coordenador executivo da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq), Ronaldo dos Santos; Maria Rosalina dos Santos, também membro da executiva da Conaq; a ex-ministra da Seppir Matilde Ribeiro; a coordenadora nacional do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) Givania Maria da Silva; e o presidente da Fundação Cultural Palmares Eloi Ferreira de Araújo.⁴⁰⁸ Apenas no final da matéria aparece Dona Sebastiana, do Quilombo dos Carrapatos de MG, cuja fala identifica-se

⁴⁰⁶ SEU JORNAL. **Nelma Salomão**. TV dos Trabalhadores, 24 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=W6tnvVEjQu0>>. Acesso em: 7 out. 2011.

⁴⁰⁷ SEU JORNAL, op. cit., 9 ago. 2011. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=0mo0YwozkH4&feature=channel_video_title>. Acesso em: 7 out. 2011.

⁴⁰⁸ Ibid.

com a expressão popular dos militantes presentes no encontro.⁴⁰⁹

A iniciativa da TVT em cobrir a atividade, que ocupou mais de cinco minutos do noticiário, denota a preocupação em priorizar assuntos pouco, ou nada, midiáticos nos meios de comunicação tradicionais; contudo, esta reportagem não foge dos limites representativos, no qual se enquadra todo o alternativo institucional. Não foram os próprios quilombolas que registraram o acontecimento (operando câmeras, criando o texto de reportagem e direcionando o foco da matéria), e sim os funcionários da emissora dos metalúrgicos.

Desse modo, ressalta-se que, para serem consideradas produções audiovisuais autenticamente contra-hegemônicas, tais conformações simbólicas precisam ser construídas a partir do protagonismo de sujeitos históricos específicos, ao desfraldarem suas bandeiras de luta. No momento em que se delega esta função, mesmo que para outros movimentos sociais – e, neste caso específico, para comunicadores contratados por sindicalistas – os militantes abrem precedentes para que a sua visão do acontecimento não seja contemplada, ao menos não com a autenticidade que poderia vir a ser.

Mesmo assim, a linha editorial do noticiário da TVT – claramente mais progressista do que aquela adotada pelos meios de comunicação comerciais – estimula o envio de produções no formato contra-hegemônico. Durante o primeiro ano de funcionamento da emissora, foram veiculados mais de 300 vídeos elaborados pelos segmentos sociais excluídos do foco seletivo da mídia comercial. Estas construções simbólicas estão inseridas no chamado jornalismo colaborativo, o qual abarca as produções enviadas por lideranças comunitárias, operários de chão de fábrica e militantes de movimentos sociais.

Diariamente, o *Seu Jornal* apresenta o quadro “Câmera na mão”, onde são apresentados vídeos de colaboradores. Apenas neste espaço específico é possível identificar a presença do padrão tecno-estético alternativo contra-hegemônico. Em algumas oportunidades o próprio apresentador do jornal, ou a equipe de jornalismo da emissora, narra o acontecimento registrado pelos movimentos sociais, porém, ao contrário da configuração institucional – onde a equipe de produção do programa roteiriza a matéria, seleciona as imagens e questiona os interlocutores – os profissionais da TVT operam apenas como canal de mediação do discurso contra-

⁴⁰⁹ Ibid.

hegemônico, até porque, em última análise, este só se concretiza na passagem da representatividade à ação direta.

No caso do Movimento Passe Livre (MPL), que luta pela mudança do sistema de transporte privado para o público, esse processo fica evidente. Obviamente não há espaço nos canais privados para cobrir as manifestações do MPL e, menos ainda, discutir a relevância do debate suscitado. Por intermédio do Núcleo de Comunicação Marginal, reportagens colaborativas colocaram em pauta na TVT questões como esta. Para citar um exemplo, em março de 2011 Rafael Vieira e Caio Finato, respectivamente repórter e cinegrafista colaboradores do *Seu Jornal*, registraram o ato pelo passe livre ocorrido nas ruas da capital paulista.⁴¹⁰ Diferente do que ocorre nos meios de comunicação dominantes, comprometidos com os empresários do transporte, as palavras de ordem entoadas pelos manifestantes, como: “se você paga, não deveria, porque o transporte não é mercadoria” e “vem, vem, vem para a rua vem, contra o aumento”,⁴¹¹ não sofreram qualquer tipo de censura por parte da emissora dos sindicalistas.

Em outra oportunidade, o vídeo que destaca a manifestação dos catadores de materiais recicláveis de São Paulo, enviado pelo colaborador Everton Sobral, denuncia a dura realidade enfrentada por esses trabalhadores. Além do fato jornalístico diferenciado da mídia tradicional, – expresso na crítica ao governo de São Paulo, que tem despejado os catadores dos terrenos ocupados – percebe-se que a escolha das imagens direciona o núcleo de interesse da matéria para o local de fala dos militantes.⁴¹² Suas reivindicações são expostas na contramão do que ocorre quando se burocratizam estas práticas, pois com a institucionalização das reivindicações, as pautas dos movimentos sociais são apropriadas pela emissora e as matérias acabam sendo formatadas de acordo com a visão da equipe de produção do telejornal, ou ainda, da direção da emissora.⁴¹³

⁴¹⁰ Ibid., 24 ago. 2011. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=NFWZ4LWbmVE&feature=channel_video_title>. Acesso em: 7 out. 2011.

⁴¹¹ Ibid.

⁴¹² SEU JORNAL, op. cit, 30 set. 2011. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=OIzCojJmJk&feature=channel_video_title>. Acesso em: 7 out. 2011.

⁴¹³ Mesmo em produções onde não há a fala direta dos protagonistas do evento midiático, como no vídeo de Patrícia Rodrigues, no qual se apresentam imagens do primeiro seminário estadual de Juventude e Direito à Cidade, promovido pela União dos Movimentos por Moradia (UMM), evidencia-se que o telejornal está sendo pautado por aquilo que o movimento quer comunicar, neste caso a necessidade em conscientizar os jovens da importância de intensificar a luta por direito à moradia. Ibid., 28 set. 2011. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=XZTtc8YBU&feature=channel_video_title>. Acesso em: 7 out. 2011.

A manifestação do padrão tecno-estético alternativo contra-hegemônico fica ainda mais evidente em produções enviadas por operários de chão de fábrica, que não se limitam a remeter vídeos abordando pautas da categoria (como assembleias e campanhas salariais). Em um desses casos, Zé Correia, que é também uma liderança comunitária, denunciou a existência de buracos na estrada da ligação. Na oportunidade, a falta de providência do poder público gerou uma série transtornos aos moradores do bairro Jardim Monte Verde, na zona sul da capital paulista.⁴¹⁴ Destaca-se que as imagens foram captadas por um ator social diretamente envolvido com o problema em questão, utilizando-se de um dos celulares entregues à base dos metalúrgicos.

As particularidades na formatação e no conteúdo destas experiências demonstram a importância do aspecto colaborativo das produções contra-hegemônicas, pois são elaboradas por sujeitos autônomos, os quais constroem seus vídeos sem a exigência dos profissionais que atuam na redação da TVT. Assim, a linha supostamente tênue, que separa produções audiovisuais institucionais, público-estatais e contra-hegemônicas, revela-se, no mínimo, sinuosa. Vale dizer que, a diferenciação proposta neste estudo, não objetiva fazer nenhum tipo de juízo de valor, mas sim apresentar as especificidades do padrão tecno-estético alternativo e as possibilidades de inserção da contra-hegemonia em canais de comunicação mantidos por organizações sindicais.

⁴¹⁴ Ibid., 23 mar. 2011. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=3dyh0nHJYOo&feature=channel_video_title>. Acesso em: 7 out. 2011.

Considerações conclusivas

Como se viu durante o transcorrer desta pesquisa, a luta pela democratização da comunicação é antiga, e remete à busca por espaços de atuação política em todos os âmbitos da vida social. No entanto, ainda hoje, questiona-se a autonomia dos movimentos sociais, principalmente no que diz respeito à livre manifestação de pensamento. Dependendo do grau de disposição, iniciativas populares podem encontrar em algumas entidades sindicais ambientes propícios à ampliação de suas demandas, mesmo que, na contemporaneidade, estas instituições tenham se distanciado da prática do sindicalismo classista.

O advento da TTV, nos anos 80, e, sua ampliação, na contemporaneidade, demonstra que, o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema não mediu esforços para concretizar a viabilidade desse projeto. Assim, além de estar contribuindo para pluralizar os discursos midiáticos no espectro eletromagnético, a grade de programação da emissora possibilita o exercício da produção audiovisual contra-hegemônica. Tal processo evidencia o protagonismo de atores sociais historicamente criminalizados pela mídia dominante, possibilitando o contraponto às construções simbólicas da mídia corporativa, seja em caráter local ou global.

Percebendo o potencial das tecnologias contemporâneas e as possibilidades de inserção social e política decorrentes do uso estratégico das ferramentas disponíveis na rede mundial de computadores, o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema tem procurado redirecionar suas práticas de comunicação e militância, colocando-se em um espaço de disputa onde a essência da interatividade pressupõe, no mínimo, a produção co-associada e a cidadania participativa.

Fruto da globalização, as bruscas mudanças decorrentes dos usos e apropriações das ferramentas tecnológicas impõem aos usuários e produtores novas formas de relação com os meios de comunicação, exigindo que a adaptação às mídias digitais seja constante e acelerada. Todavia, não há, na maioria das vezes, espaço para a reflexão dos processos midiáticos. Os sucessivos fracassos do Governo em consumir a criação da Lei Geral de Comunicação, cujo marco regulatório pressuponha o controle social da mídia, decorrem do engessamento político provocado pelas líderes do mercado audiovisual. Esse processo evidencia a

necessidade, cada vez maior, de se criarem espaços como a TVT, onde sindicatos e outros segmentos sociais possam expressar a sua visão de mundo, rompendo, ao menos em parte, com a lógica estético-produtiva da televisão comercial.

Contudo, julga-se relevante que as ações coletivas descritas e problematizadas neste estudo estendam-se, também, para a gestão da emissora. Atuando em conjunto, a descentralização na administração e formatação de conteúdos pode colaborar para o avanço de demandas antigas, já que, no passado, a burocracia, a verticalização de poder e a prioridade da campanha do partido, expressas nas decisões tomadas pela classe dirigente, acabaram prejudicando a ampliação do projeto de comunicação dos metalúrgicos do ABC.

Toda política de produção e distribuição de conteúdos está amparada em um modelo de gestão, que, para o bem da autenticidade do projeto de comunicação alternativo, não pode estar exclusivamente nas mãos de um partido, nem de um sindicato, nem do Estado e, muito menos, aberto à participação de grupos econômicos multinacionais. Em outras palavras, o sucesso do projeto de comunicação contra-hegemônico, sobretudo em cumprir o seu papel histórico de confrontar os grupos dominantes e não reproduzir as suas lógicas internas de dominação, depende do compromisso em assegurar a efetiva participação da sociedade civil nos processos de gestão destes canais.

Além de contribuírem com a produção própria da TVT, operários, lideranças comunitárias e movimentos sociais precisam estar inseridos também em outras dimensões desse processo, inclusive fiscalizando a prática da emissora e tendo poder de veto em situações consideradas conflitantes com a linha editorial proposta, a qual, hoje, está destinada a dar vez e voz aos movimentos sociais. Este é o maior desafio colocado à TVT para os próximos anos, já que a passagem da representatividade à ação direta pressupõe a distribuição de poder.

Entende-se, portanto, que as organizações operárias, quando imbuídas de caráter classista, podem, e devem, expandir seus horizontes de luta, mas, para que isso ocorra, necessitam conjugar esforços visando o protagonismo da classe trabalhadora e não a mera participação interativa. Esta tomada de posição pode ser incorporada como instrumento de ação capaz de permitir que os operários do ABC não incorram nos mesmos erros do passado. Como a burocratização das estratégias de viabilização econômica com prioridade às necessidades de um partido, a

instrumentalização da prática midiática e a disputa hierárquica de poder.

Certamente, o contexto em que se deu a ação política do operariado metalúrgico da indústria automobilística do ABC, no qual emergem as primeiras experiências audiovisuais do Sindicato, modificou-se no transcorrer das últimas décadas, deixando uma lacuna, mesmo que representativa, na organização das lutas atuais da classe trabalhadora. É evidente que a atual conjuntura política promove mudanças na estrutura dirigente das entidades sindicais. Ainda mais considerando a atuação do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, historicamente identificado com o ex-presidente da República e o PT. Lula não foi apenas um dos fundadores da então produtora de vídeos, esteve presente em momentos decisivos para a obtenção da outorga e, finalmente, quando pôde dar providências, não titubeou em concedê-la aos seus antigos companheiros de luta.

É importante destacar que, até certo ponto, a concessão dada ao Sindicato mantém a lógica da distribuição de outorgas para aliados políticos, beneficiando agentes sociais identificados com o governo de turno; porém, o modo de operacionalização das práticas produtivas da TVT, abertas à produção colaborativa, põe em evidência a contra-informação; diferente do que tem ocorrido historicamente, onde o favorecimento político beneficia apenas a massificação do discurso hegemônico. No entanto, o fato da emissora estar situada em uma cidade diferente daquela onde gera conteúdo, revela, neste ponto, a reprodução de uma prática institucionalizada pelas indústrias culturais. Evidencia-se, assim, a dificuldade dos canais de comunicação alternativos em romper com o modelo adotado pelos grupos de mídia hegemônicos. Sendo este um fenômeno que se manifesta muito mais no âmbito estrutural do que na configuração de práticas estético-produtivas.

Por fim, é importante dizer que, a distância geográfica que separa o objeto empírico e o investigador não chegou a representar um impasse na resolução do problema de pesquisa, mas, caso houvesse maior proximidade com a emissora, seria possível aprofundar questões referentes à distribuição de poder no seio de entidades ditas classistas. A atual postura do movimento sindical, principalmente no que tange a operacionalização de recursos midiáticos, é fruto de um processo histórico, o qual não pode ser de todo desvendado sem aprofundar o estudo sobre a correlação de forças estabelecida no seio da estrutura sindical brasileira.

Referências

ABC DA GREVE. **Leon Hirszman**. São Paulo: Cinemateca Brasileira, 1990. Disponível em: <<http://www.downloadcult.com/2011/08/07/abc-da-greve-1990/>>. Acesso em: 3 out. 2011.

ABC DE LUTA. **Criação do Fundo de Greve em São Bernardo do Campo**. Disponível em: <http://www.abcdeluta.org.br/materia.asp?id_CON=221>. Acesso em: 27 ago. 2011.

ABCD EM REVISTA. **Crystal Ferreira, Luciana Dias**. Mogi das Cruzes: TV dos Trabalhadores, 13 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/user/redetvt#p/search/6/CEswbBirEGU>>. Acesso em: 7 out. 2011.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. 1985. A indústria cultural: o esclarecimento como mitificação das massas. In: _____. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. p. 113-156.

ALMEIDA, Maria Herminia Brandão Tavares de. Tendências recentes da negociação coletiva no Brasil. **Dados** - Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, n. 2, p. 161-189. 1981.

ALVES, Giovanni. Do “novo sindicalismo” à “concertação social.” ascensão (e crise) do sindicalismo no Brasil (1978-1998). **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 15, p. 111-124. nov. 2000.

ALVES, Vania Malheiros Barbosa. **Vanguarda Operaria: Elite de Classe?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

ANCINE. O que é o FSA. Disponível em: <<http://www.ancine.gov.br/fsa/oqueefsa.htm#>>. Acesso em: 27 ago. 2011.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do Mundo do Trabalho. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

_____. **A rebeldia no trabalho**: o confronto operário no ABC paulista: as greves de 1978/80. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988.

_____. **O que é sindicalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. Uma breve radiografia das lutas sindicais recentes no *Brasil Recente* e alguns de seus principais desafios. In: INÁCIO, José Reginaldo (Org). **Sindicalismo no Brasil**: os primeiros 100 anos?. Belo Horizonte: Crisálida, 2007. p. 288-306.

_____; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, maio/ago. 2004. p. 335-351.

ARDÈVOL, Elisenda et al. Etnografía virtualizada: la observación participante y la entrevista semiestructurada en línea. **Athenea Digital**, Barcelona, n. 3, 2003. p. 72-92.

ASSAF, Willian. **Entrevista concedida pelo produtor do programa *Memória e Contexto*, São Bernardo do Campo**. São Bernardo do Campo, 4 mar. 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMISSORAS DE RÁDIO E TELEVISÃO (ABERT). **Governo viabiliza canal de TV a sindicato de metalúrgicos do ABC**. Brasília, 19 dez. 2010. Clipping 2010. Disponível em: <<http://www.abert.org.br/site/index.php/?Clipping-2010/governo-viabiliza-canal-detv-a-sindicato-de-metalurgicos-do-abc.html>>. Acesso em: 10 mar. 2011.

BEAKLINI, Bruno Lima Rocha. **A Interdependência Estrutural das Três Esferas: uma análise libertária da Organização Política para o processo de radicalização democrática**. 2009. Tese (doutorado em Ciências Política). UFRGS. Porto Alegre.

BECERRA, Martín, **Sociedad de la información: proyecto, convergencia, divergencia**. Buenos Aires: Norma, 2003.

BENEVENUTO JR., Álvaro. **De Canal comunitário a POA TV: estratégias e políticas da comunidade na TV a cabo em Porto Alegre**. 2005. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação). UNISINOS. São Leopoldo.

BETO, Frei. LULA - detalhes biográficos. **Agência Imediata**. Disponível em: <http://imediata.org/lancededados/lula/betto_detalhesbio.html>. Acesso em: 3 out. 2011.

BEZERRA, Josimar Alves. **Entrevista concedida pelo supervisor de Operações da TVT, São Bernardo do Campo**. São Bernardo do Campo, 4 ago. 2011.

BITTAR classifica de "panfletária" e "terrorista" a campanha da Sky contra o PL 29. **Observatório do Direito à Comunicação**, São Paulo, 9 jul. 2010. Disponível em: <http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=6722>. Acesso em: 8 ago. 2010.

BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

BOLAÑO, César. Economia e televisão: uma teoria necessária. In: BOLAÑO César, (Org.). **Economia política das telecomunicações, da informação e da comunicação**. São Paulo: Intercom, 1995. p. 9-37.

____; BRAZ, Rodrigo. A regulação das comunicações no Brasil: conservadora ou liberal? O caso da TV por assinatura. In: BRITTOS, Valério (Org). **TV digital, Economia Política e Democracia**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010.

BOM PARA TODOS. **Maria da Penha**. São Bernardo do Campo: TV dos Trabalhadores, 5 maio. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/user/redetvt#p/search/2/00o2x4r8VJ8>>. Acesso em: 5 out. 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BOSSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 8 ago. 2010.

_____. **Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967**. Complementa e modifica a Lei número 4.117 de 27 de agosto de 1962. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 28. fev. 1969. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/Decreto-Lei/Del0236.htm>>. Acesso em: 8 ago. 2010.

_____. **Decreto-Lei nº 6.590, de 1º de outubro de 2008**. Dispõe sobre o procedimento administrativo para aplicação de penalidades por infrações cometidas nas atividades cinematográfica e videofonográfica e em outras atividades a elas vinculadas, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.receita.fazenda.gov.br/legislacao/Decretos/2008/dec6590.htm>>. Acesso em: 17 ago. 2011.

_____. **Decreto-Lei nº 19.770, de 19 de março de 1931**. Regula a sindicalização das classes patronais e operárias e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Antigos/D19770.htm> Acesso em: 25 jul. 2010.

_____. Lei 4.117, de 27 de agosto de 1962. Institui o código Brasileiro de Telecomunicações. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 05. out. 1962. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L4117.htm>>. Acesso em: 8 ago. 2010.

_____. Lei 12.485, de 12 de setembro de 2011. Dispõe sobre a comunicação audiovisual de acesso condicionado; altera a Medida Provisória nº 2.228-1, de 6 de setembro de 2001, e as Leis nºs 11.437, de 28 de dezembro de 2006, 5.070, de 7 de julho de 1966, 8.977, de 6 de janeiro de 1995, e 9.472, de 16 de julho de 1997; e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 13 set. 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12485.htm>. Acesso em: 20 set. 2011.

_____. **Presidência da República**. Lei 7.505, de 2 de julho de 1986. Dispõe sobre benefícios fiscais na área do imposto de renda concedidos a operações de caráter cultural ou artístico. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7505.htm>. Acesso em: 8 ago. 2010.

_____. **Presidência da República**. Lei 8.313, de 23 de dezembro, de 1991. Restabelece princípios da Lei nº 7.505, de 2 de julho de 1986, institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8313cons.htm>. Acesso em: 8 ago. 2010.

_____. **Presidência da República**. Lei nº 8.389, de 30 de dezembro de 1991. Institui o Conselho de Comunicação Social, na forma do art. 224 da Constituição Federal e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8389.htm>. Acesso em: 7 mar. 2010.

_____. Senado Federal. **Projeto de Lei da Câmara, nº 116**, de 6 de setembro de 2010. Dispõe sobre a comunicação audiovisual de acesso condicionado; altera a Medida Provisória nº 2.228-1, de 6 de setembro de 2001, e as Leis nºs 11.437, de 28 de dezembro de 2006, 5.070, de 7 de julho de 1966, 8.977, de 6 de janeiro de 1995, e 9.472, de 16 de julho de 1997; e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/atividade/materia/getPDF.asp?t=94732&tp=1>>. Acesso em: 2 set. 2011.

BRASIL Maior é lançado sob inflamados discursos nacionalistas. **Internet Group**. São Paulo, 2 ago 2011. Economia. Disponível: <<http://economia.ig.com.br/brasil+maior+e+lancado+sob+inflamados+discursos+nacionalistas/n1597113447368.html>>. Acesso em: 5 out. 2011.

BRAVA Gente Brasileira. Brasília. **Revista TV Escola**: Secretaria de Educação à Distância do MEC, abr. 2000.

BRITO JUNIOR, Bajonas Teixeira de. Da lama ao caos: o Plano Nacional de Banda Larga. **Portal Vermelho**. São Paulo, 9 jul. 2011. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticia=158386&id_secao=6>. Acesso em: 5 set. 2011

BRITTOS, Valério. Digitalização e democratização: produção de conteúdo nacional e padrão tecno-estético alternativo. In: Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. **Produção de conteúdo nacional para mídias digitais**. Brasília, 2011. p. 111-127.

_____. Os 50 anos da TV brasileira e a fase da multiplicidade da oferta. **Observatório-revista do Obercom**, Lisboa, n.1, p. 47-59, maio 2000.

_____. Televisão e barreira: as dimensões estética e regulamentar. In: JAMBEIRO, Othon; BOLAÑO, César; BRITTOS, Valério (Orgs). **Comunicação, informação e cultura**: dinâmicas globais e estruturas de poder. Salvador: Edufba, 2004. p. 15-42.

_____; BENEVENUTO JR., Álvaro. Comunicação dominante e alternativa: notas para uma análise a partir da Economia Política. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, n. 45, p. 117-134, 2006.

_____; BOLAÑO, César; LEAL, Sayonara; HAJE, Lara. BRITTOS. O governo Lula e o debate em torno das políticas para o audiovisual no Brasil no biênio 2007-2008. In: **XVIII Encontro da Associação dos Programas de Pós-Graduação em comunicação (Compós)**, 2009, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2009.

____; CRUZ, Ângelo; ALVES, Milene Corrêa; GOULART, Diego Garcia. TV digital, publicidade e audiência. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, n. 58, p. 13-21, jan./abr. 2011.

____; NAZÁRIO, Paola. Sociedade civil, digitalização e movimentos midiáticos estruturantes. In: BRITOS, Valério (Org). **Economia política da comunicação: estratégias e desafios no capitalismo global**. São Leopoldo: Unisinos, 2008.

____; MIGUEL, João. Indústria cultural: conceito, especificidades e atualidade no capitalismo contemporâneo. In: BRITOS, Valério; CABRAL, Adilson (Orgs). **Economia Política da Comunicação: interfaces brasileiras**. p. 37-56.

____; SIMÕES, Denis. **Para entender a TV Digital: tecnologia, economia e sociedade no século XXI**. São Paulo: Intercom, 2001.

CABRAL, Eula Dantas Taveira. A grande mídia diante do local e do comunitário. In: BRITOS, Valério; CABRAL, Adilson. (Orgs.). **Economia Política da Comunicação: interfaces brasileiras**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008. p. 164-178.

CADERNOS DE FORMAÇÃO I. **Programa de formação de dirigentes e militantes da CUT São Saulo - 2001-2002**. CUT-SP, 2002.

CAPARELLI, Sérgio. **Televisão e capitalismo no Brasil**. Porto Alegre, L&PM, 1982.

CINEBANCÁRIOS. **Quem Sou Eu**. Disponível em: <<http://cinebancarios.blogspot.com/>>. Acesso em: 6 ago. 2011.

CLIQUE E LIGUE. **Willian Assaf**. São Bernardo do Campo: TV dos Trabalhadores, 1 set 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/user/redetvt#p/search/1/tX7JIEDU5fc>>. Acesso em: 5 out. 2011.

CONFECOM aprova quase 700 propostas. **Ministério das Comunicações**. Brasília, 18 dez. 2009. Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/noticias-do-site/21148-confecom-aprova-quase-700-propostas>>. Acesso em: 28 out. 2011.

CORTINA, Adela. **Cidadão do mundo: para uma teoria da cidadania**. São Paulo: Loyola, 2005.

COSTA, Humberto. Divisor de águas. **Tela Viva**. São Paulo, n. 182, maio 2008.

DAGNINO, Evelina. Confluência perversa, deslocamentos de sentido, crise discursiva. In: Alejandro Grimson. (Org.). **La cultura em las crisis latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2004, p. 195-216.

____. **1º de abril 30 anos**. São Bernardo, 1 abr. 2010. Disponível em: <<http://www.dgabc.com.br/News/5802646/1-de-abril-30-anos.aspx>>. Acesso em: 17 out. 2011.

DIÁRIO DO GRANDE ABC. **1º de abril 30 anos**. São Bernardo, 1 abr. 2010. Disponível em: <<http://www.dgabc.com.br/News/5802646/1-de-abril-30-anos.aspx>>. Acesso em: 17 out. 2011.

DIAS, Luciana. **Entrevista concedida pela produtora do programa ABCD em Revista, São Bernardo do Campo**. São Bernardo do Campo, 4 ago. 2011.

DIREÇÃO Geral de Comercialização da Rede Globo. **Mapa da Mina**. Rio de Janeiro, edição 2005. Disponível em: <<http://comercial.redeglobo.com.br/mapadamina/index.php>>. Acesso em: 6 jun. 2010.

DOMINGUES, Sérgio. Sindicatos, esquerda e jornalismo: as batalhas da guerra por hegemonia. In: INÁCIO, José Reginaldo (Org). **Sindicalismo no Brasil: os primeiros 100 anos?** Belo Horizonte: Crisálida, 2007. p. 13-153.

DONOS DA MÍDIA. **Projeto Donos da Mídia**. Disponível em: <<http://donosdamidia.com.br/levantamento/politicos>> Acesso em: 1 out. 2011.

DOURADO, Jacqueline Lima. A telenovela Duas Caras e as estratégias da Rede Globo de Televisão na esfera da cidadania. In: BRITTOS, Valério (Org.). **Economia Política da Comunicação: Estratégias e desafios no capitalismo global**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2008. p 111-130.

DOWNING, John. **Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Editora Senac, 2002.

DREIFUSS, René Arnand. **1964 a conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

E-BIOGRAFIAS. **Francisco Chateaubriand**. Disponível em: <http://www.ebiografias.net/biografias/francisco_chateaubriand.php>. Acesso em: 8 out. 2010.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

ELES NÃO USAM BLACK-TIE. **Leon Hirszman**. São Paulo: Paramount, 1981. Disponível em: <<http://www.filmesparadownloads.com/eles-nao-usam-black-tie-nacional/>>. Acesso em: 3 out. 2011.

EM sua 1ª entrevista após ser eleita, Dilma afirma que vai “cuidar do povo brasileiro”. **Portal R7.Com**. São Paulo, 1 nov. 2010. Notícias. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/eleicoes-2010/noticias/em-sua-1-entrevista-apos-ser-eleita-dilma-afirma-que-vai-cuidar-do-povo-brasileiro-20101101.html>>. Acesso em: 27 ago. 2011.

CRÍTICAS de petistas incomodam PMDB. **Estado de São Paulo**, São Paulo, 6 set. 2011. Política. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,criticas-de-petistas-incomodam-pmdb-,769326,0.htm>>. Acesso em: 30 set. 2011.

FADUL, Anamaria; SILVA, Carlos Eduardo Lins da; SANTORO, Luiz Fernando. Documento básico do IV ciclo de estudos interdisciplinares da comunicação. In: SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Org). **Comunicação, hegemonia e contrainformação**. São Paulo: Cortez: INTERCOM, 1982. p. 9-16.

FARHAT, Saïd. **LOBBY: O que é. Como se faz. Ética e transparência na representação junto a governos**. São Paulo: ABERJE, 2007.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa operária no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

FERREIRA, Crystal. **Entrevista concedida pela produtora do programa ABCD em Revista, São Bernardo do Campo**. São Bernardo do Campo, 4 ago. 2011.

FESTA, Regina. **TV dos Trabalhadores: a leveza do alternativo**. 1991. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FÍGARO, Roseli. Atividade de Comunicação e Trabalho. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**, v. 6, n. 1, p. 107-145, mar./jun. 2008.

FLUSSER, Victor. A contra-informação como ato cultural. In: SILVA, Carlos Lins da (Org). **Comunicação, hegemonia e contra-informação**. São Paulo: Cortez, 1982. p. 159-164.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2008.

GOMES, Oziel. **Lenin e a Revolução Russa**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

GOMES, Pedro Gilberto. **Tópicos de teoria da comunicação**. 2. ed. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

GOVERNO se depara com dilema Constitucional para vetar ou não PLC 116/2010. **Tela Viva News**. São Paulo, segunda-feira, 29 de ago. 2011. Políticas de comunicação. Disponível em: <<http://www.telaviva.com.br/29/08/2011/governo-se-depara-com-dilema-constitucional-para-vetar-ou-nao-plc-116-2010/tl/238357/news.aspx>>. Acesso em: 27 ago. 2011.

GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural na esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1984.

HUNT, Emery; SHERMAN, Howard. **História do pensamento econômico: uma perspectiva crítica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

IAROZINSKI, Maristela Heidemann. **Contribuições da teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas para a educação tecnológica.** 2000. Dissertação (Mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, Curitiba.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1580&id_pagina=1>. Acesso em: 2 abr. 2010.

INSTITUTO DA CIDADANIA. **Missão.** Disponível em: <<http://www.icidadania.org/missao/>>. Acesso em: 5 de set. 2011.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Comunicado n. 46. In: **Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Análise e recomendações para as políticas públicas de massificação de acesso à internet em banda larga.** Brasília, 2010.

II FÓRUM NACIONAL DE TV'S PÚBLICAS. **Temas e Discussões - Regulamentação.** Disponível em: <<http://www.forumtvpublica.org.br/index.asp>>. Acesso em: 31 mar. 2010.

KALIKOSKE, Andres. Padrões tecno-estéticos e hegemonia televisiva no Brasil. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 11., 2010, Novo Hamburgo. **Anais ...** São Paulo: Intercom, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-1313-1.pdf>>. Acesso em: 8 ago. 2011.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa.** 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

LEAL FILHO, Laurindo Lalo. A televisão pública brasileira, um vazio histórico. In: HAUSSEN, Doris Fagundes; BRITTOS, Valério (Orgs.). **Economia Política, Comunicação e Cultura: aportes teóricos e temas emergentes na agenda política brasileira.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 57-72.

_____. Lei dos meios, o atraso brasileiro. **Caros amigos**, São Paulo, ano XV, n. 52, p. 6-8. abr. 2011.

LENIN, Vladimir Ilitch Ulianov. Por onde começar?. **Núcleo de Estudos da Problemática do Trabalho no Brasil.** Disponível em: <http://www.necobrasil.org.br/htdocs/Oficina%20Leitura/por_onde_comecar.pdf>. Acesso em: 10 out. 2011. p. 1-4.

LIMA, Venício. Globo e Política: “tudo a ver”. In: BRITTOS, Valério; BOLAÑO, César (Orgs.). **Rede Globo: 40 anos de hegemonia e poder.** 2. ed. São Paulo: Paulus. 2005. p. 103-129.

_____. Os mídia e o cenário de representação da política. **Lua Nova**, São Paulo, n. 38, dez. 1996.

LULA e ex-presidente de Gana recebem prêmio por combate à fome e à miséria. **Estado de São Paulo**. São Paulo, 7 out. 2011. Política. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/radar-politico/2011/10/07/lula-e-ex-presidente-de-gana-recebem-premio-por-combate-a-fome-e-a-miseria/>>. Acesso em: 7 out. 2011.

LULA O FILHO DO BRASIL. **Fábio Barreto**. São Paulo: Europa Filmes, 2009. DVD.

MARQUES DE MELO, José. MacBride, a NOMIC e a participação latino-americana na concepção de teses sobre a democratização da comunicação. **LOGOS 28**: Globalização e comunicação internacional, n. 15, p. 42-59, 1º sem. 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Ideologia Alemã**. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2008.

_____. Salário, preço e lucro. In: MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. Porto Alegre: L&PM, 2001.

MARONI, Amneris Ângela. **A estratégia da recusa**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MATA, Maria Cristina. Comunicación y ciudadanía. Problemas teórico-políticos de su articulación. **Revista Fronteiras - estudos midiáticos**. v. 8, n. 1., p. 5-15. jan./abr. 2006.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MATTOS, Sérgio. A televisão digital, a convergência, a produção e a distribuição de conteúdos para celulares e receptores móveis. In: BRITTOS, Valério (Org.). **TV digital, Economia Política e Democracia**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2010. p. 49-68.

MELHOR E MAIS JUSTO. **Willian Assaf**. São Bernardo do Campo: TV dos Trabalhadores, 17 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/user/redetvt#p/search/4/ExP1kV0-CsI>>. Acesso em: 5 out. 2011.

MEMÓRIA E CONTEXTO. **Willian Assaf**. TV dos Trabalhadores, 3 out. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=JN0rKs7xPFU&feature=related>>. Acesso em: 7 out. 2011.

MENEZES, Eduardo Silveira de. O lobby da Rede Globo pela auto-regulação: influência política e estratégias de marketização durante o Governo Lula. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - Intercom. 33. 2010, Caxias do Sul, **Anais...** Caxias do Sul: UCS, 2010. 1 CD.

MILITANTE do PCdoB acusa Orlando Silva de montar esquema de corrupção. **Veja**. São Paulo, 15 out. 2011. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/militante-do-pcdoB-acusa-orlando-silva-de-montar-esquema-decorrupcao>>. Acesso em: 28 out. 2011.

MOMBELLI, José. **Entrevista concedida pelo chefe de Reportagem do programa Seu Jornal, São Bernardo do Campo**. São Bernardo do Campo, 4 mar. 2011.

MORAES, Dênis de. Cultura tecnológica, mídia e consumo globalizado. In: BRITTOS, Valério; CABRAL, Adilson. (Orgs.). **Economia Política da Comunicação: interfaces brasileiras**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008. p. 110-131.

_____. Hegemonia cultural, comunicação e poder: notas sobre a contribuição gramsciana. In: BRITTOS, Valério (Org.). **Economia Política da Comunicação: estratégias e desafios no capitalismo global**. São Leopoldo: Unisinos, 2008. p. 17-28.

MOSCO, Vincent. Economia política da comunicação: uma perspectiva laboral. **Comunicação e sociedade 1**. Cadernos do Noroeste: Braga, v. 12, p. 97-120, 1999.

MPF entra com ação contra oligopólio do Grupo RBS em SC. **Universo Online (UOL)**, São Paulo, 11 jan. 2009. Disponível em: <<http://ultimainstancia.uol.com.br/noticia/60977.shtml>>. Acesso em: 8 ago. 2010.

MURDOCK, Graham. Transformações continentais: capitalismo, comunicação e mudança na Europa. SOUSA, Helena (Org.). **Comunicação, economia e poder**. Porto: Porto, 2006. p. 13-28.

NOVO ministro do Esporte reforça a independência na relação com a Fifa. **Globo.com**. Brasília, 28 out. 2011. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2011/10/novo-ministro-do-esporte-reforca-independencia-na-relacao-com-fifa.html>>. Acesso em: 28 out. 2011.

NUZZI, Vitor. **Revista do Brasil**. São Paulo, n. 50, agosto/2010. p. 12-15.

O PROJETO. **Rede Brasil Atual**. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/o-projeto>>. Acesso em: 28 out. 2011.

ORGANIZAÇÃO INTERECLESIAÍSTICA DE COOPERAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO, **Sobre a ICCO**. Utrecht. Disponível em: <<http://www.icco.nl/pt/sobre-a-icco>>. Acesso em: 19 dez. 2010.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. 5. ed. Brasiliense, 2001.

PACHECO, Antônio Jordão. **Entrevista concedida pelo diretor de Programação da TV dos Trabalhadores, São Bernardo do Campo**. Porto alegre, 13 maio. 2010.

_____. **Entrevista concedida pelo diretor de Programação da TV dos Trabalhadores, São Bernardo do Campo**. São Bernardo do Campo, 2 mar. 2011.

_____. **Entrevista concedida pelo diretor de Programação da TV dos Trabalhadores, São Bernardo do Campo.** São Bernardo do Campo, 4 ago. 2011.

PARANHOS, Kátia. Outras palavras: educação sindical em São Bernardo nos anos 70/90. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 137-153, 1998.

PERUZZO, Cicilia. **Televisão comunitária: dimensão pública e participação cidadã na mídia local.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. TV comunitária: aspectos históricos. **Boletín Alaic - Comunicación para Latinoamérica**, São Paulo, n. 8, fev. 2003. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/associa/alaic/boletin8/cicilia.doc>>. Acesso em: 18 jun. 2010.

PEÕES. **Eduardo Coutinho.** Manaus: Videolar, 2004. DVD.

PLATAFORMA para um novo Marco Regulatório das Comunicações no Brasil. **Comunicação democrática.** Disponível em: <<http://www.comunicacaodemocratica.org.br/>>. Acesso em: 28 out. 2011.

PORTELLI, Hugues. **Gramsci e o bloco histórico.** São Paulo: Paz e Terra, 1987.

PROJETO INTER-MEIOS. **Demonstrativo mensal dos dados do faturamento bruto, por meio:** referente ao percentual de Participação em Janeiro de 2010. Disponível em: <http://www.projetointermeios.com.br/relatorios/rel_investimento_3_0.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2010.

PSDB estuda ação no caso da TVT. **Diário do Grande ABC.** Santo André, 1 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.dgabc.com.br/News/5889678/psdb-estuda-acao-no-caso-da-tvt.aspx>>. Acesso em: 2 jun. 2011.

QUEIROZ, Antônio Augusto. Movimento sindical: passado, presente e futuro. In: INÁCIO, José Reginaldo (Org). **Sindicalismo no Brasil: os primeiros 100 anos?** Belo Horizonte: Crisálida, 2007. p. 19-44.

RAMOS, Leonardo César Souza. **A sociedade civil em tempos de globalização: uma perspectiva neogramsciana.** 2005. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Instituto de Relações Internacionais, Rio do Janeiro.

RAMOS, Murilo César. A força de um aparelho privado de hegemonia. In: BRITTOS, Valério; BOLAÑO, César (Orgs.). **Rede Globo: 40 anos de hegemonia e poder.** 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005. p. 58-76.

_____. Sobre a importância de repensar e renovar a idéia de sociedade civil. In: RAMOS, Murilo César; SANTOS, Suzy dos. (Orgs.). **Políticas de comunicação: buscas teóricas e práticas.** São Paulo: Paulus, 2007. p. 18-46.

RÊGO, João. Reflexões sobre A Teoria Ampliada do Estado em Gramsci. **Fundação Joaquim Nabuco.** Artigos. Recife, 5 abr. 1991. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/docs/inpsoc/polit/JRego/TextosCPolitica/Artigos/Gramsci/gramsci.htm>>. Acesso em: 27 set. 2011.

RESOLUÇÕES do 4º congresso. **Partido dos Trabalhadores**. Brasília, 4 set. 2011. Disponível em: <http://www.pt.org.br/index.php?/downloads/categoria/resolucoes_do_4_congresso>. Acesso em: 28 out. 2011.

RIBEIRO, Carlos. **Entrevista concedida pelo apresentador do programa *Seu Jornal*, São Bernardo do Campo**. São Bernardo do Campo, 4 ago. 2011.

RODRIGUES, Lúcia. Disputa entre teles e emissoras força a regulação. **Caros amigos**, São Paulo, ano XV, n. 52, p. 4-5. abr. 2011.

ROSÁRIO, Eliane Regina Munhoz. As afiliadas da rede globo de Televisão no território brasileiro. **Revista Eletrônica Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 2, n. 4, p.119-137, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/article/viewFile/4727/3968>>. Acesso em: 9 ago. 2010.

SANCHES, Valter. **Entrevista concedida pelo presidente da Fundação sociedade, Comunicação, Cultura e Trabalho, São Bernardo do Campo**. São Bernardo do Campo, 5 ago. 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Luciano Correia dos. A nova esfera pública na digitalização: configurações do espaço público midiático. In: BRITTOS, Valério (Org). **TV digital, economia política e democracia**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010. p. 179-198.

SANTORO, Luiz Fernando. **A imagem nas mãos: o vídeo popular no Brasil**. São Paulo: Summus, 1989.

_____. O vídeo nos movimentos populares. In: FESTA, Regina; SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Orgs). **Comunicação popular e alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 167-170.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Cidadania Sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização**. Editora HUCITEC: São Paulo, 1999.

SCHWARTZ, Gilson. Pesquisar para a emancipação digital. In: BRITTOS, Valério; CABRAL, Adilson (Orgs). **Economia Política da Comunicação: interfaces brasileiras**. p. 180-191.

SEGUNDO tempo. **Ministério do Esporte**. Disponível em: <<http://portal.esporte.gov.br/snee/segundotempo/>>. Acesso em: 28 out. 2011.

SEU JORNAL. **Nelma Salomão**. TV dos Trabalhadores. Disponível em: <<http://www.youtube.com/user/redetvt>>. Acesso em: 7 out. 2011.

SILVA, Elizeu Marques. **Entrevista concedida pelo coordenador do Acervo da TVT, São Bernardo do Campo**. São Bernardo do Campo, 2 mar. 2011.

SIMÕES, Cassiano Ferreira; MATTOS, Fernando. Elementos histórico-regulatórios da televisão brasileira. In: BRITTOS, Valério; BOLAÑO, César (Orgs.). **Rede Globo: 40 anos de hegemonia e poder**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005. p. 35-55.

SOROS, George. **A crise do capitalismo global: os perigos da sociedade globalizada**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

SOUZA, Marquilandes Borges de. 50 anos sem Getúlio Vargas: O suicídio que marcou a história do Brasil. **Revista Desvendando a História**, São Paulo, p. 32-41, ago./set. 2005.

TELES acusam Globo de barrá-las em TV. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 15 jun. 2011. Mercado. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/me1506201103.htm>>. Acesso em: 27 ago. 2011.

THOMPSON, Edward. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TUDO RÁDIO.COM. **O rádio: técnica**. Disponível em: <<http://tudoradio.com/conteudo.php?conteudo=1>>. Acesso em: 30 ago 2011.

TUDO SOBRE TV. **Gravação e edição em televisão**. Disponível em: <<http://www.tudosobretv.com.br/grava/>>. Acesso em: 6 ago. 2011.

TV DIGITAL alcança 46% da população brasileira. **Adnews**. São Paulo, 14 abr. 2011. Disponível em: <<http://www.adnews.com.br/tv/114414.html>>. Acesso em: 15 abr. 2011.

TV DOS TRABALHADORES. **Fundação Sociedade Comunicação, Cultura e Trabalho**. Disponível em: <http://www.tvt.org.br/conteudo.php?id_con=33>. Acesso em: 6 ago. 2011.

_____. **Quem somos**. Disponível em: <http://www.tvt.org.br/portal/conteudo_site.php?id_con=1>. Acesso em: 20 mar. 2011.

UTRAY DELGADO, Francisco. **Accesibilidad a la TDT en España para personas con discapacidad sensorial (2005 - 2007)**. Madrid: Edigrafos, 2009.

ZANATTA, Carlos Eduardo; POSSEBOM, Samuel. Comunicação direta. **Tela Viva**. São Paulo, n. 153, set. de 2005. Disponível em: <www.telaviva.com.br/revista/153/capa.htm>. Acesso em 15 abr. 2011.